

**Pai goriot**

**Honoré de Balzac**

*O pai Goriot* (em francês: *Le père Goriot*) é decerto uma das obras mais poderosas de Balzac, e não faltam leitores, entre os quais muitos de alta categoria — como um Henry James —, que a julgam sua obra-prima.

Escrito em 1834, num dos períodos mais felizes da vida de Balzac homem, quando tudo lhe é fácil e nada faz prever ainda os gigantescos e inúteis esforços dos anos seguintes, esse romance nasceu quando o romancista estava no auge de suas forças criadoras. Havia um ano ou mais que tivera a genial ideia de fazer reaparecer as mesmas personagens em suas obras, ou melhor, em sua obra, pois já entrevia a unidade orgânica da mesma.

Mesmo o leitor que não conhece outras partes de *A comédia humana* fica espantado ante a extrema complexidade de *O pai Goriot*, em que, além do romance psicológico do protagonista cujo nome figura no título, se admira ainda o romance de Vautrin, um dos primeiros e melhores espécimes do gênero policial, e o de Rastignac, eminentemente social. E, para quem já conhece pelo menos uma parcela desse mundo que é *A comédia*, *O pai Goriot* fornece a chave psicológica de outras obras menores cuja ação ele preludia. A volta das mesmas personagens foi posta em prática sistematicamente aí pela primeira vez, sendo que nele aparecem umas cinquenta figuras de *A comédia humana*. Assim, a força com que a sra. Beauséant resiste aos pedidos de perdão de seu segundo amante arrependido, Gastão de Nueil, em *A mulher abandonada*, explica-se pela dor que lhe causou o seu primeiro amor traído. O conhecimento dos homens, a que Rastignac, presente em muitas obras, deve a habilidade que o leva aos cumes da vida social, é adquirido na Casa Vauquer, cenário desta narrativa.

Mal terminado o livro, Balzac sentiu que acabara de criar algo de excepcional e escreveu à condessa Hanska: “Uma coisa que você não espera é *O pai Goriot*, uma obra-prima. A pintura de um sentimento tão grande que nada o esgota, nem os atritos, nem as feridas, nem as injustiças, um homem que é pai, como um santo, um mártir e cristão”.

Poucas semanas depois, voltou ao assunto em outra carta, confirmando a mesma impressão e, ao mesmo tempo, prevenindo as prováveis críticas da condessa: “*O pai Goriot* é uma obra bela, porém monstruosamente triste. Era preciso, para ser completo, mostrar um esgoto moral de Paris, e este dá a impressão de uma chaga nojenta”.

O romance saiu primeiro em quatro números sucessivos da *Revue de Paris* e teve repercussão extraordinária, mas também foi alvo, sobretudo na alta sociedade, de críticas acerbas. “Um número sobre-humano, inesperado, de mulheres sinceramente virtuosas, felizes de serem virtuosas, virtuosas por serem felizes e sem dúvida felizes porque são virtuosas” tachou Balzac de imoral, acusando-o de apresentar mulheres em sua maioria adúlteras e de as tornar interessantes a ponto de fazê-las invejar. O autor responde a tais censuras num prefácio cheio de espírito que precede a primeira edição em livro — prefácio supresso na edição definitiva —, no qual se defende maliciosamente, opondo às censoras uma estatística das mulheres fiéis e das adúlteras de *A comédia humana*.

Depois de *O pai Goriot* publicado em livro, o êxito acentuou-se. Mas dessa vez foi por parte da crítica profissional que se levantaram censuras, entre as quais, naturalmente, a da imoralidade. Nem estas Balzac deixou sem resposta, e, em introdução à nova edição, publicada poucas semanas depois da anterior, escreveu outro prefácio, cuja argumentação deveria ter imposto silêncio para sempre aos defensores da moral em literatura se eles quisessem ou pudessem entender argumentos:

Se os quadros desenhados pelo autor fossem falsos, a crítica os teria censurado dizendo-lhe que estava caluniando a sociedade moderna — se a crítica os acha verdadeiros, então não é a obra que é imoral.

Com ironia superior, continua Balzac a troçar dos que exigiam um sentimento maior das conveniências em *O pai Goriot*, e afirma com razão que “os que gritam contra esta obra justificá-la-iam admiravelmente bem se a tivessem feito”.

Vê-se pelos dois prefácios e, mais ainda, pelos trechos citados das cartas à condessa que para Balzac o assunto principal era aquele a que alude o título e que, aliás, se encontra assim resumido no livrinho em que o escritor anotava os temas que lhe acudiam: “Um homem bom — pensão burguesa — seiscentos francos de renda — tendo se despojado a favor das filhas, as quais têm, cada uma, cinquenta mil francos de renda — morrendo como um cão”.

Essa nota, já tão caracteristicamente balzaquiana apesar de sua forma rudimentar, faz supor, pela precisão dos dados numéricos, que se trata de uma história verdadeira. Suposição confirmada pelas três palavras shakespearianas, *all is true*, que figuravam em epígrafe nas primeiras edições e que o autor fez questão de

manter no primeiro parágrafo da edição definitiva, como também por um trecho do prefácio do *Gabinete das antiguidades* (edição de 1839). “O acontecimento que serviu de modelo oferecia circunstâncias horrorosas e como não se encontram entre os canibais; o pobre pai gritou de sede durante as vinte horas de sua agonia, sem que ninguém lhe acudisse, e suas duas filhas estavam uma no baile, outra no teatro, embora soubessem o estado do pai.”

Assim, a história do pai Goriot e das filhas deve ser baseada num episódio real contemporâneo... Talvez sua fonte seja a narrativa *Conaxa* incluída no *Espírito das conversações agradáveis* recolhidas no século xviii por Gayot de Pitaval, segundo lembra o professor Pierre-Georges Castex. Nem por isso ela deixa de evocar o enredo do drama *Rei Lear*, de Shakespeare, como agudamente observou Georg Brandes, existindo mesmo um verdadeiro paralelismo entre as duas grandes obras, segundo notou Léon Daudet. Não há contradição alguma entre essas afirmações e as de Balzac. Um caso de ingratidão filial a que assistiu, e cuja monstruosidade revelou, pode muito bem ter lembrado ao romancista a sombria tragédia shakespeariana, desafiando-o a rivalizar com o dramaturgo inglês. O ambiente cotidiano e vulgar em que situou seu drama, em vez de lhe dar protagonistas régios, pode ter enganado alguns críticos e leitores da época, mas é certo que para nós contribui para reforçar a impressão de pesadelo.

(Bellessort, que julga a agonia do pai Goriot a mais empolgante de todas as mortes de *A comédia humana*, observa no entanto que “diante desse pobre rei Lear do talharim não sentimos toda a piedade que, apesar de suas injustiças e de sua cegueira, nos inspira o outro, o de Shakespeare”. Segundo o crítico, isto seria devido a que o próprio pai Goriot não respeita o pai em si mesmo e assiste como cúmplice ao adultério da filha.)

Os mesmos críticos que censuravam a “imoralidade” do romance repreendendo Balzac por ter dado ao amor de Goriot às filhas um caráter passional, físico, talvez ficassem envergonhados hoje em conhecimento da luz que a psicanálise projetou sobre os sentimentos recalçados.

Poder-se-iam destacar muitos rasgos admiráveis no drama de Goriot: a sombria força com que é contada a agonia do pai, a profunda intuição com que Balzac faz coexistir em Goriot um homem de sensibilidade agudíssima no que concerne a sua paixão e um imbecil em tudo o mais. Mas passemos a examinar o segundo romance dentro do romance, a história de Vautrin/Jacques Collin.

Essa personagem sobre-humana, primeira encarnação moderna do diabo, protótipo dos grandes revoltados do século XIX, herói romântico por excelência, existiu também. Afirma-o o próprio Balzac: “Posso assegurar que o modelo existe, que é de uma grandeza espantosa e que encontrou seu lugar no mundo de nosso tempo. Este homem era tudo o que é Vautrin, menos a paixão de que o revesti. Era o gênio do mal, utilizado em outro lugar”. Aí sabemos até o nome do modelo: era Vidocq, o antigo galeriano que chegou a ser chefe da polícia e cujas *Memórias*, publicadas em 1828, deviam ainda ser lembradas por muitos leitores. Balzac, aliás, conhecia pessoalmente Vidocq, o qual lhe contava “casos” de seu passado para demonstrar que a vida fornecia romances já prontos, melhores que as obras dos melhores romancistas. Outro modelo possível seria Coco-Lecour, sucessor de Vidocq e que chegou a chefe da polícia depois de antecedentes parecidos.

Seja como for, se Vautrin existiu, sua figura se engrandeceu decerto no romance. O realismo de Balzac conseguiu dar vida intensa a essa personagem, que não é apenas uma abstração, um tentador convencional: quase sempre simpático, quase sempre com a razão, vítima e vingador ao mesmo tempo, retificador benévolo das folhas da ordem social e até da ordem divina, é uma personagem de mil faces, das quais talvez nem todas tenham sido descobertas até agora. (Jules Bertaut assinalou o caráter equívoco da afeição de Vautrin a Rastignac: a inegável suspeita de homossexualismo que paira sobre Jacques Collin contribui para torná-lo essencialmente real e humano, ao lado de seu papel simbólico.)

E Rastignac, este irmão mais moço do Julien Sorel de *O vermelho e o negro*, romance de Stendhal, cuja “evolução” de ingênuo e puro provinciano a parisiense esperto, requintado e pouco escrupuloso se processa ante nossos olhos, esse Rastignac também terá existido? Dizem que Thiers sugeriu ao romancista mais de um traço dessa personagem. É possível. Mas também é certo que em Rastignac há muitos traços de Balzac e muito daquilo que Balzac desejava ser. As lutas de Rastignac com a pobreza e suas transigências com a consciência constituem um quadro da mocidade penosa do próprio escritor. Não fosse sua identificação com Rastignac, e não poderíamos compreender essa insistência — quase irritante — com que pretende dá-lo como puro, quando o sabemos mantido pela amante e cúmplice taciturno de um assassinio.

(Acha Faguet que a história da estreia de Rastignac não está realizada porque Balzac sabepintar uma paixão fatal, como a do pai Goriot, porém não um conflito

de paixões no coração do homem. “O pai Goriot, com sua mania de devotamento e seu furioso prazer do sacrifício, deixa tudo o mais na sombra. A luta de Rastignac contra si mesmo, por mais que Balzac se empenhasse em pintá-lo, por mais espaço que lhe tenha reservado, quase que desaparece.”)

Confirmada assim a origem real das três intrigas e dos três caracteres principais, conviria verificar a exatidão dos pormenores da atmosfera. Mas esta segunda verificação é supérflua. A descrição da Casa Vauquer — ainda que ela seja a síntese de várias pensões burguesas conhecidas por Balzac —, as palavras, os tiques, os costumes dos moradores, tudo é de uma autenticidade evidente. Não tivesse Balzac pregado em letras bem visíveis no frontão de seu edifício — “Tudo é verdade” —, seria o leitor o primeiro a pronunciar esta frase, à guisa de conclusão, depois de percorrer-lhe todas as dependências.

A arte do romancista não consistiu, porém, “apenas” em tomar três personagens vivas de muito relevo, colocá-las dentro de um ambiente bem observado e reconstruir tão exatamente quanto possível um fato do dia, nem mesmo em soltar as personagens de acordo com os imperativos de seu caráter.

Em suas reminiscências, Léon Gozlan evoca uma palestra entre Balzac e Vidocq, isto é, Vautrin.

Pouco importa se tal palestra se verificou realmente: o que Gozlan faz dizer a seu biografado, Balzac, se não o disse, poderia tê-lo dito.

— O senhor está se incomodando demais — disse Vidocq — para inventar histórias do outro mundo, quando a realidade está aí, diante de seus olhos, junto a seus ouvidos, ao alcance de sua mão.

— Ah, o senhor acredita na realidade! Encanta-me. Não o teria imaginado tão ingênuo. A realidade! Fale-me nela; não está de volta desse belo país? Ora! A realidade somos nós que a fazemos.

— Não, sr. Balzac.

— Sim, sr. Vidocq. Olhe: a verdadeira realidade é este belo pêssego de Montreuil. Aquele que o senhor chamaria real brota naturalmente na floresta, num pé bravo. Pois bem, esse não vale nada, é pequeno, ácido, amargo, impossível de se comer. Eis porém o pêssego real, o que estou segurando, que foi cultivado durante cem anos, que se obteve por certa poda à esquerda ou à direita, por certa transplantação num terreno seco ou leve, por certo enxerto; o pêssego, afinal, que se come, que perfuma a boca e o coração. Este pêssego delicioso fomos nós que o fizemos: é o único real. O meu processo é o mesmo. Obtenho a realidade nos meus romances como Montreuil obtém a realidade nos seus pêssegos. Sou jardineiro em livros.

Em que consistira a aplicação desse processo em *O pai Goriot*? Como é que Balzac obtém, em vez da realidade vulgar e palpável em que estamos vivendo e que não

nos desperta nenhuma emoção artística, sua realidade concentrada?

Um de seus métodos é a condensação. Não é difícil ver em Paris o centro do mundo moderno, com seus complexos interesses em jogo, suas lutas múltiplas nos terrenos social, político e sentimental. Ora, Balzac, sem nenhum artifício manifesto, condensa toda Paris na mesquinha pensão da sra. Vauquer, fazendo-a um ponto de convergência de destinos, que ali se cruzam, uns por causa de sua pobreza inicial, outros em consequência de sua final decadência, outros, ainda, incrustados lá como em seu ambiente natural; um, Vautrin, por uma necessidade de mistério.

Outro lance da técnica do romancista consiste em isolar determinados atos insignificantes em si, elucidar-lhes os antecedentes e segui-los até suas últimas consequências. Rastignac esboça um sorriso sedutor para a srta. Taillefer: este sorriso é a conclusão de uma decadência e o sinal de um crime.

Um terceiro recurso de Balzac consiste em dar às personagens o valor de tipos. Rastignac é um dos vinte mil moços nobres e pobres que querem subir a qualquer preço; Goriot, um dos vinte mil pais que agonizam numa água-furtada enquanto suas filhas dançam, e também um dos vinte mil apaixonados (pelo jogo, pelas mulheres, pela Bolsa, por uma coleção de insetos, pela música ou pelas filhas).

Outra habilidade de Balzac, se é possível assim chamar a um dos elementos integrantes de seu gênio, é a dosagem do mistério. Certos segredos do romance são conhecidos por determinadas personagens e ignorados por outras; da maioria deles o leitor está a par; há alguns, porém, que o autor reserva para si mesmo. Se muito discretamente deixa entrever no interesse de Vautrin por Eugênio de Rastignac uma atração homossexual, a retaguarda daquele, os poderes que lhe são delegados e a identidade dos que o delegaram permanecem no escuro até o fim. Às vezes tem-se a impressão de que para o próprio Balzac há segredos dentro de sua obra.

Pela primeira vez, encontramos nesse romance o que se pode chamar um símbolo central: o problema desse mandarim a quem a gente poderia matar sem temer consequências penais para herdar-lhe os bens. Enunciado num momento decisivo e lembrado oportunamente pelo autor, o dilema acompanha o leitor, impondo-se-lhe a cada volta do enredo: será que Rastignac matará seu mandarim? E compreende-se que será uma espécie de critério para dividir em dois campos as personagens não apenas de *O pai Goriot*, mas de toda *A comédia humana*; de um lado os que matam, de outro os que poupam seu mandarim. (Em que pese aos leitores bem-intencionados, que exigem o *happy end* sancionado pela ordem social,

a Balzac interessam sobretudo os primeiros.)

A arte das gradações, por vezes até excessiva, em Balzac contribui também para arredondar “o pêssigo da realidade”. As repetidas gafes de Rastignac, as reiteradas extorsões das filhas de Goriot, as intervenções sucessivas de Vautrin conduzem-nos a uma tensão de atmosfera em que algo de grave tem de acontecer.

Sem dúvida, para criar sua “realidade real”, Balzac pediu emprestados à realidade *tout court* mais elementos do que qualquer de seus predecessores. A grande novidade consiste menos na descrição do mobiliário da Casa Vauquer, ou dos cuidados pouco estéticos prestados por seus enfermeiros benévolos ao pai Goriot doente, do que nas alusões constantes que o escritor faz ao estado das finanças de suas personagens. Era preciso que, depois dos requintes de romances e dramas puramente psicológicos, cujos heróis não comiam nem pagavam aluguel, alguém viesse dizer dos abismos morais em que a falta de vinte francos pode mergulhar um rapaz desejoso de andar de fiacre para não sujar as botinas.

Não se pode terminar uma análise, por mais superficial que seja, de *O pai Goriot* sem assinalar os efeitos que Balzac — esse Balzac a quem se acusa de escrever mal — tira dos recursos do estilo, sobretudo do linguajar das personagens. A linguagem truculenta e saborosa, perturbadora e atraente de Vautrin; a sintaxe errada da sra. Vauquer; os descuidos voluntários da conversa dos estudantes; o “espírito” imbecil das palestras à mesa da pensão; as três palavras da criada Sílvia que resumem uma personagem e uma vida são outros tantos achados reveladores de um espantoso dom de observação. Veja-se ainda o partido que Balzac sabe tirar dos trocadilhos: o efeito sinistro dos repetidos lapsos da duquesa de Langeais, trocando várias vezes o nome de Goriot e assinalando-lhe, assim, indiretamente, toda a insignificância.

Os contemporâneos terão zombado daquele trecho do primeiro prefácio do romance, em que Balzac se define como “um Homero sempre inacabado e que partilha com Deus o cansaço ou o prazer de coordenar os mundos”. Nós outros seremos mais prudentes, sobretudo depois de haver lido repetidamente que Balzac moldou a sociedade francesa da segunda parte do século XIX tão bem quanto observou e descreveu a primeira — ou ainda depois de ter acompanhado a extraordinária influência de *O pai Goriot* na literatura universal.

Paul Bourget conta, em sugestivo ensaio, a impressão decisiva que deve à leitura desse romance, a qual lhe revelou o universo quando ele era ainda adolescente. Além de uma descendência direta, menos importante, que inclui *O mandarim* de



Eça de Queirós na linha da descendência indireta de *O pai Goriot*, encontra-se o *Crime e castigo*, de Dostoiévski. Raskólnikov é um filho de Rastignac; e ninguém sabe quantos filhos de Raskólnikov saíram da literatura para matarem a seu mandarim ou, no melhor caso, para acabarem com os mandarins em geral, a fim de que a existência deles não constitua uma tentação perpétua.

Convém chamar a atenção — com Rose Fortassier, autora de um excelente prefácio a *O pai Goriot* na nova edição Pléiade de *A comédia humana* — sobre a modernidade desse romance. Ela qualifica-o de “romance duplamente aberto. Aberto não somente porque Rastignac, Bianchon e Vautrin têm um futuro, mas porque o romancista convida o leitor a construir, como que fora do campo de *A comédia humana*, infinitamente, personagens a respeito das quais ele se contenta em fornecer pontos de vista múltiplos”.

W. Somerset Maugham, em seu livro *Ten novels and their authors* (1954), consagra dez estudos a outros tantos romancistas, em seu entender os melhores do mundo. Entre eles, refere-se a nosso autor nestes termos: “De todos os grandes romancistas que, com suas obras, enriqueceram os tesouros espirituais do mundo, o maior, para o meu entendimento, é Balzac. É o único a quem eu reconheceria gênio sem qualquer hesitação”. Elogio notável sob a pena de um escritor britânico, cuja lista de dez nomes contém cinco autores de língua inglesa. E, mais adiante, acrescenta: “Se alguém que nunca tivesse lido Balzac me pedisse para lhe indicar o romance que melhor o representa e que dá ao leitor tudo aquilo que o autor era capaz de dar, eu lhe recomendaria sem hesitação *O pai Goriot*”. Observação digna de nota na boca de quem, ele próprio, era um cultor e um estudioso excelente do gênero.

paulo rónai

# Pai goriot

## I – UMA PENSÃO BURGUESA

A sra. Vauquer, nascida de Conflans, é uma velha que há quarenta anos mantém em Paris uma pensão burguesa, estabelecida à rue Neuve-Sainte-Geneviève entre o Quartier Latin e o Faubourg Saint-Marceau. Essa pensão, conhecida pelo nome de Casa Vauquer, aceita igualmente homens e mulheres, moços e velhos, sem que jamais a maledicência tenha atacado os costumes desse respeitável estabelecimento. É verdade que há trinta anos não se via ali uma moça, e que para um rapaz morar ali era preciso que a família lhe desse uma mesada muito pequena. Em 1819, porém, época em que este drama começa, vivia lá uma pobre moça. Qualquer que seja o descrédito em que tenha caído a palavra *drama*, pela maneira abusiva e iníqua com que tem sido usada nestes tempos de dolorosa literatura, é necessário empregá-la aqui, não que esta história seja dramática no verdadeiro sentido da palavra, mas porque, terminada a obra, talvez se tenham derramado algumas lágrimas intra e extramuros. Será ela compreendida fora de Paris? A dúvida é permitida. As particularidades desta cena, cheia de observação e de cor local, não podem ser apreciadas senão entre os montículos de Montmartre e as eminências de Montrouge, nesse ilustre vale de caliça sempre prestes a cair e de sarjetas negras de lama — vale cheio de sofrimentos reais, de alegrias muitas vezes falsas, e tão terrivelmente agitado que somente um acontecimento extraordinário é capaz de causar ali uma sensação um pouco duradoura. Encontram-se nele, porém, aqui e ali, dores que a aglomeração dos vícios e das virtudes torna tão grandes e tão solenes que, diante delas, os egoísmos e os interesses se detêm e se compadecem; mas a impressão que delas recebem é como um fruto saboroso que imediatamente devoram. O carro da civilização, semelhante ao do ídolo de Jaggernat, retardado apenas por um coração menos fácil de triturar que os outros e que lhe calça a roda, rapidamente o despedaça e continua sua marcha gloriosa. Assim fareis vós, que, com este livro em vossas mãos alvas, mergulhais numa poltrona macia pensando: “Talvez isso me divirta”. Após terdes lido os secretos infortúnios do pai Goriot,

jantareis com apetite, levando vossa insensibilidade à conta do autor, tachando-o de exagero, acusando-o de poesia. Ah! Sabei-o: este drama não é ficção nem romance. *All is true*:[\[3\]](#) ele é tão verídico que qualquer um pode reconhecer em si mesmo e, talvez em seu próprio coração, os elementos que o compõem.

O prédio da pensão burguesa pertence à sra. Vauquer. Está situado na parte baixa da rue Neuve-Sainte-Genève, no ponto em que o terreno se inclina para a rue de l'Arbalète de maneira tão íngreme que raramente os cavalos a sobem ou descem. Dessa circunstância resulta o silêncio que reina nessas ruas, apertadas entre o zimbório do Val-de-Grâce e o zimbório do Panthéon, dois monumentos que alteram as condições da atmosfera, lançando nela tons amarelados e cobrindo tudo ali com uma sombra por efeito dos tons severos que suas cúpulas projetam. Ali as calçadas são secas, as sarjetas não têm lama nem água, a erva cresce ao longo das paredes. O homem mais despreocupado ali se sente constrangido, os transeuntes mostram-se tristes, o ruído de uma carruagem transforma-se num acontecimento, as casas parecem taciturnas, as paredes lembram uma prisão. Um parisiense que por lá se perdesse veria apenas pensões burguesas ou instituições, miséria ou tédio, velhice que morre, alegre mocidade aprisionada, forçada a trabalhar. Nenhum bairro de Paris é mais horrível e, digamos de passagem, mais desconhecido. A rue Neuve-Sainte-Genève, sobretudo, é como uma moldura de bronze, a única que convém a esta narrativa, para a qual o espírito nunca estaria demasiado preparado por cores escuras e ideias graves, assim como, de degrau em degrau, a luz vai diminuindo e a voz do guia se tornando mais débil enquanto o viajante desce às Catacumbas. Comparação exata! Quem afirmará o que é mais horrendo de ver, corações empedernidos ou crânios vazios?

A fachada da pensão dá para um jardimzinho, de modo que fica em ângulo reto sobre a rue Neuve-Sainte-Genève, de onde aparece em todo o comprimento. Ao longo dessa fachada, entre a casa e o pequeno jardim, corre uma calha de pedra, de uma toesa de largura, diante da qual há uma aleia coberta de areia e orlada de gerânios, louros-rosa e romãzeiras, plantados em grandes vasos de louça azul e branca. Entra-se nessa alameda por uma portinha, encimada por uma tabuleta na qual se lê:

## CASA VAUQUER

Pensão burguesa para os dois sexos e outros.

Durante o dia, uma porta com claraboia e campainha estridente deixa perceber, ao fim da pequena calçada, na parede oposta à rua, um arco com a pintura imitando mármore verde, obra de um artista do bairro. Sob a concavidade que essa pintura simula, eleva-se uma estátua representando o Amor. Ao verem o verniz cheio de falhas que a cobre, os amadores de símbolos descobriram nela, talvez, um mito do amor parisiense que se cura a alguns passos dali. Sob o pedestal, esta inscrição meio apagada recorda a data desse ornamento, pelo entusiasmo testemunhado por Voltaire, ao voltar a Paris em 1777:

*Seja quem fores, eis teu dono:*

*Ele o é, ou foi, ou há de sê-lo*

Ao cair da noite, a porta de claraboia é substituída por uma inteiriça. O jardinzinho, que tem o comprimento da fachada acha-se metido entre o muro da rua e a parede da casa vizinha, ao longo da qual pende um manto de hera que a oculta inteiramente e atrai o olhar dos transeuntes por oferecer um aspecto muito pitoresco em Paris. Os muros são cobertos de latadas de árvores frutíferas e videiras, cujas frutificações franzinas e poeirentas são objeto dos receios anuais da sra. Vauquer e de suas palestras com os pensionistas. Ao longo de cada parede corre uma alameda estreita, de cerca de vinte e um metros, que leva a um caramanchão de tílias, palavra que a sra. Vauquer, embora nascida de Conflans, pronuncia teimosamente *túias*, apesar das observações gramaticais de seus hóspedes. Entre as duas alamedas laterais existe um canteiro de alcachofras, flanqueado de árvores frutíferas, dispostas em linha, e orlado de azedinha, alface e salsa. Sob o caramanchão de tílias há uma mesa redonda pintada de verde e rodeada de cadeiras. Ali, nos dias caniculares, os hóspedes, suficientemente endinheirados para se permitirem tomar café, vão saboreá-lo sob um intenso calor. A fachada, de três andares e encimada por mansardas, é construída de alvenaria e pintada dessa cor amarela que dá um caráter ignóbil a quase todas as casas de Paris. As cinco janelas abertas em cada pavimento são de caixilhos miúdos e guarnecidas de gelosias erguidas de maneira diferente, de modo que não há simetria alguma. O fundo da casa comporta duas janelas que, no pavimento térreo, têm por ornamento grades de ferro. Por trás do prédio há um pátio de cerca de seis metros de largura, onde vivem

em boa harmonia porcos, galinhas e coelhos, tendo ao fundo um telheiro para guardar a lenha. Entre o telheiro e a janela da cozinha está suspenso o guarda-comida, por debaixo do qual escorrem as águas gordurentas da pia de lavar pratos. Esse pátio dá para a rue Neuve-Sainte-Geneviève por uma porta estreita pela qual a cozinheira despeja o lixo da casa, limpando essa sentina com água abundante, sob pena de pestilência.

Naturalmente destinado ao uso da pensão burguesa, o pavimento térreo se compõe de uma primeira peça iluminada por duas janelas para a rua e na qual se entra por uma porta-balcão. Essa sala de estar comunica com uma sala de refeições, separada da cozinha pelo vão de uma escada com degraus de madeira e tijolos pintados e encerados. Nada é mais triste à vista que essa sala mobiliada com poltronas e cadeiras estofadas com crina, com riscas alternativamente opacas e luzidias. Ao centro vê-se uma mesa redonda com tampo de mármore de Sainte-Anne, enfeitada com esse licoreiro de porcelana branca ornada de filetes dourados meio apagados, que se vê por toda a parte hoje em dia. Essa sala, muito mal assoalhada, tem as paredes revestidas de madeira até uma certa altura. A parte superior é coberta com um papel envernizado representando as principais cenas de *Telêmaco*, com suas personagens clássicas coloridas. A almofada entre as janelas gradeadas oferece aos pensionistas a cena do festim dado ao filho de Ulisses por Calipso. Há quarenta anos essa pintura excita os gracejos dos hóspedes jovens, que se julgam superiores à sua posição, zombando do jantar a que a miséria os condena. A chaminé de pedra, cuja lareira sempre limpa atesta que só se acende em ocasiões solenes, é ornada de dois vasos cheios de flores artificiais, envelhecidas e cobertas com uma tela de arame e que fazem jogo com uma pêndula de mármore azulado de muito mau gosto. Essa primeira peça exala um odor sem nome na língua e que se deveria chamar *o odor de pensão*. Tresanda a coisas fechadas, bolorentas, rançosas; tem um cheiro que causa frio, parece úmido ao nariz, penetra nas vestes. Tem o gosto de uma sala onde se jantou, faz pensar em utensílios de louça, cozinha e hospital. Talvez se pudesse descrevê-lo, se se inventasse um processo para avaliar as quantidades elementares e nauseabundas que ali espalham as atmosferas catarrais e *sui generis* de cada pensionista, moço ou velho. Pois bem, apesar de todos esses horrores, se a comparardes à sala de refeições, que fica ao lado, achareis essa sala de estar elegante e perfumada como o quarto de vestir de uma senhora. Essa sala, inteiramente forrada de madeira, foi, outrora, pintada com uma cor agora

indistinta, que constitui um fundo sobre o qual a imundície se acumulou em camadas, de maneira a desenhar figuras bizarras. Está guarnecida de armários pegajosos sobre os quais se veem garrafas brancas lascadas, embaciadas, argolas de metal, pilhas de pratos de louça grossa com as bordas azuis, fabricados em Tornai. Num canto, há uma caixa com divisões numeradas, onde ficam os guardanapos, manchados de gordura ou de vinho, de cada pensionista. Encontram-se ali móveis indescritíveis, proscritos em toda a parte, mas postos ali como os rebotalhos da civilização nos Incuráveis. Vereis lá um barômetro com um capuchinho que sai quando chove; gravuras execráveis que tiram o apetite, emolduradas em madeira preta com filetes dourados; uma pêndula de tartaruga com inscrustações de cobre; uma estufa verde; candeeiros de Argand nos quais a poeira se combina com o azeite; uma longa mesa coberta com um oleado suficientemente engordurado para que um brincalhão externo possa escrever nele o nome, servindo-se do dedo como estilete; cadeiras estropiadas; pequenos capachos dignos de lástima, de espartaria, que está sempre a se desfilar e nunca se acaba; além de miseráveis aquecedores para os pés com as grades quebradas, dobradiças estragadas e madeira já carbonizada. Para explicar o quanto esse mobiliário está velho, rachado, apodrecido, oscilante, carcomido, manco, zarolho, inválido, moribundo, seria necessário fazer uma descrição que retardaria o interesse dessa história e que o leitor apressado não perdoaria. O pavimento de tijolos vermelhos está cheio de depressões devidas ao esfregar e às repetidas pinturas. Reina ali, enfim, a miséria sem poesia; uma miséria econômica, concentrada, gasta, que não tem ainda lodo, mas manchas; que não tem buracos nem andrajos, mas uma podridão envelhecida.

Essa peça adquire todo seu esplendor no momento em que, pelas sete horas da manhã, o gato da sra. Vauquer precede sua dona, salta sobre os armários, fareja o leite contido em várias tigelas cobertas com pratos e faz ouvir seu rom-rom matinal. Logo depois aparece a viúva, enfeitada com uma touca de filó da qual sai um coque de cabelos postiços malposto, arrastando os chinelos rotos. Seu rosto avelhantado, gorducho, do meio do qual sai um nariz em bico de papagaio, as mãozinhas rechonchudas, o corpo roliço como o de um rato de igreja, o busto amplo e oscilante estão em harmonia com essa sala que ressuma desgraça, onde se acaçapa a especulação e cujo ar calidamente fétido a sra. Vauquer respira sem enfado. Seu rosto frio como a primeira geada do outono, seus olhos enrugados, cuja expressão passa do sorriso prescrito às bailarinas à amarga carranca do agiota, toda sua

peessoa, enfim, explica a pensão, como a pensão implica sua pessoa. Não há galé sem guarda, não se imaginaria uma sem o outro. A gordura baça dessa mulherzinha é o produto dessa vida, como o tifo é a consequência das exalações de um hospital. Sua saia de baixo, de malha de lã, que aparece sob o velho vestido reformado e cujos chumaços saem pelos rasgões do forro cheio de fendas, resume a sala de estar, a sala de refeições e o jardinzinho, anuncia a cozinha e faz pressentir os pensionistas. Quando ela está lá, o espetáculo é completo. Aos cinquenta anos de idade, mais ou menos, a sra. Vauquer assemelha-se a todas as mulheres que tiveram infortúnios. Tem o olhar vidrado, a expressão inocente de uma alcoviteira que se agasta para se fazer pagar mais caro, mas, por outro lado, parece disposta a tudo para amenizar a sorte, a entregar Georges ou Pichegru se Georges ou Pichegru ainda estivessem em condições de serem entregues. Não obstante, *é no fundo, uma boa mulher*, dizem os pensionistas, que a julgam pobre ao ouvi-la gemer e tossir como eles. Quem fora o sr. Vauquer? Nunca ela se manifestava a respeito do falecido. Como perdera a fortuna? — Em infelicidades — respondia ela. Conduzira-se mal com ela e não lhe deixara mais que os olhos para chorar, aquela casa para viver e o direito de não se compadecer de nenhuma desgraça, porque — dizia ela — sofrera tudo quanto é possível sofrer.

Quando ouvia o caminhar da patroa, a gorda Sílvia, a cozinheira, apressava-se a servir o almoço aos pensionistas internos. Geralmente, os pensionistas externos se inscreviam apenas para o jantar, que custava trinta francos por mês. Na época em que esta história começa, os internos eram em número de sete. O primeiro andar continha os melhores aposentos da casa. A sra. Vauquer ocupava o menor, e o outro pertencia à sra. Couture, viúva de um comissário ordenador da República francesa. Tinha consigo uma moça muito jovem, chamada Vitorina Taillefer, a quem ela servia de mãe. A pensão das duas mulheres era de mil e oitocentos francos. Os dois aposentos do segundo andar eram ocupados, um, por um ancião chamado Poiret; o outro, por um homem de cerca de quarenta anos, que usava uma peruca preta, tingia as suíças, dizia-se antigo negociante e se chamava Vautrin. O terceiro andar compunha-se de quatro quartos, dois dos quais estavam alugados, um a uma solteirona chamada srta. Michonneau; o outro, a um antigo fabricante de talharim, massas para sopa e amido, que se deixava chamar o pai Goriot. Os dois outros quartos eram destinados às aves de arribação, a esses infortunados estudantes que, como o pai Goriot e a srta. Michonneau, não podiam gastar mais de sessenta

francos por mês com casa e comida. A sra. Vauquer, porém, pouco gostava de sua presença e não os aceitava senão quando não achava coisa melhor: eles comiam muito pão. Nesse momento, um desses dois quartos estava ocupado por um rapaz chegado das redondezas de Angoulême para estudar direito em Paris e cuja numerosa família se sujeitava às mais duras privações a fim de poder enviar-lhe mil e duzentos francos por ano. Eugênio de Rastignac,<sup>[11]</sup> assim se chamava ele, era um desses rapazes habituados ao trabalho pela necessidade, que desde muito cedo compreenderam as esperanças que os pais depositam neles e que se preparam para uma bela carreira, calculando desde o início o alcance de seus estudos e adaptando-os de antemão às tendências futuras da sociedade, para serem os primeiros a explorá-la. Sem suas curiosas observações e a habilidade com que ele soube se conduzir nos salões de Paris, esta narrativa não teria sido colorida com os tons preciosos que ela deve, sem dúvida, a seu espírito sagaz e a seu desejo de desvendar os mistérios de uma situação espantosa, tão cautelosamente oculta pelos que a criaram como pelos que sofrem seus efeitos.

Por cima do terceiro andar havia um telheiro para estender a roupa e duas mansardas onde dormiam um criado, chamado Cristóvão, e a gorda Sílvia, a cozinheira. Além dos sete pensionistas internos, a sra. Vauquer tinha, um ano pelo outro, oito estudantes de direito ou medicina e dois ou três fregueses que moravam no bairro, que ali apenas jantavam. A sala continha, ao jantar, dezoito pessoas e podia admitir vinte; pela manhã, porém, só apareciam os sete locatários, cuja reunião oferecia, durante o almoço, o aspecto de uma refeição em família. Desciam de chinelos, permitiam-se observações confidenciais a propósito das roupas ou da expressão dos externos e sobre os acontecimentos da tarde precedente, exprimindo-se com a confiança da intimidade. Esses sete pensionistas eram os prediletos da sra. Vauquer, que media, com uma precisão de astrônomo, os cuidados e as considerações que lhes dispensava de acordo com a mensalidade que pagavam. Idêntica consideração afetava esses seres reunidos pelo acaso. Os dois hóspedes do segundo andar pagavam apenas setenta e dois francos por mês. Essa pechincha, que só se encontra no Faubourg Saint-Marceau, entre a Bourbe| e a Salpêtrière e à qual apenas a sra. Couture fazia exceção, mostra que esses pensionistas deviam viver sob o peso de infortúnios mais ou menos aparentes. O espetáculo desolador que oferecia o interior da casa se repetia, do mesmo modo, nas roupas dos moradores, igualmente arruinados. Os homens usavam sobrecasacas cuja cor se



tornara problemática, sapatos como os que se jogam ao lixo nos bairros elegantes, roupa branca muito puída, vestes de que só ficava a alma. As mulheres trajavam vestidos fora da moda, tingidos várias vezes, desbotados, velhas rendas consertadas, luvas lustrosas pelo uso, golas encardidas e fichus desfiados. Quase todos, porém, mostravam corpos robustos, constituições que haviam resistido às tempestades da vida, fisionomias frias, duras, apagadas como as do dinheiro recolhido, bocas murchas, mas armadas de dentes ávidos. Esses pensionistas faziam pressentir dramas terminados ou em andamento; não eram, porém, desses dramas representados à luz da ribalta, entre cenários de lona, mas dramas vivos e silenciosos, dramas gelados que faziam escaldar o coração, dramas contínuos. A velha srta. Michonneau usava sobre os olhos fatigados uma pala de tafetá verde, mantida em forma por um fio de arame, capaz de amedrontar o anjo da Piedade. Seu xale de franjas finas e choronas parecia cobrir um esqueleto, tão angulosas eram as formas que ocultava. Que ácido despojara aquela criatura de suas formas femininas? Era fácil perceber que fora bela e bem-feita de corpo. Era aquilo obra do vício, do desgosto, da ambição? Amara muito? Fora adeleira ou apenas cortesã? Expiaria os triunfos de uma mocidade insolente, diante da qual se haviam arrojado os prazeres, por uma velhice que espantava os transeuntes? Seu olhar claro enregelava, sua fisionomia encarquilhada ameaçava. Tinha a voz estridente da cigarra gritando em sua moita ao aproximar-se o inverno. Dizia ter cuidado de um velho que sofria de catarro da bexiga, abandonado pelos filhos, que o haviam julgado sem recursos. Esse ancião lhe deixara mil francos de renda vitalícia, periodicamente disputados pelos herdeiros, que a perseguiram com calúnias. Embora a passagem das paixões lhe tivesse devastado a fisionomia, ainda se podiam encontrar nela certos vestígios de uma alvura e de uma delicadeza de pele que permitiam supor que o corpo conservava alguns restos de beleza.

O sr. Poiret era uma espécie de autômato. Vendo-o passar como uma sombra cinza ao longo de uma alameda do Jardin-des-Plantes, a cabeça coberta com um gorro mole, mal segurando a bengala com castão de marfim amarelado, deixando flutuar as abas enrugadas da sobrecasaca que ocultava uns calções quase vazios e pernas metidas em meias azuis que tremiam como as de um ébrio, mostrando um colete branco sujo e um peitilho de grossa musselina enrugada, que se unia imperfeitamente à gravata enrolada em volta de seu pescoço de peru, muitos perguntavam se essa sombra chinesa pertencia mesmo à audaciosa raça dos filhos

de Jafé que perambulam pelo Boulevard des Italiens. Que trabalho poderia tê-lo encarquilhado assim? Que paixão teria escurecido seu rosto bolboso que, desenhado em caricatura, parecia inverossímil? Que fora ele? Talvez empregado no Ministério da Justiça, no escritório ao qual os carrascos enviam seus relatórios de despesas, a conta dos fornecedores de véus negros para os parricidas, de serragem para os cestos, de cordel para os cutelos. Ou então cobrador à porta de um matadouro ou ainda subinspetor da Limpeza Pública. Esse homem parecia, em suma, ter sido uma das bestas do nosso grande moinho social, um desses Rats parisienses que nem mesmo conhecem seus Bertrands, algum eixo sobre o qual haviam girado os infortúnios ou as imundícies públicas, enfim, um desses homens dos quais dizemos, ao vê-los: *É preciso que também haja disso*. A bela Paris ignora esses vultos empalidecidos pelos sofrimentos morais e físicos. Paris é um verdadeiro oceano. Sondai-o, jamais conhecereis sua profundidade. Percorrei-o, descrevei-o: por maiores cuidados que empregardes em percorrê-lo, em descrevê-lo; por mais numerosos e interessados que sejam os exploradores desse mar, sempre haverá nele um lugar virgem, um antro desconhecido, flores, pérolas, monstros, qualquer coisa inaudita, esquecida pelos mergulhadores literários. A Casa Vauquer é uma dessas curiosas monstruosidades.

Duas figuras formavam ali um contraste chocante no conjunto dos pensionistas e frequentadores. Embora a srta. Vitorina Taillefer tivesse uma brancura mórbida semelhante à das moças atacadas de clorose e se tivesse ajustado ao sofrimento coletivo, que constituía o fundo desse quadro, por uma tristeza habitual, por uma postura contrafeita, por uma expressão miserável e mesquinha, seu rosto, entretanto, não era velho, os movimentos e a voz eram ágeis. Essa desgraçada jovem parecia um arbusto de folhas amareladas, recentemente plantado num terreno árido. Sua fisionomia arruivada, seus cabelos de um louro fulvo, seu corpo muito delgado expremiam essa graça que os poetas modernos encontravam nas estatuetas da Idade Média. Seus olhos castanho-escuros eram cheios de doçura e de resignação cristã. Suas vestes, singelas e baratas, denunciavam formas magras, mas jovens. Era bela por justaposição. Feliz, teria sido encantadora: a felicidade é a poesia das mulheres, como o vestuário é seu adorno. Se a alegria de um baile tivesse projetado seus reflexos rosados sobre seu rosto pálido; se as doçuras de uma vida elegante tivessem enchido e corado suas faces já ligeiramente escavadas; se o amor tivesse reanimado seus olhos tristes, Vitorina teria podido competir com as

mais belas moças. Faltava-lhe aquilo que cria pela segunda vez a mulher: os enfeites e as cartas de namorado. Sua história daria assunto para um livro. Seu pai acreditava ter razões para não reconhecê-la, recusava-se a conservá-la junto de si, não lhe dava mais que seiscentos francos por ano e alterara a natureza de seus bens a fim de poder transmiti-los inteiramente ao filho. Parente afastada da mãe de Vitorina, que morrera de desespero em sua casa, a sra. Couture cuidava da órfã como de uma filha. Infelizmente, a viúva do comissário ordenador do exército da República, que não possuía no mundo mais que seu dote e sua pensão, teria de abandonar um dia a pobre moça, sem experiência e sem recursos, à mercê do mundo. A boa senhora levava Vitorina à missa todos os domingos e à confissão todas as quinzenas, a fim de torná-la, a todo o transe, uma moça piedosa. E tinha razão. Os sentimentos religiosos ofereciam um futuro àquela moça desamparada que amava o pai e que todos os anos se dirigia à casa dele para levar-lhe o perdão de sua mãe, mas que, todos os anos, batia inutilmente à porta paterna, inexoravelmente fechada. Seu irmão, seu único medianeiro, não fora visitá-la uma única vez em quatro anos e não lhe enviava auxílio algum. Ela implorava a Deus que abrisse os olhos de seu pai, enternecesse o coração do irmão, e rezava por eles sem acusá-los. As sras. Couture e Vauquer não encontravam palavras suficientes no dicionário das injúrias para qualificar essa conduta bárbara. Quando elas amaldiçoavam o infame milionário, Vitorina murmurava palavras doces, semelhantes ao canto do pombo ferido, cujo grito de dor ainda exprime amor.

Eugênio de Rastignac tinha um rosto tipicamente meridional, tez clara, cabelos pretos, olhos azuis. No porte, nas maneiras e na atitude habitual, revelava-se o filho de uma família nobre, cuja primeira educação não encerra mais que tradições de bom gosto. Embora poupado quanto às roupas, usando nos dias comuns os trajés velhos do ano passado, podia, contudo, sair algumas vezes trajado como um rapaz elegante. Usava ordinariamente uma velha sobrecasaca, um mau colete, a detestável gravata preta de estudante, enrugada e mal atada, calças em harmonia com o resto e sapatos consertados.

Entre essas duas personagens e os demais, Vautrin, o homem de quarenta anos, de suíças tingidas, servia de transição. Era uma dessas criaturas de quem o povo diz: aí está um grande sabido! Tinha espáduas largas, busto bem desenvolvido, músculos salientes, mãos grandes, espessas, mostrando nas falanges tufo de pelos de um ruivo ardente. O rosto, sulcado de rugas prematuras, oferecia sinais de

dureza, que eram desmentidos por suas maneiras brandas e afáveis. Sua voz de baixo, em harmonia com sua exuberante alegria, não desagradava. Era prestativo e divertido. Se alguma fechadura funcionava mal, logo ele a desmontava, consertava, azeitava, limava, punha a funcionar novamente, dizendo: disso eu entendo! Na verdade, conhecia tudo, navios, o mar, a França, o estrangeiro, os negócios, os homens, os acontecimentos, as leis, os hotéis e as prisões. Se alguém se queixava excessivamente, logo ele lhe oferecia seus serviços. Muitas vezes emprestara dinheiro à sra. Vauquer e a alguns pensionistas; seus devedores, porém, prefeririam morrer a não reembolsá-lo, tamanho era o temor que, apesar de seu ar folgazão, ele inspirava por um certo olhar profundo e cheio de decisão. Pela maneira como lançava um jato de saliva, revelava um sangue-frio imperturbável que faria com que não recuasse diante de um crime para sair de uma situação equívoca. Como um juiz severo, seu olhar parecia ir ao fundo de todas as questões, de todas as consciências, de todos os sentimentos. Seus hábitos consistiam em sair após o almoço, voltar para o jantar, desaparecer depois e recolher-se pela meia-noite, com o auxílio de uma chave mestra que a sra. Vauquer lhe confiara. Era o único que gozava desse favor. Era, também, o que vivia em melhores relações com a viúva, a quem chamava mamã, segurando-a pela cintura, gesto carinhoso que era pouco compreendido! A boa mulher julgava que a coisa ainda era fácil, mas Vautrin era o único que tinha os braços suficientemente longos para enlaçar aquela pesada circunferência. Um traço de seu caráter era pagar generosamente quinze francos pelo ponche de café e aguardente que tomava à sobremesa. Pessoas menos superficiais que esses rapazes, arrastados pelos turbilhões da vida parisiense, ou esses velhos, indiferentes ao que não lhes dizia respeito diretamente, não teriam ficado inativos ante a impressão suspeita que lhes causava Vautrin. Ele conhecia ou descobria os negócios dos que o cercavam, ao passo que ninguém podia penetrar em seus pensamentos nem em suas ocupações. Embora tivesse erguido sua aparente bonomia, sua constante condescendência e sua alegria como uma barreira entre si e os outros, muitas vezes deixava perceber a espantosa profundidade de seu caráter. Frequentemente, uma facécia digna de Juvenal, e pela qual parecia divertir-se em ridicularizar as leis, criticar a alta sociedade e convencê-la de inconsequência consigo mesma, permitia supor que ele guardava algum rancor contra o estado social e que possuía, no fundo de sua existência, um mistério cuidadosamente escondido.

Atraída, talvez involuntariamente, pela força de um e pela beleza do outro, a srta.

Taillefer repartia seus olhares furtivos e seus pensamentos secretos entre o quarentão e o jovem estudante. Nenhum deles, porém, parecia preocupar-se com ela, muito embora, de um dia para outro, o acaso pudesse alterar sua posição e transformá-la num rico partido. Nenhuma daquelas pessoas, por outro lado, se dava ao trabalho de verificar se os infortúnios que as outras alegavam eram falsos ou verdadeiros. Tinham todas, umas pelas outras, uma indiferença misturada a desconfiança, que resultava de suas respectivas situações. Sabiam-se impotentes para mitigar suas penas e tinham todas, ao contá-las, esgotado a taça das condolências. Como velhos esposos, nada mais tinham a se dizer. Não restava entre elas mais que as relações de uma vida automática, o funcionamento de engrenagens sem óleo. Deviam todas cruzar indiferentes por um cego, escutar sem emoção a narração de um infortúnio e ver na morte a solução de um problema de miséria que as tornava insensíveis à mais terrível agonia. A mais feliz dessas almas desoladas era a sra. Vauquer, que imperava nesse asilo privado. Somente para ela o pequeno jardim, que o silêncio e o frio, a aridez e a umidade faziam grande como uma estepe, parecia um aprazível arvoredado. Somente para ela aquela casa amarela e soturna, que tresandava o azinhavre do balcão, encerrava delícias. Pertenciam-lhe aquelas masmorras. Alimentava aqueles forçados condenados a penas perpétuas, exercendo sobre eles uma autoridade respeitada. Onde teriam aqueles infelizes encontrado, em Paris, pelo preço que ela cobrava, alimentos sãos, abundantes e um quarto que eles tinham o direito de tornar, se não elegante ou cômodo, pelo menos limpo e salubre? Se ela se tivesse permitido uma injustiça clamorosa, a vítima a teria suportado sem queixa.

Tal reunião devia oferecer, e oferecia, em miniatura, os elementos de uma sociedade completa. Entre os dezoito convivas havia, como nos colégios, como no mundo, uma pobre criatura desprezada, um saco de pancadaria sobre quem choviam todas as brincadeiras. No começo do segundo ano, essa figura constituiu, para Eugênio de Rastignac, a mais saliente de todas aquelas no meio das quais estava condenado a viver ainda durante dois anos. Essa vítima era o antigo fabricante de massas, o pai Goriot, sobre cuja cabeça um pintor, como o historiador, teria feito recair toda a luminosidade do quadro. Por que acaso esse desprezo meio odioso, essa perseguição misturada a piedade, essa falta de respeito pela desgraça haviam desabado sobre o mais antigo pensionista? Ele mesmo os teria provocado por um desses ridículos ou dessas singularidades o que perdoamos menos que os

vícios? Essas questões relacionam-se de perto com muitas injustiças sociais. Talvez seja próprio da natureza humana fazer tudo suportar a quem tudo tolera, por verdadeira humildade, por fraqueza ou por indiferença. Não gostamos, todos nós, de comprovar nossa força à custa de alguém ou de alguma coisa? O mais fraco de todos os seres, o garoto vadio, toca a campainha de todas as portas quando cai neve ou ergue-se nas pontas dos pés para rabiscar seu nome num monumento virgem.

O pai Goriot, ancião de cerca de sessenta e nove anos, fora morar na casa da sra. Vauquer em 1813, após ter abandonado a atividade comercial. Tomara, ao chegar, o apartamento agora ocupado pela sra. Couture e pagava, então, mil e duzentos francos de pensão, como um homem para quem cinco luíses a mais ou a menos eram uma ninharia. A sra. Vauquer melhorara os três quartos desse apartamento mediante uma indenização prévia que, segundo se diz, teria pago o preço de um péssimo mobiliário composto de cortinas de algodão amarelo, poltronas de madeira envernizada estofadas com veludo de Utrecht, algumas pinturas malfeitas e papéis indignos de uma taberna de arrabalde. Talvez a displicente generosidade com que se deixou lograr o pai Goriot, que nessa época era respeitosamente chamado de sr. Goriot, tenha feito com que o considerassem um imbecil que nada entendia de negócios. Goriot chegou munido de um guarda-roupa abundante, o magnífico enxoval de um negociante que não quer se privar de nada ao retirar-se do comércio. A sra. Vauquer admirara dezoito camisas de meia-holanda, cuja finura era ainda mais notável porque o fabricante de massas usava no peitilho dois alfinetes, unidos por uma correntinha e cada um dos quais tinha engastado um grande diamante. Habitualmente vestido com um traje azul-claro, usava todos os dias um colete de piquê branco, sob o qual flutuava seu ventre piriforme e proeminente, que punha em destaque uma pesada corrente de ouro cheia de berloques. Sua tabaqueira, igualmente de ouro, continha um medalhão cheio de cabelos que o tornavam aparentemente culpável de algumas aventuras amorosas. Quando sua hospedeira o acusou de *namorador*, ele deixou errar sobre os lábios o alegre sorriso do burguês lisonjeado no seu fraco. Seus *almários* (ele pronunciava essa palavra à maneira da arraia-miúda) encheram-se com a numerosa prataria que trouxera de casa. Os olhos da viúva acenderam-se ao ajudá-lo prazenteiramente a desencaixotar e a pôr em ordem as conchas, as colheres de servir, os talheres, galhateiros, molheiras, vários pratos, aparelhos de chá de prata dourada, enfim, peças mais ou menos belas, pesando um certo número de marcos e de que ele não se queria desfazer, porque

eram presentes que lhe recordavam as solenidades de sua vida doméstica.

— Isto — disse à sra. Vauquer, apertando contra o peito um prato e uma tigelinha cuja tampa representava duas pombas beijando-se — é o primeiro presente que minha mulher me deu, no dia de nosso aniversário. Pobrezinha! Guardou suas economias de solteira para comprá-la. Veja, eu preferiria cavar a terra com as unhas a separar-me disto. Graças a Deus! Poderei tomar meu café nesta tigela todas as manhãs, durante o resto dos meus dias. Não tenho de que me queixar, estou com meu pão garantido por muito tempo.

Finalmente, a sra. Vauquer viu muito bem, com seu olho de pega, algumas inscrições do Estado que, vagamente somadas, asseguravam ao excelente Goriot uma renda de oito a dez mil francos. Desde esse dia, a sra. Vauquer, nascida de Conflans, que tinha então quarenta e oito anos feitos e não admitia mais que trinta e nove, passou a ter certas ideias. Embora os olhos de Goriot estivessem sempre vermelhos, inchados, lacrimosos, o que o obrigava a enxugá-los frequentemente, ela o achou com uma expressão agradável e distinta. Além disso, suas panturrilhas musculosas, salientes, prognosticavam, como seu longo e volumoso nariz, qualidades morais que a viúva muito apreciava e que eram confirmadas pelo rosto lunar e ingenuamente simples do velhote. Devia ser um animal de sólida constituição, capaz de gastar em afeição todo o seu espírito. Seus cabelos em asas de pombo, que o cabeleireiro da Escola Politécnica vinha empoar todas as manhãs, desenhavam cinco pontas sobre sua testa fina e ornavam-lhe o rosto. Embora um pouco rústico, vestia-se com tamanho apuro, tomava tão elegantemente o rapé e o aspirava como um homem seguro de ter sempre a tabaqueira cheia de macuba que, no dia em que o sr. Goriot se instalou em sua casa, a sra. Vauquer foi deitar-se assando-se, como uma perdiz com as penas, ao fogo do desejo que a assaltou de deixar a mortalha do Vauquer para renascer com Goriot. Casar-se, vender a pensão, dar o braço a essa fina flor da burguesia, tornar-se uma senhora respeitável no bairro, pedir esmolas para os pobres, fazer pequenos passeios dominicais a Choisy, Soissy, Gentilly; ir ao teatro a seu bel-prazer, em camarote, sem esperar as entradas de favor que alguns pensionistas lhe davam, no mês de julho... Sonhou com todo o eldorado das pequenas famílias parisienses. Ela não revelara a ninguém que possuía quarenta mil francos, economizados soldo a soldo. Julgava-se, assim, no que se referia à fortuna, um bom partido.

— Quanto ao resto, valho tanto como ele! —, disse para si mesma, voltando-se no

leito, como para certificar-se dos encantos que a gorda Sílvia via todos os dias amoldados em depressões no colchão.

Desde esse dia, durante cerca de três meses, a viúva Vauquer serviu-se do cabeleireiro do sr. Goriot e fez algumas despesas em vestidos, justificadas pela necessidade de dar à casa um certo decoro em harmonia com as respeitáveis personagens que a frequentavam. Empregou todos os meios para melhorar a categoria de seus pensionistas, alardeando a pretensão de não aceitar, daí por diante, senão pessoas das mais distintas sob todos os aspectos.

Se aparecia um estranho, ela exaltava a preferência que o sr. Goriot, um dos negociantes mais notáveis e mais respeitáveis de Paris, lhe havia conferido. Distribuiu prospectos em cujo cabeçalho se lia: Casa Vauquer. Era, dizia ela, uma das mais antigas e estimadas pensões burguesas do mundo latino. Oferecia uma vista das mais agradáveis sobre o vale dos Gobelins (podia ser visto do terceiro andar) e um encantador jardim, ao fundo do qual se estendia uma alameda de tílias. Falava, ainda, do ar puro e da solidão que o jardim proporcionava. Esse prospecto trouxe para sua casa a condessa d'Ambermesnil, mulher de trinta e seis anos que esperava o fim da liquidação e da regularização de uma pensão que lhe era devida, na qualidade de viúva de um general morto nos campos de batalha. A sra. Vauquer passou a cuidar da mesa, acendeu o fogo nas salas durante quase seis meses e cumpriu as promessas dos prospectos tão bem que até fez despesas. A condessa dizia à sra. Vauquer, chamando-a de *querida amiga*, que procuraria levar para lá a baronesa de Vaumerland e a viúva do conde Picquiseau, duas amigas que iam completar três meses de permanência numa pensão do Marais — mais cara que a Casa Vauquer. Aquelas senhoras, além disso, ficariam muito desafogadas, quando os escritórios da guerra tivessem terminado seu trabalho.

— Mas — acrescentava ela —, os escritórios não terminam nunca.

As duas viúvas, após o jantar, subiam juntas ao quarto da sra. Vauquer e lá ficavam a tagarelar bebendo cassis e comendo gulodices, reservadas à boca da dona da casa. A sra. d'Ambermesnil aprovou entusiasticamente as pretensões de sua hospedeira, relativamente ao sr. Goriot, excelentes pretensões que, aliás, havia percebido desde o primeiro dia. Considerava-o um homem perfeito.

— Ah! Minha querida senhora, um homem são como meu olho — dizia-lhe a viúva —, um homem perfeitamente conservado e que ainda pode dar muito prazer a uma mulher.



A condessa fez generosamente observações à sra. Vauquer sobre seu vestuário, que não estava em harmonia com suas aspirações.

— Precisa colocar-se em pé de guerra — disse-lhe.

Após muitos cálculos, as duas viúvas foram juntas ao Palais-Royal, onde compraram, nas Galerias de Madeira, um chapéu de plumas e uma touca. A condessa levou a viúva à loja da Pequena Jeannette, na qual escolheram um vestido e um xale. Quando essas munições foram postas em uso e a viúva se viu de armas na mão, ficou perfeitamente parecida com a tabuleta do Boeuf à la mode.

Apesar disso, ela se considerou tão melhorada que se sentiu obrigada para com a condessa e, embora pouco amiga de dar, pediu-lhe que aceitasse um chapéu de vinte francos. Ela tinha em vista, na verdade, pedir-lhe o serviço de sondar o sr. Goriot e de elogiá-la diante dele. A sra. d'Ambermesnil prestou-se muito amavelmente a essa manobra e assediou o velho fabricante de massas, conseguindo ter uma conferência com ele; mas, após tê-lo achado pudibundo, para não dizer refratário às tentativas que lhe sugeriu seu desejo particular de seduzi-lo por conta própria, ela saiu revoltada com sua grosseria.

— Meu anjo — disse ela à querida amiga —, não tirarás nada daquele homem! Ele é de uma desconfiança ridícula, um usurário, um animal, um tolo, que só te dará desgostos.

Houve entre o sr. Goriot e a sra. d'Ambermesnil tais coisas que a própria condessa não quis mais encontrar-se a sós com ele. No dia seguinte, ela partiu, esquecendo-se de pagar seis meses de pensão e deixando um vestido velho avaliado em cinco francos. Por maiores esforços que a sra. Vauquer tivesse empregado em suas buscas, não pôde obter nenhuma informação em Paris sobre a condessa d'Ambermesnil. Falava frequentemente no deplorável acontecimento, queixando-se de seu excesso de confiança, embora fosse mais desconfiada que uma gata. Assemelhava-se, na verdade, a muita gente, que desconfia dos parentes e cai nas mãos do primeiro que chega. Fato moral, estranho mas verdadeiro, cuja origem é fácil encontrar no coração humano. Certas pessoas chegam a ponto de nada mais terem a ganhar junto àqueles com que vivem, pois tendo-lhes mostrado o vazio de sua alma, sentem-se secretamente julgadas por eles com uma severidade merecida; experimentando, porém, uma invencível necessidade de lisonjas, de que foram privadas ou devoradas pelo desejo de parecer possuir qualidades que não têm, esperam surpreender a estima ou o coração dos que lhes são estranhos, com o risco

de perderem um dia todo o prestígio. Enfim, há indivíduos que nascem mercenários, que não fazem bem algum aos amigos ou aos parentes, justamente porque têm o dever de fazê-lo; ao passo que, prestando serviços a desconhecidos, tiram lucros para seu amor-próprio: quanto mais próximo deles está seu círculo de afeições, menos o amam; quanto mais se distanciam, mais serviçais se tornam. A sra. Vauquer reunia, sem dúvida, essas duas naturezas essencialmente mesquinhas, falsas, execráveis.

— Se eu estivesse aqui — dizia-lhe então Vautrin — não lhe teria acontecido essa desgraça! Eu teria desmascarado aquela impostora. Conheço-as pela *cara*.

Como todos os espíritos estreitos, a sra. Vauquer tinha o hábito de não se afastar do círculo dos acontecimentos e de não julgar suas causas. Gostava de responsabilizar os outros por suas próprias faltas. Quando ocorreu esse prejuízo, ela considerou o honesto fabricante de massas a causa de seu infortúnio e começou, desde então, dizia ela, a perder as ilusões a seu respeito. Quando reconheceu a inutilidade de suas provocações e das despesas de representação, não tardou em descobrir a razão desse fato. Percebeu, então, que seu pensionista tinha, segundo sua expressão, certas manias. Comprovou, por fim, que sua esperança tão docemente acariciada repousava sobre uma base quimérica e que nada conseguiria daquele homem, segundo a enérgica expressão da condessa, que parecia conhecedora. Foi, assim, mais longe na aversão do que o fora na amizade. Seu ódio não estava em razão de seu amor, mas de suas esperanças desfeitas. Se o coração humano se concede repouso, enquanto escala os cimos da afeição, raramente se detém no declive íngreme dos sentimentos de ódio. O sr. Goriot, porém, era seu pensionista, e a viúva foi forçada a reprimir as explosões de seu amor-próprio ferido, a sepultar os suspiros que a decepção lhe causou, a devorar seus desejos de vingança, como um frade vexado por seu prior. Os espíritos mesquinhos satisfazem seus sentimentos, bons ou maus, por mesquinhez incessantes. A viúva empregou sua malícia de mulher em planejar surdas perseguições contra sua vítima. Começou por suprimir as coisas supérfluas que introduzira na pensão.

— Basta de pepinos e de anchovas! Isso é bobagem! — disse a Sílvia, no dia em que restabeleceu o antigo programa.

O sr. Goriot, porém, era um homem frugal, em quem a parcimônia, necessária aos homens que construíram sua própria fortuna, degenerara em hábito. A sopa, o cozido e um prato de legumes haviam sido e continuariam a ser sempre seu jantar

predileto. Foi difícil, assim, à sra. Vauquer, atormentar o hóspede, cujos gostos não conseguia contrariar em nada. Perdendo as esperanças de surpreender em falta um homem inatacável, pôs-se a desconsiderá-lo e fez com que partilhassem de sua aversão pelo sr. Goriot os demais pensionistas que, por brincadeira, cooperaram para sua vingança. No fim do primeiro ano, a viúva chegara a tal grau de desconfiança que se perguntava por que esse negociante, com sete a oito mil francos de renda, possuindo uma magnífica prataria e joias tão belas como as de uma cortesã, morava em casa dela, pagando uma pensão tão módica relativamente a sua fortuna. Durante a maior parte desse primeiro ano, Goriot frequentemente jantara fora uma ou duas vezes por semana. Aos poucos, porém, esses jantares foram se espaçando, até não passarem de dois por mês. Essas ausências do sr. Goriot convinham muito aos interesses da sra. Vauquer, de modo que ela ficou muito descontente com a progressiva pontualidade com que seu pensionista voltou a fazer as refeições na pensão. Essas mudanças foram atribuídas tanto a uma lenta diminuição da fortuna como ao desejo de contrariar a dona da pensão. Um dos hábitos mais detestáveis desses espíritos liliputianos consiste em supor nos outros suas próprias mesquinhezias. Infelizmente, pelo fim do segundo ano, o sr. Goriot justificou os falatórios de que era objeto, pedindo à sra. Vauquer para passar para o segundo andar, a fim de reduzir sua pensão para novecentos francos. Foi obrigado a uma economia tão rigorosa que deixou de acender o fogo do quarto durante o inverno. A viúva Vauquer exigiu pagamento adiantado, com o que o sr. Goriot concordou; desde então ela passou a chamá-lo de pai Goriot. Puseram-se todos a procurar descobrir as causas dessa decadência. Difícil pesquisa! Como dissera a falsa condessa, o pai Goriot era um sonso, um taciturno. Segundo a lógica das pessoas de cabeça oca, indiscretas todas por não terem senão futilidades para dizer, quem não fala de seus negócios é porque faz maus negócios. O distinto negociante passou, assim, a ser um ladrão, o conquistador transformou-se num velho ridículo. Segundo Vautrin, que por essa época foi morar na Casa Vauquer, o pai Goriot era um indivíduo que jogava na Bolsa e que, segundo uma expressão bastante enérgica da linguagem financeira, traficava com as rendas após se ter arruinado. Outras vezes, consideravam-no um desses jogadores que todas as noites vão arriscar e ganhar dez francos no jogo. Ora julgavam-no um espião a serviço da alta polícia, embora Vautrin pretendesse que ele não era suficientemente astuto para isso. Ora era um avaro que fazia empréstimos a juros exorbitantes; ou, então, um homem

que vivia da loteria. Faziam dele tudo quanto o vício, a infâmia e a impotência geram de mais misterioso. Por ignóbeis que fossem, porém, sua conduta ou seus vícios, a aversão que inspirava não ia a ponto de fazer com que o expulsassem: ele pagava sua pensão.

Além disso, tinha uma utilidade. Os pensionistas descarregavam sobre ele seu bom ou mau humor, através de gracejos ou remoques. A opinião que parecia a mais provável, e que foi geralmente adotada, foi a da sra. Vauquer. Segundo ela, esse homem tão bem conservado, sadio como ele só e com quem ainda se podia ter muito prazer, era um libertino com gostos estranhos. Eis os fatos sobre os quais a viúva Vauquer apoiava suas calúnias. Alguns meses após a partida daquela calamitosa condessa que soubera viver durante seis meses a sua custa, a sra. Vauquer, uma manhã, antes de levantar-se, ouviu na escada o frufu de um vestido de seda e o passo miúdo de uma mulher jovem e ágil que entrou no quarto do sr. Goriot, cuja porta se abriu cautelosamente. Logo depois, a gorda Sílvia foi dizer à patroa que uma moça bela demais para ser honesta, *vestida como uma divindade*, com borzeguins de cetineta sem a menor mancha de lama, se enfiara pela cozinha como uma enguia perguntando-lhe onde ficava o apartamento do sr. Goriot. A sra. Vauquer e a cozinheira ficaram à escuta e surpreenderam várias palavras pronunciadas ternamente durante a visita, que durou algum tempo. Quando o sr. Goriot acompanhou sua dama até a porta, a gorda Sílvia tomou às pressas um cesto e fingiu que ia ao mercado, a fim de seguir o par amoroso.

— Minha senhora — disse à patroa, ao voltar —, o sr. Goriot deve ser tremendamente rico para mantê-las nesse estado. Imagine que na esquina da Estrapade ela subiu numa carruagem formidável que estava a *sua* espera!

Ao jantar, como um raio de sol entrasse pela janela e fosse cair nos olhos do sr. Goriot, a sra. Vauquer levantou-se e foi correr a cortina para que a luz não o incomodasse.

— O senhor é amado pelas mulheres belas, sr. Goriot, e o sol o procura — disse ela, aludindo à visita recebida pela manhã. — Caramba! O senhor tem bom gosto. Ela é muito bonita.

— É minha filha — replicou ele, com uma espécie de orgulho que pareceu aos pensionistas a fatuidade de um velho que guarda as aparências.

Um mês após essa visita, o sr. Goriot recebeu outra. Sua filha, que na primeira vez fora em traje de manhã, chegou após o jantar, vestida para visitas. Os

pensionistas, que palestravam na sala de estar, viram uma linda loura, delgada de talhe, graciosa e demasiado distinta para ser filha de um pai Goriot.

— Duas — disse a gorda Sílvia, que não a reconheceu.

Dias depois, outra moça, alta e bem-feita de corpo, com cabelos pretos e olhar ardente, perguntou pelo sr. Goriot.

— Três! — disse Sílvia.

Essa segunda moça, que na primeira vez também foi visitar o pai pela manhã, voltou alguns dias depois, à noite, em vestido de baile e em carruagem.

— Quatro! — disseram a sra. Vauquer e a gorda Sílvia, que não reconheceram na ilustre senhora vestígio algum da moça singelamente vestida que lá estivera pela manhã, em sua primeira visita.

Goriot ainda pagava mil e duzentos francos de pensão. A sra. Vauquer achou muito natural que um homem rico tivesse quatro ou cinco amantes e louvou sua astúcia de fazê-las passar por filhas. Nem se escandalizou com o fato de ele as levar à Casa Vauquer. Como, porém, essas visitas lhes explicavam a indiferença com que o pensionista a tratava, ela se permitiu, no começo do segundo ano, chamá-lo de *gato velho*. Um dia, porém, quando o pensionista baixara para novecentos francos, ela lhe perguntou insolentemente que pensava ele fazer de sua casa, ao ver descer uma daquelas senhoras. O pai Goriot respondeu-lhe que aquela dama era sua filha mais velha.

— Então o senhor tem trinta e seis filhas? — perguntou azedamente a sra. Vauquer.

— Tenho apenas duas — replicou o pensionista, com a doçura de um homem arruinado que atinge a todas as docilidades da miséria.

No fim do terceiro ano, o pai Goriot reduziu ainda uma vez as despesas, subindo para o terceiro andar e passando a pagar apenas quarenta e cinco francos de pensão por mês. Abandonou o rapé, despediu o cabeleireiro e não empoou mais os cabelos. Quando o pai Goriot apareceu pela primeira vez com os cabelos sem empoar, a dona da pensão deixou escapar uma exclamação de surpresa ao perceber a cor de seus cabelos, que eram de um cinzento sujo e esverdeado. Sua fisionomia, que secretos desgostos haviam insensivelmente tornado cada vez mais triste, parecia a mais desolada de todas as que ornamentavam a mesa; cessou, então, toda a dúvida: o pai Goriot era um velho libertino, cujos olhos somente haviam sido preservados da maligna influência dos remédios exigidos por sua enfermidade, graças à habilidade

de um médico. A cor repugnante de seus cabelos provinha de seus excessos e das drogas que tomava para sustentá-los. O estado físico e moral do velho dava razão a esses disparates. Quando seu enxoval se consumiu, ele comprou fazenda de algodão de catorze soldos a vara para substituir sua bela roupa branca. Os diamantes, a tabaqueira de ouro, a corrente e as joias desapareceram uma a uma. Abandonara o traje azul-claro que vestia habitualmente para usar, inverno e verão, uma casaca de ordinária fazenda marrom, um colete de camurça e calças cinzentas de veludo. Emagreceu; suas panturrilhas murcharam; o rosto, cheio graças à satisfação de uma felicidade burguesa, enrugou-se sob a pele. No quarto ano de sua permanência na rue Neuve-Sainte-Genève, já não parecia mais o mesmo. O bom fabricante de massas de sessenta anos e que parecia não ter quarenta, o burguês nédio e sadio, exuberante de estupidez, cuja atitude galhofeira alegrava os transeuntes, que tinha algo de juvenil no sorriso, parecia um septuagenário aparvalhado, trêmulo, aniquilado. Os olhos azuis muito vivos tornaram-se embaciados e pardacentos, ficaram amortecidos, não lacrimejavam mais e a orla vermelha das pálpebras parecia sangrar. A uns causava horror; a outros inspirava compaixão. Alguns jovens estudantes de medicina, notando o caimento de seu lábio inferior e calculando o vértice de seu ângulo facial, declararam-no acometido de cretinismo, após terem-no maltratado sem provocar a menor reação. Uma noite, após o jantar, tendo a sra. Vauquer lhe perguntado em ar de troça: “Então, suas filhas não vêm mais visitá-lo?”, pondo em dúvida sua paternidade, o pai Goriot estremeceu como se a dona da pensão o houvesse cutucado com um ferro.

— Vêm algumas vezes — respondeu com uma voz comovida.

— Ah! Ah! Então ainda as vê algumas vezes — exclamaram os estudantes. — Bravo, pai Goriot!

O velho, porém, não ouviu os gracejos que sua resposta provocou: recaíra num estado meditativo, que os que o observavam superficialmente tomaram por um embotamento senil devido à falta de inteligência. Se o conhecessem bem, talvez tivessem se interessado pelo problema apresentado por sua situação física e moral; nada, porém, era mais difícil do que isso. Embora fosse fácil saber se Goriot fora realmente fabricante de massas e qual o vulto de sua fortuna, os velhos cuja curiosidade a seu respeito se excitara não saíam do bairro e viviam na pensão como ostras num rochedo. Quanto aos demais, a agitação da vida parisiense fazia com que esquecessem, ao saírem da rue Neuve-Sainte-Genève, o pobre ancião de quem

zombavam. Para esses espíritos acanhados, como para aqueles rapazes displicentes, a seca miséria do pai Goriot e sua estúpida atitude eram incompatíveis com uma fortuna e uma capacidade qualquer. Quanto às mulheres que ele afirmava serem suas filhas, todos partilhavam a opinião da sra. Vauquer, que dizia, com a lógica severa que o hábito de se intrometerem em tudo dá às velhas que passam os serões a tagarelar:

— Se o pai Goriot tivesse filhas tão ricas como parecem ser todas as senhoras que têm vindo visitá-lo, ele não moraria em minha casa, no terceiro andar, pagando quarenta e cinco francos por mês, nem se vestiria como um mendigo.

Nada podia desmentir essas induções. Assim, no fim de novembro de 1819, época em que explodiu este drama, todos na pensão tinham uma opinião formada sobre o pobre velho: ele nunca tivera filha nem esposa; o abuso dos prazeres fizera dele um caracol, um molusco antropomorfo a ser classificado nos *casquetíferos*, como dizia um empregado do museu, freguês do jantar. Comparado a Goriot, Poiret era uma águia, um cavalheiro. Poiret falava, argumentava, respondia; é verdade que nada dizia ao falar, argumentar e responder, pois tinha o hábito de repetir em termos diferentes o que os outros diziam; mesmo assim, porém, contribuía para a palestra, era ativo, parecia sensível; ao passo que o pai Goriot — dizia ainda o funcionário do museu — estava constantemente a zero Réaumur.

Eugênio de Rastignac atingira essa disposição de espírito que devem ter conhecido os rapazes superiores ou aqueles a quem uma posição difícil comunica momentaneamente as qualidades dos homens de escol. Durante seu primeiro ano de permanência em Paris, o pouco trabalho exigido pelas matérias do começo do curso da faculdade o havia deixado livre para saborear as delícias visíveis da Paris material. Nunca sobra tempo para um estudante, se ele quiser conhecer o repertório de cada teatro, estudar as desembocaduras do labirinto parisiense, conhecer os costumes, aprender a língua e habituar-se aos prazeres particulares da capital, esquadrihar os bons e maus lugares, frequentar as aulas que agradam, inventariar as riquezas dos museus. O estudante apaixonava-se, então, por futilidades que lhe parecem grandiosas. Tem seu grande homem, um professor do Collège de France pago para manter-se à altura do auditório. Ajeita a gravata, exhibe-se para a mulher das primeiras galerias da Opéra Comique, mas, nessas iniciações sucessivas, despoja-se de seu alburno, alarga o horizonte da vida e acaba por conceber a sobreposição das camadas humanas que constituem a sociedade.

Começando por admirar as carruagens que desfilam pelos Champs-Élysées, não tarda a invejá-las. Eugênio tinha feito inconscientemente esse aprendizado quando partiu em férias, após ter recebido o diploma de bacharel em letras e em direito. Suas ilusões de criança e suas ideias provincianas haviam desaparecido. Sua inteligência modificada e sua ambição exaltada permitiram-lhe ver claramente as coisas na casa paterna, no seio da família. O pai, a mãe, dois irmãos, duas irmãs e uma tia, cujos haveres consistiam em pensões, viviam nas reduzidas terras de Rastignac. Era uma propriedade cujos rendimentos iam a três mil francos, sujeitos às incertezas das explorações dos vinhedos e da qual, no entanto, era preciso extrair a cada ano mil e duzentos francos para ele. A constatação daquela penúria constante, que generosamente lhe ocultavam, a comparação que foi obrigado a estabelecer entre as irmãs, que lhe pareciam tão belas na infância, e as mulheres de Paris, que concretizavam o tipo de beleza com que sonhava, o futuro incerto dessa família que contava com ele, a parcimoniosa atenção com que viu armazenar os produtos mais insignificantes e o fato de fazerem o vinho para a família com o bagaço do lagar, uma infinidade de circunstâncias que seria inútil consignar aqui, decuplicaram seu desejo de vencer e deram-lhe sede de honrarias. Como acontece às almas grandes, ele quis, em primeiro lugar, dever tudo a seu próprio mérito. Seu espírito, contudo, era eminentemente meridional. E, assim, a execução de suas decisões teria de ser submetida às incertezas que assaltam os moços em alto-mar, quando não sabem para que lado dirigir suas forças nem sob que ângulo enfunar suas velas. Se, de início, quis lançar-se destemidamente ao trabalho, logo depois, seduzido pela necessidade de fazer relações, notou como as mulheres têm influência na vida social e quis atirar-se à sociedade, para conquistar protetoras naquele meio. Como não as conseguiria um rapaz ardente e espiritual, cujo ardor e cujo espírito eram realçados por um porte elegante e por uma espécie de beleza irrequieta a que são tão sensíveis as mulheres? Surgiram-lhe essas ideias no meio do campo, durante os passeios que fazia alegremente com as irmãs, que o acharam muito mudado. Sua tia, a sra. de Marcillac, que frequentara a corte, conhecera ali as sumidades aristocráticas. Imediatamente o moço ambicioso reconheceu, através das recordações com que a tia o embalara tantas vezes, os elementos de várias conquistas sociais, tão importantes, pelo menos, como as que emprendia na escola de Direito. Interrogou-a sobre os laços de parentesco que ainda se poderiam reatar. Após ter sacudido os ramos da árvore genealógica, a velha fidalga concluiu que, de



todas as pessoas que poderiam ser úteis ao sobrinho entre a gente egoísta que constituía seus parentes ricos, a viscondessa de Beauséant[24] seria a mais acessível. Escreveu, assim, à jovem senhora, uma carta no estilo antigo, e entregou-a a Eugênio, dizendo-lhe que se ele conseguisse vencer junto à viscondessa, esta o poria em contato com os demais parentes. Alguns dias após a chegada, Rastignac enviou a carta da tia à sra. de Beauséant. A viscondessa respondeu com um convite para um baile no dia seguinte.

Tal era a situação geral da pensão burguesa no fim de novembro de 1819.

Alguns dias mais tarde, Eugênio, voltando do baile da sra. de Beauséant, entrou em casa por volta das duas horas da madrugada. A fim de recuperar o tempo perdido, o corajoso estudante se prometera, enquanto dançava, estudar até a manhã. Pela primeira vez ia passar a noite em claro no meio do silencioso bairro, pois a fascinação em que ficara ao ver os esplendores da sociedade lhe insuflara uma falsa energia. Não jantara na casa da sra. Vauquer. Os pensionistas puderam, assim, crer que ele não voltaria do baile antes da madrugada, como acontecera outras vezes ao voltar das festas do Prado ou dos bailes do Odéon, enlameando as meias de seda e acalcanhando os sapatos. Antes de correr o ferrolho da porta, Cristóvão a abriu para dar uma olhadela para a rua. Rastignac chegou nesse momento e pôde subir ao quarto sem fazer ruído, seguido de Cristóvão, que o fazia por dois. Eugênio despiu o traje de baile, calçou as chinelas, vestiu uma velha sobrecasaca, acendeu o fogo de casca de carvalho e preparou-se levemente para o trabalho, de modo que Cristóvão abafou, com o barulho de seus pesados sapatos, os preparativos pouco ruidosos do rapaz. Eugênio ficou pensativo durante alguns momentos antes de começar a ler os livros de direito. Acabara de reconhecer na viscondessa de Beauséant uma das mulheres mais em evidência em Paris e cuja casa passava por ser a mais agradável do Faubourg Saint-Germain. Era ela, além disso, pelo nome e pela fortuna, uma das sumidades da sociedade aristocrática. Graças à tia de Marcillac, o pobre estudante fora bem recebido naquela casa, sem conhecer o alcance desse favor. Ser admitido nesses salões dourados equivalia a um título de alta nobreza. Aparecendo nessa sociedade, a mais fechada de todas, conquistara o direito de ir a qualquer parte. Deslumbrado pela brilhante assembleia, tendo apenas trocado algumas palavras com a viscondessa, Eugênio contentara-se em distinguir, na multidão das deidades parisienses que ali se acotovelavam, uma dessas mulheres dignas de serem adoradas desde o primeiro

momento por um rapaz. A condessa Anastácia de Restaud, alta e esbelta, passava por ter um dos mais belos corpos de Paris. Imaginai grandes olhos negros, mãos magníficas, pés bem talhados, fogo nos gestos, uma mulher que o marquês de Ronquerolles denominava um cavalo puro-sangue. Essa delicadeza de nervos não a privava de outras vantagens: tinha as formas cheias e roliças, sem que pudesse ser acusada de excessiva gordura. *Cavalo puro-sangue, mulher de raça*, tais eram as locuções que começavam a substituir os anjos do céu, as figuras ossiânicas, toda a antiga mitologia amorosa repelida pelo dandismo. Para Rastignac, porém, a sra. Anastácia de Restaud foi a mulher desejável. Conseguira incluir-se na lista dos cavalheiros inscritos em seu leque e pudera falar-lhe durante a primeira contradança.

— Onde poderei encontrá-la de novo? — perguntara-lhe bruscamente, com essa violência de paixão que tanto agrada às mulheres.

— No bosque, nos Bouffons, em minha casa, em toda a parte.

E o venturoso meridional apressara-se em ligar-se à deliciosa condessa, tanto quanto é possível a um rapaz ligar-se a uma senhora durante uma contradança e uma valsa. Declarando-se primo da sra. de Beauséant, foi convidado por aquela senhora, que ele tomou por uma fidalga, adquiriu o direito de frequentar-lhe a casa. Pelo último sorriso que ela lhe dirigiu, Rastignac deduziu que devia visitá-la. Teve a sorte de encontrar um homem que não zombava de sua ignorância, defeito moral entre os ilustres insolentes da época, os Maulincourt, os Ronquerolles, os Máximo de Trailles, os de Marsay, os d’Ajuda-Pinto, os Vandenesse, que lá estavam, na glória de sua fatuidade e misturados às mulheres mais elegantes, *lady* Brandon, a duquesa de Langeais, a condessa de Kergarouët, a sra. de Sérisy, a duquesa de Carigliano, a condessa Ferraud, a sra. de Lanty, a marquesa d’Aiglemont, a sra. Firmiani, a marquesa de Listomère, a marquesa d’Espard, a duquesa de Maufrigneuse e as Grandlieu. Foi, assim, uma sorte para o inexperiente estudante encontrar pela frente o marquês de Montriveau, amante da duquesa de Langeais, um general simples como uma criança, que lhe informou que a condessa de Restaud morava à rue du Helder.

Ser jovem, ter sede da sociedade, ter fome de uma mulher e ver abrirem-se para si duas casas! Pôr o pé no Faubourg Saint-Germain, na casa da viscondessa de Beauséant, e o joelho na Chaussée-d’Antin, na casa da condessa de Restaud! Mergulhar num relance nos salões de Paris e sentir-se bastante belo para encontrar

neles auxílio e proteção num coração de mulher! Sentir-se suficientemente ambicioso para dar um pontapé na corda tensa sobre a qual é preciso caminhar com a segurança no funâmbulo que não cai e ter como maromba uma mulher encantadora! Com tais pensamentos e diante daquela mulher que se erguia, sublime, diante do fogo da lareira, entre o Código e a miséria, quem não teria, como Eugênio, sondado o futuro por uma meditação, quem não o teria povoado de triunfos? Sua imaginação vadia antecipava tão intensamente as futuras alegrias que ele já se acreditava junto da sra. de Restaud, quando um suspiro semelhante a um *han* de São José feriu o silêncio da noite e ecoou no coração do rapaz, dando-lhe a impressão do estertor de um moribundo. Ele abriu a porta de leve e, indo ao corredor, percebeu um traço de luz sob a porta do pai Goriot. Eugênio receou que o vizinho estivesse indisposto, aproximou o olho da fechadura, espiou para dentro do quarto e viu o velho ocupado em trabalhos que lhe pareceram tão criminosos que julgou prestar um serviço à sociedade examinando o que estava maquinando, a horas tão tardias, o pretense fabricante de massas. Realmente, o pai Goriot prendera à travessa de uma mesa virada um prato e uma sopeira de prata dourada, e, passando uma corda em torno deles, apertava-os com tal força que os torcia, evidentemente para transformá-los em barras.

“Peste! Que homem!”, pensou Rastignac, ao ver o braço musculoso do velho que, com o auxílio da corda, amassava sem ruído a prata dourada como se fosse uma pasta. “Seria ele um ladrão ou um receptador que, para poder entregar-se mais seguramente a seu negócio, fingia estupidez e impotência e vivia como mendigo?”, pensou Eugênio, levantando-se por um momento.

O estudante aplicou novamente o olho ao buraco da fechadura. O pai Goriot, que desenrolara a corda, tomou o bloco de prata, colocou-o sobre a toalha da mesa e fê-lo rolar para transformá-lo numa barra redonda, operação de que se desempenhou com maravilhosa facilidade.

“Parece tão forte como Augusto, rei da Polônia!”, pensou Eugênio, quando a barra redonda ficou quase pronta.

O pai Goriot contemplou sua obra com uma expressão tristonha, enquanto lágrimas corriam de seus olhos. Depois, soprou a candeia a cuja luz torcera a prata e Eugênio ouviu-o deitar-se com um suspiro. “É louco”, pensou o estudante.

— Pobre criança! — disse o pai Goriot em voz alta.

Ao ouvir essa expressão, Rastignac julgou prudente guardar silêncio sobre o fato

e não condenar levianamente o vizinho. Ia reentrar no quarto quando distinguiu, subitamente, um ruído difícil de descrever e que devia ser produzido por homens de chinelos subindo a escada. Eugênio prestou atenção e ouviu, realmente, o som alternado da respiração de dois homens. Sem ter percebido o rangido da porta nem os passos dos homens, viu, de repente, um débil clarão no segundo andar, no quarto do sr. Vautrin.

“Quantos mistérios se passam numa pensão burguesa!”, pensou.

Desceu alguns degraus, pôs-se à escuta e ouviu o retinir de moedas de ouro. Logo depois apagou-se a luz e as duas respirações se fizeram novamente ouvir, sem que a porta rangesse. Depois, à medida que os dois homens desciam, o ruído foi enfraquecendo.

— Quem é? — perguntou a sra. Vauquer, abrindo a janela do quarto.

— Sou eu que estou entrando, mamã Vauquer — disse Vautrin com sua voz grossa.

“É singular! Cristóvão tinha corrido o ferrolho”, pensou Eugênio, voltando para o quarto. “É preciso estar alerta para saber o que se passa em torno de nós, em Paris.”

Desviado, por esses pequenos acontecimentos, de sua divagação ambiciosamente amorosa, Eugênio lançou-se ao trabalho. Distraído, porém, pelas suspeitas que lhe ocorriam a respeito do pai Goriot e mais distraído ainda pela imagem da sra. de Restaud, que a cada momento se erguia diante dele como a mensageira de um brilhante destino, acabou por deitar-se e dormir profundamente. De dez noites que prometem ao trabalho, os rapazes dão sete ao sono. É preciso ter mais de vinte anos para passar a noite acordado.

Na manhã seguinte, reinava em Paris uma dessas neblinas que a envolvem e escurecem tanto que mesmo as pessoas mais pontuais se enganam sobre a hora. Falta-se aos encontros para negócios. Pensa-se que são oito horas quando o sino bate meio-dia. Eram nove e meia e a sra. Vauquer ainda não se levantara. Cristóvão e a gorda Sílvia, também atrasados, tomavam tranquilamente seu café, preparado com as camadas superiores do leite destinado aos pensionistas e que Sílvia fazia ferver muito tempo, para que a sra. Vauquer não se apercebesse daquele dízimo ilegalmente cobrado.

— Sílvia — disse Cristóvão umedecendo sua primeira torrada —, o sr. Vautrin, que é, apesar de tudo, um bom homem, ainda recebeu duas pessoas aqui esta noite. Mesmo que a patroa desconfie de alguma coisa, não devemos dizer nada.

— Ele te deu alguma coisa?

— Deu-me os cem soldos de sempre, como para me dizer: “Cala-te!”.

— Com exceção dele e da sra. Couture, que não são unhas de fome, os outros gostariam de tirar com a mão esquerda o que nos dão com a direita no dia de Ano-Novo — disse Sílvia.

— E mesmo assim, que é que dão? — resmungou Cristóvão. — Uma miserável moeda de cem soldos. Faz nove anos que o pai Goriot lustra, ele mesmo, os sapatos. Esse pão-duro de Poiret não quer saber de graxa, seria capaz de comê-la antes de passá-la nos sapatos. Quanto a esse fedelho de estudante, dá quarenta soldos. Quarenta soldos não dão nem para as escovas. E, ainda por cima, vende as roupas velhas. Isso é uma choça!

— Ora! — replicou Sílvia, bebendo o café em grandes goles. — Nossos lugares ainda são os melhores do bairro: vive-se bem, aqui. E a propósito do vovô Vautrin, disseram-te alguma coisa?

— Sim. Há dias encontrei na rua um senhor que me perguntou: “Não é na sua casa que mora um homem gordo com as suíças pintadas?”. Respondi: “Não, senhor, ele não pinta as suíças. Um homem alegre como ele não tem tempo para isso”. Repeti isso ao sr. Vautrin e ele me respondeu: “Muito bem, rapaz! Responde sempre assim. Nada é mais desagradável que deixar que descubram nossas imperfeições. Isso pode nos fazer perder muitos casamentos”.

— A mim também, no mercado, perguntaram se eu o via vestir a camisa. É gozado...! Repara! — disse, interrompendo-se. — Já está dando um quarto para as dez na Val-de-Grâce e ainda ninguém se levantou!

— Como não? Saíram todos. A sra. Couture e a menina foram comer o bom Deus em Saint-Etienne às oito horas. O pai Goriot saiu com um pacote. O estudante não voltará antes de terminar a aula, às dez. Vi saírem todos enquanto varria a escada. E por sinal o pai Goriot me deu um encontrão com o embrulho que levava e que era duro como ferro. Que é que faz esse homem? Os outros divertem-se com ele como se fosse uma peteca, mas é um bom homem e vale mais que eles. Não dá grande coisa: mas as mulheres em cujas casas ele me manda, escorregam às vezes gorjetas formidáveis e se vestem que é uma beleza.

— Essas que ele diz que são suas filhas, hein? São umas doze...

— Só fui à casa de duas. São as mesmas que têm vindo aqui. — A patroa já está se mexendo. Vai começar o barulho: preciso ir lá. Cuida do leite, Cristóvão, por causa

do gato.

Sílvia subiu ao quarto da patroa.

— Como é isso, Sílvia? São dez menos um quarto e me deixas dormir como uma marmota! Nunca aconteceu coisa igual!

— É por causa da neblina, que está de cortar com faca.

— E o almoço?

— Ora, os pensionistas estavam com o diabo no corpo. Saíram todos logo que branqueou o dia...

— Fala direito, Sílvia — replicou a sra. Vauquer. — É clareou o dia que se diz.

— Está bem, falarei como a senhora quiser. O principal é que a senhora pode almoçar às dez horas. A Michonnette e o Poireau ainda não se levantaram. São os únicos que estão em casa e dormem como uns animais.

— Mas, Sílvia, fala nos dois juntos, como se...

— Como se o quê? — replicou Sílvia deixando escapar uma risada. — Os dois fazem uma junta.

— É curioso, Sílvia: como foi que o sr. Vautrin entrou esta noite, depois que Cristóvão aferrolhou a porta?

— Nada disso, senhora. Ele ouviu o sr. Vautrin e desceu para abrir-lhe a porta. Foi por isso que a senhora pensou...

— Alcança-me a camisola e vai tratar do almoço. Prepara o resto do carneiro com batatas e serve peras cozidas, dessas que custam meio soldo cada uma.

Momentos depois a sra. Vauquer desceu, justamente quando o gato acabava de derrubar com uma patada o prato que cobria uma tigela de leite e o bebia às pressas.

— Mistigris! — gritou ela.

O gato fugiu. Depois voltou e começou a roçar-se em suas pernas.

— Sim, sim, trata de fingir, velho poltrão! — disse-lhe. — Sílvia! Sílvia!

— Que é, patroa?

— Vê o que foi que o gato bebeu.

— A culpa é desse estúpido Cristóvão. Eu pedi que ele pusesse a mesa. Onde se meteu? Não se preocupe, patroa. Vou fazer com este leite o café do pai Goriot. Vou pôr mais água e ele nem notará. Ele não presta atenção em nada, nem mesmo no que come.

— Onde terá ido esse esquisitão? — perguntou a sra. Vauquer, colocando as cadeiras nos lugares.

— Quem é que sabe? Ele vive em negócios de quinhentos diabos.

— Dormi demais! — disse a sra. Vauquer.

— Mas, em compensação, a senhora está fresca como uma rosa...

Nesse momento soou a campainha e Vautrin entrou na sala, cantando com sua voz grossa:

*“Por longos anos pelo mundo andei  
E chamei a atenção de toda a gente”.*

— Oh! Oh! Bom dia, mamã Vauquer — disse, ao avistar a dona da pensão e tomando-a galantemente nos braços.

— Vamos acabar com isso...

— Pode dizer: seu insolente! Vamos, diga. Não quer dizer? Olhe, vou ajudá-la a pôr a mesa. Sou gentil, não sou?

*“As louras e morenas cortejei,  
A amar e a suspirar...”*

— Acabo de ver uma coisa extraordinária...

*“ao acaso.”*

— O que foi? — perguntou a viúva.

— O pai Goriot estava às oito e meia na rue Dauphine, na casa do ourives que compra talheres velhos e galões. Vendeu-lhe por uma boa quantia um utensílio de casa, de prata dourada, demasiadamente bem torcido para um homem que não tem uma oficina.

— É verdade?

— Palavra! Eu voltava para cá, após ter acompanhado um amigo que vai ao estrangeiro pelas Messageries Royales. Fiquei à espera do pai Goriot, para ver. De lá, ele voltou a este bairro, à rue des Grès, e entrou na casa de um conhecido usurário, chamado Gobseck, um grandíssimo patife, capaz de fazer pedras de dominó com os ossos do pai. É um judeu, árabe, grego, cigano, um homem a quem seria difícil furtar, pois guarda o dinheiro no banco...

— E que é que fez o pai Goriot?

— Não fez nada — disse Vautrin —, desfez. É um imbecil tão estúpido que se arruinou pelas filhas, que...

— Aí vem ele! — disse Sílvia.

— Cristóvão — gritou o pai Goriot —, sobe comigo.

Cristóvão seguiu o pai Goriot e desceu logo depois.

— Onde vais? — perguntou a sra. Vauquer ao criado.

— Fazer um servicinho para o sr. Goriot.

— Que é isso? — indagou Vautrin, arrancando uma carta das mãos de Cristóvão.

Leu: *À sra. condessa Anastácia de Restaud.*

— E onde vais...? — continuou a perguntar.

— À rue du Helder. Tenho ordem de só entregar isto à senhora condessa.

— Que haverá aí dentro? — disse Vautrin, pondo a carta contra a luz. — Uma cédula? Não.

Entreabriu o envelope.

— É uma letra saldada — exclamou. — Caramba! É galante, o velho! Apressa-te, felizardo — acrescentou, enfiando a mão enorme pelos cabelos de Cristóvão e fazendo-o girar como um pião. — Vais ganhar uma boa gorjeta.

A mesa estava posta. Sílvia fervia o leite. A sra. Vauquer acendeu o fogo da estufa, ajudada por Vautrin, que continuava a cantarolar:

*“Por longos anos pelo mundo andei  
E chamei a atenção de toda a gente”.*

Quando tudo ficou pronto, a sra. Couture e a srta. Taillefer entraram.

— De onde vem tão cedo, minha bela senhora? — perguntou a sra. Vauquer à sra. Couture.

— Fomos à missa em Saint-Etienne-du-Mont. Hoje temos de ir à casa do sr. Taillefer. Pobrezinha, está tremendo como uma folha — acrescentou a sra. Couture, sentando-se diante da estufa e aproximando do fogo os sapatos, que começaram a fumejar.

— Aqueça-se também, Vitorina — disse a sra. Vauquer.

— É muito bom, senhorita, pedir a Deus para abrandar o coração de seu pai —



disse Vautrin, trazendo uma cadeira para a órfã.

— Mas isso não basta. Precisa de um amigo que se encarregue de dizer umas verdades àquele brutamontes, um selvagem que dizem ter três milhões e que não lhe dá um dote. Mesmo uma moça bonita precisa de dote, nesses tempos que correm.

— Pobrezinha! — disse a sra. Vauquer. — Vá, queridinha, esse monstro de seu pai tem prazer em atrair a desgraça para si mesmo.

A essas palavras, os olhos de Vitorina encheram-se de lágrimas e a viúva calouse, a um sinal que lhe fez a sra. Couture.

— Se ao menos pudéssemos vê-lo, se eu pudesse falar-lhe, entregar-lhe a última carta de sua mulher — replicou a viúva do comissário-ordenador. — Nunca me animei a enviá-la pelo correio. Ele conhece minha letra...

— *Ó mulheres inocentes, infelizes e perseguidas!* — exclamou Vautrin, interrompendo. — A que ponto chegastes! Daqui a uns dias, eu me meterei nesse negócio e tudo acabará bem.

— Oh senhor! — disse Vitorina, dirigindo um olhar úmido e brilhante a Vautrin, que não se comoveu. — Se o senhor descobrir um meio de falar com meu pai, diga-lhe que seu afeto e a honra de minha mãe me são mais preciosos que todas as riquezas do mundo. Se conseguir abrandar um pouco seu rigor, rezarei pelo senhor. Pode ficar certo de uma gratidão...

— *Por longos anos pelo mundo andei* — cantarolou Vautrin com voz irônica.

Nesse momento, o sr. Goriot, a srta. Michonneau e Poiret desceram, atraídos talvez pelo cheiro do refogado que Sílvia estava fazendo para aproveitar os restos do carneiro. Justamente quando os sete convivas tomaram lugar à mesa dando os bons-dias, soaram dez horas: ouviram-se na rua os passos do estudante.

— Muito bem! Sr. Eugênio — disse Sílvia —, hoje o senhor vai almoçar com os outros.

O estudante cumprimentou os pensionistas e sentou-se ao lado do pai Goriot.

— Sucedeu-me uma aventura extraordinária — disse ele, servindo-se abundantemente do carneiro e cortando um pedaço de pão que a sra. Vauquer media com os olhos.

— Uma aventura? — repetiu Poiret.

— E, então, de que se admira, velhote? — disse Vautrin a Poiret. — O moço é bem elegante para ter aventuras.

A srta. Taillefer lançou timidamente um olhar ao jovem estudante.

— Conte-nos sua aventura — pediu a sra. Vauquer.

— Ontem, fui ao baile na casa da sra. viscondessa de Beauséant, uma das mulheres mais em evidência de Paris, minha prima, que possui uma casa magnífica, salas forradas de seda e que nos deu uma festa magnífica, onde me diverti como um rei...

— *Nadio* — disse Vautrin, interrompendo-o.

— Que quer dizer? — perguntou Eugênio vivamente.

— Disse *nadio*, pois os reinados se divertem mais que os reis.

— É verdade: eu preferia ser um folgazão despreocupado a ser um rei, porque... — disse Poiret, o *idemista*.

— Finalmente — continuou o estudante, cortando-lhe a palavra — dancei com uma das mulheres mais lindas do baile, uma encantadora condessa, a criatura mais deliciosa que já vi. Tinha os cabelos adornados com flores de pessegueiro e no peito o mais belo ramo de flores, flores naturais que perfumavam. Oh! Precisavam vê-la, pois é impossível descrever uma mulher animada pela dança. Pois bem, esta manhã, encontrei essa divina condessa, às nove horas, a pé, na rue des Grès. Oh! Senti palpitar o coração, pareceu-me que...

— Ela vinha para cá — interrompeu Vautrin, dirigindo um olhar penetrante. — Certamente que ela ia à casa do papá Gobseck, um usurário, pois, fique sabendo, se um dia você investigar corações de mulheres em Paris, encontrará neles o agiota antes do amante. Sua condessa se chama Anastácia de Restaud e mora à rue du Helder.

Ouvindo esse nome, o estudante encarou Vautrin. O pai Goriot ergueu bruscamente a cabeça e lançou aos dois interlocutores um olhar brilhante e cheio de inquietação, que surpreendeu os pensionistas.

— Cristóvão chegará muito tarde. Ela já deve ter ido lá! — exclamou, dolorosamente, Goriot.

— Adivinhei — disse Vautrin ao ouvido da sra. Vauquer.

Goriot comia maquinalmente, sem saber o que comia. Nunca parecera mais estúpido nem mais absorto do que nesse momento.

— Quem lhe disse seu nome, sr. Vautrin? — perguntou Eugênio.

— Ora essa! — respondeu Vautrin. — O pai Goriot o sabia muito bem! Por que eu não haveria de sabê-lo?

— O sr. Goriot? — exclamou o estudante.

— Que é? — disse o pobre velho. — Então ela estava muito bonita, ontem?

— Quem?

— A sra. de Restaud.

— Olhe o velho avarento — disse a sra. Vauquer a Vautrin —, como brilham seus olhos!

— Será que ele a sustenta? — disse em voz baixa a srta. Michonneau ao estudante.

— Sim, estava furiosamente bela — continuou Eugênio, a quem o pai Goriot contemplava avidamente. — Se a sra. de Beuséant não estivesse lá, minha divina condessa seria a rainha do baile. Os rapazes só olhavam para ela, fui o décimo segundo a inscrever-me em sua lista, ela dançava todas as marcas. As outras mulheres morriam-se de raiva. Se alguém foi feliz ontem, foi ela, certamente. É acertado dizer que nada é mais belo que uma fragata a vela, um cavalo a galope e uma mulher que dança.

— Ontem a rodopiar, na casa de uma duquesa — disse Vautrin. — Esta manhã, a arrastar-se para a casa de um usurário: assim são as parisienses! Se os maridos não podem custear seu luxo desenfreado, vendem-se. E se não conseguem vender-se convenientemente, abrem as entranhas das mães para procurar ali alguma coisa que lhes permita brilhar. São capazes de tudo. É coisa sabida!

O rosto do pai Goriot, que se iluminara como o sol de um belo dia ao ouvir o estudante, enuviou-se com essa cruel observação de Vautrin.

— E então? — indagou a sra. Vauquer. — Qual foi sua aventura? Falou com ela? Perguntou-lhe se ela queria estudar direito?

— Ela não me viu — respondeu Eugênio. — Mas encontrar uma das mais belas mulheres de Paris na rue des Grès, às nove horas, uma mulher que deve ter voltado do baile às duas da madrugada, não é extraordinário? Só mesmo em Paris pode acontecer uma coisa dessas!

— Ora! Há coisas muito mais curiosas! — exclamou Vautrin.

A srta. Taillefer mal escutara, tão preocupada estava com a tentativa que ia fazer. A sra. Couture fez-lhe um sinal para ir vestir-se. Quando as duas senhoras saíram, o pai Goriot as imitou.

— Então, viram — disse a sra. Vauquer a Vautrin e aos demais pensionistas. — É claro que ele se arruinou por essas mulheres!

— Nunca me farão acreditar — exclamou o estudante — que a bela condessa de Restaud pertença ao pai Goriot!

— Ora — disse-lhe Vautrin, interrompendo-o —, não fazemos questão de que você acredite. Você ainda é muito moço para conhecer bem Paris. Mais tarde verá que aqui existe o que chamamos de *homens que têm paixões...*

Ao ouvir essas palavras, a srta. Michonneau fitou Vautrin com um olhar de compreensão. Diríeis um cavalo de regimento ouvindo o som do clarim.

— Ah! Ah! — exclamou Vautrin, interrompendo-se para dirigir-lhe um olhar profundo. — Quem de nós não teve suas paixõezinhas?

A solteirona baixou os olhos, como uma freira que deparasse com estátuas.

— Pois é assim — continuou ele. — Essa gente, quando mete uma ideia na cabeça, não a solta mais. Só tem sede de uma certa água tirada de uma certa fonte, muitas vezes estagnada. Para bebê-la, venderiam as esposas e os filhos. Venderiam até a alma ao diabo. Para uns, essa fonte é o jogo, a Bolsa, uma coleção de quadros ou de insetos, a música; para outros, é uma mulher que lhes sabe cozinhar os petiscos. A um homem assim pode-se oferecer todas as mulheres da Terra e eles as recusariam. Querem somente aquela que satisfaz sua paixão. Muitas vezes essa mulher não os ama absolutamente, maltrata-os, vende-lhes muito caro o mínimo carinho; pois bem, mesmo assim esses palhaços empenhariam a última de suas cobertas no casa de penhores para levar-lhes até o último escudo. O pai Goriot é um desses homens. A condessa o explora porque ele é discreto. E assim é a alta sociedade! O pobre homem só pensa nela. Fora de sua paixão, como veem, é um animal bruto. Toquem no assunto, e seu rosto brilhará como um diamante. Não é difícil descobrir esse segredo. Esta manhã, ele levou prata à sua fonte e eu o vi entrar na casa do papá Gobseck, à rue des Grès. Reparem! Ao voltar, mandou à casa da condessa de Restaud esse idiota do Cristóvão, que nos mostrou o endereço da carta que continha uma letra saldada. É claro que se a condessa foi tão cedo à casa do velho agiota, havia urgência. O pai Goriot, fidalgamente, afiançou por ela. Não é preciso ir muito longe para ver claro nisso tudo. Isso prova, meu jovem estudante, que enquanto sua condessa ria, dançava, fazia macaquices, sacudia suas flores de pessegueiro e segurava o vestido com as pontas dos dedos, sentia, como se diz, apertarem-lhe os sapatos, pensando nas suas letras protestadas ou nas do amante.

— O senhor me dá uma vontade de saber a verdade. Irei amanhã à casa da sra. de Restaud — exclamou Eugênio.

— Exatamente — disse Poiret — é preciso ir amanhã à casa da sra. de Restaud.

— Talvez lá encontre o bom pai Goriot recebendo o pagamento de suas gentilezas.

— Ora — disse Eugênio com uma expressão de repugnância. — Então esta sua Paris é um lodaçal?

— E que lodaçal! — replicou Vautrin. — Os que se enlameiam em carruagem são honestos, os que se enlameiam a pé são gatunos. Tenha a infelicidade de surripiar alguma coisa e você ficará exposto na praça do Palácio da Justiça como uma curiosidade. Furte um milhão e será apontado nos salões como um modelo de virtude. Vocês pagam trinta milhões à polícia e à justiça para manter essa moral... Bonito, não é?

— Como é isso? — exclamou a sra. Vauquer. — Será que o pai Goriot torrou seus utensílios de prata dourada?

— Aqueles que tinham duas pombinhas na tampa? — perguntou Eugênio.

— Exatamente.

— Ele os estimava muito, chorou quando amassou a tigela e o prato. Vi-o por acaso — disse Eugênio.

— Queria-os como à própria vida — respondeu a viúva.

— Vejam como o velho está apaixonado! — comentou Vautrin. — Aquela mulher sabe fazer-lhe cócegas na alma.

O estudante subiu para o quarto. Vautrin saiu. Pouco depois, a sra. Couture e Vitorina tomaram um fiacre que Sílvia fora chamar. Poiret ofereceu o braço à srta. Michonneau e foram ambos passear no Jardin-des-Plantes, aproveitando as melhores horas da tarde.

— Ótimo, estão quase casados — disse a gorda Sílvia. — Hoje é a primeira vez que saem juntos. Os dois são tão secos que se roçarem um no outro farão fogo, como um isqueiro.

— Cuidado com o xale da srta. Michonneau! — disse, rindo, a sra. Vauquer. — Queimará como isca.

Às quatro horas, quando o pai Goriot voltou, viu, à luz de dois candeeiros fumegantes, Vitorina com os olhos vermelhos de chorar. A sra. Vauquer ouvia a narrativa da infrutífera visita feita ao sr. Taillefer pela manhã. Contrariado por ter de receber a filha e aquela velha mulher, Taillefer fizera-as entrar para explicar-se com elas.

— Imagine, minha cara senhora — dizia a sra. Couture à sra. Vauquer —, que ele nem mesmo mandou Vitorina sentar-se, obrigando-a a ficar todo o tempo de pé. E a mim, disse com toda a naturalidade, sem se exaltar, que não nos déssemos ao trabalho de ir procurá-lo; que a senhorita — não disse sua filha — só tinha a perder importunando-o (uma vez por ano, que monstro!); que como a mãe de Vitorina não tinha nada quando se casou, ela não tinha nada a reclamar; disse, enfim, as coisas mais duras, que fizeram a pobrezinha desfazer-se em lágrimas. Então ela se lançou aos pés do pai e disse-lhe, corajosamente, que era apenas pela mãe que ela insistia e que obedeceria à vontade dele sem se queixar. Suplicava-lhe, apenas, que lesse o testamento da pobre falecida. Entregou-lhe a carta, dizendo-lhe as mais belas e mais sentidas palavras do mundo. Não sei onde ela aprendeu isso, certamente foi Deus que as ditou, pois ela estava tão inspirada que, ao ouvi-la, chorei como uma criança. E sabe o que fazia o carrasco, enquanto a filha falava? Cortava as unhas! Depois, tomou a carta, que a pobre sra. Taillefer umedecera com suas lágrimas, e lançou-a ao fogo, dizendo: “Está bem!”. A filha quis beijar-lhe as mãos, mas ele as retirou, fazendo-a levantar-se. Não é uma perversidade, isso? Nesse momento, o criancola do seu filho entrou e nem mesmo cumprimentou a irmã.

— Então são uns monstros? — disse o pai Goriot.

— Depois — acrescentou a sra. Couture, sem prestar atenção ao comentário do bom velho —, o pai e o filho retiraram-se, despedindo-se de mim e pedindo-me que os desculpasse, pois tinham negócios urgentes. Assim foi a nossa visita. Pelo menos, ele viu a filha. Não sei como ele pode renegá-la, pois se parecem como duas gotas d’água.

Os pensionistas, internos e externos, entraram uns após os outros, trocando boas-tardes e dizendo-se esses nadas que constituem, em certas classes parisienses, uma divertida maneira de conversar, em que a tolice entra como elemento principal e cujo mérito reside principalmente no gesto ou na pronúncia. Essa espécie de gíria varia continuamente. O gracejo em que se baseia nunca dura mais de um mês. Um acontecimento político, um julgamento no tribunal, uma canção da rua, as farsas de um ator, tudo serve para manter esse verdadeiro jogo de peteca do espírito, em que uns atiram aos outros ideias e palavras. A recente invenção do Diorama, que levou a ilusão de óptica a um grau mais alto do que se conseguira com os panoramas, fez nascer em alguns estúdios de pintura a brincadeira de falar em *rama*, espécie de sufixo que um jovem pintor, freguês da pensão Vauquer, inoculou ali.

— Então, *sinhór* Poiret — disse o empregado do museu —, como vai essa *sauderama*?

E sem esperar resposta:

— As senhoras estão aborrecidas? — perguntou à sra. Couture e a Vitorina.

— Vamos à *boia*? — gritou Horácio Bianchon, um estudante de medicina muito ligado a Rastignac. — Meu estomagozinho já está lá nos calcanhares.

— Que *fritorama* danado! — disse Vautrin. — Chegue mais para lá, pai Goriot! Que diabo! Seu pé ocupa toda a boca da estufa.

— Ilustre sr. Vautrin — disse Bianchon —, por que diz *fritorama*? Está errado, é *friorama*.

— Não — disse o empregado do museu —, é *fritorama* mesmo. Está de acordo com a regra: “Estou *frito* com esse frio”.

— Ah! Ah!

— Aqui está sua excelência o marquês de Rastignac, doutor em direito-torto — exclamou Bianchon, agarrando Eugênio pelo pescoço e apertando-o até quase sufocá-lo. — Vamos todos para a mesa, depressa!

A srta. Michonneau entrou mansamente, cumprimentou os presentes sem nada dizer e foi sentar-se junto das três mulheres.

— Esse morcego sempre me dá arrepios de frio! — disse em voz baixa Bianchon a Vautrin, mostrando a srta. Michonneau. — Eu, que estudo o sistema de Gall, acho que ela tem bossas de Judas.

— O senhor o conheceu? — perguntou Vautrin.

— Quem não conhece Judas? — respondeu Bianchon. — Palavra de honra que essa solteirona pálida me dá a impressão desses vermes compridos que acabam roendo um barrote.

— É justamente o que ela é, rapaz — disse o quarentão, cofiando as suíças.

*E, rosa, ela viveu como vivem as rosas,  
Somente uma manhã.*

— Ora viva! Que bela *soparama* — disse Poiret, ao ver Cristóvão entrar trazendo respeitosamente a sopa.

— Perdão — disse a sra. Vauquer —, é sopa de legumes.

Os jovens puseram-se a rir.

— Levou na cabeça, Poiret!

— Marque dois pontos à mamã Vauquer! — disse Vautrin.

— Notaram o nevoeiro desta manhã? — perguntou o empregado.

— Era um nevoeiro frenético e sem exemplo — disse Bianchon. — Um nevoeiro lúgubre, melancólico, verde, asmático, um nevoeiro Goriot.

— *Goriorama* — disse o pintor —, pois não se via nada nele.

— Olá, ilustre Goriot, estão falando no senhor.

Sentado à extremidade da mesa, perto da porta da cozinha, o pai Goriot ergueu a cabeça, farejando um pedaço de pão que tinha debaixo do guardanapo, por um velho hábito comercial que às vezes reaparecia.

— Que é isso? — gritou-lhe asperamente a sra. Vauquer, com uma voz que dominou o ruído dos talheres, dos pratos e das vozes. — Não está achando bom o pão?

— Pelo contrário — respondeu ele —, é feito com farinha de Étampes, de primeira.

— Como sabe? — perguntou-lhe Eugênio.

— Pela alvura, pelo sabor.

— Só se percebe o sabor pelo nariz, pois o senhor o está cheirando — disse a sra. Vauquer. — O senhor está ficando tão econômico que acabará descobrindo um meio de se alimentar com o cheiro da cozinha.

— Tire uma patente de invenção disso — gritou o empregado do museu. — Ficaré rico.

— Não se importem com ele! Ele diz isso para nos convencer de que foi fabricante de massas — disse o pintor.

— Então seu nariz é uma retorta? — perguntou ainda o empregado do museu.

— Re quê? — indagou Bianchon.

— Re-toque.

— Re-trato.

— Re-talho.

— Re-tranca.

— Re-truque.

— Re-treta.

— Re-tinto.

— Re-torama.



Essas oito respostas partiram de todos os lados da sala com a rapidez de uma fuzilaria e se tornaram ainda mais engraçadas porque o pai Goriot olhava para os convivas com uma expressão aparvalhada, como uma pessoa que procura entender uma língua estrangeira.

— Re...? — perguntou a Vautrin, que se achava junto dele.

— Re...tira-te, meu velho! — disse Vautrin, enfiando o chapéu na cabeça do pai Goriot e enterrando-o até os olhos com uma taponna.

O pobre velho, aturdido com esse brusco ataque, ficou momentaneamente imóvel. Cristóvão retirou o prato do bom homem, pensando que ele tivesse terminado a sopa. E quando o pai Goriot, depois de ter arrancado o chapéu, baixou a colher, bateu com ela na mesa. Todos soltaram uma nova gargalhada.

— O senhor é um gracejador de mau gosto — disse o velho —, e se tiver a ousadia de enterrar-me de novo o chapéu...

— Que acontecerá, paizinho? — perguntou Vautrin, interrompendo-o.

— Pagará isso bem caro, algum dia.

— No inferno, não é? — disse o pintor. — Naquele cantinho escuro onde colocam os meninos maus.

— Então — disse Vautrin a Vitorina —, não vai comer? Seu pai continua recalcitrante?

— Um horror! — disse a sra. Couture.

— É preciso chamá-lo à ordem — disse Vautrin.

— Realmente — comentou Bianchon, que estava junto de Rastignac. — A senhorita podia intentar um processo reclamando alimentos, pois não come. Oh! Repararem como o pai Goriot olha para a srta. Vitorina.

O velho esquecia-se de comer para contemplar a pobre moça, em cujos traços brilhava uma dor sincera, a dor da criança rejeitada que ama o pai.

— Meu caro — disse Eugênio ao ouvido de Bianchon —, estamos enganados a respeito do pai Goriot. Não é um imbecil nem um homem sem nervos. Aplica-lhe teu sistema de Gall e dize-me o que pensas dele. Esta noite, vi-o torcer um prato de prata dourada como se fosse de cera. E, enquanto o fazia, sua fisionomia revelava sentimentos extraordinários. Sua vida parece-me muito misteriosa e vale a pena estudá-la. Sim, Bianchon, não te rias, estou falando seriamente.

— Esse homem é um caso patológico — disse Bianchon —, concordo. Se ele quiser, posso dissecá-lo.

- Não, apalpa-lhe a cabeça.
- Deus me livre! Sua estupidez pode ser contagiosa.

## II – AS DUAS VISITAS

No dia seguinte, Rastignac vestiu-se com grande apuro e, pelas três horas da tarde, dirigiu-se à casa da sra. de Restaud. Durante o trajeto, entregou-se a essas loucas esperanças que enchem de belas emoções a vida dos moços: eles não avaliam os obstáculos nem os perigos, veem em tudo o triunfo, fazem da existência um poema, graças à força da imaginação, e se tornam desgraçados ou tristes ao verem fracassar projetos que viviam apenas nos seus desejos desenfreados. Se os jovens não fossem ignorantes e tímidos, a vida em sociedade seria impossível. Eugênio caminhava com mil precauções para não se enlamear. Caminhava pensando no que diria à sra. de Restaud, armava-se de espírito, inventava as réplicas de uma palestra imaginária, preparava palavras sutis, frases à Talleyrand, imaginando pequenas circunstâncias favoráveis à declaração na qual baseava seu futuro. E, assim, enlameou-se, o coitado, e teve de mandar lustrar os sapatos e escovar as calças no Palais-Royal.

“Se eu fosse rico”, pensou, ao trocar uma moeda de cem soldos que levava para um caso de necessidade, “iria de carro e assim poderia pensar à vontade.”

Chegou, finalmente, à rue du Helder e perguntou pela condessa de Restaud. Com a raiva fria de um homem que tem a certeza de que um dia triunfará, recebeu o olhar de desprezo dos criados que o viram atravessar o pátio a pé sem terem ouvido o ruído de uma carruagem. E esse olhar o feriu ainda mais profundamente porque, ao entrar no pátio, percebera sua inferioridade ao ver um belo cavalo atrelado a um desses elegantes carros que revelam uma existência dissipadora e atestam o hábito de todas as delícias parisienses. Estando só, ficou de mau humor. As gavetas abertas do cérebro, que ele esperava encontrar cheias de espírito, fecharam-se, e ele se sentiu estúpido. Enquanto esperava a resposta da condessa, a quem um criado foi comunicar os nomes do visitante, Eugênio ficou num pé só diante da janela da antecâmara, com o cotovelo apoiado no trinco, a olhar maquinalmente para o pátio. A demora pareceu-lhe muito longa, e ele teria ido embora se não fosse dotado dessa tenacidade meridional, que gera prodígios quando marcha em linha reta.

— A senhora está no gabinete, muito ocupada — disse o criado —, e nem me

respondeu. Mas se o senhor quiser passar para a sala de visitas, encontrará alguém lá.

Cheio de admiração pelo espantoso poder dessa gente que, com uma única palavra, acusa ou julga os patrões, Rastignac abriu decididamente a porta pela qual saíra o criado, com a evidente intenção de mostrar àqueles insolentes servos que conhecia a casa. Decepcionou-se, porém, por dar com uma peça em que havia candeeiros, armários, um aquecedor de toalhas de banho e que desembocava num corredor escuro e numa escada de serviço. Os risos abafados que ouviu na antecâmara completaram seu estado de confusão.

— A sala de visitas é deste lado — disse-lhe o criado, com esse falso respeito que parece uma zombaria a mais.

Eugênio voltou-se com tal precipitação que esbarrou numa banheira. Pôde, entretanto, segurar o chapéu para impedi-lo de cair na água. Nesse momento, abriu-se uma porta no fundo do corredor, iluminado por um pequeno candeeiro, e Rastignac ouviu as vozes da sra. de Restaud e do pai Goriot e o ruído de um beijo. Entrou, então, na sala de refeições, atravessou-a, acompanhou o criado e entrou numa sala onde ficou junto à janela, percebendo que ela dava para o pátio. Quis certificar-se de que esse pai Goriot era, realmente, o pai Goriot da pensão. Seu coração começou a palpitar de maneira estranha, enquanto se recordava das espantosas reflexões de Vautrin. O criado, que esperava Eugênio à porta da sala, afastou-se de repente para dar passagem a um elegante rapaz, que lhe disse impacientemente:

— Vou-me embora, Maurício. Dize à senhora condessa que esperei mais de meia hora.

E cantarolando uma cançoneta italiana, o insolente rapaz, que certamente tinha direito de sê-lo, encaminhou-se para a janela onde se encontrava Eugênio tanto para observar o rosto do estudante como para dar uma olhadela para o pátio.

— É melhor o senhor conde esperar mais um pouco. A senhora já está pronta — disse Maurício, voltando para a antecâmara.

Nesse momento, o pai Goriot desembocava no portão pela saída da escada de serviço. O bom homem ergueu o guarda-chuva e começou a abri-lo, sem prestar atenção a que o portão estava aberto para dar passagem a um moço elegante que conduzia um carro. O pai Goriot apenas teve tempo para atirar-se para trás a fim de não ser esmagado. A fazenda do guarda-chuva espantou o cavalo, que se desviou,

precipitando-se em direção à escadaria. O rapaz voltou a cabeça para trás com uma expressão de cólera, viu o pai Goriot e, antes que ele saísse, dirigiu-lhe um cumprimento que revelava a consideração forçada que se deve a um usurário de quem se precisa, ou o respeito obrigatório que aparentamos por um indivíduo de má reputação e de que mais tarde nos envergonhamos. O pai Goriot respondeu com uma breve saudação amável, cheia de bonomia. Esses acontecimentos sucederam-se com a rapidez de um relâmpago. Inteiramente absorto, Eugênio não percebeu que não estava só. Subitamente, ouviu a voz da condessa:

— Ah, Máximo, já ias embora? — disse ela, com um tom de censura mesclado de um vago despeito.

A condessa não prestara atenção à entrada do carro. Rastignac voltou-se bruscamente e viu a sra. de Restaud num elegante roupão de casimira branca, com laços cor-de-rosa, e negligentemente penteada, como andam pela manhã as mulheres de Paris. Estava perfumada, certamente tomara um banho, e sua beleza, por assim dizer amaciada, parecia mais voluptuosa. Seus olhos estavam úmidos. Os jovens veem tudo: seu espírito se une às irradiações da mulher como uma planta aspira no ar as substâncias que lhe são próprias. Assim, Eugênio sentiu a agradável frescura das mãos daquela mulher sem ter necessidade de tocá-las. Via, através da casimira, os tons róseos do busto, que o roupão, ligeiramente entreaberto, às vezes desnudava e sobre o qual seu olhar se fixava. A cintura fina da condessa tornava desnecessário o recurso do espartilho. Seu colo convidava ao amor, e os pés eram belos dentro dos chinelos. Só quando Máximo lhe tomou a mão para beijar é que Eugênio percebeu Máximo e a condessa viu Eugênio.

— Ah, é o sr. de Rastignac! — exclamou ela.— Muito prazer em vê-lo...

Disse isto com essa expressão à qual as pessoas inteligentes sabem obedecer.

Máximo, por sua vez, olhava alternadamente para Eugênio e a condessa, de maneira suficientemente significativa para que o intruso se retirasse.

“Ora, minha querida, espero que ponhas esse bobalhão na rua!”

Esta frase é uma tradução clara e compreensível dos olhares do rapaz impertinente altivo, que a condessa Anastácia chamara de Máximo e cujo rosto ela consultava com essa intuição submissa que revela todos os segredos de uma mulher, sem que ela o suspeite.

Rastignac sentiu um ódio violento por aquele rapaz. Em primeiro lugar, os cabelos louros e bem frisados de Máximo fizeram-lhe sentir o quanto os seus

estavam horríveis. Além disso, Máximo tinha sapatos finos e limpos, ao passo que os seus, apesar das precauções que tomara pelo caminho, traziam uma leve camada de lama. Finalmente, Máximo vestia uma sobrecasaca que se ajustava elegantemente ao corpo e o fazia assemelhar-se a uma moça, enquanto Eugênio, às duas e meia da tarde, trazia uma casaca preta! O espiritual filho da Charente sentiu a superioridade que o traje conferia àquele dândi, alto e magro, de olhos claros e tez pálida, um desses homens capazes de arruinar órfãos. A sra. de Restaud, sem esperar a resposta de Eugênio, fugiu, como num rápido voo, para outra sala, enquanto as abas do roupão, abrindo-se e fechando-se, lhe davam a aparência de uma borboleta; Máximo seguiu-a. Eugênio, furioso, seguiu Máximo e a condessa. Reuniram-se, assim, os três personagens no meio da grande sala, à altura da lareira. O estudante sabia muito bem que ia incomodar aquele odioso Máximo! E mesmo arriscando-se a desgostar a sra. de Restaud, insistiu em fazê-lo. Subitamente, recordando-se de ter visto aquele rapaz no baile da sra. de Beauséant, descobriu o que era Máximo para a sra. de Restaud. E, com essa audácia juvenil que faz cometer grandes asneiras ou obter grandes triunfos, pensou: “Esse é o meu rival, quero vencê-lo”.

Imprudente! Ignorava ele que o conde Máximo de Trailles costumava deixar-se insultar, atirava em primeiro lugar e matava o adversário. Eugênio era um hábil caçador, mas não era capaz de acertar no alvo vinte vezes em vinte e duas. O jovem conde sentou-se numa poltrona diante da lareira, tomou as tenazes e remexeu o fogo com gestos tão violentos e tão carrancudos que o belo rosto de Anastácia subitamente se entristeceu. A jovem senhora voltou-se para Eugênio e lançou-lhe um desses olhares friamente interrogativos que dizem tão claramente “Por que não vai embora?”, que, ao notá-los, as pessoas bem-educadas começam imediatamente a pronunciar essas frases que se deveriam chamar frases de retirada.

Eugênio assumiu uma expressão amável e disse:

— Senhora, apressei-me a visitá-la porque...

Não pôde continuar. Abriu-se uma porta e o senhor que conduzia o carro apareceu logo depois, sem chapéu, não cumprimentou a condessa, olhou inquieto para Eugênio e estendeu a mão para Máximo dizendo-lhe “Bom-dia!” com uma expressão fraternal que surpreendeu singularmente Eugênio. Os moços provincianos ignoram o quanto é doce a vida a três.

— O sr. de Restaud — disse a condessa ao estudante, apresentando-lhe o marido.

Eugênio inclinou-se respeitosamente.

— O sr. de Rastignac — acrescentou ela, continuando a apresentação — é parente da sra. viscondessa de Beauséant pelos Marcillac. Tive o prazer de conhecê-lo no último baile da viscondessa.

*Parente da sra. viscondessa de Beauséant pelos Marcillac!* Estas palavras, que a condessa pronunciou quase enfaticamente e inspiradas pelo orgulho que uma dona de casa sente em mostrar que só recebe pessoas distintas, produziram um efeito mágico: o conde abandonou sua expressão friamente cerimoniosa e cumprimentou o estudante.

— Muito prazer em conhecê-lo — disse.

Até o conde Máximo de Trailles dirigiu a Eugênio um olhar de surpresa e logo modificou sua atitude impertinente. Esse golpe com a varinha mágica, representada pela poderosa influência de um nome, abriu trinta divisões no cérebro do meridional e restituiu-lhe o espírito que ele preparara. Um lampejo permitiu-lhe ver claro na atmosfera da alta sociedade parisiense, ainda tenebrosa para ele. A Casa Vauquer e o pai Goriot estavam muito distantes de seu pensamento.

— Eu pensava que os Marcillac estivessem extintos — disse o conde de Restaud a Eugênio.

— Realmente — respondeu ele. — Meu tio-avô, cavalheiro de Rastignac, casou-se com a herdeira da família de Marcillac. Tiveram apenas uma filha, que se casou com o marechal de Clarimbault, avô materno da sra. de Beauséant. Somos o ramo mais jovem e também o mais pobre, pois meu tio-avô, vice-almirante, perdeu tudo a serviço do rei. O governo revolucionário não quis admitir nossos créditos na liquidação que fez da Companhia das Índias.

— Seu tio-avô não comandava o Vengeur antes de 1789?

— Precisamente.

— Então ele conheceu meu avô, que comandava o Warwick.

Máximo sacudiu ligeiramente os ombros olhando para a sra. de Restaud, como se lhe dissesse: “Se ele começar a falar na marinha com o rapaz, estamos perdidos!”.

Anastácia compreendeu o olhar do sr. de Trailles. Com esse admirável poder que as mulheres possuem, começou a sorrir e disse:

— Vem cá, Máximo, quero pedir-te uma coisa. Senhores, vamos deixá-los navegando em comboio, no Warwick e no Vengeur.

Levantou-se e dirigiu um sinal cheio de pérfida zombaria a Máximo, que se

encaminhou com ela para o gabinete da senhora. Quando esse par *morganático*, bela expressão alemã que não tem equivalente em francês, atingiu a porta, o conde interrompeu sua palestra com Eugênio.

— Anastácia! Fica, querida — exclamou com mau humor. — Sabes muito bem que...

— Já volto, já volto — disse ela, interrompendo-o. — Preciso dum momentinho só, para pedir um favor a Máximo.

Voltou imediatamente. Como todas as mulheres que, forçadas a observar o caráter do marido para poderem conduzir-se à vontade, sabem até onde podem ir sem perder sua preciosa confiança, e que por isso nunca o contrariam nas pequenas coisas, a condessa notara, pelas inflexões da voz do conde, que não havia segurança alguma em permanecer no gabinete. Esses contratempos eram devidos a Eugênio. Por isso a condessa mostrou o estudante a Máximo com uma expressão e um gesto cheios de despeito, e Máximo disse num tom de epigrama ao conde, à mulher e a Eugênio.

— Escutem, vocês estão tratando de negócios e não quero incomodá-los. Adeus. E retirou-se.

— Fique, Máximo! — gritou o conde.

— Vem jantar — disse a condessa que, deixando novamente a sós Eugênio e o conde, acompanhou Máximo à primeira sala, onde ficaram durante bastante tempo à espera de que o sr. de Restaud despedisse Eugênio.

Rastignac ouviu-os rir, conversar e interromper a palestra. O malicioso estudante, porém, prendia a atenção do sr. de Restaud, lisonjeava-o ou metia-o em discussões, a fim de rever a condessa e de descobrir quais eram suas relações com o pai Goriot. Aquela mulher, evidentemente apaixonada por Máximo, senhora do marido e ligada secretamente ao antigo fabricante de massas, parecia-lhe um perfeito mistério. E ele queria desvendar esse mistério, na esperança de poder, assim, imperar sobre aquela mulher tão eminentemente parisiense.

— Anastácia! — disse o conde, chamando novamente a mulher.

— Paciência, meu pobre Máximo — disse ela ao rapaz. — Precisamos nos resignar. Até logo...

— *Nacinha* — disse-lhe ele ao ouvido. — Espero que mandes embora esse rapazinho, cujos olhos se incandesciam como carvões quando teu roupão se entreabria. Ele te fará declarações, te comprometerá e me obrigará a matá-lo.

— Estás louco, Máximo? — disse ela. — Esses estudentezinhos são, ao contrário, excelentes para-raios. Farei com que Restaud fique de prevenção com ele.

Máximo deu uma gargalhada e saiu, acompanhado da condessa, que ficou à janela para vê-lo subir no carro, pôr o cavalo em movimento e agitar o chicote. Só voltou quando o portão se fechou.

— Olha, querida — disse-lhe o conde quando ela voltou —, o lugar onde mora a família do sr. de Rastignac fica perto de Verteuil, na Charente. Seu tio-avô e meu avô eram conhecidos.

— Fico muito contente em ver que somos velhos conhecidos — disse a condessa, distraída.

— Mais do que pensa — disse Eugênio em voz baixa.

— Como assim? — perguntou ela, com animação.

— Pois agora mesmo vi sair de sua casa um senhor que é meu vizinho de quarto na pensão, o pai Goriot.

Ao ouvir esse nome enfeitado com o título de *pai*, o conde, que estava remexendo o fogo, soltou as tenazes como se lhe tivessem queimado as mãos e levantou-se.

— O senhor podia ter dito *o sr.* Goriot — exclamou.

A condessa, de início, empalideceu, ao perceber a impaciência do marido. Depois, corou e ficou evidentemente embaraçada, pois respondeu com uma voz que tentou em vão tornar natural e com um desembaraço fingido:

— O senhor não poderia conhecer alguém a quem mais estimássemos...

Interrompeu-se, olhou para o piano como se lhe ocorresse alguma fantasia e perguntou:

— Gosta de música?

— Muito — respondeu Eugênio, muito encabulado ao notar de maneira meio confusa que devia ter cometido uma grande tolice.

— Canta? — indagou novamente, dirigindo-se para o piano e fazendo os dedos correrem energicamente pelo teclado. — Rrrah!

— Não, senhora.

O conde de Restaud passeava de um lado para o outro.

— É uma pena. Priva-se, assim, de um grande meio de triunfo. *Ca-a-ro, ca-a-a-ro, ca-a-a-a-ro, non du-bi-ta-re,* cantou a condessa.

Ao pronunciar o nome do pai Goriot, Eugênio também dera um golpe com a



varinha mágica. Seu resultado, porém, foi o inverso do produzido pelas palavras *parente da sra. de Beauséant*. Encontrava-se na situação de um homem introduzido por favor na casa de um amador de curiosidades e que, tocando por descuido num armário cheio de imagens esculpidas, faz cair três ou quatro cabeças mal coladas. Sentia vontade de lançar-se num abismo. A fisionomia da sra. de Restaud estava seca e fria, e seus olhos, tornados indiferentes, evitavam os do desastrado estudante.

— Talvez a senhora precise conversar com o sr. de Restaud — disse ele. — Receba meus cumprimentos e me dê licença...

— Sempre que vier aqui — disse precipitadamente a condessa, detendo Eugênio com um gesto — poderá ter a certeza de que nos dará, ao sr. de Restaud e a mim, o maior prazer.

Eugênio cumprimentou respeitosamente o casal e saiu, seguido do sr. de Restaud, que, apesar de seus protestos, o acompanhou até a antecâmara.

— Sempre que esse senhor vier para cá — disse o conde a Maurício —, nem a senhora nem eu estaremos em casa.

Quando Eugênio pôs o pé na escadaria externa, percebeu que estava chovendo.

“É o cúmulo!”, pensou. “Vim até aqui só para cometer uma asneira, cuja causa e cujo alcance ignoro, e ainda por cima vou estragar meu traje e meu chapéu. Eu devia ter ficado num canto, cavando nos livros e pensando somente em me tornar um rude magistrado. Como poderei frequentar a sociedade se, para manobrar convenientemente nela, é preciso ter carruagens, sapatos lustrados, uma imensidade de apetrechos, correntes de ouro, usar pela manhã luvas brancas de gamo que custam seis francos e à tarde luvas amarelas? Esse velho idiota de pai Goriot, sim senhor...!”

Quando chegou à porta da rua, o cocheiro de uma carruagem de aluguel, que voltava, sem dúvida, de transportar recém-casados, e que não queria coisa melhor que furtar do patrão algumas corridas de contrabando, fez um sinal a Eugênio, ao vê-lo sem guarda-chuva, vestido de preto, com colete branco, luvas amarelas e sapatos lustrados. Eugênio estava sob o domínio de uma dessas raivas surdas que levam um rapaz a afundar-se cada vez mais no abismo onde caiu, à espera de encontrar alguma saída feliz. Fez um gesto com a cabeça, aceitando o oferecimento do cocheiro. Com apenas vinte e dois soldos no bolso subiu na carruagem, onde alguns grãos de flores de laranjeiras e fios de canutilho atestavam a passagem dos

noivos.

— Aonde vai o senhor? — perguntou o cocheiro, que já tirara as luvas brancas.

“Ora”, pensou Eugênio, “já estou me enterrando, que isso me sirva para alguma coisa!” Vá ao palacete de Beauséant — acrescentou em voz alta.

— Qual deles? — indagou o cocheiro.

Pergunta sublime, que confundiu Eugênio. O elegante improvisado ignorava que havia dois palacetes Beauséant, não sabia como era rico de parentes que não se importavam com ele.

— O visconde de Beauséant, à rua...

— De Grenelle — disse o cocheiro, sacudindo a cabeça e interrompendo-o. — É que há também o palacete do conde e do marquês de Beauséant, à rue Saint-Dominique — acrescentou, levantando o estribo.

— Eu sei — respondeu Eugênio secamente. — Todo mundo resolveu divertir-se comigo, hoje! — disse, atirando o chapéu sobre as almofadas da frente. “Esta brincadeira vai me custar os olhos da cara. Mas, pelo menos, farei uma visita à minha pretensa prima de uma maneira solidamente aristocrática. O pai Goriot já está me custando pelo menos dez francos, o bandido! Palavra de honra que vou contar minha aventura à sra. de Beauséant. Talvez eu a faça rir. Ela deve conhecer o mistério das ligações criminosas desse rato sem cauda com aquela bela mulher. É preferível agradar a minha prima que estar a empurrar-me contra essa mulher imoral, que me dá a impressão de ser muito dispendiosa. Se o nome da bela viscondessa pode tanto, que poder não terá sua pessoa! Para cima, portanto. Quando se quer alguma coisa do céu, deve-se ir diretamente a Deus.”

Essas palavras resumem, numa breve fórmula, as mil e uma ideias entre as quais ele flutuava. Recuperou um pouco de calma e de confiança, contemplando a chuva cair. Pensou que se ia gastar duas das preciosas moedas de cem soldos que lhe restavam, felizmente elas estavam sendo bem empregadas em poupar o traje, os sapatos e o chapéu. E foi com sentimento de hilaridade que ouviu o cocheiro gritar: “O portão, por favor!”. Um criado, com uniforme encarnado e dourado, fez ranger nos gonzos o portão do palacete, e Rastignac viu, com doce satisfação, a carruagem passar sob o pórtico, dar uma volta pelo pátio e estacionar sob a coberta da escadaria externa.

O cocheiro, envergando uma grossa sobrecasaca azul com bordados dourados, foi baixar o estribo. Ao descer do carro Eugênio ouviu risos abafados que vinham do

peristilo. Três ou quatro criados divertiam-se com aquela carruagem de casamento. Seu riso abriu os olhos do estudante quando ele comparou seu carro com um dos mais elegantes cupês de Paris, ao qual estavam atrelados dois cavalos fogosos com rosas nas orelhas, que mordiam o freio e que um cocheiro de cabeleira empoada, bem-vestido, sustentava pelas rédeas como se quisessem escapar. Na Chaussée-d'Antin, a sra. de Restaud tinha no pátio o fino cabriolé do homem de vinte e seis anos. Em Saint-Germain, uma equipagem que não se compraria nem por trinta mil francos esperava o luxo de um grão-senhor.

“Quem estará aí?”, pensou Eugênio, compreendendo um pouco tardiamente que seria difícil encontrar em Paris uma mulher que não tivesse o tempo tomado e que a conquista de uma dessas rainhas custava mais do que sangue. “Que diabo! Minha prima, sem dúvida, também tem seu Máximo.”

Galgou a escadaria com a morte na alma. À sua chegada, a porta envidraçada se abriu. Os criados estavam sérios como asnos maltratados. A festa a que assistira se realizara nos grandes salões de recepção do pavimento térreo do palacete de Beauséant. Como não tivera tempo, entre o convite e o baile, de fazer uma visita à prima, ainda não entrara nos aposentos da sra. de Beauséant. Ia ver assim, pela primeira vez, as maravilhas dessa elegância pessoal que denuncia a alma e os costumes de uma senhora distinta. Estudo tanto mais curioso, porque os aposentos da sra. de Restaud lhe ofereciam um termo de comparação. Às quatro e meia, a condessa podia ser vista. Cinco minutos mais cedo não teria recebido o primo. Eugênio, que nada sabia dos cerimoniais parisienses, foi conduzido à residência da sra. de Beauséant por uma grande escada branca cheia de flores, com corrimão dourado e tapete vermelho. Ignorava sua biografia verbal, uma dessas histórias inconstantes que se contam, todas as tardes, de ouvido a ouvido, nos salões de Paris.

A viscondessa estava ligada havia três anos com um dos mais famosos e mais ricos senhores portugueses, o marquês d'Ajuda-Pinto.<sup>[41]</sup> Era uma dessas ligações inocentes, tão cheias de atrativos para os que assim se ligam, que não podem tolerar um terceiro. O próprio visconde de Beauséant dera um exemplo ao público, respeitando, com ou sem vontade, essa união morganática. As pessoas que, nos primeiros dias dessa amizade, foram visitar a viscondessa às duas horas, encontraram lá o marquês d'Ajuda-Pinto. A sra. de Beauséant, não podendo fechar a porta da casa a essa hora, porque isso seria muito inconveniente, passou a receber

tão friamente, contemplando tão atentamente sua cornija, que todos compreendiam o quanto estavam sendo importunos... Quando se soube, em Paris, que se aborrecia a sra. de Beauséant, indo visitá-la entre as duas e as quatro horas, ela ficou na mais completa solidão. Ia aos Bouffon ou à Ópera em companhia do sr. de Beauséant e do sr. d'Ajuda-Pinto; mas, como homem conhecedor da vida, o sr. de Beauséant retirava-se após acomodar a esposa e o português no teatro. O sr. d'Ajuda ia casar-se com uma srta. de Rochefide. Em toda a alta sociedade, uma única pessoa ainda ignorava esse casamento, e essa pessoa era a sra. de Beauséant. Algumas amigas haviam lhe falado vagamente nisso; ela sorrira, convencida de que essas amigas queriam apenas perturbar uma felicidade invejada. Entretanto, os proclamas de casamento iam ser publicados. O belo português, que nesse dia fora disposto a notificar o casamento à viscondessa, ainda não ousara dizer uma palavra sequer. Por quê? Nada, sem dúvida, é mais difícil do que formular a uma mulher semelhante *ultimatum*. Certos homens sentem-se mais à vontade, no campo da honra, diante de um indivíduo que lhes ameaça o coração com uma espada, do que diante de uma mulher que, após ter chorado suas mágoas durante duas horas, desmaia e pede saís. Justamente naquele momento, o sr. d'Ajuda-Pinto estava sobre brasas e ansioso por sair, dizendo para si mesmo que a sra. de Beauséant seria informada, ele escreveria, seria mais cômodo praticar esse galante assassínio por correspondência do que de viva voz. Quando o criado de quarto da viscondessa anunciou o sr. Eugênio de Rastignac, o marquês d'Ajuda-Pinto estremeceu de alegria. Podeis ficar certos de que uma mulher apaixonada é ainda mais engenhosa em criar motivos de dúvida para si do que em variar o prazer, e, quando está prestes a ser abandonada, descobre o significado de um gesto mais rapidamente do que o corcel de Virgílio farejava os corpúsculos distantes que lhe anunciavam o amor. Assim, não estranheis que a sra. de Beauséant tenha surpreendido esse sobressalto involuntário, leve mas simplesmente espantoso. Eugênio ignorava que, em Paris, nunca se deve ir à casa de quem quer que seja sem antes pedir que um amigo da casa nos conte a história do marido, da mulher ou dos filhos, a fim de não cometer nenhuma dessas asneiras, em face das quais se diz pitorescamente na Polônia: *Atrele cinco bois a seu carro!*, certamente para tirar a vítima do atoleiro em que se meteu. Se esses desastres da palestra ainda não têm nome na França é porque, sem dúvida, eles são considerados impossíveis neste país, em virtude da enorme publicidade que as maledicências alcançam. Após ter se metido no atoleiro, na casa

da sra. de Restaud, que nem mesmo lhe deu tempo de atrelar os cinco bois ao carro, Eugênio não iria fazer mais que recomeçar seu trabalho de vaqueiro, ao apresentar-se na casa da sra. de Beauséant. Mas se ele importunara terrivelmente a sra. de Restaud e o sr. de Trailles, agora vinha tirar de um embaraço o sr. d’Ajuda.

— Adeus — disse o português, apressando-se em alcançar a porta, quando Eugênio entrou numa pequena e encantadora sala de visitas, pintada de cinza e rosa, onde o luxo parecia apenas elegância.

— Ora, até logo — disse a sra. de Beauséant, voltando a cabeça e lançando um olhar ao marquês. — Não vamos aos Bouffons?

— Não posso — disse ele, com a mão no trinco da porta.

A sra. de Beauséant levantou-se e chamou-o para junto de si, sem prestar a menor atenção a Eugênio que, de pé, aturdido pelas cintilações de uma riqueza maravilhosa, acreditava na veracidade dos contos árabes e não sabia onde se meter, ao sentir-se em presença daquela mulher sem ser notado por ela. A viscondessa erguera o indicador da mão direita e, com um gesto gracioso, designava ao marquês um lugar diante dela. Havia nesse movimento uma cólera tão poderosa e tão violento despotismo de paixão, que o marquês soltou o trinco da porta e aproximou-se. Eugênio contemplou-o com inveja.

“É esse o homem do cupê!”, pensou. “Será mesmo preciso ter cavalos fogosos, lacaios e dinheiro em abundância para merecer o olhar de uma mulher de Paris?”

O demônio do luxo mordeu-lhe o coração, a febre do ganho dominou-o e a sede de riqueza secou-lhe a garganta. Tinha apenas cento e trinta francos por trimestre. Seu pai, sua mãe, suas irmãs e sua tia não gastavam, juntos, duzentos francos por mês! Essa rápida comparação entre sua situação presente e a meta que precisava atingir contribuiu para atordoá-lo.

— Por que não pode ir aos Italiens? — perguntou a viscondessa, sorrindo, ao português.

— Negócios! Vou jantar com o embaixador da Inglaterra.

— Você os deixará.

Quando um homem engana, vê-se forçado, de maneira invencível, a acumular mentiras sobre mentiras. O sr. d’Ajuda disse então, sorrindo:

— Exige-o?

— Certamente!

— Oh! Eis o que eu queria que me dissesse — respondeu ele, lançando um

desses olhares sutis que teriam tranquilizado qualquer outra mulher.

Tomou a mão da viscondessa, beijou-a e partiu.

Eugênio passou a mão pelos cabelos e retorceu-se todo para cumprimentar, certo de que a sra. de Beauséant ia ocupar-se com ele; ela, porém, saiu quase a correr, precipitou-se para a galeria, chegou à janela e ficou a olhar para o sr. d’Ajuda, enquanto este subia na carruagem. Prestou atenção à ordem que ele deu e ouviu o laçao repetir ao cocheiro:

— Para a casa do sr. de Rochefide.

Essas palavras e a maneira pela qual o sr. d’Ajuda mergulhou na carruagem foram o raio e o trovão para a pobre mulher, que voltou cheia de mortais apreensões. Na alta sociedade, as mais horríveis catástrofes não são mais que isso. A viscondessa dirigiu-se ao quarto de dormir, sentou-se diante de uma mesa e tomou um belo papel de cartas. Escreveu:

Uma vez que vais jantar na casa dos Rochefide, e não na embaixada inglesa, debes-me uma explicação. Espero-te.

Após ter emendado algumas letras desfiguradas pelo tremor convulso da mão, acrescentou um C, que queria dizer: “Clara de Borgonha”, e tocou a campainha.

— Jacques — disse ao criado de quarto que apareceu em seguida — , vai às sete e meia à casa do sr. de Rochefide e pergunta pelo sr. d’Ajuda. Se o marquês estiver lá, manda entregar-lhe este bilhete sem esperar resposta. Se não estiver, traze-me isto de volta.

— Há um senhor esperando a sra. viscondessa na sala de visitas.

— Ah, é verdade! — disse ela, abrindo a porta.

Eugênio começava a sentir-se muito embaraçado. Finalmente percebeu a viscondessa, que lhe disse com uma voz trêmula de emoção que lhe sacudiu as fibras do coração:

— Desculpe-me, eu precisava escrever uma carta. Agora, estou a seu dispor...

Ela não sabia o que estava dizendo, pois estava pensando o seguinte: “Ah! Ele quer casar-se com a srta. de Rochefide! Mas acaso ele é livre? Esta noite o noivado será rompido, ou eu... eu... Ora, amanhã não se falará mais nisso”.

— Prima... — respondeu Eugênio.

— Hein! — interrompeu a viscondessa, lançando-lhe um olhar cuja insolência

enregelou o estudante.

Eugênio compreendeu esse *hein*. Aprendera tantas coisas nas últimas três horas que ficara com o espírito alerta.

— Senhora... — emendou, corando. Hesitou e depois continuou: — Desculpe-me. Preciso tanto de proteção que uma pontinha de parentesco não me faria mal.

A sra. de Beauséant sorriu. Foi, porém, um sorriso triste, pois já começava a sentir a desgraça que a ameaçava.

— Se a senhora conhecesse a situação em que se encontra minha família — continuou ele —, certamente gostaria de representar o papel de uma dessas fadas benfazejas, que sentem prazer em dissipar os obstáculos que cercam seus afilhados.

— Pois bem, primo — disse ela, sorrindo —, em que posso servi-lo?

— Eu é que sei? Estar ligado à senhora por um laço de parentesco que se perde no passado já é uma completa riqueza. A senhora perturbou-me, não sei mais o que queria dizer-lhe. A senhora é a única pessoa que conheço em Paris... Ah! Eu queria pedir-lhe que me aceite como uma criança pobre, que se agarra a sua saia e que seria capaz de morrer pela senhora.

— Seria capaz de matar uma pessoa por mim...?

— Até duas! — replicou Eugênio.

— Criança! Sim, você é uma criança — disse ela, reprimindo as lágrimas. — Você, sim, é capaz de amar sinceramente!

— Oh! — murmurou ele, sacudindo a cabeça.

A viscondessa interessou-se vivamente pelo estudante, devido à sua resposta de ambicioso. O meridional aplicava um cálculo pela primeira vez. Entre o gabinete azul da sra. de Restaud e a sala de visitas cor-de-rosa da sra. de Beauséant, ele cursara três anos desse *direito parisiense*, de que não se fala, embora constitua uma elevada jurisprudência social que, bem aprendida e bem praticada, consegue tudo!

— Agora me lembro — disse Eugênio. — Vi a sra. de Restaud no seu baile e fui visitá-la esta manhã.

— Deve tê-la aborrecido muito — disse, sorrindo, a sra. de Beauséant.

— E aborreci mesmo! Sou um ignorante, que meterá o mundo inteiro contra si, se a senhora me recusar seu apoio. Acho muito difícil encontrar em Paris uma mulher jovem, bela, rica e elegante, que tenha seu tempo livre, e preciso de uma que me ensine essa coisa que as senhoras, mulheres, sabem explicar tão bem: a vida. Por toda parte encontrarei um sr. de Trailles. Por isso vim a sua casa pedir-lhe

a solução de um enigma e implorar-lhe que me diga de que natureza é a tolice que cometi. Falei num certo pai...

— A sra. duquesa de Langeais — disse Jacques, cortando a palavra ao estudante, que fez gesto de viva contrariedade.

— Se quiser vencer na vida — disse a condessa em voz baixa —, para começar não seja tão demonstrativo.

— Oh! Bom dia, querida — disse ela, levantando-se e indo ao encontro da duquesa. Apertou-lhe as mãos com uma efusão carinhosa, que não teria demonstrado por sua irmã, e à qual a duquesa respondeu com os mais encantadores afagos.

“Eis aí duas boas amigas!”, pensou Rastignac. “De agora em diante, terei duas protetoras. As duas mulheres devem ter as mesmas afeições e aquela certamente se interessará por mim.”

— A que feliz ideia devo a ventura desta visita, minha querida Antonieta? — perguntou a sra. de Beauséant.

— Vi o sr. d’Ajuda-Pinto entrando na casa do sr. de Rochefide e pensei que estivesse só.

A sra. de Beauséant não mordeu os lábios, não corou, seu olhar permaneceu inalterado, sua fronte pareceu iluminar-se, enquanto a duquesa pronunciava essas palavras fatais.

— Se eu soubesse que estavas ocupada... — acrescentou a duquesa, voltando-se para Eugênio.

— É o sr. Eugênio de Rastignac, um dos meus primos — disse a viscondessa. — Tens tido notícias do general Montriveau? — perguntou. — Sérisy me disse, ontem, que ele não tem aparecido. Não esteve em tua casa, hoje?

A duquesa, que diziam ter sido abandonada pelo sr. de Montriveau, por quem estava perdidamente apaixonada, sentiu no coração a estocada da pergunta e corou ao responder:

— Ontem ele estava no Élysée.

— A serviço — disse a sra. de Beauséant.

— Já sabes, Clara — replicou a duquesa, lançando ondas de malignidade pelos olhares —, que amanhã serão publicados os proclamas do sr. d’Ajuda e da srta. de Rochefide?

O golpe foi demasiado violento. A viscondessa empalideceu e respondeu,



sorrindo:

— Esse é um dos boatos com que se divertem os tolos. Por que o sr. d’Ajuda-Pinto levaria para a família dos Rochefide um dos mais belos nomes de Portugal? Os Rochefide entraram para a nobreza há muito pouco tempo.

— Mas dizem que Berta terá duzentos mil francos de renda.

— O sr. d’Ajuda-Pinto é muito rico e não se casaria por interesse.

— Mas, querida, a srta. de Rochefide é encantadora.

— Ah!

— E ele vai jantar hoje lá. As condições já estão fixadas. Muito me admira que estejas tão pouco informada.

— Qual foi a tolice que fez? — perguntou a sra. de Beauséant voltando-se para Eugênio. E acrescentou: — Esse pobre menino entrou há tão pouco tempo para a sociedade que não compreende nada do que estamos dizendo, querida Antonieta. Seja bondosa para com ele, deixemos para falar nessas coisas amanhã. Sim, amanhã tudo estará oficializado e então poderás ser oficiosa com toda a segurança.

A duquesa lançou a Eugênio um desses olhares insolentes que envolvem um homem dos pés à cabeça, o achatam e o reduzem a zero.

— Minha senhora, enterrei, sem o saber, um punhal no coração da sra. de Restaud. Sem o saber, aí é que está minha falta — disse o estudante, que estava sendo bastante auxiliado pela inteligência e que descobrira os mordazes epigramas ocultos sob as frases afetuosas das duas mulheres. — Qualquer pessoa continua a receber em sua casa e talvez tema aqueles que conhecem o segredo do mal que lhe causam, ao passo que aquele que ofende ignorando a profundidade da ofensa é considerado um tolo, um desastrado, que não sabe tirar proveito de nada e é desprezado.

A sra. de Beauséant lançou ao estudante um desses olhares fundentes, nos quais as almas grandes sabem reunir a gratidão e a dignidade. Esse olhar foi como um bálsamo, que acalmou a chaga aberta em seu coração pelo olhar de leiloeiro com que a duquesa o tinha avaliado.

— Imagine — disse Eugênio, continuando — que eu acabara de captar a simpatia do conde de Restaud. E, a propósito — acrescentou, voltando-se para a duquesa, com uma expressão ao mesmo tempo humilde e maliciosa —, preciso dizer-lhe, minha senhora, que ainda não sou mais que um pobre-diabo de estudante, muito só, muito pobre...

— Não diga isso, sr. de Rastignac. Nós, as mulheres, nunca queremos aquilo que ninguém quer.

— Ora! — retomou Eugênio. — Tenho apenas vinte e dois anos e é preciso saber suportar os infortúnios próprios da idade. Além disso, estou em confissão e é impossível ajoelhar-se diante de um mais belo confessor: aqui cometem-se os pecados de que a gente se acusa no outro.

A duquesa acolheu com ar frio esta frase antirreligiosa, cujo mau gosto proscreeu dizendo à viscondessa:

— Este senhor acaba de chegar...

A sra. de Beauséant pôs-se a rir francamente do primo e da duquesa.

— Acaba de chegar, querida, e procura uma mestra que lhe ensine boas maneiras...

— Senhora duquesa — continuou Eugênio —, não é natural que nós desejemos iniciar nos segredos daquilo que nos encanta? — (“Diabo”, pensou, “tenho a certeza de que estou falando como um barbeiro.”)

— Mas creio que a sra. de Restaud é aluna do sr. de Trailles — disse a duquesa.

— Eu o ignorava — replicou o estudante. — Por isso lancei-me loucamente entre ambos. Por fim, conseguira entender-me bem com o marido e já estava sendo tolerado por algum tempo pela mulher, quando tive a ideia de dizer-lhe que conhecia um homem que eu acabara de ver sair por uma escada de serviço e que, ao fundo do corredor, beijara a condessa.

— Quem é? — perguntaram as duas mulheres.

— Um velho que vive à razão de três luíses por mês, lá no fim do Faubourg Saint-Marceau, como eu, pobre estudante. Um verdadeiro desgraçado que serve de troça a toda gente e a quem chamamos de pai Goriot!

— Mas como você é criança! — exclamou a viscondessa. — A sra. de Restaud é filha do sr. Goriot.

— A filha de um fabricante de massas — disse a duquesa —, uma mulherzinha que se apresentou à sociedade no mesmo dia que a filha de um confeitoiro? Não te lembrás, Clara? O rei pôs-se a rir e proferiu em latim um chiste sobre a farinha. São gente... como é mesmo? São gente...

— *Eiusdem farinae* — disse Eugênio.

— É isso mesmo — replicou a duquesa.

— Ah, é seu pai! — exclamou o estudante, fazendo um gesto de pavor.

— Pois é. O bom velho tinha duas filhas e é louco por elas, embora ambas o tenham quase renegado.

— A outra não se casou com um banqueiro que tem um nome alemão, um barão de Nucingen? — disse a viscondessa, olhando para a sra. de Langeais. — Chamada Delfina, uma louca que tem um camarote na ópera e também frequenta os Bouffons, rindo muito alto, para chamar a atenção?

A duquesa sorriu ao dizer:

— Mas, querida, estou admirada de ti. Por que te preocupas com essa gente? Era preciso estar loucamente apaixonado, como estava Restaud, para se ter enfarinhado com a srta. Anastácia. Oh! Mas ela não lhe dará senão aborrecimentos. Ela está entre as mãos do sr. de Trailles, que a arruinará.

— Elas renegaram o pai! — repetia Eugênio.

— É verdade, seu pai, o pai! Um pai — continuou a viscondessa —, um bom pai que, segundo dizem, deu a cada uma delas quinhentos ou seiscentos mil francos para torná-las felizes, casando-as bem, e não reservou para si mesmo mais que oito ou dez mil francos de renda, confiando que suas filhas continuariam sendo suas filhas, certo de que criara para si duas vidas nas casas delas, onde seria adorado, mimado. Em dois anos, os genros o expulsaram de seu convívio como o último dos miseráveis...

Algumas lágrimas rolaram dos olhos de Eugênio, recentemente purificado pelas nobres e santas emoções da família, ainda sob o fascínio das crenças juvenis e que apenas estava em sua primeira jornada no campo de batalha da civilização parisiense. As emoções sinceras são tão comunicativas que durante um momento os três se entreolharam em silêncio.

— Realmente, meu Deus! — disse a sra. de Langeais. — Isso parece muito horrível, e, no entanto, vemo-lo todos os dias. Qual será a causa? Dize-me, querida, já pensaste alguma vez no que é um genro? Um genro é um homem para quem educaremos, tu ou eu, uma criaturazinha querida à qual nos afeiçoaremos por mil braços, que será, durante dezessete anos, a alegria da família, sua alma branca, como diria Lamartine, e que se transformará na peste da família. Quando esse homem a tiver tomado, começará por apoderar-se de seu amor como de um machado para cortar rente, no coração desse anjo, todos os sentimentos pelos quais ela se ligava à família. Ontem, nossa filha era tudo para nós e éramos tudo para ela. Amanhã, ela será nossa inimiga. Não vemos essa tragédia repetindo-se todos os

dias? Aqui, é a nora demonstrando a maior insolência para com o sogro, que tudo sacrificou pelo filho. Ali, um genro expulsa a sogra de casa. Ouço muitas vezes perguntarem o que há de dramático na sociedade atual. Ora, o drama do genro é uma coisa pavorosa, sem contar nossos casamentos, que se tornaram acontecimentos de uma tolice sem nome. Compreendo perfeitamente o que aconteceu a esse velho fabricante de massas. Recordo-me de que esse Foriot...

— Goriot, minha senhora.

— Sim, esse Moriot foi presidente de sua seção durante a Revolução. Estava metido na famosa escassez de gêneros alimentícios e começou sua fortuna vendendo, naquele tempo, a farinha por um preço dez vezes superior ao do custo. E conseguiu a quantidade de farinha que quis. O administrador de minha avó vendeu-lhe enormes partidas. Esse Goriot, como toda aquela gente, certamente repartia os lucros com o Comitê de Salvação Pública. Lembro-me de que o administrador dizia a minha avó que ela podia ficar com toda a segurança em Grandvilliers, pois seu trigo representava uma excelente carta cívica. Pois bem, esse Loriot, que vendia trigo aos cortadores de cabeças, só teve uma paixão. Dizem que adora as filhas. Empoleirou a mais velha na casa de Restaud e enxertou a outra no barão de Nucingen, um rico banqueiro que se faz de realista. Vocês compreendem que, no Império, os dois genros não se incomodaram muito de ter esse velho noventa-e-três em casa. Com Bonaparte, ainda era possível. Mas quando os Bourbon voltaram, o bom homem começou a incomodar o sr. de Restaud e ainda mais o banqueiro. As filhas, que talvez ainda amassem o pai, não quiseram descontentar a este nem aos maridos. Passaram a receber esse Goriot quando estavam sós. E inventaram, para isso, os mais carinhosos pretextos. “Vem quando eu estiver só, papai, assim ficaremos mais à vontade etc.” Creio, querida, que os sentimentos sinceros têm olhos e inteligência: o coração do pobre noventa-e-três sangrou. Compreendeu que as filhas tinham vergonha dele e que se elas amavam aos maridos, ele importunava os genros. Era, pois, necessário sacrificar-se. E se sacrificou, pois era pai: baniu-se espontaneamente. O pai e as filhas foram cúmplices desse pequeno crime. Vemos isso por toda a parte. Esse pai Doriot seria uma nódoa na sala de visitas das filhas. Aborreceria aos outros e se aborreceria. O que hoje acontece a esse velho pode acontecer à mais formosa mulher com o homem a quem ela mais ame: se ela o enfada com seu amor, ele se afasta, comete todas as infâmias para evitá-la. O mesmo se dá com todos os sentimentos. Nosso

coração é um tesouro: esvaziem-no de um golpe e ficarão arruinados. Consideramos tão imperdoável um sentimento que se mostra em toda sua extensão como um homem sem dinheiro. Esse pai dera tudo que possuía. Durante vinte anos, dera suas entranhas, seu amor; num dia, deu toda a fortuna. Espremido o limão, as filhas atiraram o bagaço na rua.

— O mundo é infame — disse a viscondessa, desfiando o xale sem levantar os olhos, pois fora atingida ao vivo pelas palavras que a duquesa dissera, para ela, contando essa história.

— Infame? Não — replicou a duquesa. — O mundo segue seu rumo, aí está. Se te falo assim, é para mostrar que não me deixo lograr por ele. Penso como tu — disse, apertando a mão da viscondessa. — O mundo é um lodaçal. Tratemos de ficar em cima do barranco.

Levantou-se, beijou a sra. de Beauséant na fronte e disse-lhe:

— Como estás bonita agora, querida. Tens as mais belas cores que já vi.

Em seguida, saiu, após ter inclinado ligeiramente a cabeça na direção do estudante.

— O pai Goriot é sublime! — disse Eugênio, recordando-se de tê-lo visto amassando os utensílios de prata à noite.

A sra. de Beauséant não ouviu. Estava pensativa. Passaram-se alguns momentos de silêncio, e o pobre estudante, que o constrangimento lançara num estado de estupor, não ousava sair, nem ficar, nem falar.

— O mundo é infame e mau — disse, por fim, a viscondessa. — Logo que nos sucede uma desgraça, sempre aparece um amigo pronto a trazê-la ao nosso conhecimento e a nos enterrar no coração um punhal, fazendo-nos admirar o cabo. Começa o sarcasmo, começam as zombarias! Ah, mas eu me defenderei!

Ergueu a cabeça, como fidalga que era, e seus olhos altivos expediram raios.

— Ah — exclamou, ao ver Eugênio —, você está aí!

— Ainda — disse ele, com uma expressão de lástima.

— Pois bem, sr. de Rastignac, trate este mundo como ele o merece. Você quer triunfar, eu o ajudarei. Você sondará o quanto é profunda a corrupção feminina e medirá a extensão da miserável vaidade dos homens. Embora eu tenha lido muito no livro da vida, ainda havia páginas que eu desconhecia. Agora sei tudo. Quanto mais friamente você calcular, mais longe irá. Fira sem piedade e será temido. Considere os homens e as mulheres apenas como cavalos do correio que você abandonará estafados em cada estação de muda e assim atingirá o auge de suas ambições. Fique sabendo, você não será nada aqui se não tiver uma mulher que se interesse por você. É preciso que ela seja jovem, rica e elegante. Mas se tiver uma afeição sincera, esconda-a como um tesouro; não permita que suspeitem dela, senão você estará perdido. E, assim, você não seria o carrasco, e sim a vítima. Se amar algum dia, guarde bem seu segredo! Não o revele antes de saber perfeitamente a quem está abrindo o coração. Para preservar antecipadamente esse amor que ainda não existe, aprenda a desconfiar deste mundo. Escute-me, Miguel... (Ela trocava inconscientemente o nome do estudante.) Há uma coisa mais pavorosa do que o abandono do pai por suas duas filhas, que desejariam vê-lo morto: é a rivalidade entre as duas irmãs. Restaud é ilustre pelo nascimento e, assim, sua esposa foi admitida na alta sociedade. Mas sua irmã, sua rica irmã, a bela sra. Delfina de Nucingen, esposa de um homem rico, morre de desgosto. A inveja a devora, ela está a cem léguas da irmã. Sua irmã já não é a sua irmã. As duas

mulheres se renegam mutuamente, como renegam ao pai. Assim, a sra. de Nucingen lamberia toda a lama que existe entre a rue de Saint-Lazare e a de Grenelle para ser recebida em minha casa. Ela pensou que o sr. de Marsay lhe facilitaria a realização desse desejo e por isso tornou-se escrava do sr. de Marsay, vive a importunar o sr. de Marsay. Este, porém, pouco se importa com ela. Se você a introduzir em minha casa, passará a ser seu Benjamim, ela o adorará. Ame-a, depois, se puder. Ou, então, sirva-se dela! Eu a receberei uma vez ou duas, nas horas de visita, quando houver bastante movimento aqui. Mas nunca pela manhã. Eu a cumprimentarei, será suficiente. Você fechou para si a porta da condessa por ter pronunciado o nome do pai Goriot. Sim, meu caro, se você for vinte vezes à casa da sra. de Restaud, vinte vezes lhe dirão que ela está ausente. Você está marcado. Pois bem, que o pai Goriot o leve à presença da sra. Delfina de Nucingen. A bela sra. de Nucingen será sua tabuleta. Faça-se seu preferido e as mulheres se apaixonarão por você. Suas rivais, suas amigas, suas melhores amigas, quererão arrebatá-lo de suas mãos. Há mulheres que amam o homem escolhido por outra, como há pobres burguesas que, usando nossos chapéus, esperam adquirir nossas maneiras. Você terá êxitos. Em Paris, o êxito é tudo, é a chave do poder. Se as mulheres o julgarem espirituoso e inteligente, os homens acreditarão nisso, se você não os decepcionar. Então, poderá desejar tudo, poderá ir onde quiser. E ficará sabendo o que é a sociedade, uma reunião de incautos e de velhacos. Não se misture a uns nem aos outros. Dou-lhe meu nome como um fio de Ariadne para entrar nesse labirinto. Não o comprometa — disse ela, curvando o pescoço e dirigindo um olhar de rainha ao estudante —, devolva-mo imaculado. E, agora, pode ir. Deixe-me só. Nós, as mulheres, também temos nossas batalhas a travar.

— Se precisar de um homem de boa vontade para lançar fogo a uma mina... — disse Eugênio, interrompendo-a.

— Sim? — disse ela.

Ele bateu no peito, correspondeu ao sorriso da prima e saiu. Eram cinco horas. Eugênio estava com fome. Ficou com receio de não chegar a tempo para o jantar e isso fez com que ele saboreasse a ventura de ser transportado rapidamente através de Paris. Esse prazer puramente maquinal deixou-o entregue aos pensamentos que o assaltavam. Quando um rapaz de sua idade é ferido pelo desprezo, fica furioso, enraivecido, ameaça a sociedade inteira com o punho cerrado, quer vingar-se e ao mesmo tempo duvida de si mesmo. Rastignac, nesse momento, estava acabrunhado

por aquelas palavras:

— *Você fechou para si a porta da casa da condessa.*

“Irei!”, pensou, “e se a sra. de Beauséant tem razão, se estou marcado... eu... A sra. de Restaud me encontrará em todos os salões onde for. Aprenderei a manejar as armas, a atirar com pistola e matarei seu Máximo! E o dinheiro”, gritou-lhe a consciência, “onde irás buscá-lo?”

Subitamente, a riqueza que se ostentava na casa da condessa de Restaud brilhou diante de seus olhos. Vira lá o luxo que uma srta. Goriot devia prezar, dourados, objetos de valor postos em evidência, o luxo sem inteligência do plebeu enriquecido, o desperdício próprio da mulher que vive à custa de um homem. Essa imagem fascinante foi rapidamente ofuscada pelo grandioso palacete de Beauséant. Sua imaginação, transportada às altas regiões da sociedade parisiense, inspirou a seu coração mil pensamentos perversos, alargando-lhe o cérebro e a consciência. Viu a sociedade tal qual é: as leis e a moral impotentes para com os ricos e viu na fortuna a *ultima ratio mundi*.

“Vautrin tem razão, a fortuna é a virtude!”, pensou.

Chegando à rue Neuve-Sainte-Geneviève, subiu rapidamente ao quarto, desceu para dar dez francos ao cocheiro e entrou na nauseabunda sala de refeições, onde viu, como animais numa manjedoura, os dezoito convivas entregues ao jantar. O espetáculo daquelas misérias e o aspecto da sala deram-lhe uma impressão horrível. A transição fora excessivamente brusca, o contraste demasiado completo, fazendo com que se ampliasse desmesuradamente seu sentimento de ambição. De um lado, as frescas e encantadoras imagens da mais elegante natureza social, rostos jovens, cheios de vida, emoldurados pelas maravilhas da arte e do luxo, cabeças apaixonadas, cheias de poesia; de outro, os sinistros quadros tarjados de lodo, rostos nos quais as paixões não haviam deixado senão suas cordas e seus mecanismos. As informações que a cólera de mulher abandonada arrancara à sra. de Beauséant e seus oferecimentos capciosos voltaram-lhe à memória e a miséria lhe sugeriu que os aceitasse. Rastignac resolveu abrir duas valas paralelas para atingir a fortuna, apoiar-se sobre a ciência e o amor, ser um sábio doutor e um homem de sociedade. Como ainda era criança! Essas duas linhas são assíntotas que nunca se podem encontrar.

— Está muito triste, senhor marquês — disse-lhe Vautrin, lançando-lhe um desses olhares, pelos quais parecia desvendar os segredos mais ocultos do coração.



— Não estou disposto a tolerar os gracejos dos que me chamam de “senhor marquês” — respondeu. — Aqui, para ser verdadeiramente marquês, é preciso ter cem mil francos de renda e, quando se mora na Casa Vauquer, não se é precisamente o favorito da Fortuna.

Vautrin olhou para Rastignac com uma expressão paternal e desdenhosa, como se dissesse: “Fedelho! Eu te liquidaria numa passada!”.

E depois respondeu:

— O senhor está de mau humor, talvez porque não tenha tido sorte com a bela condessa de Restaud.

— Ela me fechou a porta porque eu lhe disse que seu pai comia na nossa mesa — exclamou Rastignac.

Os comensais se entreolharam. O pai Goriot baixou os olhos e voltou o rosto para enxugá-los.

— O senhor me atirou rapé nos olhos — disse ao vizinho.

— De hoje em diante, quem ofender o pai Goriot terá de se entender comigo — disse Eugênio, encarando o vizinho do antigo fabricante de massas. — Ele vale mais que todos nós. Não falo nas senhoras — acrescentou, voltando-se para a srta. Taillefer.

Essa frase foi como um ponto final. Eugênio pronunciou-a com uma expressão que impôs silêncio aos convivas. Somente Vautrin disse num tom brincalhão:

— Para tomar conta do pai Goriot e fazer-se seu editor responsável é preciso saber manejar a espada e atirar bem com pistola.

— Assim o farei — disse Eugênio.

— Começa então sua campanha, hoje?

— Talvez — respondeu Rastignac. — Mas não tenho que dar conta de meus negócios a ninguém, uma vez que não procuro descobrir o que os outros andam fazendo a altas horas da noite.

Vautrin olhou de soslaio para Rastignac.

— Olhe, menino, quem não quiser ser logrado pelos fantoches precisa entrar na barraca e não se contentar em espiar pelos buracos da lona. E basta de conversa — acrescentou, ao ver Eugênio prestes a irritar-se. — Daremos dois dedos de prosa quando você quiser.

O jantar tornou-se sombrio e frio. O pai Goriot, absorto pela profunda dor que lhe causara aquela frase do estudante, não percebeu que as disposições dos

espíritos se haviam modificado a seu respeito e que um rapaz em condições de impor silêncio à perseguição assumira sua defesa.

— O sr. Goriot será mesmo pai de uma condessa? — perguntou a sra. Vauquer, em voz baixa.

— E de uma baronesa— replicou Rastignac.

— Ele não tem outra coisa a fazer — disse Bianchon a Rastignac. — Examinei-lhe a cabeça. Ele tem apenas uma bossa, a da paternidade. Será um *padre eterno*.

Eugênio estava sério, e o gracejo de Bianchon não lhe provocou o riso. Queria aproveitar os conselhos da sra. de Beauséant e se perguntava onde arranjaría dinheiro. Ficou preocupado ao contemplar as savanas do mundo que se estendiam ante seus olhos, ao mesmo tempo vazias e cheias.

— Então o senhor viu minha filha? — perguntou-lhe Goriot com uma voz comovida.

Despertado de sua meditação pelo velhote, Eugênio tomou-lhe a mão e contemplando-o com uma certa ternura:

— O senhor é um homem corajoso e digno — respondeu. — Falaremos mais tarde sobre suas filhas.

Levantou-se sem querer escutar o pai Goriot e retirou-se para o quarto, onde escreveu à mãe a seguinte carta:

Minha querida mãe,

Vê se tens, por acaso, um terceiro seio para abrir para mim. Estou na situação de poder enriquecer rapidamente. Necessito de mil e duzentos francos a qualquer preço. Não fales neste pedido a meu pai, que provavelmente se oporia, e se eu não conseguir esse dinheiro, ficarei num desespero que me levará ao suicídio. Explicarei os motivos disso logo que nos encontrarmos, pois teria de escrever vários volumes para fazer-te compreender a situação em que me encontro. Não joguei, minha boa mãe, nem devo nada; mas se desejas conservar a vida que me deste, precisas arranjar-me essa quantia. Para dar-te uma ideia do que se passa, informo-te que passei a visitar a viscondessa de Beauséant, que me tomou sob sua proteção. Preciso frequentar a sociedade e não tenho um soldo para comprar umas luvas novas. Sou capaz de comer apenas pão, beber apenas água e até jejuar se for necessário; não posso, porém, privar-me dos instrumentos com que a gente faz a vindima nesta terra. Ou realizo minha carreira ou terei de permanecer na lama. Bem sei quantas esperanças vocês puseram em mim e quero realizá-las rapidamente. Minha querida mãe, vende algumas de tuas antigas joias e em breve eu as restituirei. Conheço suficientemente a situação da nossa família para saber apreciar tais sacrifícios e podes crer que não te peço que os faças em vão: nesse caso eu seria um monstro. Peço-te que não vejas na minha súplica mais que o brado de uma necessidade imperiosa. Nosso futuro inteiro está nesse subsídio, com o qual devo iniciar a campanha, pois esta vida de Paris é um

combate contínuo. Se, para completar essa quantia, não houver outro recurso senão vender as rendas de minha tia, diga-lhe que em breve eu lhe remeterei outras mais bonitas etc.

Escreveu também a cada uma das irmãs pedindo-lhes suas economias e, para arrancá-las sem que elas falassem ao resto da família do sacrifício que certamente fariam alegremente por ele, serviu-se de sua fraqueza, tocando-lhes nas cordas da honra, sempre tensas, e que vibram tão bem nos corações jovens. Quando acabou de escrever as cartas, experimentou uma trepidação involuntária: palpitava, tremia. O jovem ambicioso conhecia muito bem a nobreza imaculada daquelas almas mergulhadas na solidão, percebia os sacrifícios que importava às irmãs e sabia, também, que esses sacrifícios seriam suas alegrias. Sabia com que prazer elas se ocupariam em segredo com o irmão muito amado, no isolamento de sua granja. Sua consciência ergueu-se, luminosa, e mostrou-lhe as irmãs contando secretamente seus pequenos tesouros; viu-as, depois, empregando o engenho malicioso das moças para enviarem o dinheiro *incógnito*, ensaiando um primeiro embuste para se tornarem sublimes.

“O coração de uma irmã é um diamante de pureza, um abismo de ternura!”, pensou.

Envergonhava-se por ter escrito. Como seriam poderosos seus votos, como seria puro arrebatamento de suas almas em direção ao céu! Com que volúpia elas se sacrificariam! Que dor sofreria a mãe se não pudesse enviar-lhe a quantia inteira! Esses belos sentimentos, esses prodigiosos sacrifícios lhe serviriam de escada para chegar a Delfina de Nucingen. Quantas lágrimas, últimos grãos de incenso lançados ao sagrado altar da família, lhe brotaram dos olhos! Começou a andar de um lado para outro numa agitação desesperada. O pai Goriot, vendo-o assim pela porta, que ficara entreaberta, entrou e disse-lhe:

— Que tem o senhor?

— Ah, meu bom vizinho, sou também filho e irmão, como o senhor é pai! O senhor tem razão de recear pela condessa Anastácia: ela está entregue a um tal sr. Máximo de Trailles que a perderá.

O pai Goriot retirou-se balbuciando algumas palavras, cujo sentido Eugênio não compreendeu. No dia seguinte, Rastignac foi pôr as cartas no correio. Hesitou até o último momento e por fim atirou-as à caixa dizendo: “Hei de vencer!”. Frase do jogador e do grande capitão, que perde mais homens do que salva.

Alguns dias depois, Eugênio foi à casa da sra. de Restaud e não foi recebido. Três vezes voltou lá e três vezes também encontrou a porta fechada, embora chegasse em horas em que o conde Máximo de Trailles não estava lá. A viscondessa tinha razão. O estudante não estudou mais. Ia às aulas para responder à chamada e, uma vez atestada a presença, retirava-se. Raciocinara como a maioria dos estudantes. Deixaria o estudo para época dos exames. Acumularia as matrículas do segundo e do terceiro anos e depois estudaria seriamente todo o direito, de uma só vez, à última hora. Dispunha, assim, de quinze meses de folga para navegar no oceano de Paris, entregar-se ao tráfico das mulheres ou pescar a fortuna. Naquela semana, visitou duas vezes a sra. de Beauséant, indo à casa dela somente no momento em que saía a carruagem do marquês d’Ajuda. Durante alguns dias ainda a ilustre senhora, a mais poética figura do Faubourg Saint-Germain, manteve-se vitoriosa e fez suspender o casamento da srta. de Rochefide com o marquês d’Ajuda-Pinto. Os últimos dias, porém, que o receio de perder a felicidade tornou os mais febris de todos, deviam precipitar a catástrofe. O marquês d’Ajuda, de acordo com os Rochefide, considerara aquele arrufo e a conseqüente reconciliação como uma circunstância favorável: esperavam que a sra. de Beauséant se habituaria à ideia daquele casamento e acabaria por sacrificar suas manhãs a um futuro já previsto na vida dos homens. Apesar das mais sagradas promessas diariamente renovadas, o sr. d’Ajuda representava uma comédia, e a viscondessa estava gostando de ser iludida. “Em vez de atirar-se nobremente pela janela, rola pela escada”, dizia a duquesa de Langeais, sua melhor amiga. Esses derradeiros clarões, porém, brilharam o tempo suficiente para que a viscondessa permanecesse em Paris e auxiliasse o jovem parente, a quem dedicava uma afeição supersticiosa. Eugênio mostrara-se cheio de dedicação e de compreensão para com ela, numa circunstância em que as mulheres não encontram compaixão nem sincera consolação em nenhum olhar. Em tais ocasiões, se um homem lhe diz palavras amáveis, é por especulação que o faz.

No desejo de ficar conhecendo perfeitamente o terreno, antes de tentar a abordagem da casa de Nucingen, Rastignac procurou inteirar-se da vida anterior de pai Goriot e recolheu informações seguras, que podem ser resumidas no seguinte.

João Joaquim Goriot era, antes da Revolução, um simples operário numa fábrica de massas, hábil, econômico e bastante arrojado para comprar o estabelecimento do patrão, que o acaso tornou vítima da primeira sublevação em 1789. Instalara-se à rue de Jussienne, próximo do mercado de cereais, e tivera o grande bom-senso de

aceitar a presidência de sua seção, a fim de fazer com que as personagens mais influentes daquela época perigosamente protegessem seu comércio. Essa perspicácia fora a origem de sua fortuna, que começou durante a escassez, falsa ou real, de gêneros, em consequência da qual os cereais subiram extraordinariamente de preço em Paris. Enquanto o povo se matava à porta das padarias, certas pessoas iam comprar, livres do tumulto, massas nas mercearias. Durante esse ano, o cidadão Goriot acumulou um capital que, mais tarde, lhe permitiu dedicar-se ao comércio, com a superioridade que uma grande soma de dinheiro confere a quem a possui. Aconteceu-lhe o que acontece a todos os homens que têm apenas uma relativa capacidade: sua mediocridade o salvou. Além disso, como sua fortuna só foi conhecida no momento em que já não havia mais perigo em ser rico, não excitou a inveja de ninguém. O comércio de cereais parecia ter absorvido toda sua inteligência. Em tudo que se relacionasse com trigo, farinhas, refugos de cereais, como reconhecer sua qualidade e sua procedência, tomar medidas para sua conservação, prever as saídas, profetizar a abundância ou a penúria das colheitas, adquirir cereais por preços baixos, fazer provisões na Sicília e na Ucrânia, não havia um homem igual a Goriot. Ao vê-lo dirigir seus negócios, interpretar as leis sobre a exportação e a importação de cereais, estudar o espírito de suas determinações e apontar suas falhas, alguém o teria julgado capaz de ser um bom ministro de Estado. Era paciente, dinâmico, enérgico, constante, rápido nas expedições, tinha um golpe de vista aquilino, antecipava tudo, previa tudo, sabia tudo e ocultava tudo. Era um diplomata para planejar e um soldado para executar. Fora de sua especialidade, de seu singelo e obscuro armazém, à porta do qual permanecia nas horas de folga com o ombro apoiado ao batente, voltava a ser o operário estúpido e vulgar, incapaz de compreender um raciocínio, insensível a todos os prazeres do espírito, o homem que dorme no teatro, um desses Dolibans[55] parisienses que só são fortes em estupidez. Quase todas essas naturezas se assemelham. Em quase todas elas encontrareis um sentimento sublime no coração. Dois sentimentos exclusivos haviam enchido o coração do fabricante de massas e absorvido sua afeição, como o comércio dos cereais consumia toda inteligência de seu cérebro. Sua esposa, filha única de um rico agricultor de Brie, fora para ele objeto de uma admiração religiosa, de um amor sem limites. Goriot admirara nela uma natureza ao mesmo tempo frágil e forte, sensível e encantadora, que contrastava vigorosamente com a sua. Se há um sentimento inato no coração do homem, não

será ele o orgulho de exercer a todo o momento sua proteção em favor de ser um débil? Acrescentai a isso o amor, essa intensa gratidão de todas as almas francas para com a fonte de seus prazeres e compreendereis então uma multidão de extravagâncias morais. Após sete anos de ventura sem nuvens, Goriot, para sua desgraça, perdeu a esposa: ela começava a dominá-lo fora da esfera dos sentimentos. Talvez ela tivesse cultivado aquela natureza inerte, talvez viesse a derramar nela a compreensão das coisas do mundo e da vida. Nessa situação, o sentimento de paternidade assumiu, em Goriot, o caráter de um delírio. Transferiu suas afeições frustradas pela morte para as duas filhas, que, no início, satisfizeram plenamente a todos os seus sentimentos. Apesar das brilhantes propostas que lhe fizeram negociantes ou agricultores ricos, desejosos de lhe darem as filhas, quis conservar-se viúvo. Seu sogro, o único homem pelo qual ele demonstrava alguma inclinação, explicava essa atitude como resultante de um juramento que Goriot teria feito de jamais ser infiel à mulher, mesmo morta. Seus colegas do mercado, incapazes de compreender essa sublime obsessão, zombaram dela e deram a Goriot um apelido grotesco. O primeiro deles que, enquanto bebia um copo de vinho, teve a ideia de pronunciá-lo, recebeu do fabricante de massas um soco no ombro que o lançou de cabeça contra um marco de pedra da rue Oblin. A dedicação irrefletida, o amor desconfiado e delicado que Goriot dedicava às filhas tornaram-se tão conhecidos de todos que, um dia, um de seus concorrentes, a fim de fazê-lo retirar-se do mercado para ficar senhor da cotação, disse-lhe que Delfina fora atropelada por um carro. O fabricante de massas, com o rosto lívido, abandonou imediatamente o mercado. Ficou doente durante vários dias, em consequência dos sentimentos contraditórios a que o submeteu aquele falso alarme. E se não aplicou seu soco mortífero ao ombro daquele homem, expulsou-o do mercado, forçando-o, numa circunstância crítica, a falir. A educação das duas filhas foi, naturalmente, a mais absurda. Possuindo mais de sessenta mil francos de renda e não gastando nem mil e duzentos francos consigo, a felicidade de Goriot consistia em satisfazer todos os caprichos das filhas: os mais excelentes mestres foram encarregados de ministrar-lhes os conhecimentos que caracterizam uma boa educação; tiveram uma governanta que, para felicidade delas, era uma mulher inteligente e de bom gosto; montavam a cavalo, andavam de carruagem, viviam como viveriam as amantes de um velho fidalgo rico; bastava-lhes manifestar os mais dispendiosos desejos para verem o pai correr para atendê-los: e em troca de seus presentes ele não pedia mais

que um carinho. Goriot colocava as filhas na categoria dos anjos e, portanto, acima dele, o desgraçado! Amava até o mal que elas lhe faziam. Quando as filhas chegaram à idade de se casarem, puderam escolher os maridos de acordo com seu gosto: cada um levaria como dote a metade da fortuna do pai. Cortejada por sua beleza pelo conde de Restaud, Anastácia, que tinha inclinações aristocráticas, deixou a casa paterna para lançar-se às altas esferas sociais. Delfina gostava de dinheiro; casou-se com Nucingen, banqueiro de origem alemã que se tornou barão do Santo Império. Quanto a Goriot, continuou fabricante de massas. Logo as filhas e os genros se sentiram chocados ao verem-no permanecer naquele ramo de comércio, embora isso constituísse toda a sua vida. Após ter suportado durante dois anos suas instâncias, concordou em retirar-se da atividade com o produto da venda da fábrica e os lucros daqueles últimos anos: capital que a sra. Vauquer, em cuja casa se instalara, avaliara que asseguraria oito a dez mil francos de renda. Fora para aquela pensão em consequência do desespero que o assaltara, ao ver as duas filhas obrigadas pelos maridos a se recusarem não só a hospedá-lo em suas casas, como até a recebê-lo ostensivamente.

Essas informações eram tudo quanto sabia o sr. Muret a respeito do pai Goriot, de quem comprara o estabelecimento. As suposições que Rastignac ouvira a duquesa de Langeais fazer estavam, assim, confirmadas.

Aqui termina a exposição dessa obscura mas pavorosa tragédia parisiense.

### III – A ENTRADA NA SOCIEDADE

No fim da primeira semana de dezembro, Rastignac recebeu duas cartas, uma da mãe e outra da irmã mais velha. Aquelas caligrafias tão conhecidas fizeram-no palpitar de alegria e tremer de pavor ao mesmo tempo. As delgadas folhas de papel continham uma sentença de vida ou de morte para suas esperanças. Se, por um lado, a recordação da pobreza dos pais lhe autorizava temores, estava, por outro lado, bastante seguro da predileção que sempre desfrutava para não ter receio de lhes haver aspirado às derradeiras gotas de sangue. A carta da mãe estava assim redigida:

Meu querido filho,

Envio-te o que pediste. Emprega bem esse dinheiro. Mesmo que se tratasse de salvar-te a vida, eu não poderia conseguir novamente uma quantia tão grande sem que teu pai ficasse sabendo, o que perturbaria a harmonia de nosso lar. Para obtê-la, teríamos de hipotecar nossas terras. Não posso julgar o mérito de projetos que não conheço. De que natureza são eles, para que temas confiá-los a tua mãe? Sua explicação não exigiria volumes; para as mães, basta uma palavra, e essa palavra me teria poupado as angústias da incerteza. Não posso ocultar a impressão dolorosa que tua carta me causou. Meu querido, que sentimento é esse que te constrange a lançar tais temores no meu coração? Deves ter sofrido muito ao escrever-me, pois muito sofri ao ler-te. Em que carreira te vais meter? Tua vida e tua felicidade dependerão de parecer o que não és, de frequentar uma sociedade à qual não poderias comparecer sem despesas que não podes sustentar, perdendo nisso um tempo precioso aos teus estudos? Meu bom Eugênio, acredita no coração de tua mãe, os caminhos tortuosos não conduzem a grandes coisas. A paciência e a resignação devem ser as virtudes dos moços que estão na tua situação. Não te censuro, pois não quero misturar amargura ao que te enviamos. Minhas palavras são as de uma mãe tão confiante quão previdente. Se bem sabes quais são teus deveres, eu, de minha parte, bem sei como teu coração é puro e como tuas intenções são excelentes. Por isso posso dizer-te sem receio: “Vai, meu querido, toca para a frente!”. Temo porque sou sua mãe. Mas cada um de teus passos será ternamente acompanhado de nossos votos e de nossas bênçãos. Sê prudente, querido. Deves ser sensato como um homem. Os destinos de cinco pessoas que te são caras repousam sobre tua cabeça. Sim, toda a nossa riqueza está em ti, do mesmo modo que tua felicidade é a nossa. Pedimos a Deus que te auxilie em teus empreendimentos. Tua tia Marcillac mostrou-se, nesta circunstância, de uma bondade admirável: foi até a ponto de concordar com o que me dizes sobre tuas luvas. Além disso, ela tem um fraco pelo sobrinho mais velho, segundo disse alegremente. Meu Eugênio, ama muito tua tia. Não te direi o que ela fez por ti antes que tenhas vencido. Se o fizesse agora, seu dinheiro queimaria teus dedos. Os filhos não sabem o que é sacrificar recordações! Mas o que não sacrificaríamos por ti? Ela manda dizer-te que te beija na testa e que deseja transmitir-te, nesse beijo, a força necessária para que sejas muitas vezes feliz. A boa e excelente senhora também te escreveria se não estivesse com gota nos dedos. Teu pai vai bem. A colheita de 1819 ultrapassa as nossas esperanças. Adeus, querido filho. Não te direi nada de tuas irmãs, pois Laura te escreve. Deixo-lhe o prazer de tagarelar sobre os pequenos acontecimentos da família. Queira Deus que triunfes! Sim, triunfa, meu Eugênio. Fizeste-me conhecer uma dor demasiado intensa para que eu possa suportá-la novamente. Conheci a tristeza de ser pobre, ao desejar possuir riquezas para dá-las a meu filho. Agora, adeus. Não nos deixes sem notícias e recebe com esta o beijo que tua mãe te envia.

Quando Eugênio acabou de ler a carta, estava banhado em lágrimas. Pensava no pai Goriot retorcendo seus utensílios de prata dourada para pagar a letra de câmbio da filha.

“Tua mãe também amassou suas joias!”, dizia-se intimamente. “Tua tia certamente chorou ao vender algumas relíquias! Com que direito amaldiçoarás Anastácia? Acabas de imitar, para o egoísmo de teu futuro, o que ela fez pelo amante! Quem de vocês dois é melhor?”

O estudante sentiu as entranhas roídas por uma intolerável sensação de calor. Teve vontade de renunciar à sociedade, sentiu desejos de não aceitar aquele



dinheiro. Experimentou esses nobres e belos remorsos secretos cujo mérito é raramente apreciado pelos homens, ao julgarem seus semelhantes, e que muitas vezes fazem absolver pelos anjos do céu o criminoso condenado pelos juristas da terra. Rastignac abriu a carta da irmã, cujas expressões inocentemente graciosas lhe refrescaram o coração:

Tua carta veio bem a tempo, querido irmão. Ágata e eu queríamos empregar nosso dinheiro de tantas maneiras diferentes que não sabíamos o que comprar. Fizeste como o criado do rei da Espanha quando derrubou os relógios do patrão, puseste-nos de acordo. Realmente, vivíamos constantemente a discutir sobre qual de nossos desejos deveríamos preferir e ainda não tínhamos descoberto, querido Eugênio, uma aplicação que abrangesse todos os nossos desejos. Ágata saltou de alegria. Ficamos como duas loucas durante o resto do dia. E com tais indícios (estilo da titia) que mamãe nos dizia severamente: “Que têm vocês, senhoritas?”. Se tivéssemos sido repreendidas um pouquinho, creio que teríamos ficado ainda mais contentes. Uma mulher deve sentir muito prazer em sofrer por aquele a quem ama! Eu, porém, fiquei pensativa e triste no meio de minha alegria. Serei uma péssima esposa, sou muito mão-aberta. Comprei dois cintos, um belo perfurador para abrir os ilhoses de meus espartilhos e mais algumas futilidades, de modo que fiquei com menos dinheiro que a gorducha da Ágata, que é econômica e guarda seus escudos como uma pega. Ela tinha duzentos francos e eu, meu pobre amigo, tenho apenas cinquenta escudos.[\[56\]](#) Fui bem castigada, tive vontade de atirar meu cinto no poço, pois sempre me será penoso usá-lo. Eu te roubei. Ágata mostrou-se encantadora. Disse-me: “Enviemos os trezentos e cinquenta francos em nome das duas!”. Eu, porém, não pude deixar de contar-te as coisas como se passaram. Sabes como fizemos para obedecer tuas ordens? Tomamos nosso glorioso dinheiro e saímos a passear juntas. Quando chegamos à estrada real, corremos a Ruffec[\[57\]](#) e entregamos sem cerimônia aquela quantia ao sr. Grimbert, que dirige o escritório das Messageries Royales. Estávamos leves como as andorinhas quando voltam. “Será que nossa felicidade nos deixou mais leves?”, perguntou-me Ágata. Dissemos uma à outra mil coisas que não te repetirei, senhor parisiense, falamos muito em ti. Oh!, querido irmão, amamos-te muito, eis tudo em duas palavras. Quanto à discrição, duas pequenas fingidas como nós, como diz titia, são capazes de tudo, mesmo de calar. Mamãe foi, misteriosamente, a Angoulême, com titia, e ambas guardaram silêncio sobre a alta política de sua viagem, que só se realizou após longas conferências, das quais fomos banidas, bem como o senhor barão. Grandes conjecturas ocupam os espíritos no estado de Rastignac. O vestido de musselina enfeitado de flores recortadas, que as infantas estão bordando para Sua Majestade, a rainha, vai se adiantando no mais profundo segredo. Faltam apenas dois panos. Decidiu-se que não se construirá muro ao lado de Verteuil. Plantaremos, ali, uma sebe. A gente miúda perderá, com isso, os frutos das latadas de árvores, mas ganharemos uma bela vista para as redondezas. Como o herdeiro presuntivo necessitava de lenços, informa-se que a viúva de Marcillac, remexendo seus tesouros e suas malas, designadas sob os nomes de Pompeia e de Herculanium, descobriu uma peça de bela fazenda de Holanda, que ela não sabia possuir. As princesas Ágata e Laura puseram a sua disposição o fio, a agulha e as mãos, sempre um pouco vermelhas. Os dois jovens príncipes, dom Henrique e dom Gabriel, conservam o funesto hábito de empanturrar-se de arrobe, de impacientar as irmãs, de não querer aprender nada, de divertir-se em furtar os ninhos dos pássaros, de fazer barulho e de cortar, desobedecendo as leis do estado, os vimes para fazer bengalas. O núncio do papa, vulgarmente chamado senhor cura, ameaça excomungá-los se eles

continuarem a deixar os santos cânones da gramática pelos canudos do sabugueiro belicoso. Adeus, querido irmão. Nunca uma carta transportou tantos votos feitos por tua felicidade nem tanto amor satisfeito. Terás muitas coisas para nos contar quando vieres! Hás de contar-me tudo, a mim, que sou a mais velha. Minha tia deixou-nos suspeitar que tens tido êxito na sociedade.

Falam numa mulher e calam quanto ao resto...[58] Conosco, bem entendido! Dize uma coisa, Eugênio: se quiseres, poderíamos dispensar os lenços, e assim faríamos camisas para ti. Responde-me logo a esse respeito. Se necessitares imediatamente de belas camisas bem-feitas, seremos obrigadas a tratar disso em seguida. E se houver em Paris modas que não conhecemos, manda-nos um modelo, principalmente para vermos como são os punhos. Adeus, por hoje! Beijo-te na testa, no lado direito, na têmpora que me pertence exclusivamente... Deixo o outro lado do papel para Ágata, que me prometeu nada ler do que escrevi. Mas, para ter maior certeza, ficarei junto dela enquanto ela estiver escrevendo. Tua irmã que te ama.

laura de rastignac

— Sim — exclamou Eugênio —, sim, a fortuna a qualquer preço! Não há tesouros que paguem essa dedicação. Eu gostaria de dar-lhes todas as felicidades juntas. “Mil quinhentos e cinquenta francos!”, pensou, após uma pausa: “É preciso que cada moeda consiga alguma coisa! Laura tem razão. É verdade, só tenho camisas de fazenda ordinária. Para a felicidade alheia, uma moça torna-se astuciosa como um ladrão. Inocente para si e previdente para mim, ela é como o anjo do céu que perdoa as faltas da terra sem compreendê-las.”

Sentia-se senhor do mundo! O alfaiate já tinha sido abordado, sondado, conquistado. Ao ver o sr. de Trailles, Rastignac compreendera a influência que os alfaiates exercem sobre a vida dos rapazes. Infelizmente! Não existe meio-termo: o alfaiate é um inimigo mortal ou um amigo feito por intermédio da conta. Eugênio encontrou no seu um homem que compreendera o caráter paternal de seu comércio e que se considerava um traço de união entre o presente e o futuro dos moços. Por sua vez, Eugênio, agradecido, fez a fortuna daquele homem, com uma daquelas frases pelas quais se distinguiu mais tarde:

— Sei de duas calças feitas por ele — dizia — que proporcionaram casamentos de vinte mil francos de renda.

Mil e quinhentos francos e trajés à vontade! Naquele momento, o pobre meridional não duvidou de mais nada e desceu para almoçar com essa expressão indefinível que a posse de uma quantia qualquer confere a um rapaz. No momento em que o dinheiro escorre para dentro do bolso de um estudante, ergue-se intimamente nele uma coluna fantástica, sobre a qual se apoia. Caminha melhor

que antes, sente que tem um ponto de apoio para sua alavanca, fica com o olhar cheio, reto, e os movimentos ágeis. Na véspera, humilde e tímido, deixaria que lhe batessem; no dia seguinte, ele próprio bateria num primeiro-ministro. Passam-se, nele, fenômenos extraordinários: tudo quer e tudo pode, deseja a torto e a direito, mostra-se alegre, generoso, expansivo. Numa palavra, o pássaro até então sem asas recupera sua envergadura. O estudante sem dinheiro apanha um bocado de prazer como um cão que furta um osso através de mil perigos, quebra-o, chupa-lhe o tutano e continua a correr; o rapaz que faz tilintar no bolso algumas fugitivas moedas de ouro degusta, porém, os prazeres, corta-os em pedacinhos, delicia-se com eles, embala-se no céu e já não sabe mais o que significa a palavra *miséria*. Paris inteira lhe pertence. Idade em que tudo é brilhante, tudo cintila e flameja! Idade de força alegre que ninguém aproveita, nem o homem nem a mulher! Idade das dívidas e dos agudos temores que decuplicam todos os prazeres! Quem não frequentou a margem esquerda do Sena, entre a rue Saint-Jacques e a dos Saints-Pères, não conhece nada da vida humana!

“Ah! Se as mulheres de Paris soubessem”, dizia-se Rastignac, devorando as baratíssimas peras cozidas, servidas pela sra. Vauquer, “viriam fazer-se amar aqui!”

Nesse momento, um carregador das Messageries Royales entrou na sala de jantar, após ter feito soar a campainha da porta de claraboia. Chamou o sr. Eugênio de Rastignac, a quem entregou duas bolsas, apresentando-lhe um certificado de registro para assinar. Rastignac recebeu, então, como uma chicotada, um olhar penetrante de Vautrin.

— Terá agora com que pagar lições de esgrima e sessões de tiro ao alvo — disse-lhe este.

— Os galeões chegaram — disse-lhe a sra. Vauquer, olhando para as bolsas.

A srta. Michonneau ficou com receio de olhar para o dinheiro, para não revelar sua cobiça.

— O senhor tem uma boa mãe — disse a sra. Couture.

— Tem uma boa mãe — repetiu Poiret.

— Sim, a mamãe se sangrou — disse Vautrin. — Agora poderá representar suas farsas, frequentar a sociedade, pescar dotes e dançar com condessas que usam flores de pessegueiro na cabeça. Mas aceite um conselho, rapaz: aprenda a atirar.

Vautrin fez o gesto de apontar a arma para o adversário. Rastignac quis dar uma gorjeta ao carregador e não achou nada no bolso. Vautrin meteu a mão no seu e

atirou vinte soldos ao homem.

— Você tem crédito — disse, dirigindo-se ao estudante.

Rastignac foi obrigado a agradecer, embora, desde aquelas palavras asperamente trocadas no dia em que voltou da casa da sra. da Beuséant, aquele homem lhe fosse insuportável. Durante aqueles oito dias, Eugênio e Vautrin se haviam defrontado em silêncio e se observavam mutuamente. Inutilmente o estudante se interrogava sobre a causa disso. As ideias, sem dúvida, projetam-se na razão direta da força com que são concebidas e vão bater no lugar para onde o cérebro as envia, seguindo uma lei matemática comparável à que dirige as bombas ao saírem do morteiro. Os efeitos que causam são variáveis. Assim como há naturezas tenras, nas quais as ideias se alojam, devastando-as, há também naturezas vigorosamente couraçadas, crânios com paredes de bronze, de encontro às quais a vontade dos outros se achata e cai como os projéteis de encontro a uma muralha. Além disso, há também naturezas flácidas e acolchoadas, onde as ideias alheias vêm morrer como as peças de artilharia se amortecem na terra mole dos redutos. Rastignac possuía uma dessas cabeças cheias de pólvora, que explodem ao menor choque. Era muito ardentemente jovem para não ser acessível a essa projeção das ideias, a esse contágio dos sentimentos cujos fenômenos singulares nos ferem sem que o percebamos. Sua visão moral tinha a lúcida agudeza de seus olhos de lince. Todos os seus duplos sentidos tinham essa extensão misteriosa, essa flexibilidade de ir e voltar que nos maravilha entre as pessoas superiores, espadachins hábeis em descobrir o ponto fraco de todas as couraças. No último mês, aliás, haviam se desenvolvido em Eugênio tantas qualidades quantos defeitos. Seus defeitos foram exigidos pela sociedade e a realização de seus crescentes desejos. E entre suas qualidades figurava essa vivacidade meridional que faz marchar em linha reta rumo à dificuldade para resolvê-la e que não permite a um homem de além-Loire permanecer numa incerteza qualquer. Qualidade que as pessoas do Norte chamam de defeito: para elas, se isso foi a origem da ventura de Murat,[\[59\]](#) foi também a causa de sua morte. Deve-se concluir daí que quando um meridional sabe unir o embuste do Norte à audácia do além-Loire, fica completo e torna-se rei da Suécia.[\[60\]](#) Assim, Rastignac não podia permanecer por mais tempo sob o fogo das baterias de Vautrin, sem saber se esse homem era seu amigo ou seu inimigo. Parecia-lhe, cada vez mais, que aquele homem desvendava suas paixões e lia em seu coração, ao passo que nele tudo era tão fechado que parecia ter a profundidade

imóvel de uma esfinge que sabe tudo, vê tudo e não diz nada. Sentindo a bolsa cheia, Eugênio alvorotou-se.

— Faça-me o favor de esperar — disse a Vautrin, que se levantava para sair após ter saboreado os últimos goles do café.

— Por quê? — respondeu o quarentão, enfiando o chapéu de abas largas e tomando uma bengala de ferro com a qual frequentemente fazia floreios, como um homem que não temeria ser assaltado por quatro ladrões.

— Quero pagar-lhe — respondeu Rastignac, que abriu uma bolsa e contou cento e quarenta francos para a sra. Vauquer. — As boas contas fazem os bons amigos — disse à viúva. — Estamos quites até São Silvestre. Troque-me estes cem soldos.

— Os bons amigos fazem as boas contas — disse Poiret, olhando para Vautrin.

— Aqui estão vinte soldos — disse Rastignac, entregando uma moeda à esfinge de peruca.

— Parece que você tem medo de ficar me devendo alguma coisa — observou Vautrin, cravando um olhar adivinhador na alma do rapaz e dirigindo-lhe um desses sorrisos folgazões e diogênicos,[\[61\]](#) com os quais Rastignac já estivera cem vezes a ponto de se zangar.

— É isso mesmo — respondeu o estudante, segurando as duas bolsas e levantando-se para subir ao quarto.

Vautrin saiu pela porta que dava para a sala de estar e o estudante dirigiu-se à que levava à escada.

— Sabe, sr. marquês de Rastignacorama, que o que acaba de me dizer não é exatamente cortês? — disse então Vautrin, golpeando com a bengala a porta da sala de estar, e encaminhou-se para o estudante, que o fitou friamente.

Rastignac fechou a porta da sala de refeições, levando Vautrin até o patamar que separava a sala de refeições da cozinha, onde havia uma porta que dava para o jardim e era encimada por uma vidraça guarnecida de barras de ferro. Ali, diante de Sílvia, que apareceu na porta da cozinha, o estudante disse:

— Sr. Vautrin, não sou marquês nem me chamo Rastignacorama.

— Vão brigar — disse a srta. Michonneau num tom indiferente.

— Brigar — repetiu Poiret.

— Nada disso! — disse a sra. Vauquer, acariciando sua pilha de escudos.

— Lá vão eles sob as tílias! — exclamou a srta. Vitorina, levantando-se para olhar para o jardim. — E, no entanto, o pobre rapaz tem razão.

— Vamos subir, queridinha — disse a sra. Couture. — Não temos nada com isso. Quando a sra. Couture e Vitorina se levantaram, encontraram, na porta, a gorda Sílvia, que lhes barrou a passagem.

— Que é isso? — perguntou. — O sr. Vautrin disse ao sr. Eugênio: “Expliquemos!”. Depois, tomou-o pelo braço e lá vão eles caminhando por cima das alcachofras.

Nesse momento, Vautrin apareceu.

— Mamãe Vauquer — disse sorrindo —, não se assuste. Vou experimentar minhas pistolas debaixo das tílias.

— Oh! — disse Vitorina, juntando as mãos —, por que quer matar o sr. Eugênio? Vautrin recuou dois passos e contemplou Vitorina.

— Isso agora é outra coisa! — exclamou, com uma voz brincalhona que fez a pobre moça corar. — Esse rapaz é muito gentil, não é? — acrescentou.— A senhorita me deu uma ideia. Vou fazer a felicidade de ambos, minha bela criança.

A sra. Couture tomara a pupila pelo braço e arrastara-a consigo, dizendo-lhe ao ouvido:

— Mas, Vitorina, estás incrível esta manhã.

— Não quero saber de tiros de pistola em minha casa — disse a sra. Vauquer. — Não vai assustar toda a vizinhança e atrair a polícia, a esta hora.

— Vamos, tenha calma, mamãe Vauquer — respondeu Vautrin. — Não é nada, apenas vamos ao tiro ao alvo.

Foi ao encontro de Rastignac e agarrou-o familiarmente pelo braço.

— Mesmo que eu lhe provasse que a trinta e cinco passos meto cinco vezes seguidas uma bala num às de espadas — disse-lhe —, isso não lhe tiraria a coragem. Você me dá a impressão de ser um pouco zangado e se deixaria matar como um imbecil.

— O senhor está fugindo — disse Eugênio.

— Não me esquente a bÍlis — respondeu Vautrin. — Não faz frio esta manhã. Vamos nos sentar ali — disse, mostrando as cadeiras pintadas de verde. — Ali ninguém nos ouvirá. Preciso falar com você. Você é um bom rapazinho, a quem não quero mal. Quero-lhe bem, palavra de Engan... (puxa!) palavra de Vautrin. Mais tarde lhe direi por que o estimo. Entretanto, conheço-o como se fosse seu pai e vou prová-lo. Deixe aí suas bolsas — acrescentou, mostrando-lhe a mesa redonda.

Rastignac pôs o dinheiro sobre a mesa e sentiu-se tomado de uma curiosidade

que lhe permitiu sentir no mais alto grau a súbita mudança operada na atitude daquele homem que, após ter falado em matá-lo, se colocava como seu protetor.

— Certamente você quer saber o que sou, o que fiz e o que faço — acrescentou Vautrin. — Você é muito curioso, meu menino. Vamos, tenha calma. Tem muito que ouvir! Tenho tido infortúnios. Escute-me primeiro e responda-me depois. Aqui está minha vida anterior, em três palavras. Quem sou? Vautrin. Que faço? O que me agrada. Dito isso, vamos adiante. Quer conhecer meu caráter? Sou bom com os que me fazem o bem ou cujo coração fala ao meu. A esses, tudo é permitido. Podem dar-me pontapés nas canelas sem que eu lhes diga: “Tenham cuidado!”. Mas, palavra de honra! Sou mau como o diabo com aqueles que me incomodam ou que não me agradam. E é bom que você saiba que me importo tanto de matar um homem como disto! — declarou, dando uma cuspidada. — Apenas, esforço-me por matá-lo corretamente, quando é absolutamente necessário. Sou o que vocês chamam um artista. Li as *Memórias* de Benvenuto Cellini,<sup>1</sup> tal como você me vê, e em italiano! Pois aprendi com esse homem, que era um notável gracejador, a imitar a Providência, que nos mata a torto e a direito, e a amar o belo, por toda a parte onde ele se encontre. Não acha que é um belo jogo enfrentar sozinho todos os homens e ter sorte? Refleti muito na constituição atual da desordem social de vocês. Meu menino, o duelo é um brinquedo de crianças, uma bobagem. Quando, de dois homens vivos, um deve desaparecer, é preciso ser imbecil para confiar no acaso. Que é um duelo? Cara ou coroa! É apenas isso. Meto cinco balas seguidas num ás de espadas enfiando todas as balas pelo mesmo buraco, a trinta e cinco passos de distância! Quando se é dotado dessa pequena habilidade, pode-se estar certo de abater o adversário. Pois bem, atirei contra um homem a vinte passos e errei. O patife nunca tinha manejado uma pistola. Olhe aqui! — disse o extraordinário homem, desabotoando o colete e mostrando o peito peludo como o dorso de um urso, no meio do qual se destacava um tufo de pelos ruivos que davam uma espécie de repugnância misturada a medo. — Aquele fedelho me chamuscou o pelo — acrescentou, metendo o dedo de Rastignac num buraco que tinha no peito. — Naquele tempo, porém, eu era uma criança, tinha sua idade, vinte e um anos. Acreditava ainda em alguma coisa, no amor de uma mulher, num montão de tolices com que você ainda há de se atrapalhar. Podíamos ter-nos batido em duelo, não é? Você poderia me matar. Suponha que eu esteja enterrado, que faria você? Teria que fugir, ir para a Suíça, comer o dinheiro do papai, que quase não tem nada. Vou



esclarecer-lhe, eu mesmo, a posição em que você está. Vou fazê-lo, porém, com a superioridade de um homem que, após ter examinado as coisas desse mundo, viu que há somente dois partidos a tomar: uma estúpida obediência ou a revolta. Eu não obedeco a nada, está claro? Sabe que é que lhe falta no passo em que você vai? Um milhão, e imediatamente. Sem isso, com a pequena cabeça que tem, poderia ir passear nas redes de Saint-Cloud para ver se existe um Ser Supremo. Vou dar-lhe esse milhão.

Fez uma pausa, olhando para Eugênio.

— Ah! Ah! Já está fazendo uma cara melhor para seu papaizinho Vautrin. Ao ouvir essa frase, você faz como uma mocinha a quem a gente diz: “Até logo mais!”, e que se enfeita, lambendo os lábios como um gato que bebe leite. Assim seja! Vamos, pois! A ambos! Aqui está sua história, rapaz. Você tem, lá embaixo, pai, mãe, tia-avó, duas irmãs (dezoito e dezessete anos), dois irmãozinhos (quinze e dez anos), aí está o controle da equipagem. A tia educa as irmãs. O cura ensina latim aos irmãos. A família come mais mingau de castanhas do que pão branco, o papai poupa as calças, mamãe usa apenas um vestido de inverno e um de verão — as irmãs fazem o que podem. Sei de tudo, estive no Sul. Assim são as coisas em sua casa e, no entanto, mandam-lhe mil e duzentos francos por ano, embora sua herdade não renda mais de três mil francos. Temos uma cozinheira e um criado, pois é preciso guardar o decoro: papai é barão. Quanto a você, tem ambição, conta com os Beauséant como aliados e anda a pé; deseja a riqueza e não tem dinheiro; come a boia da mamãe Vauquer e gosta dos belos jantares do Faubourg Saint-Germain; dorme numa pocilga e sonha com um palacete! Não censuro seus desejos. Ter ambição, meu coraçãozinho, não é dado a qualquer um. Pergunte às mulheres quais são os homens que elas procuram. Os ambiciosos! Os ambiciosos têm o dorso mais forte, o sangue mais rico em ferro, o coração mais quente que os dos outros homens. E a mulher fica tão feliz e tão bela nas horas em que se sente forte, que prefere a todos os homens aqueles cuja força é enorme, mesmo com o risco de ser despedaçada por eles. Estou fazendo um inventário de seus desejos, a fim de formular-lhe uma questão. E a questão é esta: temos uma fome de lobo, nossos dentes de leite são incisivos, como faremos para abastecer a marmitta? Temos, em primeiro lugar, o Código para devorar. Isso não é agradável nem ensina nada, mas é necessário. Seja. Fazemo-nos advogados para nos tornarmos presidente de um tribunal, enviar às galés pobres-diabos melhores do que nós, com um t.f. nas



costas, a fim de provar aos ricos que eles podem dormir tranquilamente. Isso não é divertido e, além do mais, muito demorado. Para começar, dois anos a vegetar em Paris, admirando, sem tocar, os *petiscos* que tanto apreciamos. É fatigante estar sempre a desejar sem nunca se satisfazer. Se você fosse pálido e da natureza dos moluscos, nada teria a temer; mas temos o sangue febril dos leões e um apetite capaz de fazer cometer vinte tolices por dia. Você sucumbirá nesse suplício, o mais horrível que já vimos no inferno do bom Deus. Admitamos que você fosse sensato, que bebesse leite e fizesse elegias; seria necessário, generoso como você é, começar, após muitos aborrecimentos e privações capazes de enfurecer um cão, por tornar-se substituto de algum patife, num fim de mundo onde o governo lhe atiraria mil francos de vencimentos, como se atira uma sopa a um cão de açougueiro. Gritar atrás dos ladrões, defender o rico, mandar guilhotinar os homens de coragem! Muito obrigado! Se não tiver proteção, apodrecerá no seu tribunal de província. Aos trinta anos, será juiz com mil e duzentos francos por ano, se até lá não tiver atirado a toga às urtigas. Quando tiver atingido os quarenta anos, casará com alguma filha de moleiro, com seis mil francos de renda mais ou menos. Agradecido! Tendo proteção, será procurador do rei aos trinta anos, com mil escudos de vencimentos e se casará com a filha do administrador municipal. Se cometer alguma dessas pequenas baixeiras políticas, como ler numa lista de eleições Villèle em vez de Manuel (isso rima, deixa a consciência em paz) será, aos quarenta anos, procurador-geral e poderá chegar a deputado. Note, meu caro menino, que teremos feito alguns rasgões em nossa conscienciazinha, teremos passado vinte anos de aborrecimentos e misérias secretas, e nossas irmãs terão ficado para pentear santa Catarina. Tenho a honra de observar-lhe, além disso, que há apenas vinte procuradores-gerais na França e que vocês são vinte mil candidatos ao cargo, entre os quais figuram tratantes que venderiam a própria família para subir um ponto. Se esse trabalho lhe desagrade, vejamos outra coisa. O barão de Rastignac quer ser advogado? Muito bonito! É preciso sofrer durante dez anos, gastar mil francos por mês, ter uma biblioteca, um escritório, frequentar a sociedade, beijar a toga de um procurador-geral para conseguir causas, varrer Paris com a língua. Se esse ofício o levasse ao triunfo, eu não me oporia. Mas aponte-me em Paris cinco advogados que, aos cinquenta anos, ganhem mais de cinquenta mil francos por ano! Ora! Preferiria tornar-me corsário a apequenar assim minha alma. E, além disso, onde iria buscar o dinheiro? Tudo isso não tem nada de alegre. Temos ainda o recurso do dote de uma

mulher. Quer se casar? Seria o mesmo que amarrar uma pedra ao pescoço. E se você se casar por dinheiro, onde ficarão seus sentimentos de honra, sua nobreza? Melhor, então, começar hoje mesmo a revoltar-se contra as convenções humanas. Não seria nada arrastar-se como uma serpente diante de uma mulher, lambe os pés da mãe, cometer baixezas capazes de repugnar a uma porca, se pelo menos você encontrasse a felicidade. Mas, com uma mulher com que se tenha casado assim, você seria infeliz como uma pedra de esgoto. É preferível guerrear com os homens a lutar com a esposa. Eis a encruzilhada da vida, rapaz; escolha! Você já escolheu: você foi à casa do nosso primo de Beauséant e lá farejou o luxo. Foi à casa da sra. de Restaud, filha do pai Goriot, e lá farejou a parisiense. Nesse dia, você voltou para cá com uma palavra escrita na testa e que eu li muito bem: *Subir!* Subir a qualquer preço. “Bravo!”, pensei. “Eis um sujeito que me agrada.” Precisou de dinheiro. Onde buscá-lo? Então você sangrou suas irmãs. Todos os irmãos *furtam* mais ou menos das irmãs. Seus mil e quinhentos francos, arrancados, sabe Deus como, numa região onde é mais fácil encontrar castanhas que moedas de cem soldos, desaparecerão um depois do outro como soldados em pilhagem. E depois, que fará? Vai trabalhar? O trabalho, tal como você o encara neste momento, dá, para os dias da velhice, um quarto na casa da mamãe Vauquer, para rapazes da força de Poiret. Uma fortuna rápida é o problema que se propõem resolver agora mesmo cinquenta mil rapazes que se acham na mesma situação que você. Você é uma unidade desse número. Avalie os esforços que terá de fazer e a ferocidade do combate. Como não há cinquenta mil bons lugares, vocês terão de se devorar uns aos outros como aranhas num frasco. Sabe como é que a gente faz carreira aqui? Pelo brilho da inteligência ou pela habilidade da corrupção. É preciso penetrar nessa massa humana, como um projétil de canhão, ou insinuar-se no meio dela como uma peste. A honestidade não serve para nada. Todos se curvam ao poder do gênio; odeiam-no, tratam de caluniá-lo, porque ele recebe sem partilhar; mas curvam-se, se ele persiste. Numa palavra, adoram-no de joelhos quando não o podem enterrar na lama. A corrupção representa uma força, porque o talento é raro. Assim, como a corrupção é a alma da mediocridade que abunda, você sentirá sua picada por toda parte. Verá mulheres, cujos maridos têm só seis mil francos de vencimentos, gastarem mais de dez mil em vestidos. Verá empregados de mil e duzentos francos comprarem terras. Verá mulheres prostituírem-se para passar na carruagem do filho de um par da França, que pode correr em Longchamp pela avenida do centro.

Você viu esse pobre animal do pai Goriot obrigado a pagar a letra de câmbio endossada pela filha, cujo marido tem cinquenta mil francos de renda. Desafio-o a dar dois passos em Paris sem encontrar trapaças infernais. Aposto minha cabeça contra essa salada, como você irá encontrar um vespeiro na casa da primeira mulher que lhe agradar, mesmo que seja rica, bela e jovem. Todas elas vivem procurando iludir as leis, em guerra com os maridos a propósito de tudo. Eu não acabaria mais de falar se fosse preciso explicar-lhe os negócios indecorosos que se fazem por amantes, por vestidos, pelos filhos, pelo lar ou pela vaidade, raramente por virtude, pode estar certo. Assim, o homem honesto é o inimigo comum. Mas que pensa você que seja um homem honesto? Em Paris, o homem honesto é aquele que se cala e se recusa a partilhar. Não falo desses pobres hilotas que em toda a parte cumprem seu dever sem jamais serem recompensados por seus trabalhos e que eu denomino a santa-confraria-dos-sapatos-velhos-do-bom-Deus. É certo que neles reside a virtude em todo o esplendor de sua estupidez, mas neles também reside a miséria. Estou vendo já as caretas dessas honradas pessoas, se Deus nos fizesse a brincadeira de mau gosto de não comparecer ao julgamento final. Portanto, se você quiser obter fortuna imediatamente, é preciso já ser rico ou parecê-lo. Para enriquecer, é preciso jogar grandes paradas; senão, a gente fica num joguinho mesquinho e boa noite! Se, nas cem profissões que você pode abraçar, existem dez homens que vencem rapidamente, o público os chama de ladrões. Tire daí suas conclusões! Assim é a vida. Não é mais bela que a cozinha, cheira mal como a cozinha e é preciso sujar as mãos para fazer um guisado. Basta saber lavar bem a cara. Nisso reside toda a moral da nossa época. Se lhe falo assim do mundo é porque ele me deu direito a isso, pois o conheço. Julga que eu o estou censurando? Absolutamente. Sempre foi assim. Os moralistas nunca o mudarão. O homem é imperfeito. Às vezes ele é hipócrita em grau maior ou menor e então os tolos dizem que ele tem ou não tem boa conduta. Não acuso os ricos em favor do povo: o homem é sempre o mesmo, no alto, embaixo, no meio. Em cada milhão desse ilustre gado encontram-se dez sujeitos decididos que se colocam acima de tudo, mesmo das leis. Sou um desses. Quanto a você, se é um homem superior, siga em linha reta e com a cabeça erguida. Mas terá de lutar contra a inveja, a calúnia, a mediocridade, contra todo o mundo. Napoleão encontrou um ministro da Guerra que se chamava Aubry e que por pouco não o mandou para as colônias. Examine-se! Veja se poderá levantar-se todas as manhãs com mais vontade do que

no dia anterior. Nessas conjunturas, vou fazer-lhe uma proposta que ninguém recusaria. Preste atenção. Veja, tenho um plano. E ele consiste em ir viver uma existência patriarcal no meio de um grande domínio, de cem mil jeiras de terra, por exemplo, nos Estados Unidos, no Sul. Quero fazer-me plantador, ter escravos, ganhar alguns bons milhõezinhos vendendo bois, fumo, madeiras, vivendo como um soberano, satisfazendo minhas vontades, levando uma vida que não se concebe nesta terra onde a gente vive agachada entre quatro paredes. Sou um grande poeta. Não escrevo minhas poesias: elas consistem em ações e em sentimentos. Posso, neste momento, cinquenta mil francos, que dariam para comprar apenas quarenta negros. Preciso de duzentos mil francos, quero ter duzentos negros, a fim de satisfazer meu gosto pela vida patriarcal. Os negros são crianças grandes com as quais a gente faz o que quer, sem que um curioso procurador do rei nos peça explicações sobre isso. Com esse capital negro, em dez anos terei três ou quatro milhões. Se eu triunfar, ninguém me perguntará: “Quem és?”. Serei o Senhor-Quatro-Milhões, cidadão dos Estados Unidos. Estarei com cinquenta anos, ainda não terei apodrecido e me divertirei a meu modo. Em duas palavras, se eu lhe arranjar um dote de um milhão, você me dará duzentos mil francos? Vinte por cento de comissão, hein! É muito caro? Você se fará amar por sua mulherzinha. Uma vez casado, você manifestará inquietações, remorsos, fingirá que está triste durante quinze dias. Uma noite, após algumas hipocrisias, você contará à esposa, entre dois beijos, que deve duzentos mil francos, dizendo-lhe: “Meu amor!”. Essa comédia é representada todos os dias pelos rapazes mais distintos. Uma mulher nunca recusa a bolsa a quem lhe tomou o coração. Pensa que perderá esse dinheiro? Não. Você encontrará meios de recuperar seus duzentos mil francos em algum negócio. Com seu dinheiro e sua inteligência, acumulará uma fortuna tão considerável como desejar. *Ergo*, você terá realizado, num prazo de seis meses, sua felicidade, a de uma mulher amável e a de seu papai Vautrin, sem contar a de sua família, que vive assoprando nos dedos, no inverno, por falta dele. Não se admire do que lhe proponho nem do que lhe peço! Entre sessenta belos casamentos que se fazem em Paris, quarenta e sete dão lugar a transações dessa natureza. A câmara dos tabeliães forçou o senhor...

— Que preciso fazer? — disse avidamente Rastignac, interrompendo Vautrin.

— Quase nada — respondeu ele, deixando escapar uma manifestação de alegria, semelhante à do pescador que sente um peixe na extremidade da linha. — Preste

atenção! O coração de uma pobre moça infeliz e miserável é a esponja mais ávida a se encher de amor, uma esponja seca que se dilata logo que nela cai uma gota de afeição. Fazer a corte a uma moça que se encontra em condições de solidão, de desespero e de pobreza, sem que ela suspeite de sua fortuna futura, caramba!, é ter todos os triunfos na mão, é conhecer os números da loteria, é jogar na Bolsa sabendo as últimas notícias. Você construirá sobre estacas um casamento indestrutível. Quando os milhões chegarem a essa moça, ela os atirá a seus pés como se fossem cascalhos. “Toma, meu querido! Toma, Adolfo! Toma, Alfredo! Toma, Eugênio!”, dirá ela, se Adolfo, Alfredo ou Eugênio teve o bom-senso de se sacrificar por ela. O que entendo por sacrifício é vender um traje velho para ir ao Cadran Bleu comer com ela empadas de cogumelo; de lá, ir à noite, ao Ambigu-Comique; é empenhar o relógio na Casa de Penhor para dar-lhe um xale. Não falo nas garatujas amorosas nem nos artifícios de que as mulheres gostam tanto, como, por exemplo, espalhar gotas d’água no papel de carta como se fossem lágrimas, quando se está longe delas: você me dá a impressão de conhecer perfeitamente a gíria do coração. Paris, veja, é como uma floresta do Novo Mundo, onde se agitam vinte espécies de tribos selvagens, que vivem do produto das diferentes classes sociais. Você é um caçador de milhões. Para apanhá-los, você usará ciladas, engodos, chamarizes. Há várias maneiras de caçar. Uns caçam dotes, outros caçam liquidações. Estes pescam consciências, aqueles vendem seus assinantes com os pés e os punhos amarrados. Os que voltam com o alforje bem cheio são saudados, festejados, recebidos na alta sociedade. Façamos justiça a esse solo hospitaleiro. Você tem como campo de ação a cidade mais complacente do mundo. Se as altivas aristocracias de todas as capitais da Europa se recusam a admitir em seu seio um milionário infame, Paris estende-lhe os braços, corre a suas festas e ergue brindes a sua infâmia.

— Mas onde achar uma moça? — perguntou Eugênio.

— Você já a tem, está a sua frente!

— A srta. Vitorina?

— Justamente!

— E como?

— Ela já o ama, sua baronesazinha de Rastignac!

— Ela não tem nada! — replicou Eugênio, admirado.

— Aí é que está a coisa! Duas palavras mais — disse Vautrin — e tudo se

esclarecerá. Taillefer é um velho patife que dizem ter assassinado um amigo durante a Revolução. É um desses sujeitos atrevidos de que falei, que têm independência de opinião. É banqueiro, sócio principal da casa Frederico Taillefer & Cia. Tem um filho único, a quem quer deixar seus bens, em prejuízo de Vitorina. Eu não gosto dessas injustiças. Sou como Dom Quixote, gosto de assumir a defesa do fraco contra o forte. Se a vontade de Deus fosse tirar-lhe o filho, Taillefer retomaria a filha; haveria de querer um herdeiro qualquer, isso é uma tolice que está na natureza, e sei que ele não pode mais ser pai. Vitorina é meiga, gentil, bem depressa reduzirá o pai e o fará rodopiar como um pião por meio da afeição. Como ela ficará muito sensibilizada com seu amor, não o esquecerá e você se casará com ela. Quanto a mim, encarrego-me do papel da Providência. Farei o bom Deus querer. Tenho um amigo por quem me devotei, um coronel do exército do Loire, que acaba de ser incluído na guarda real. Ele ouve meus conselhos, e se fez ultrarrealista, pois não é um desses imbecis que se apegam a opiniões. Se ainda tenho um conselho a lhe dar, meu anjo, é de que você não se deve apegar a suas opiniões nem a suas palavras. Quando lhas pedirem, venda-as. Quem se jacta de nunca mudar de opinião é como quem se propõe a seguir sempre em linha reta, um idiota que crê na infabilidade. Não há princípios, há apenas acontecimentos; não há leis, há apenas circunstâncias: o homem superior abraça os acontecimentos e as circunstâncias para conduzi-los. Se houvesse princípios e leis fixas, os homens não os mudariam como mudamos de camisa. O homem não é obrigado a ser mais sensato que uma nação inteira. O homem que prestou menos serviços à França é um ídolo venerado, por ter sido sempre visto vestido de encarnado, e que quando muito poderia servir para ser exposto no conservatório, entre os instrumentos, com um letreiro: La Fayette. Enquanto isso, o príncipe a quem todos atiram pedras e que despreza suficientemente a humanidade para cuspir-lhe na cara tantos juramentos quantos ela lhe pede, impediu a partilha da França no Congresso de Viena: devem-lhe coroas e atiram-lhe lama. Oh, conheço os negócios públicos, sei os segredos de muitos homens! Isso basta. Eu teria uma opinião inabalável no dia em que encontrasse três cérebros de acordo sobre o emprego de um princípio. Teria de esperar muito por isso! Não se encontram nos tribunais três juízes com a mesma opinião sobre um artigo da lei. Agora volto ao meu homem. Ele crucificaria Jesus Cristo novamente se eu lhe pedisse isso. A uma simples palavra do papai Vautrin, ele provocará aquele velhaco que não manda nem cem soldos à pobre irmã

e...

Nesse ponto, Vautrin levantou-se e assumiu a atitude de um esgrimista que ataca.

— E adeus! — acrescentou.

— Que horror! — exclamou Eugênio. — Está brincando, sr. Vautrin?

— Vamos mais devagar, tenha calma! — replicou ele. — Não se faça de criança! Mas, se é do seu agrado, pode enfurecer-se, encolerizar-se! Diga que sou um infame, um celerado, um patife, um bandido, mas não me chame de gatuno nem de espião! Vamos, diga, descarregue sua artilharia. Eu o perdoo, isso é muito natural na sua idade! Sempre foi assim! Mas reflita um momento. Você fará pior que isso, algum dia. Tentará seduzir alguma bela mulher e receberá dinheiro por isso. Você já pensou nisso? — disse Vautrin. — Sim, pois como pensa triunfar a não ser sacando contra o amor? A virtude, meu caro estudante, não pode ser dividida: existe ou não existe. Falam-nos de fazermos penitência por nossas faltas. É um belo sistema, sem dúvida, em virtude do qual a gente se absolve de um crime por um ato de contrição! Seduzir uma mulher para galgar alguns degraus da escada social, lançar discórdia entre os filhos de uma família, enfim, todas as infâmias que se praticam às escondidas ou de outra forma, com uma finalidade de prazer ou de interesse pessoal, acha que essas coisas sejam atos de fé, esperança e caridade? Por que condenam a dois meses de prisão um rapaz elegante que numa noite subtrai a uma criança a metade de sua fortuna e mandam para as galés o pobre-diabo que furta uma nota de mil francos com circunstâncias agravantes? Eis o que são as leis. Não há um só artigo que não leve ao absurdo. O homem de luvas e palavras amarelas cometeu assassínios nos quais não se derrama sangue, mas onde se dá sangue; o assassino abriu a porta com um pé de cabra: duas coisas noturnas. Entre o que lhe proponho e o que você fará um dia, há de menos apenas o sangue. Você acredita em coisas fixas neste mundo! Despreze, portanto, os homens, e procure as malhas por onde se pode passar através da rede do Código. O segredo das grandes fortunas sem causa aparente é um crime esquecido porque o serviço foi bem-feito.

— Não diga mais nada. Não quero ouvir mais nada, pois assim o senhor me faria duvidar de mim mesmo. Neste momento, o sentimento é toda a minha sabedoria.

— Como quiser, bela criança. Pensei que fosse mais forte — disse Vautrin. — Não lhe direi mais nada. Apenas uma palavra ainda.

Encarou o estudante:



— Você tem meu segredo — disse-lhe.

— Um rapaz que recusa sua proposta é bem capaz de esquecê-la.

— Muito bem! Isso me agrada. Se fosse outro, seria menos escrupuloso. Lembre-se do que quero fazer por você. Dou-lhe quinze dias. Responda sim ou não.

“Que cabeça de ferro tem esse homem!”, pensou Rastignac, ao ver Vautrin afastar-se tranquilamente, com a bengala sob o braço. “Disse-me cruamente o mesmo que a sra. de Beauséant me disse com belas palavras. Rasgou-me o coração com garras de aço. Por que quero ir à casa da sra. de Nucingen? Ele descobriu os motivos logo que os concebi. Em duas palavras, esse bandido me disse mais coisas sobre a virtude do que me haviam dito os homens e os livros. Se a virtude não tolera capitulação, terei então furtado de minhas irmãs?”, disse para si mesmo, atirando as bolsas na mesa.

Sentou-se e mergulhou numa meditação aterradora.

“Ser fiel à virtude, martírio sublime! Ora! Todos acreditam na virtude. Mas quem é virtuoso? Os povos têm como ídolo a liberdade. Mas em que lugar da Terra existe um povo livre? Minha mocidade ainda é azul como um céu sem nuvens: querer ser grande ou rico não é decidir-se a mentir, curvar-se, rastejar, reerguer-se, bajular, dissimular? Não é consentir em tornar-se criado daqueles que mentiram, que rastejaram, que se curvaram? Sim, pois antes de ser seu cúmplice é preciso servi-los. Pois bem, desisto. Quero trabalhar nobremente, honestamente. Quero trabalhar dia e noite, quero dever minha riqueza a meu próprio trabalho. Será essa a mais lenta das fortunas, mas, todas as noites, minha cabeça repousará sobre o travesseiro sem maus pensamentos. Que há de mais belo que contemplar a própria vida e achá-la pura como um lírio? Eu e a vida somos como um moço e sua noiva. Vautrin mostrou-me o que acontece após dez anos de casamento. Que diabo! Minha cabeça já não funciona direito. Não quero pensar em nada, o coração é um bom guia.”

Eugênio foi arrancado de sua meditação pela voz da gorda Sílvia, que anunciou a chegada do alfaiate, diante do qual ele se apresentou com as duas bolsas de dinheiro na mão, sem se preocupar com isso. Quando acabou de experimentar os trajes para a noite, vestiu a nova roupa para a manhã que o metamorfoseou completamente.

“Valho tanto quanto o sr. de Trailles”, pensou. “Tenho a perfeita aparência de um fidalgo!”

— O senhor me perguntou se eu sabia a que casas vai a sra. de Nucingen? — perguntou o pai Goriot entrando no quarto de Eugênio.



— Sim.

— Pois bem, na próxima segunda-feira ela vai ao baile do marechal de Carigliano. Se o senhor for para lá, depois me dirá se minhas filhas se divertiram, como estavam vestidas, tudo, enfim.

— Como soube disso, meu bom pai Goriot? — perguntou Eugênio fazendo-o sentar-se diante da estufa.

— Foi sua criada de quarto que me disse. Sei tudo o que elas fazem por Teresa e Constância — acrescentou, com uma expressão de contentamento.

O velho parecia um amante, ainda suficientemente jovem para sentir-se feliz com um estratagema que o põe em comunicação com a amada sem que ela o suspeite.

— O senhor vai vê-las! — exclamou, exprimindo com toda a naturalidade uma inveja dolorosa.

— Não sei — respondeu Eugênio. — Vou à casa da sra. de Beauséant perguntar-lhe se ela pode me apresentar à marechala.

Eugênio queria, com uma espécie de alegria interior, mostrar-se na casa da viscondessa vestido como o faria doravante. O que os moralistas chamam de abismos do coração humano são apenas os pensamentos falazes, os impulsos involuntários do interesse pessoal. Essas peripécias, motivo de tantas declamações, esses súbitos recuos são cálculos feitos em proveito de nossos prazeres. Ao ver-se bem-vestido, bem enluvado, bem calçado, Rastignac esqueceu sua virtuosa resolução. A mocidade não ousa mirar-se no espelho da consciência quando ela se inclina para a injustiça, ao passo que a idade madura já se mirou nele: aí reside toda a diferença entre essas duas fases da vida.

Havia alguns dias os dois vizinhos, Eugênio e o pai Goriot, haviam se tornado bons amigos. Sua secreta amizade resultava das mesmas razões psicológicas que haviam gerado sentimentos opostos entre Vautrin e o estudante. O audacioso filósofo que quiser constatar os efeitos de nossos sentimentos sobre o mundo físico encontrará, sem dúvida, mais do que uma prova de sua afetiva materialidade nas relações que eles estabelecem entre nós e os animais. Haverá um fisiognomista mais rápido em julgar um caráter do que um cão em saber se um desconhecido o estima ou não? Os *átomos ganchosos*,<sup>[75]</sup> expressão proverbial de que todos se servem, constituem um desses fatos que permanecem na linguagem para desmentir as tolices filosóficas de que se ocupam aqueles que gostam de joeirar o lixo das

expressões primitivas. Sentimos que somos amados. O sentimento estampa-se em todas as coisas e transpõe os espaços. Uma carta é uma alma, é um eco tão fiel da voz que fala, que os espíritos delicados a incluem entre os mais ricos tesouros do amor. O pai Goriot, que seu sentimento irrefletido elevava até a sublimidade da natureza canina, havia pressentido a compaixão, a bondade cheia de admiração, as simpatias juvenis que se haviam formado por ele no coração do estudante. Essa união nascente, entretanto, ainda não levava a nenhuma confiança. Quando manifestou o desejo de ver a sra. de Nucingen, Eugênio não contara com o velho para introduzi-lo na casa dela, mas esperava que alguma indiscrição lhe pudesse ser útil. O pai Goriot só lhe dissera, a respeito das filhas, aquilo que se permitira dizer em público nos dias de suas duas visitas.

— Meu caro senhor — dissera-lhe no dia seguinte —, como pôde crer que a sra. de Restaud tenha ficado zangada consigo ao ouvi-lo pronunciar meu nome? Minhas duas filhas me amam muito. Sou um pai feliz. Aconteceu, apenas, que meus dois genros se comportaram mal comigo. Não quis que aquelas queridas criaturas sofressem por causa de minhas desavenças com os maridos e preferi passar a vê-las em segredo. Esse mistério me proporciona mil prazeres, que os pais que podem ver as filhas quando querem não compreendem. Eu não posso fazê-lo, ouviu? Por isso, quando o tempo está bom, vou aos Champs-Élysées após ter perguntado às criadas de quarto se minhas filhas vão sair. Espero sua passagem, e meu coração palpita quando as carruagens se aproximam. Admiro-as em seus vestidos, e elas me dirigem, ao passar, um rápido sorriso que me doura a natureza como se nela caísse o raio de algum belo sol. E fico parado ali, pois elas devem voltar. Vejo-as ainda uma vez, o ar puro faz-lhes bem, elas voltam coradas. Ouço dizerem em torno de mim: “Que mulher linda!”. Isso me alegra o coração. Não é, acaso, meu próprio sangue? Amo os cavalos que as puxam, gostaria de ser o cãozinho que elas levam sobre os joelhos. Vivo de seus prazeres. Cada um tem sua maneira de amar. E como a minha não faz mal a ninguém, por que se preocupam comigo? Sou feliz a meu modo. Será contrário às leis ir ver minhas filhas, à noite, no momento em que saem de casa para um baile? Como sofro quando chego tarde e me dizem: “A senhora já saiu!”. Uma vez, esperei até as três da madrugada para ver Anastácia que não via havia dois dias. Quase estourei de alegria! Peço-lhe, não fale em mim a não ser para dizer o quanto minhas filhas são boas. Elas querem me cumular de toda espécie de presentes; sou eu que impeço, dizendo-lhes: “Guarda teu dinheiro! Que queres que

eu faça com ele? Não preciso de nada”. Na verdade, meu caro senhor, que sou eu? Um simples cadáver, cuja alma está em toda a parte onde estão minhas filhas. Depois de ter visto a sra. de Nucingen, o senhor me dirá a qual das duas prefere — disse o velho após um momento de silêncio, enquanto observava Eugênio preparando-se para sair, para ir passear nas Tulherias, à espera da hora de chegar à casa da sra. de Beauséant.

Esse passeio foi fatal ao estudante. Algumas mulheres o observaram. Ele estava muito bonito, muito jovem e com uma elegância de muito bom gosto! Ao ver-se alvo de uma atenção quase admirativa, não pensou mais nas irmãs nem na tia espoliadas, nem em suas virtuosas repugnâncias. Vira passar por cima de sua cabeça esse demônio que é tão fácil tomar por um anjo, esse satã de asas multicores que espalha rubis, que lança flechas douradas à fachada dos palácios, cobre de púrpura as mulheres e reveste de um tolo brilho os tronos tão simples em sua origem. Escutara o deus dessa vaidade crepitante, cujos ouropéis nos parecem um símbolo de poder. As palavras de Vautrin, por cínicas que fossem, haviam se alojado em seu coração como na recordação de uma virgem se grava o ignóbil perfil de uma velha regateira que lhe disse um dia: “Ouro e amor, em torrentes!”. Após ter perambulado indolentemente, Eugênio chegou, pelas cinco horas, à casa da sra. de Beauséant e lá recebeu um desses golpes terríveis contra os quais os corações jovens se sentem indefesos. Até então ele havia encontrado a condessa cheia dessa amenidade polida, dessa graça melíflua, conferida pela educação aristocrática, e que só é completa quando provém do coração.

Quando ele entrou, a sra. de Beauséant fez um gesto seco e disse-lhe rapidamente:

— Sr. de Rastignac, não posso recebê-lo, pelo menos neste momento! Estou ocupada...

Para um observador, e Rastignac passara a sê-lo rapidamente, aquela frase, o gesto, o olhar e a inflexão da voz encerravam a história do caráter e dos hábitos da casta. Percebeu a mão de ferro sob a luva de veludo; a personalidade, o egoísmo, sob a polidez; a madeira sob o verniz. Ouviu, enfim, o *Eu, o Rei*, que começa sob os penachos do trono e termina sob o cimeiro do último fidalgo. Eugênio confiara demais em sua palavra, acreditando na nobreza da mulher. Além disso, como todos os infelizes, firmara de boa-fé o pacto delicioso que deve ligar o benfeitor ao beneficiado, e cujo primeiro artigo estabelece entre os corações grandes uma

completa igualdade. A beneficência que une dois seres num só é uma paixão celestial, tão incompreendida e tão rara como o verdadeiro amor. Um e outro constituem a prodigalidade das belas almas. Rastignac queria ir ao baile da duquesa de Carigliano e sufocou seus sentimentos de revolta.

— Minha senhora — disse, com uma voz comovida —, se não se tratasse de uma coisa importante, eu não viria importuná-la. Tenha a bondade de permitir que eu volte mais tarde. Esperarei.

— Pois bem, venha jantar comigo — disse ela, um pouco confusa pela aspereza que pusera em suas palavras, pois era, realmente, tão bondosa quanto nobre.

Embora sensibilizado por essa súbita mudança, Eugênio pensou, ao retirar-se: “Humilha-te, suporta tudo! Como não devem ser os outros, se, num momento, a melhor das mulheres esquece as promessas de amizade e te deixa a um canto como um sapato velho? Cada um por si, não é? É verdade que sua casa não é um armazém e que não tenho razão de recorrer a ela. Como diz Vautrin, preciso transformar-me num projétil de artilharia”.

As amargas reflexões do estudante foram logo dissipadas pelo prazer que ele se prometia em jantar na casa da viscondessa. Assim, por uma espécie de fatalidade, os menores acontecimentos de sua vida conspiravam para empurrá-lo para sua carreira, onde, segundo as observações da terrível esfinge da Casa Vauquer, ele devia, como num campo de batalha, matar para não ser morto, enganar para não ser enganado; onde devia deixar de lado, à entrada, a consciência e o coração, enfiar uma máscara, zombar impiedosamente dos homens e, como na Lacedemônia,<sup>[76]</sup> apanhar a fortuna sem ser visto para merecer a coroa. Quando voltou à casa da viscondessa, encontrou-a cheia dessa amável bondade que ela sempre lhe testemunhara. Dirigiram-se ambos para uma sala de refeições, onde o visconde esperava a esposa e onde resplandecia esse luxo de mesa que, sob a Restauração, foi, como todos sabem, elevado ao mais alto grau. O sr. de Beauséant, como muitas pessoas entendidas da vida, quase não tinha outros prazeres além do dos bons pratos; era, em matéria de glotonaria, da escola de Luís XVIII e do duque d'Escars. Sua mesa oferecia, assim, um duplo luxo, o do continente e o do conteúdo. Jamais semelhante espetáculo havia impressionado tanto os olhos de Eugênio, que jantava pela primeira vez numa dessas casas onde as grandezas sociais são hereditárias. A moda acabara de suprimir as ceias que encerravam, outrora, os bailes do Império e nas quais os militares precisavam adquirir forças para enfrentar

todos os combates que os esperavam no interior e no exterior. Eugênio, até então, assistira apenas a bailes. O desembaraço que mais tarde o distinguiu, e que ele já começava a adquirir, livrou-o de embasbacar-se como um tolo. Mas, ao ver aquela prataria lavrada e os mil requintes de uma mesa suntuosa, ao admirar pela primeira vez um serviço feito sem ruído, era difícil, para um homem de ardente imaginação, não preferir aquela vida constantemente elegante à existência de privações que pela manhã decidira abraçar. Transportou-se em pensamento, num instante, à sua pensão burguesa; e ficou de tal modo horrorizado com ela que resolveu deixá-la no mês de janeiro, tanto para ir morar numa casa asseada como para evitar Vautrin, cuja larga mão sentia sobre o ombro. Refletindo sobre as mil formas que assume, em Paris, a corrupção, muda ou falante, um homem de bom-senso é levado a interrogar-se por que aberração o Estado ali funda escolas e agrupa os moços, como as belas mulheres podem ser respeitadas, como o ouro exposto à venda pelos cambistas não desaparece de seus balcões. Mas se pensamos como são raros os exemplos de crimes, mesmo de delitos cometidos por jovens, como nos parecem dignos de respeito esses pacientes Tântalos — que se combatem a si mesmos e quase sempre vencem! Se tivesse sido bem retratado em sua luta com Paris, o pobre estudante forneceria um dos assuntos mais dramáticos de nossa civilização moderna. A sra. de Beauséant olhava inutilmente para Eugênio a fim de animá-lo a falar. Ele não quis dizer nada na presença do visconde.

— Levas-me aos Italiens esta noite? — perguntou a viscondessa ao marido.

— Não podes duvidar do prazer que eu teria em obedecer-te — respondeu ele, com um galanteio gracejador que iludiu o estudante. — Mas preciso encontrar-me com alguém nas Varietés.

“A amante”, pensou ela.

— D’Ajuda não virá esta noite? — perguntou o visconde.

— Não — respondeu ela com naturalidade.

— Pois bem, se precisas de quem te acompanhe, vai com o sr. de Rastignac.

A viscondessa olhou, sorrindo, para Eugênio.

— Seria muito comprometedor para você — disse-lhe.

— *O francês ama o perigo porque nele encontra a glória*, disse Chateaubriand — respondeu Eugênio, fazendo uma reverência.

Pouco depois, foi conduzido, ao lado da sra. de Beauséant, num cupê rápido, ao teatro mais em moda e julgou estar nalgum país de fadas ao entrar num camarote

de frente e ao sentir-se, junto com a viscondessa, cujo vestido era delicioso, o alvo de todos os binóculos. Avançava de encantamento em encantamento

— Você disse que precisava falar comigo — disse-lhe a sra. de Beauséant. — Ah! Olhe, a sra. de Nucingen está no terceiro camarote adiante do nosso. Sua irmã e o sr. de Trailles estão no outro lado.

Ao pronunciar essas palavras, a viscondessa olhava para o camarote no qual devia encontrar-se a sra. de Rochefide e, não vendo lá o sr. d'Ajuda, sua fisionomia adquiriu um brilho extraordinário.

— É encantadora — disse Eugênio, após ter contemplado a sra. de Nucingen.

— Tem os cílios brancos.

— Sim, mas que belo corpo esbelto!

— Tem mãos muito grandes.

— Mas que lindos olhos!

— Tem o rosto muito comprido.

— Mas o rosto comprido dá distinção.

— É uma sorte para ela que assim seja. Veja como ela segura a luneta! A gente está vendo o Goriot em todos os seus gestos — disse a viscondessa, ante o grande espanto de Eugênio.

A sra. de Beauséant percorria o teatro com a luneta e parecia não prestar atenção à sra. de Nucingen, sem perder, entretanto, um só de seus movimentos. A reunião estava singularmente bela. Delfina de Nucingen ficou muito lisonjeada por ocupar exclusivamente o jovem, belo e elegante primo da sra. de Beauséant: ele só olhava para ela.

— Se continuar a cobri-la com seus olhares, dará um escândalo, sr. de Rastignac. Não triunfará na vida se se atirar desse modo ante os olhos de todos.

— Querida prima — disse Eugênio —, a senhora já me protegeu muito. Se quiser completar sua obra, preste-me um serviço que lhe dará pouco trabalho e me fará muito bem. Estou apaixonado.

— Já?

— Sim.

— Por essa mulher?

— Minhas pretensões seriam escutadas em outro lugar? — disse, dirigindo um olhar penetrante à prima. — A sra. duquesa de Carigliano dá-se muito com a sra. duquesa de Berry. — acrescentou, após uma pausa. — Certamente a senhora a

encontrará. Tenha a bondade de introduzir-me na casa dela e de me levar ao baile que ela dará na segunda-feira. Encontrarei lá a sra. de Nucingen e farei minha primeira escaramuça.

— Com muito prazer — disse ela. — Se você já gosta dela, seus assuntos sentimentais vão muito bem. Lá está de Marsay no camarote da princesa Galathionne. A sra. de Nucingen está num verdadeiro suplício, cheia de ciúme. Não há melhor momento para abordar uma mulher, principalmente uma mulher de banqueiro. Todas essas senhoras da Chaussée-d’Antin gostam de vingança.

— Que faria a senhora no seu lugar?

— Sofreria em silêncio.

Nesse momento o marquês d’Ajuda entrou no camarote da sra. de Beauséant.

— Resolvi meus negócios às pressas para encontrá-la — disse — e conto-lhe isso para que não seja um sacrifício.

As cintilações da fisionomia da viscondessa ensinaram a Eugênio a reconhecer as expressões de um verdadeiro amor e a não confundi-las com os fingimentos dos galanteios parisienses. Admirou a prima, ficou em silêncio e cedeu o lugar ao sr. d’Ajuda, suspirando.

“Como é nobre, como é sublime uma mulher que ama assim!”, pensou. “E esse homem vai traí-la por uma boneca! Como se pode traí-la?”

Sentiu no coração uma raiva pueril. Teve vontade de lançar-se aos pés da sra. de Beauséant, desejou possuir a força dos demônios a fim de conduzi-lo ao coração da prima, como uma águia arrebatada da planície para as altitudes onde mora a cabritinha branca que ainda mama. Sentia-se humilhado por achar-se naquele museu de beleza sem uma amante.

“Ter uma amante”, pensava, “constitui uma posição quase real, é o símbolo do poder!”

Olhou para a sra. de Nucingen como um homem insultado olha para o adversário. A viscondessa voltou-se para ele, para dirigir-lhe mil agradecimentos por sua discrição, piscando um olho. Acabara o primeiro ato.

— Conhece bastante a sra. de Nucingen para apresentar-lhe o sr. de Rastignac? — perguntou ao sr. d’Ajuda.

— Ela ficará encantada em conhecê-lo — disse o marquês.

O belo português ergueu-se e tomou o braço do estudante, que num momento se viu junto da sra. de Nucingen.

— Senhora baronesa — disse o marquês —, tenho a honra de apresentar-lhe o cavalheiro Eugênio de Rastignac, primo da viscondessa de Beauséant. A senhora causou-lhe uma impressão tão forte que eu quis completar sua felicidade, aproximando-o de seu ídolo.

Essas palavras foram pronunciadas com uma entonação brincalhona, que dissimulava a ideia, um pouco brutal, mas que, bem apresentada, nunca desagradava a uma mulher. A sra. de Nucingen sorriu e ofereceu a Eugênio o lugar do marido, que acabava de sair.

— Não ouse propor-lhe que fique junto de mim — disse-lhe. — Quando se tem a ventura de estar junto da sra. de Beauséant, não se troca esse lugar por outro.

— Ora — respondeu Eugênio em voz baixa—, parece-me que, se eu quiser agradar a minha prima, devo permanecer ao lado da senhora. Antes da chegada do marquês, falávamos na senhora, comentando a distinção que se irradia de sua pessoa — acrescentou em voz alta.

O sr. d’Ajuda retirou-se.

— Vai ficar mesmo? — perguntou a baronesa. — Então ficaremos conhecidos. A sra. de Restaud já me dera o mais vivo desejo de conhecê-lo.

— Mas então ela é muito falsa! Ela me fechou a porta de sua casa.

— Como?

— Minha senhora, terei a franqueza de dizer-lhe a razão disso. Mas reclamo toda sua indulgência ao confiar-lhe tal segredo. Sou vizinho de quarto do senhor seu pai. Ignorava que a sra. de Restaud fosse filha dele. Tive a imprudência de falar nele de modo muito inocente e assim desgostei a senhora sua irmã e o marido. A senhora não pode imaginar o quanto a duquesa de Langeais e minha prima acharam de mau gosto essa apostasia filial. Descrevi-lhes a cena e elas riram como loucas. Foi então que, fazendo um paralelo entre a senhora e sua irmã, a sra. de Beauséant me falou de maneira muito amável a seu respeito, dizendo-me o quanto a senhora é boa para meu vizinho, o sr. Goriot. E, realmente, como a senhora não o amaria? Ele a adora tão apaixonadamente que chego a ter ciúmes. Falamos na senhora esta manhã, durante duas horas. Depois, ainda com o espírito cheio do que seu pai me falou, eu disse à minha prima, enquanto jantava com ela esta noite, que a senhora não poderia ser tão bela quanto era amorosa. Então, querendo favorecer uma admiração tão ardente, a sra. de Beauséant me trouxe aqui, dizendo-me, com sua graça habitual, que eu a encontraria.



— Quer dizer que já lhe devo gratidão? — disse a mulher do banqueiro. — Daqui a pouco já seremos velhos amigos.

— A simples amizade pela senhora deve ser um sentimento muito vulgar — disse Rastignac. — Não quero, de modo algum, ser seu amigo.

Essas futilidades, estereotipadas para uso dos estreantes, exercem sempre uma grande fascinação sobre as mulheres. Somente quando lidas a frio parecem pobres. O gesto, a inflexão da voz e o olhar de um rapaz emprestam-lhes incalculáveis méritos. A sra. de Nucingen achou Rastignac encantador. Depois, como todas as mulheres, não podendo contestar a questões tão vivamente formuladas como as do estudante, ela respondeu a outra coisa.

— É verdade, minha irmã se prejudica pela maneira como se conduz com esse pobre pai, que, realmente, tem sido para nós um deus. Foi preciso que o sr. de Nucingen me ordenasse categoricamente que só recebesse meu pai pela manhã, para que eu cedesse nesse ponto. Mas isso me tornou infeliz por muito tempo. Chorei. Essas violências, sucedendo às brutalidades do casamento, foram uma das razões que mais perturbaram minha vida conjugal. Sou, com toda a certeza, a mulher de Paris mais feliz aos olhos do mundo e a mais infeliz na realidade. O senhor pensará que sou louca por falar-lhe assim. Mas o senhor conhece meu pai e, nessas condições, não pode considerar-me uma estranha.

— Asseguro-lhe que a senhora nunca encontrou ninguém animado de um desejo mais vivo de pertencer-lhe do que eu — disse-lhe Eugênio. — Que é que todos procuram? A felicidade — acrescentou ele, com uma voz que penetrava até a alma. — Pois bem, se, para uma mulher, a felicidade consiste em ser amada, adorada, ter um amigo a quem possa confiar seus desejos, suas fantasias, seus pesares e suas alegrias; mostrar-se na nudez de sua alma, com seus encantadores defeitos e suas belas qualidades, sem receio de ser traída; acredite-me, então, esse coração dedicado, sempre ardente, só se pode encontrar num rapaz cheio de ilusões, capaz de morrer a um simples gesto seu, que ainda não sabe nada do mundo e nada quer saber porque para ele a senhora representa o mundo inteiro. A senhora certamente vai achar graça na minha ingenuidade, mas deixe que lhe diga que estou chegando do interior de uma província, completamente ignorante, não tenho conhecido senão belas almas, e esperava conservar-me sem amor. Aconteceu-me, porém, ir visitar minha prima, que se afeiçoou muito a mim. Ela me fez descobrir os mil tesouros da paixão. Sou, como Querubim, o apaixonado de todas as mulheres, à espera de

poder dedicar-me a alguma delas. Ao vê-la, quando entrei no teatro, senti-me atraído para a senhora como por um ímã. Já pensara tanto em si! Mas não a imaginava tão bela como é na realidade. A sra. de Beauséant ordenou-me que não a fitasse tanto. Ela não compreende a atração de seus belos lábios rubros, sua tez clara, seus olhos tão doces... Eu também estou dizendo-lhe loucuras, mas deixe-me dizê-las.

Nada agrada tanto às mulheres como ouvir elogiá-las com essas amáveis palavras. A mais severa devota as escuta, mesmo sabendo que não pode respondê-las. Após ter começado assim, Rastignac continuou a falar com uma voz velada e cheia de sedução. E a sra. de Nucingen o encorajava com sorrisos, olhando, de vez em quando, para de Marsay, que não deixava o camarote da princesa Galathionne. Rastignac ficou ao lado da sra. de Nucingen até o momento em que seu marido veio buscá-la.

— Terei o prazer de ir visitá-la antes do baile da duquesa de Carigliano — disse-lhe Eugênio.

— *Chá que a zenhorra o convita* — disse o barão, espesso alsaciano, cujo rosto redondo denunciava uma astúcia perigosa —, *pode estar zecurro de zer pem recebido.*

“As coisas vão muito bem, pois ela não se assustou ao ouvir-me perguntar-lhe se gostaria de mim. Meu animal já está com o freio. Saltemos em cima e governemo-lo”, pensou Eugênio, indo cumprimentar a sra. de Beauséant, que se levantava e se retirava com d’Ajuda.

O pobre estudante ignorava que a baronesa estava distraída e esperava do sr. de Marsay uma dessas cartas decisivas que despedaçam a alma. Radiante com seu falso triunfo, acompanhou a viscondessa até o peristilo, onde todos esperavam suas carruagens.

— Seu primo já não parece mais o mesmo — disse o português, sorrindo para a viscondessa, quando Eugênio os deixou. — Vai acabar quebrando o banco. Ele é ágil como uma enguia e creio que irá longe. Só mesmo você para escolher-lhe a dedo uma mulher no momento exato em que precisa de consolo.

— Mas — disse a sra. de Beauséant — é preciso saber se ela ama ainda aquele que a abandona.

O estudante voltou a pé do Théâtre des Italiens à rue Neuve-Sainte-Geneviève, fazendo os mais doces projetos. Observara perfeitamente a atenção com que a sra.

de Restaud o examinara, tanto no camarote da viscondessa como no da sra. de Nucingen, e pôde presumir que a porta da casa da condessa não seria mais fechada para ele. E, como tinha a certeza de agradar à marechala, contava já com quatro ilustres relações no seio da alta sociedade parisiense. Sem explicar muito claramente os meios de que se serviria, compreendia antecipadamente que, no complicado mecanismo dos interesses do mundo, precisava agarrar-se a uma engrenagem para alcançar o alto da máquina, cuja roda ele sentia forças suficientes para entrar. “Se a sra. de Nucingen se interessa por mim, eu lhe ensinarei a governar o marido. E como o marido lida com dinheiro, poderá ajudar-me a enriquecer rapidamente.”

Não se diziam essas coisas cruamente. Não era ainda bastante político para reduzir uma situação a algarismos, avaliá-la e calculá-la. Essas ideias flutuavam no horizonte sob a forma de nuvens leves e, embora não tivessem a aspereza das de Vautrin, se fossem submetidas ao crisol da consciência não dariam nada de muito puro. É por uma sucessão de concessões dessa natureza que os homens chegam a essa moral relaxada, professada pela época atual, onde são mais raros do que em qualquer outra era esses homens retangulares, essas belas vontades que nunca se curvam perante o mal e às quais o menor desvio da linha reta parece um crime: magníficas imagens da probidade, que nos deram duas obras-primas: *Alceste* de Molière e, mais recentemente, *Jenny Deans* e o pai, na obra de Walter Scott. É possível que a obra oposta a essa, o quadro das sinuosidades nas quais um homem da sociedade, um ambicioso, faz rolar sua consciência, numa tentativa de contornar o mal, não seja menos bela nem dramática. Ao chegar à pensão, Rastignac estava apaixonado pela sra. de Nucingen. Achava-a esbelta, fina como uma andorinha. Recordava-se de tudo: a inebriante doçura de seus olhos, a pele delicada e sedosa, sob a qual acreditara ver circular o sangue, o som encantador da voz, os cabelos louros. E é possível que a marcha, apresentando os movimentos de seu sangue, tivesse contribuído para essa fascinação. O estudante bateu fortemente à porta do pai Goriot.

— Vizinho — disse —, vi a sra. Delfina.

— Onde?

— Nos Italiens.

— Ela se divertiu bastante...? Entre.

E o bom velho, que se levantara em camisa de dormir, abriu a porta e tornou a

deitar-se.

— Diga-me alguma coisa sobre ela! — pediu.

Eugênio, que entrara pela primeira vez no quarto do pai Goriot, não pôde evitar um gesto de estupefação ao ver o quarto miserável onde vivia o pai, após ter admirado o luxo da filha. A janela não tinha cortinas. O papel que forrava as paredes estava desbotado em vários lugares, devido à umidade, e enrugado, deixando ver o reboco da parede amarelada pela fumaça. O velho estava deitado num catre, tendo sobre o corpo um cobertor fino e sobre os pés um acolchoado feito com os pedaços aproveitáveis de vestidos velhos da sra. Vauquer. O assoalho era úmido e cheio de poeira. Diante da janela, havia uma dessas velhas cômodas em pau-rosa, mais grossas na parte média, e com puxadeiras de cobre torcido em forma de ramos, ornados de folhas ou flores; um velho móvel, servindo de mesa, sobre o qual havia um jarro d'água dentro da bacia e todos os utensílios necessários para fazer a barba. A um canto, os sapatos. Ao lado da cama, uma mesinha de cabeceira sem porta nem tampo de mármore. A um canto da lareira, onde não havia o menor vestígio de fogo, achava-se a mesa quadrada, de nogueira, cuja travessa servira para o pai Goriot amassar sua sopeira de prata dourada. Uma secretária em mau estado, sobre a qual estava o chapéu do velho, uma poltrona com o assento afundado e duas cadeiras completavam o lastimável mobiliário. A haste do leito, presa ao assoalho por um trapo, sustentava um velho cortinado de xadrez encarnado e branco. O mais humilde criado vive, certamente, muito melhor na sua água-furtada do que o pai Goriot na casa da sra. Vauquer. O aspecto do quarto causava frio e apertava o coração, parecia mais a cela triste de uma prisão. Felizmente, Goriot não notou a expressão que se estampou na fisionomia de Eugênio, quando ele pôs o candeeiro sobre a mesinha de cabeceira. O velho deitou-se de lado, com a coberta até o queixo.

— E então, qual delas lhe agrada mais? A sra. de Restaud ou a sra. de Nucingen?

— Prefiro a sra. Delfina — respondeu o estudante —, porque ela gosta mais do senhor.

Ao ouvir essa frase, pronunciada com calor, o bom velho estendeu o braço para fora da coberta e apertou a mão de Eugênio.

— Obrigado, obrigado — respondeu o velho, comovido. — Que lhe disse ela de mim?

O estudante repetiu as frases da baronesa, embelezando-as, e o velho as escutou como se estivesse ouvindo a palavra de Deus.

— Filha querida! Sim, sim, ela me ama muito. Mas não acredite no que ela lhe disse de Anastácia. As duas irmãs têm ciúmes uma da outra, repare! Isso é mais uma prova de sua afeição. A sra. de Restaud também gosta muito de mim. Tenho certeza disso. Um pai é, para os filhos, como Deus para nós, vai até o fundo dos corações e julga as intenções. Ambas são igualmente amorosas. Oh, se eu tivesse bons genros, seria muito feliz. Mas é certo que não há felicidade completa na terra. Se eu vivesse na casa delas, só ao ouvir sua voz, sabê-las ali, vê-las andar, sair, como quando eu as tinha em minha casa, meu coração pularia de alegria...! Estavam bem-vestidas?

— Sim — disse Eugênio. — Mas, sr. Goriot, como é que, tendo filhas tão ricas como as suas, pode o senhor morar numa pocilga destas?

— Ora — respondeu, com uma expressão aparentemente despreocupada —, de que me serviria estar mais bem instalado? Não posso explicar-lhe essas coisas. Não sei dizer corretamente duas palavras seguidas. Tudo está aqui — acrescentou, batendo no peito. — A vida, para mim, está nas minhas duas filhas. Se elas se divertem, se elas se sentem felizes, elegantemente vestidas, se pisam sobre tapetes, que importam os andrajos com que eu me vista e o lugar onde me deite? Não sinto frio se elas estão com calor, não me aborreço se elas riem. Só fico triste quando elas se entristecem. Quando o senhor for pai, quando pensar, ao ouvir os filhos tagarelarem, “Isso saiu de mim!”, quando sentir que essas criaturzinhas foram feitas com as gotas de seu sangue, do qual são a fina flor, pois é justamente assim!, o senhor se sentirá ligado à sua pele, pensará que é o senhor mesmo ao vê-los andar. Onde quer que estejam, sua voz chega aos meus ouvidos. Um olhar delas, quando triste, me enregela o sangue. Um dia o senhor sentirá que a felicidade deles nos faz mais felizes do que a nossa própria felicidade. Não posso explicar-lhe isso: são movimentos íntimos que espalham contentamento por toda a parte. Enfim, vivo três vezes. Quer que eu lhe conte uma coisa engraçada? Pois bem, quando me tornei pai, compreendi Deus. Ele está inteiro em toda parte, pois a criação saiu dele. Assim sou eu com relação a minhas filhas. A única diferença é que eu amo mais minhas filhas do que Deus ama o mundo, porque o mundo não é tão belo como Deus e minhas filhas são mais belas do que eu. Elas estão sempre tão presentes em minha alma que eu tive um pressentimento de que o senhor as veria esta noite. Meu Deus! Se um homem tornasse minha Delfina tão feliz como o é uma mulher ao sentir-se amada, eu lhe lustraria os sapatos, faria recados para ele. Soube pela

criada de quarto que esse pequeno sr. de Marsay é um cão. Tive vontade de torcer-lhe o pescoço. Não amar uma joia de mulher, uma voz de rouxinol, e com um corpo que é um modelo! Que ideia foi essa de casar-se com esse estúpido alsaciano? O de que ambas precisavam é de belos rapazes amorosos. Enfim, elas o fizeram por gosto.

O pai Goriot estava sublime. Eugênio ainda não o vira iluminado pelos clarões de sua paixão paternal. É notável o poder de impregnação dos sentimentos. Por mais vulgar que seja uma criatura, basta que ela exprima uma afeição forte e sincera para exalar um fluido particular que modifica a fisionomia, anima o gesto, dá cor à sua voz. Muitas vezes o mais estúpido dos indivíduos atinge, sob o influxo da paixão, a mais alta eloquência na ideia, e mesmo na linguagem, e parece mover-se numa esfera luminosa. Havia, naquele momento, na voz e no gesto do velho, a força comunicativa que distingue um grande ator. Os nossos belos sentimentos não são, na verdade, os poemas da vontade?

— Creio que o senhor não ficará aborrecido de saber — disse-lhe Eugênio — que ela vai, sem dúvida, romper com esse de Marsay. O belo rapaz deixou-a para ligar-se à princesa Galathionne. Quanto a mim, fiquei apaixonado pela sra. Delfina esta noite.

— Ora! — murmurou o pai Goriot.

— Sim. Não lhe desagradei. Falamos de amor durante uma hora e vou visitá-la depois de amanhã, sábado.

— Oh, como eu o estimaria, meu caro, se o senhor fosse de seu agrado! O senhor é tão bom, não a atormentaria. Se a traísse, eu lhe cortaria o pescoço. Uma mulher não tem dois amores, fique certo! Meu Deus! Estou dizendo tolices, sr. Eugênio. Está muito frio aqui para o senhor. Meu Deus! Então ouviu-a? Que foi que ela me mandou dizer?

“Nada”, pensou Eugênio.

— Disse-me — respondeu em voz alta — que lhe mandava um bom beijo de filha.

— Boa noite, vizinho! Durma bem e tenha bons sonhos. Eu já tenho os meus, graças a essa frase. Que Deus o proteja em todos os seus desejos! O senhor foi para mim, esta noite, como um bom anjo, pois trouxe minha filha para junto de mim!

“Coitado!”, pensou Eugênio ao deitar-se. “É de comover um coração de mármore. Sua filha pensou tanto nele como no grão-turco.”

Depois daquela palestra, o pai Goriot passou a ver no vizinho um confidente

inesperado, um amigo. Haviam se estabelecido entre eles as únicas relações pelas quais o velho poderia ligar-se a outro homem. As paixões nunca erram seus cálculos. O pai Goriot via-se um pouco mais perto de sua filha Delfina, via-se mais bem recebido por ela, se Eugênio se tornasse caro à baronesa. Além disso, ele lhe confiara uma de suas dores. A sra. de Nucingen, a quem, mil vezes por dia, ele desejava a felicidade, não conhecera as doçuras do amor. Eugênio era, sem dúvida, para servir-se de sua expressão, um dos moços mais gentis que ele jamais encontrara e parecia pressentir que ele daria à sua filha todos os prazeres de que ela fora privada. O bom velho foi, assim, tomado de uma amizade crescente pelo vizinho, sem a qual não teria sido possível conhecer o desfecho desta história.

Na manhã seguinte, ao almoço, a afetação com que o pai Goriot olhava para Eugênio, junto de quem se sentara, as poucas palavras que lhe disse e a alteração de sua fisionomia, ordinariamente semelhante a uma máscara de gesso, surpreenderam os pensionistas. Vautrin, que encontrava o estudante pela primeira vez depois de sua conferência, parecia querer ler em sua alma. Recordando-se do projeto daquele homem, Eugênio, que, antes de adormecer, medira, durante a noite, o vasto campo que se abria a seus olhares, pensou necessariamente no dote da srta. Taillefer e não se pôde impedir de olhar para Vitorina como o mais virtuoso rapaz olha para uma rica herdeira. Por acaso seus olhares se encontraram. A pobre moça não deixou de achar Eugênio encantador no seu novo traje. O olhar que trocaram foi bastante significativo para que Rastignac não tivesse dúvidas de ser, para ela, o objeto desses confusos desejos que assaltam todas as moças e que elas fixam no primeiro indivíduo um pouco sedutor que se oferece a seus olhares. Uma voz gritava-lhe: “Oitocentos mil francos!”. Imeditamente, porém, voltou-se para as recordações da véspera e pensou que a sua paixão fingida pela sra. de Nucingen seria o antídoto de seus maus pensamentos.

— Ontem levaram nos Italiens *O barbeiro de Sevilha*, de Rossini. Eu nunca ouvira música tão deliciosa — disse. — Meu Deus! Como se deve ser feliz tendo um camarote nos Italiens!

O pai Goriot apanhou essa palavra no ar, como um cão percebe um gesto do dono.

— Vocês, os homens, gozam de todas as comodidades — disse a sra. Vauquer —, fazem tudo o que lhes agrada.

— Como voltou? — perguntou Vautrin.

— A pé — respondeu Eugênio.

— Se fosse eu — replicou o tentador —, não quereria saber de prazeres pela metade. Gostaria de ir na minha carruagem, ficar no meu camarote e voltar comodamente. Tudo ou nada! Eis o meu lema.

— E está muito acertado — comentou a sra. Vauquer.

— O senhor deve ir visitar a sra. de Nucingen — disse Eugênio, em voz baixa, a Goriot. — Pode estar certo de que ela o receberá de braços abertos. Quererá saber pelo senhor mil detalhes a meu respeito. Soube que ela seria capaz de tudo para ser recebida na casa de minha prima, a sra. viscondessa de Beauséant. Não se esqueça de dizer-lhe que eu a amo tanto que já pensei em proporcionar-lhe essa satisfação.

Rastignac dirigiu-se em seguida para a Escola de Direito. Queria ficar o menor tempo possível naquela casa odiosa. Andou vagueando pelas ruas durante quase todo o dia, presa dessa febre mental, conhecida de todos os moços assaltados por esperanças muito fortes. Os argumentos de Vautrin faziam-no refletir sobre a vida social, no momento em que encontrou seu amigo Bianchon no Jardin du Luxembourg.

— Que é que te deu esse ar tão sério? — perguntou-lhe o estudante de medicina, tomando-o pelo braço e levando-o a passear diante do palácio.

— Ando atormentado por más ideias.

— De que natureza? As ideias se curam.

— Como?

— Sucumbindo-se a elas.

— Estás rindo sem saber de que se trata. Leste Rousseau?

— Li.

— Lembras-te daquela passagem em que ele pergunta ao leitor que faria se pudesse enriquecer matando, apenas pela vontade, um velho mandarim da China, sem sair de Paris?

— Lembro-me.

— E então?

— Pois já estou no meu trigésimo terceiro mandarim.

— Não graces. Dize-me uma coisa: se te provassem que isso é possível e que bastaria fazeres um gesto com a cabeça, tu o farias?

— É muito velho, o mandarim? Mas não, jovem ou velho, paralítico ou sadio, de modo algum... eu não faria esse gesto!



— És um rapaz digno, Bianchon! Mas se amasses uma mulher a ponto de por ela virar a alma pelo avesso e se precisasses de dinheiro, muito dinheiro, para seus vestidos, sua carruagem, para todos os seus caprichos, enfim?

— Mas tu me privas de todo o raciocínio e queres que eu raciocine!

— Pois bem, Bianchon. Estou louco. Cura-me. Tenho duas irmãs que são uns anjos de beleza e de candura e quero que elas sejam felizes. Onde arranjar duzentos mil francos para seu dote, daqui a cinco anos? Há circunstâncias na vida, como vês, em que é preciso jogar forte e não empregar a sorte em ganhar alguns soldos.

— Ora, estás formulando a questão que preocupa a toda gente no começo da vida e queres cortar o nó górdio com a espada. Para agir assim, meu caro, é preciso ser Alexandre. De outro modo, acaba-se na cadeia. Quanto a mim, sinto-me feliz com a existência modesta que levarei na província, onde sucederei simplesmente a meu pai. As afeições do homem podem ser plenamente satisfeitas, tanto no menor círculo, como numa imensa circunferência. Napoleão não jantava duas vezes nem podia ter mais amantes do que um estudante de medicina, que trabalha como interno nos Capuchinhos. Nossa felicidade, meu caro, estará sempre entre a planta dos nossos pés e a nossa cabeça. Quer ela custe um milhão ou cem luíses por ano, sua percepção intrínseca, em nosso íntimo, será sempre a mesma. Concluo pela vida do chinês.

— Muito obrigado. Fizeste-me um grande bem, Bianchon! Seremos sempre amigos.

— Olhe aqui — replicou o estudante de medicina —, ao sair da aula de Cuvier, no Jardin-des-Plantes, vi a Michonneau e o Poiret conversando num banco com um senhor que conheci nos distúrbios do ano passado, perto da Câmara dos Deputados, e que me deu a impressão de ser um empregado da polícia disfarçado de capitalista. Vamos ficar de olho nesse casal: depois eu te direi por quê. Até logo, vou responder a minha chamada das quatro horas.

Quando Eugênio voltou à pensão, encontrou o pai Goriot a sua espera.

— Tome aqui — disse o velho —, é uma carta dela. Que bela letra, hein?

Eugênio abriu o envelope e leu:

Senhor,

Meu pai disse-me que o senhor gosta de música italiana. Eu me sentiria feliz se o senhor quisesse dar-me o prazer de aceitar um lugar no meu camarote. Sábado teremos Fodor e Pellegrini. Estou certa de

que não recusará este convite. O sr. de Nucingen junta-se a mim para pedir-lhe que venha jantar conosco, sem cerimônia. Aceitando, o senhor lhe dará grande contentamento por não ter de suportar a maçada matrimonial de acompanhar-me. Não me responda. Venha e aceite meus cumprimentos.

d. de n.

— Deixe-me ver — disse o velho a Eugênio quando este terminou a leitura. — O senhor vai, não é? — acrescentou, após ter cheirado o papel. — Que perfume! É porque seus dedos o tocaram.

“Uma mulher não se atira assim nos braços de um homem!”, pensava o estudante. “Ela quer servir-se de mim para recuperar de Marsay. Só mesmo o despeito pode fazer uma coisa dessas.”

— Então? — disse o pai Goriot. — Em que está pensando?

Eugênio ignorava o delírio de vaidade que dominava algumas mulheres naquela época e não sabia que, para abrir-se uma porta no Faubourg Saint-Germain, a mulher de um banqueiro era capaz de todos os sacrifícios. Naquele tempo, a moda começava a colocar acima de todas as mulheres aquelas que eram recebidas na sociedade do Faubourg Saint-Germain, as chamadas senhoras do Petit-Château, entre as quais a sra. de Beauséant, sua amiga a duquesa de Langeais e a duquesa de Maufrigneuse ocupavam a primeira linha. Rastignac era o único a ignorar o furor que assaltava as mulheres da Chaussée-d’Antin para conseguirem entrar no círculo superior onde brilhavam as constelações de seu sexo. Sua desconfiança, porém, foi-lhe muito útil, emprestou-lhe certa indiferença e conferiu-lhe o triste poder de impor condições em vez de recebê-las.

— Sim, irei — respondeu.

Assim, era a curiosidade que o levava à casa da sra. de Nucingen, ao passo que se ela o tivesse desprezado, talvez tivesse sido conduzido até lá pela paixão. Mesmo assim, não foi sem impaciência que esperou o dia seguinte e a hora de seguir. Para um rapaz, a primeira intriga encerra talvez tanto encanto como um primeiro amor. A certeza de triunfar gera uma infinidade de venturas que os homens não confessam e que constituem todo o fascínio de certas mulheres. O desejo nasce tanto da dificuldade como da facilidade do triunfo. Todas as paixões dos homens são, certamente, excitadas ou nutridas por uma ou outra dessas coisas, que dividem o império amoroso. Essa divisão é, talvez, uma consequência da grande questão dos

temperamentos, que, digam o que quiserem, dominam a sociedade. Se os melancólicos necessitam do tônico dos galanteios, os nervosos ou sanguíneos, por sua vez, desistem se a resistência se prolonga muito. Em outros termos, a elegia é tão essencialmente linfática quanto o ditirambo é bilioso. Enquanto se vestia, Eugênio saboreava essas pequenas delícias de que os rapazes não ousam falar, por temor de provocar zombarias, mas que lisonjeiam o amor-próprio. Arranjava os cabelos, pensando que o olhar de uma bela mulher deslizaria por aqueles anéis negros. Permitiu-se trejeitos pueris como os que fariam uma moça vestindo-se para um baile. Examinou complacentemente a cintura delgada, ajustando a casaca.

“É certo que há alguns menos elegantes”, pensou.

Depois, desceu no momento em que todos os fregueses da pensão estavam à mesa e recebeu alegremente a chuva de gracejos que sua requintada aparência excitou. Um dos traços particulares das pensões burguesas é o espanto que causa uma pessoa bem-vestida. Ninguém, ali, pode envergar uma casaca nova sem que cada um atire sua frase.

— Tsc, tsc, tsc! — fez Bianchon, estalando a língua contra a abóbada palatina, como se estivesse excitando um cavalo.

— Garbo de duque e par! — disse a sra. Vauquer.

— O senhor vai se meter em conquista? — perguntou a sra. Michonneau.

— Cocorocó! — gritou o pintor.

— Meus cumprimentos à senhora sua esposa — disse o empregado do museu.

— O senhor é casado? — perguntou Poiret.

— Sim, com uma esposa com compartimentos, que anda sobre a água, cores firmes, valendo de vinte e cinco a quarenta, desenho xadrez da última moda, lavável, portátil, metade linho, metade algodão, metade lã, que cura dor de dentes e outras doenças aprovadas pela Academia de Medicina! Excelente, também, para crianças! Melhor ainda contra dor de cabeça, enfartamentos e outras doenças do esôfago, dos olhos e dos ouvidos! — exclamou Vautrin, com a volubilidade cômica e a acentuação de um propagandista. — E quanto custa essa maravilha? — perguntarão os senhores. — Dois soldos? Não. Absolutamente nada. É um resto dos fornecimentos feitos ao Grão-Mogol e que todos os soberanos da Europa, inclusive o grrrrão-duque de Bade, quiseram ver! Entrem, fica em frente! E passem pela bilheteria. Vamos, música! Brooum, tra tra trinn! la la, boum, boum! — Atenção, senhor de clarineta, está tocando mal — acrescentou com uma voz rouca —, já lhe

endireito os dedos!

— Meu Deus! Como esse homem é divertido! — disse a sra. Vauquer à sra. Couture. — Perto dele nunca me aborreceria.

No meio dos risos e dos gracejos que acolheram esse discurso comicamente pronunciado, Eugênio pôde perceber o olhar furtivo da srta. Taillefer, que se inclinou para a sra. Couture dizendo-lhe algumas palavras ao ouvido.

— O carro já está aí — disse Sílvia.

— Onde vai jantar? — perguntou Bianchon.

— Na casa da sra. baronesa de Nucingen.

— A filha do sr. Goriot! — respondeu o estudante.

Ao ser pronunciado esse nome, os olhares dirigiram-se para o antigo fabricante de massas, que contemplava Eugênio com certa inveja.

Rastignac chegou à rue de Saint-Lazare, diante de uma dessas casas de construção pretensiosa, de colunas finas, pórticos estreitos, que constituem o *belo* em Paris, uma verdadeira casa de banqueiro, cheia de requintes caros, estuques, patamares de mosaico de mármore. Encontrou a sra. de Nucingen numa saleta com quadros italianos, cuja decoração lembrava a dos cafés. A baronesa estava triste. Os esforços que fez para ocultar a tristeza despertaram em Eugênio um interesse tanto maior, porque não tinham nada de fingido. Esperava alegrar uma mulher com sua presença e vinha encontrá-la aflita. Essa decepção feriu seu amor-próprio.

— Tenho muito pouco direito a sua confiança, minha senhora — disse ele após ter gracejado sobre sua preocupação. — Mas, se a aborreço, espero que mo diga francamente.

— Fique — disse ela. — Se o senhor fosse embora eu ficaria só. Nucingen vai jantar na cidade e não desejo estar só, preciso de distração.

— Mas o que tem?

— O senhor seria a última pessoa a quem o diria! — exclamou ela.

— Quero sabê-lo. Se é assim, é porque esse segredo tem alguma coisa a ver comigo.

— Quem sabe! Mas não — replicou ela —, são discórdias conjugais que devem permanecer sepultadas no fundo do coração. Já não lhe disse anteontem? Não sou nada feliz. As cadeias de ouro são as mais pesadas.

Quando uma mulher diz a um rapaz que é infeliz, se esse rapaz é inteligente, bem-vestido e tem mil e quinhentos francos disponíveis no bolso, fica com direito

de pensar como pensava Eugênio e torna-se presumido.

— Que pode desejar? — disse ele. — É bela, jovem, amada, rica.

Ela fez um gesto sinistro com a cabeça.

— Não falemos de mim — disse ela. — Jantaremos juntos, intimamente, e depois iremos ouvir a mais deliciosa música. Estou a seu gosto! — acrescentou, levantando-se e mostrando o vestido de casimira branca com desenhos persas da mais luxuosa elegância.

— Eu queria tê-la só para mim. Está encantadora.

— Triste propriedade teria o senhor — disse ela com amargura. — Nada aqui lhe indica a infelicidade e, contudo, apesar destas aparências, estou desesperada. Meus desgostos tiram-me o sono. Ficarei feia.

— Oh, isso é impossível — disse o estudante. — Mas estou curioso por conhecer essas penas que nem um amor devotado podem-na curar.

— Ah! Se eu as confiasse, o senhor me fugiria — disse ela. — O senhor me ama somente por galanteria, como é costume entre os homens; mas, se me amasse verdadeiramente, seria terrível o seu desespero. Como vê, devo calar. Por favor — exclamou ela —, falemos de outra coisa. Venha ver os meus aposentos.

— Não, fiquemos aqui — respondeu Eugênio, sentando-se num sofá, diante do fogo e ao lado da sra. de Nucingen, de quem tomou a mão com segurança.

Ela deixou que a tomasse e ainda a apoiou sobre a do rapaz num desses movimentos de força concentrada que traem as fortes emoções.

— Escute — disse Rastignac —, se tem desgostos, deve confiar-mos. Quero provar-lhe que eu a amo pelo que é. Ou a senhora falará e me dirá suas mágoas para que eu as dissipe, ainda que tenha de matar seis homens, ou sairei para não voltar mais.

— Pois bem! — exclamou ela tomada por uma ideia de desespero que a fez golpear-se na frente. — Vou pô-lo à prova agora mesmo. “Sim”, disse ela consigo mesma, “só há este meio.” E fez soar a campainha.

— A carruagem do sr. de Nucingen está atrelada? — disse ela ao seu criado de quarto.

— Sim, senhora.

— Vou tomá-la. Dê-lhe a minha e os meus cavalos. Não sirva o jantar antes das sete.

— Vamos, venha — disse ela a Eugênio, que julgou sonhar ao encontrar-se no

cupê do sr. de Nucingen, ao lado daquela mulher.

— Ao Palais-Royal — disse ela ao cocheiro. — Ao lado do Teatro Francês.

No caminho, ela parecia agitada e recusou-se a responder às mil perguntas de Eugênio, que não sabia o que pensar daquela resistência muda, compacta e obtusa.

“Num instante ela me foge”, dizia ele consigo.

Quando a carruagem se deteve, a baronesa olhou para o estudante de um modo que impôs silêncio a suas doidas palavras, pois ele se havia arrebatado.

— Ama-me realmente? — perguntou ela.

— Amo-a — respondeu Eugênio escondendo a inquietação que se apoderava dele.

— Não pensará nada de mal a meu respeito, peça-lhe eu o que pedir?

— Não.

— Está disposto a me obedecer?

— Cegamente.

— Tem jogado algumas vezes? — perguntou ela com voz trêmula.

— Nunca.

— Ah, estou descansada. O senhor terá sorte. Eis minha bolsa — disse ela. — Segure-a. Contém cem francos, é tudo o que esta mulher tão feliz possui. Vá a uma casa de jogo, não sei onde ficam, mas sei que há várias no Palais-Royal. Arrisque os cem francos num jogo que chamam de roleta e perca tudo ou me traga seis mil francos. Quando voltar eu lhe contarei os meus desgostos.

— O diabo me leve se eu entendo alguma coisa do que vou fazer, mas obedecerei — disse ele com uma alegria causada por este pensamento: “Ela se compromete comigo, e nada terá a recusar-me”.

Eugênio tomou a linda bolsa e correu ao número 9, depois de se ter informado num alfaiate onde ficava a casa de jogo mais próxima. Subiu as escadas e deixou-se tomar o chapéu, mas ao entregá-lo perguntou onde era a roleta. Para admiração dos frequentadores, um empregado conduziu-o para junto de uma mesa comprida. Eugênio, seguido de todos os espectadores, perguntou sem timidez onde se devia pôr a aposta.

— Se o senhor põe um luís num desses trinta e seis números, e der esse número, ficará com trinta e seis luíses — disse-lhe um velho respeitável, de cabelos brancos.

Eugênio lançou os cem francos no número correspondente a sua idade, o vinte e um. Uma exclamação surpresa partiu antes que ele se pudesse aperceber. Tinha ganho sem sabê-lo.

— Retire seu dinheiro — disse-lhe o senhor idoso —; não se ganha duas vezes nesse sistema.

Eugênio empunhou uma pazinha que o velho lhe alcançou, puxou para si os três mil e seiscentos francos e, sempre sem nada a saber do jogo, colocou-os no vermelho. A galeria contemplou-o com inveja, ao ver que ele continuava a jogar. A roda girou, ele tornou a ganhar e o banqueiro empurrou-lhe mais três mil e seiscentos francos.

— O senhor tem sete mil e duzentos francos — disse-lhe ao ouvido o velho. — Se quer acreditar em mim, retire-se. O vermelho já saiu oito vezes seguidas. E, se for caridoso, recompensará este bom conselho, aliviando a miséria de um antigo prefeito de Napoleão, que se acha na extrema pobreza.

Rastignac, aturdido, deu dez luíses ao homem de cabelos brancos e desceu com os sete mil francos, ainda sem nada entender do jogo, mas estupefato com sua sorte.

— Aqui está! Onde me levará agora? — disse, mostrando os sete mil francos à sra. de Nucingen, quando a porta da carruagem se fechou.

Delfina abraçou-o alucinadamente e beijou-o com ardor, mas sem paixão.

— Você me salvou!

Lágrimas de alegria correram em abundância por suas faces.

— Vou contar-lhe tudo, meu amigo. Você será meu amigo, não é? Você me vê rica, opulenta, sem me faltar nada. Pois fique sabendo que o sr. de Nucingen não me deixa dispor de um soldo: ele paga todas as despesas da casa, minhas carruagens, meus camarotes no teatro; destina ao meu vestuário, porém, uma quantia insuficiente, reduzindo-me deliberadamente a uma miséria secreta. Sou muito altiva para implorar-lhe. Seria a última das criaturas se comprasse seu dinheiro pelo preço que ele exige! Como foi que eu, possuindo setecentos mil francos, me deixei espoliar assim? Por orgulho, por indignação. Somos tão jovens, tão ingênuas, quando iniciamos a vida conjugal! A palavra que teria de pronunciar para pedir dinheiro a meu marido dilacerava-me a boca; e eu não ousava pronunciá-la. Passei a gastar o dinheiro de minhas economias e o que me dava meu pobre pai. Finalmente, contraí dívidas. O casamento, para mim, foi a mais terrível das decepções, nem posso falar-lhe nele: basta que lhe diga que eu me atiraria pela janela se precisasse viver com Nucingen sem ser em quartos separados. Quando tive de declarar-lhe minhas dívidas de mulher jovem, joias, fantasias (meu pobre

pai nos habituara a não recebermos nenhuma recusa), sofri um verdadeiro martírio. Tive, contudo, a coragem de confessá-las. Afinal, não tinha eu uma fortuna própria? Nucingen enfureceu-se, disse-me que eu o arruinaria, mil horrores, enfim! Desejei, nesse momento, estar enterrada a cem pés de profundidade. Como ele se apoderara de meu dote, pagou-o, estipulando, porém, para minhas despesas pessoais, uma mensalidade à qual me resignei, para conseguir a paz. Depois disso, quis corresponder ao amor-próprio de alguém que você conhece — disse ela. — Se fui enganada por ele, seria, entretanto, incorreta, se deixasse de render justiça à nobreza de seu caráter. De qualquer modo, porém, ele me deixou indignamente! Nunca se deveria abandonar uma mulher a quem, num momento de necessidade, se atirou um punhado de dinheiro! Deve-se amá-la sempre! Você, bela alma de vinte e um anos, você, jovem e puro, certamente me perguntará como pode uma mulher aceitar dinheiro de um homem! Meu Deus! Não é natural dividir tudo com o ser ao qual devemos nossa felicidade? Quando se deu tudo, que importância pode ter uma parcela desse tudo? O dinheiro só começa a representar alguma coisa no momento em que a afeição já não existe. Não nos ligamos para toda a vida? Como podemos prever uma separação quando nos sentimos muito amadas? Se vocês nos juram um amor eterno, como poderemos ter interesses distintos? Você não sabe o que sofri hoje, quando Nucingen se recusou terminantemente a dar-me seis mil francos, ele que dá uma quantia igual, todos os meses, à amante, uma corista! Tive vontade de me matar. As ideias mais loucas passaram pela minha cabeça. Houve momentos em que invejei a sorte de uma criada, de minha criada de quarto. Ir procurar meu pai seria uma loucura! Anastácia e eu já o arruinamos: meu pobre pai se venderia, se encontrasse quem desse seis mil francos por ele. Eu o teria desesperado em vão. Você me salvou da vergonha e da morte, pois estava ébria de dor. Ah! Meu senhor, devia-lhe esta explicação, pois fui absurdamente louca com você. Quando você se afastou de mim e eu o perdi de vista, tive desejo de fugir a pé... para onde? Não sei. Assim é a existência da metade das mulheres de Paris: luxo exterior e angústias cruéis na alma. Conheço pobres criaturas ainda mais infelizes do que eu. Há mulheres que se veem obrigadas a pedir falsas contas de gêneros ao armazém. Outras são forçadas a furtar do marido: uns creem que a casimira de cem luíses custa quinhentos francos, outros pensam que a casimira de quinhentos francos vale cem luíses. Há desgraçadas mulheres que fazem os filhos passar fome para, com essa economia, poderem comprar um vestido. Quanto a mim, estou livre



dessas odiosas mentiras. Se algumas mulheres se vendem aos maridos para governá-los, eu, pelo menos, sou livre! Poderia fazer Nucingen cobrir-me de ouro e prefiro chorar com a cabeça apoiada sobre o coração de um homem a quem possa estimar! Ah, esta noite, o sr. de Marsay não poderá mais me olhar como uma mulher que ele pagou!

Cobriu o rosto com as mãos para que Eugênio não visse seu pranto. O estudante desembaraçou-lhe o rosto para contemplá-lo: estava sublime assim.

— Não é uma coisa horrível misturar dinheiro com afeição? Você não poderá me amar — disse ela.

Essa associação de bons sentimentos, que tornam as mulheres tão grandes, e de faltas que a constituição atual da sociedade as obriga a cometer transtornava Eugênio, que pronunciava palavras doces e consoladoras, admirando aquela bela mulher, tão ingenuamente imprudente em seu brado de dor.

— Você não se servirá disso contra mim? — perguntou ela. — Prometa-me.

— Ah, sou incapaz disso! — respondeu ele.

Ela tomou-lhe a mão e pousou-a sobre o coração, num gesto cheio de gratidão e de galanteria.

— Graças a você, volto a ser livre e alegre. Eu vivia comprimida por uma mão de ferro. Quero, agora, viver com simplicidade, sem gastos. Você gostará de mim como serei, não é? Guarde isso — acrescentou ela, ficando apenas com seis notas. — Devo-lhe, na verdade, mil francos, pois considero-o meu sócio nos lucros.

Eugênio defendeu-se como uma virgem. Mas como a baronesa lhe dissesse:

— Considero-o meu inimigo se não quiser ser meu cúmplice — aceitou o dinheiro.

— Ficaré como capital para um caso de necessidade — disse ele.

— Eis a frase que eu temia — exclamou ela, empalidecendo. — Se quiser que eu seja alguma coisa para você — disse —, jure que nunca voltará ao jogo. Meu Deus! Eu, corrompê-lo! Morreria de pesar.

Haviam chegado. O contraste daquela miséria com aquela opulência assombrava o estudante, em cujos ouvidos voltaram a ressoar as sinistras palavras de Vautrin.

— Fique aí — disse a baronesa, entrando no quarto e indicando um sofá junto à estufa. — Vou escrever uma carta muito difícil. Aconselhe-me.

— Não escreva — disse-lhe Eugênio. — Ponha o dinheiro num envelope, escreva o endereço e mande-o pela criada.

— Mas você é um amor! — disse ela. — Isto é que é ser bem-educado! É puro Beauséant — acrescentou, sorrindo.

“É encantadora!”, pensou Eugênio, que estava ficando cada vez mais apaixonado. Contemplou o quarto, onde transparecia a voluptuosa elegância de uma rica cortesã.

— Agrada-o? — perguntou ela, chamando a criada. — Teresa, leve isto, você mesma, ao sr. de Marsay e entregue-lhe em mãos. Se não o encontrar, traga-me a carta de volta.

Teresa não saiu sem ter lançado um olhar malicioso a Eugênio. O jantar estava servido. Rastignac deu o braço à sra. de Nucingen, que o conduziu a uma sala de jantar deliciosa, onde ele tornou a encontrar o luxo de mesa que admirara na casa da prima.

— Nos dias dos Italiens — disse ela — você virá jantar comigo e me acompanhará.

— Eu me acostumaria a essa doce existência se ela pudesse durar. Mas sou um pobre estudante que ainda tem que fazer sua fortuna.

— Ela se fará — disse ela, sorrindo. — Você está vendo, tudo se arranja: eu já não esperava ser tão feliz.

É próprio da natureza das mulheres provar o impossível pelo possível e destruir os fatos por meio de pressentimentos.

Quando a sra. de Nucingen e Rastignac entraram no camarote dos Bouffons, ela assumiu uma expressão de contentamento, que a tornou tão bela que todos se julgaram autorizados a formular essas pequenas calúnias contra as quais as mulheres não têm defesa e que muitas vezes dão a impressão de simples invencionice. Quando se conhece Paris, não se acredita em nada do que aqui se diz e não se diz nada do que aqui se faz. Eugênio tomou a mão da baronesa e ambos se falaram por meio de pressões mais ou menos fortes, comunicando-se as sensações que a música lhes dava. Para eles, a noite foi embriagadora. Saíram juntos, e a sra. de Nucingen quis acompanhar Eugênio até a Pont-Neuf, disputando-lhe, durante o trajeto, um dos beijos que tão calorosamente lhe prodigalizara no Palais-Royal. Eugênio censurou-lhe essa inconseqüência.

— Naquele momento — respondeu ela — foi a gratidão por uma dedicação inesperada. Agora seria uma promessa.

— E você não me quer fazer promessa alguma, ingrata!

Ele ficou zangado. Com um desses gestos de impaciência que arrebatam um

apaixonado, ela lhe deu a mão para beijar e ele aceitou com uma expressão amuada que a encantou.

— Até segunda-feira, no baile — disse ela.

Seguindo a pé, sob um belo luar, Eugênio caiu em sérias reflexões. Sentia-se, ao mesmo tempo, feliz e descontente: feliz pela aventura cujo desfecho provável lhe daria uma das mais belas e mais elegantes mulheres de Paris, objeto de seus desejos; e descontente por ver seus projetos de fortuna transtornados. Sentiu, então, a realidade dos pensamentos indecisos a que se entregara na antevéspera. Todo insucesso nos mostra o poder das nossas pretensões. Quanto mais Eugênio gozava a vida parisiense, menos desejava permanecer obscuro e pobre. Acariciava no bolso a nota de mil francos, fazendo uma infinidade de raciocínios capciosos para justificar sua posse. Finalmente, chegou à rue Neuve-Sainte-Geneviève e, ao atingir o alto da escada, viu luz. O pai Goriot deixara a porta aberta e o candeeiro aceso, a fim de que o estudante não se esquecesse de *contar-lhe a filha*, segundo sua expressão. Eugênio não lhe ocultou nada.

— Então elas pensam que estou arruinado? — disse o pai Goriot, num violento acesso de ciúme. — Ainda tenho mil e trezentos francos de renda! Meu Deus! A pobrezinha, por que não veio aqui? Eu teria vendido meus títulos, lançaria mão de uma parte do capital e empregaria o resto em renda vitalícia. Por que você não veio me contar o embaraço dela, meu pobre vizinho? Como teve coragem de arriscar no jogo seus pobres cem francos? É de cortar a alma! Veja o que são os genros! Oh, se eu os apanhasse, haveria de estrangulá-los. Meu Deus! Chorar! Ela chorou?

— Com a cabeça sobre meu colete — disse Eugênio.

— Oh! Dê-mo — disse o pai Goriot. — Então ele contém lágrimas de minha filha, de minha querida Delfina que nunca chorava quando pequena? Oh! Comprarei outro para você, não o use mais, deixe-o comigo. De acordo com o contrato, ela tem o direito de desfrutar seu capital. Vou procurar Derville, um advogado, amanhã mesmo. Vou exigir a aplicação de sua fortuna. Conheço as leis, sou um lobo velho. Vou recuperar meus dentes.

— Tome, tio, aqui estão mil francos que ela me deu pelo que ganhamos. Guarde-os no colete. — Goriot fitou Eugênio e tomou-lhe a mão, deixando cair nela uma lágrima.

— Você vencerá na vida — disse-lhe o velho. — Deus é justo, fique certo disso. Sei o que é a probidade e asseguro-lhe que pouquíssimos homens se parecem com

você. Quer, então, ser mesmo meu amigo? Pois bem, vá dormir. Você pode dormir, ainda não é pai. Então ela chorou! E eu a comer tranquilamente, como um imbecil, enquanto ela sofria; eu, que seria capaz de vender o Pai, o Filho e o Espírito Santo para poupar uma lágrima a qualquer uma das duas!

“Tenho certeza de que serei honesto durante toda a vida”, pensou Eugênio, ao deitar-se. “A gente sente prazer em seguir as inspirações da dignidade.”

Somente os que creem em Deus fazem o bem em segredo, e Eugênio acreditava em Deus.

#### IV – ENGANA-A-MORTE

No dia seguinte, à hora do baile, Rastignac foi à casa da sra. de Beauséant, que o acompanhou para apresentá-lo à duquesa de Carigliano. Recebeu o mais amável acolhimento da marechala, em cuja casa tornou a encontrar a sra. de Nucingen. Delfina enfeitara-se com a intenção de agradar a todos a fim de melhor agradar a Eugênio, de quem esperava impacientemente um olhar, convencida de estar escondendo a impaciência. Para quem sabe descobrir as emoções de uma mulher, esse momento é cheio de delícias. Quem já não se deleitou em fazer os outros esperarem sua opinião, em disfarçar o prazer, em causar inquietações para arrancar confissões, em gozar os temores que logo depois se dissiparão com um sorriso? Durante a festa, o estudante avaliou rapidamente o alcance de sua situação e compreendeu que o fato de ser primo declarado da sra. de Beauséant lhe assegurava uma posição na sociedade. A conquista da baronesa de Nucingen, que lhe atribuíam, punha-o de tal modo em destaque, que todos os rapazes lhe dirigiam olhares de inveja. Ao surpreender alguns desses olhares, desfrutou as primeiras delícias da fatuidade. Ao passar de um salão para o outro, ao atravessar os grupos, ouvia elogiarem sua sorte. As mulheres prediziam-lhe todos os triunfos. Delfina, temendo perdê-lo, prometeu-lhe não recusar à noite o beijo que tanto negara na antevéspera. Durante o baile, Rastignac recebeu vários convites. Foi apresentado pela prima a algumas senhoras com pretensões a elegância e cujas casas tinham fama de ser agradáveis. Viu-se lançado na mais alta e na mais bela sociedade de Paris. Aquela noite teve, assim, para ele, os encantos de uma brilhante estreia, e ele se lembraria dela até a velhice, como uma moça se recorda do baile em que obteve triunfos.

No dia seguinte, quando, durante o almoço, contou seus êxitos ao pai Goriot, diante dos pensionistas, Vautrin pôs-se a rir de maneira diabólica.

— E você acha — exclamou o feroz lógico — que um moço da moda pode morar à rue Neuve-Sainte-Genève, na Casa Vauquer, pensão infinitamente respeitável sob todos os aspectos, sem dúvida, mas que não é nada elegante? É farta, distingue-se por sua abundância, orgulha-se de ser habitação momentânea de um Rastignac; mas está localizada na rue Neuve-Sainte-Genève e ignora o luxo, porque é puramente *patriarcalorama*. Meu jovem amigo — acrescentou Vautrin, com uma expressão paternalmente escanecedora —, se quiser fazer figura em Paris, precisa de três cavalos e um túburi para a manhã e um cupê para a tarde, o que dá um total de nove mil francos para veículos. Além disso, será indigno de seu destino se gastar menos de três mil francos com o alfaiate, seiscentos francos com o perfumista, cem francos com o sapateiro e outros cem com o chapeleiro. Quanto à lavadeira, custará mil francos. Os moços da moda não podem dispensar um apuro especial na roupa branca; não é ela o que mais frequentemente se examina neles? O amor e a igreja exigem belas toalhas sobre seus altares. Já estamos em catorze mil francos. Não falo no que perderá no jogo, em apostas, em presentes. É impossível andar com menos de dois mil francos no bolso. Já levei essa vida, sei o quanto custa...! Acrescente a essas necessidades principais trezentos luíses para a boia e mil francos para a toca. Como vê, menino, precisamos de vinte e cinco mil francos por ano no bolso ou então caímos na lama e fazemos com que riam de nós, ficando privados de nosso futuro, de nossos triunfos e de nossas amantes! Esqueci-me do criado e do tratador dos cavalos! Será Cristóvão que há de levar suas cartas de amor? E você as escreverá em papel comum? Isso seria um suicídio. Acredite num velho cheio de experiência — acrescentou, fazendo um *rinforzando* em sua voz de baixo. — Encerre-se numa virtuosa água-furtada e case com o trabalho, ou tome outro caminho.

E Vautrin piscou com um gesto em direção à srta. Taillefer, de maneira a recordar e a resumir nesse olhar os sedutores argumentos que semeara no coração do estudante, para corrompê-lo.

Decorreram vários dias, durante os quais Rastignac levou a vida mais dissipada. Jantava quase diariamente com a sra. de Nucingen, acompanhando-a às festas. Voltava para casa às três ou quatro da madrugada, levantava-se ao meio-dia para vestir-se, ia passear no Bois de Boulogne com Delfina, nos dias bonitos,

gastando, assim, descuidadamente o tempo e aspirando todos os ensinamentos e todas as seduções do luxo com o ardor com que o impaciente cálice de uma tamareira fêmea aspira o pólen fecundante de seu himeneu. Jogava forte, perdia ou ganhava muito e acabou por habituar-se à vida absurda dos moços de Paris. Dos primeiros ganhos, devolveu os mil e quinhentos francos à mãe e às irmãs, acompanhando a devolução de belos presentes. Embora tivesse anunciado que pretendia deixar a Casa Vauquer, ainda permanecia lá nos últimos dias de janeiro e não sabia como sair. Os jovens estão quase todos sujeitos a uma lei aparentemente inexplicável, mas cuja razão reside em sua própria juventude e na fúria com que se lançam aos prazeres. Ricos ou pobres, nunca têm dinheiro para as necessidades da vida, ao passo que o têm sempre para satisfazer os caprichos. Pródigos de tudo quanto se obtém a crédito, são avaros de tudo o que se paga à vista e parecem vingar-se do que não têm, dissipando o que podem conseguir. Assim, para fixar mais nitidamente a questão, um estudante cuida muito mais do chapéu do que do traje. O vulto do lucro torna o alfaiate muito inclinado a conceder crédito, ao passo que a modicidade da quantia faz o chapeleiro um dos seres mais intratáveis com os quais se deve parlamentar. Se o moço instalado no balcão de um teatro oferece aos olhares das belas senhoras coletes formidáveis, é duvidoso que esteja de meias: a loja de artigos para homens é um dos gorgulhos de sua bolsa. Rastignac chegara a esse ponto. Sempre vazia para a sra. Vauquer e sempre cheia para as exigências da vaidade, sua bolsa passava por desastres e triunfos, sempre em desacordo com os pagamentos mais naturais. Para poder deixar a pensão fétida e ignóbil onde se humilhavam periodicamente suas pretensões, não precisava ele pagar um mês à sra. Vauquer e comprar os móveis para o seu apartamento de moço elegante? E aí é que residia o impossível da coisa. Se, para conseguir dinheiro para jogar, Rastignac sabia comprar no seu joalheiro relógios e correntes de ouro, pagando-os prodigamente com os ganhos do jogo, e que depois levava ao monte de socorro esse obscuro e discreto amigo da mocidade, ficava sem iniciativa e sem audácia quando se tratasse de pagar a casa e a comida ou de adquirir os acessórios necessários à sua vida elegante. Um expediente vulgar, como contrair dívidas para atender a necessidades satisfeitas, nunca lhe ocorria. Como a maioria dos que conheceram essa vida aventureira, esperava sempre o último momento para saldar débitos sagrados aos olhos dos burgueses, tal como Mirabeau, que só pagava a conta do padeiro quando ela se apresentava sob a forma brutal de uma letra de câmbio. Por

essa época, Rastignac havia perdido o dinheiro e contraído dívidas. O estudante começava a compreender que lhe seria impossível continuar naquela vida, sem contar com recursos fixos. Mesmo gemendo, porém, sob os golpes de sua precária situação, sentia-se incapaz de renunciar aos prazeres intensos daquela existência e desejava continuá-la a qualquer preço. Os acasos com que contava para conseguir a fortuna tornavam-se quiméricos, enquanto os obstáculos reais avultavam. Iniciando-se nos segredos domésticos do sr. e da sra. de Nucingen, percebeu que, para converter o amor em instrumento de riqueza é preciso suportar todas as humilhações e renunciar às ideias nobres, que constituem a absolvição das faltas da mocidade. Tal era a vida, aparentemente esplêndida, mas roída por todos os vermes do remorso e cujos prazeres fugazes eram espiados por demoradas angústias, que ele adotara, e na qual rolava, como o *Distraído* de la Bruyère, fazendo do lodo da fossa seu leito e, como o *Distraído*, também enlameava apenas as vestes.

— Então, matamos o mandarim? — perguntou-lhe um dia Bianchon, ao saírem da mesa.

— Ainda não — respondeu —, mas está estertorando.

O estudante de Medicina tomou essa frase por uma brincadeira, mas não era. Eugênio, que, pela primeira vez depois de muito tempo, jantara na pensão, conservara-se pensativo durante a refeição. Em vez de sair após a sobremesa, ficou na sala de jantar, sentado ao lado da srta. Taillefer, dirigindo-lhe, de vez em quando, olhares expressivos. Alguns pensionistas ainda estavam à mesa, comendo nozes, enquanto outros passeavam de um lado para o outro, continuando discussões iniciadas. Como quase todas as noites, cada um saía segundo o grau de interesse que tomava na palestra ou segundo a preguiça que lhe causava a digestão. No inverno, era raro que a sala de jantar se esvaziasse inteiramente antes das oito horas, momento em que as quatro mulheres ficavam sós e se vingavam do silêncio que seu sexo lhe impunha naquela reunião masculina. Impressionado com as apreensões que dominavam Eugênio, Vautrin ficou na sala de refeições, muito embora no começo parecesse apressado em sair, e conservou-se ali, de maneira a não ser visto por Eugênio, a fim de dar-lhe a impressão de já haver saído. Depois, em vez de acompanhar os pensionistas que saíram por último, permaneceu sorrateiramente na sala, pois lera na alma do estudante e pressentia um sintoma decisivo.

Rastignac encontrava-se, realmente, numa situação perplexa, que muitos

rapazes devem ter conhecido. Apaixonada ou apenas sedutora, a sra. de Nucingen fizera Rastignac passar por todas as angústias de uma paixão sincera, empregando com ele os recursos da diplomacia feminina em uso em Paris. Após haver se comprometido aos olhos do público para prender a seu lado o primo da sra. de Beauséant, hesitava em conceder-lhe realmente os direitos que ele parecia desfrutar. Havia um mês vinha ela irritando de tal modo os sentidos de Eugênio que acabou por atingir-lhe o coração. Se, nos primeiros momentos de sua ligação, o estudante se julgara o senhor, a sra. de Nucingen acabara por tornar-se a mais forte, graças a essas manobras que despertavam, em Eugênio, todos os sentimentos, bons ou maus, dos dois ou três homens que existem dentro de cada rapaz de Paris. Seria isso, nela, um cálculo? Não. As mulheres são sempre sinceras, mesmo no meio das maiores falsidades, porque cedem a algum impulso natural. É possível que Delfina, após ter deixado o estudante adquirir subitamente tamanho domínio sobre ela e ter lhe demonstrado tanta afeição, obedecesse a um sentimento de dignidade, que fazia com que recuasse em suas concessões ou se contentasse em suspendê-las. É muito comum a uma parisiense, no momento preciso em que sua paixão a arrebata, hesitar em cair, submeter à prova o coração daquele a quem vai entregar seu futuro! Todas as esperanças da sra. de Nucingen haviam sido traídas na primeira vez e sua fidelidade para com um jovem egoísta fora retribuída com o desprezo. Tinha, portanto, o direito de desconfiar. É possível que tivesse percebido nas maneiras de Eugênio, a quem seu rápido sucesso tornara enfatuado, um certo menosprezo pelas singularidades de sua situação. Ela desejava, certamente, mostrar-se imponente diante de um rapaz daquela idade e sentir-se grande diante dele, após se ter mostrado pequena durante tanto tempo diante daquele que a abandonara. Não queria que Eugênio a considerasse uma conquista fácil, justamente porque ele sabia que ela pertencera a de Marsay. E, finalmente, após ter suportado o amor degradante de um verdadeiro monstro, de um jovem libertino, ela experimentava tamanha doçura em deixar-se conduzir às regiões floridas do amor, que constituía um encanto para ela admirar todos os seus aspectos, escutar demoradamente seus frêmitos e deixar-se acariciar por suas castas brisas. O amor sincero pagava pelo mau. Esse absurdo continuará, infelizmente, a ser frequente enquanto os homens ignorarem quantas flores ceifam na alma de uma mulher jovem os primeiros golpes de traição. Quaisquer que fossem suas razões, Delfina continuava a iludir Rastignac e divertia-se com isso, sem dúvida por se saber amada e por estar certa de que poria



fim às tristezas de seu apaixonado, segundo seu capricho soberano de mulher. Por respeito próprio, Eugênio não queria que seu primeiro embate amoroso terminasse por um fracasso e persistia em sua perseguição, como um caçador que faz questão de matar uma perdiz em sua primeira festa de santo Huberto. Suas ansiedades, seu amor-próprio ferido, seus desesperos, falsos ou reais, ligavam-no cada vez mais àquela mulher. Toda Paris dava-lhe a sra. de Nucingen, junto de quem ele não fizera mais progressos do que no primeiro dia em que a vira. Ignorando ainda que os caprichos de uma mulher nos oferecem algumas vezes mais benefícios do que o prazer que nos dá seu amor, ele era acometido de tolos acessos de fúria. Se a estação durante a qual uma mulher se recusa ao amor proporcionava a Rastignac a conquista de suas primícias, estas se lhe tornavam muito caras, porque estavam verdes, aciduladas e deliciosas de saborear. Vendo-se, às vezes, sem dinheiro e sem futuro, punha-se a pensar, apesar da voz da consciência, nas possibilidades de fortuna que Vautrin lhe demonstrara através de um casamento com a srta. Taillefer. E, agora, achava-se numa situação em que sua miséria falava tão alto, que cedeu quase involuntariamente aos artifícios da terrível esfinge, cujos olhares muitas vezes o haviam fascinado.

No momento em que Poiret e a srta. Michonneau subiram para seus quartos, Rastignac, julgando-se só entre a sra. Vauquer e a sra. Couture, que tricotava mantas de lã, cochilando diante da estufa, olhou para a srta. Taillefer com uma expressão suficientemente terna para fazer-lhe baixar os olhos.

— Tem algum desgosto, sr. Eugênio? — perguntou-lhe Vitorina, após um momento de silêncio.

— Qual é o homem que não tem desgostos? — respondeu Rastignac. — Se nós, os jovens, estivéssemos certos de ser amados verdadeiramente, com uma dedicação que nos recompensasse os sacrifícios que sempre estamos dispostos a fazer, é possível que nunca tivéssemos pesares.

Como única resposta, a srta. Taillefer dirigiu-lhe um olhar nada equívoco.

— A senhorita acredita estar bem segura de seu coração hoje. Mas tem certeza de que nunca mudará?

Um sorriso errou sobre os lábios da pobre moça, como um raio de luz que brotasse de sua alma, e fez resplandecer de tal modo seu rosto que Eugênio ficou assustado por ter provocado tão forte explosão de sentimento.

— Pense bem! Se amanhã a senhorita se tornasse rica e feliz, se uma fortuna lhe

caísse das nuvens, continuaria a amar o rapaz pobre de quem se soubesse agradado nos dias de pobreza?

Ela fez um gesto encantador com a cabeça.

— Um rapaz muito infeliz?

Ela repetiu o gesto.

— Que bobagens estão dizendo aí? — exclamou a sra. Vauquer.

— Deixe-nos — respondeu Eugênio. — Nós nos entendemos.

— Então haveria noivado entre o sr. cavalheiro de Rastignac e a srta. Vitorina Taillefer? — disse Vautrin, com sua voz grossa, aparecendo subitamente à porta de refeições.

— Ah, o senhor assustou-me! — disseram, ao mesmo tempo, as sras. Couture e Vauquer.

— Eu podia ter feito escolha pior — respondeu, sorrindo, Eugênio, a quem a voz de Vautrin causou a mais cruel emoção de sua vida.

— Deixem de brincadeiras de mau gosto, senhores! — disse a sra. Couture. — Minha filha, vamos subir para o quarto.

A sra. Vauquer acompanhou as duas pensionistas, a fim de economizar o candeeiro e o fogo, indo conversar no quarto delas. Eugênio ficou só diante de Vautrin.

— Eu tinha certeza de que você chegaria a isso! — disse-lhe o homem, com um imperturbável sangue-frio. — Mas escute! Sou escrupuloso como qualquer um. Não decida agora, você não está na sua disposição normal. Está endividado. Não quero que seja a paixão nem o desespero, e sim a razão, que o decida a me seguir. Quem sabe se precisa de uns milhares de escudos? Aqui estão. Quer?

O demônio sacou do bolso uma carteira, tirou dela três notas e agitou-as diante dos olhos do estudante. Eugênio estava na mais cruel das situações. Devia ao marquês d’Ajuda e ao conde de Trailles cem luíses perdidos sob palavra e, como não os tinha, não ousava ir aquela noite à casa da sra. de Restaud, onde o esperavam. Era uma dessas reuniões sem cerimônia nas quais a gente come bolinhos e toma chá e nas quais também pode perder seis mil francos no uíste.

— Depois do que me disse — contestou Eugênio, ocultando com esforço um tremor convulso —, deve compreender que não posso ter obrigações consigo.

— Muito bem. Você me desagradaria se respondesse de outro modo! — replicou o tentador. — Você é um belo rapaz, delicado, orgulhoso como um leão e doce como

uma moça. Seria uma bela presa para o diabo. Gosto de moços assim. Permita-me ainda duas ou três reflexões sobre a alta política e verá, então, o mundo tal modo ele é. Representando algumas pequenas cenas de virtude, o homem superior satisfaz todas as fantasias relativamente aos aplausos dos tolos da plateia. Dentro de poucos dias você estará conosco. Ah, se quisesse tornar-se meu aluno, teria o que quisesse! Não conceberia um desejo que não fosse imediatamente satisfeito, qualquer que fosse: honras, fortunas, mulheres. Transformaríamos a civilização em ambrosia para você. Seria nosso garoto mimado, nosso Benjamin. Nós todos nos exterminaríamos com prazer por você. Tudo o que se opusesse a seus desejos seria arrasado. Uma vez que conserva escrúpulos, considera-me um celerado? Pois bem, um homem tão probo quanto você pensa ser ainda, o sr. de Turenne, fazia, sem se considerar comprometido, pequenos negócios com salteadores. Não quer dever-me favores, hein? — acrescentou Vautrin, deixando escapar um sorriso. — Pois não seja essa a dúvida. Fique com este dinheiro e escreva o seguinte — acrescentou, tirando um selo da carteira: — *Recebi a quantia de três mil e quinhentos francos, que pagarei no prazo de um ano.* Date e assine! O juro é bastante elevado para que você não tenha escrúpulos de aceitar. Pode considerar-me um judeu e sentir-se dispensado de qualquer gratidão. Permito-lhe que me despreze ainda hoje, pois estou certo de que mais tarde me estimará. Encontrará em mim esses imensos abismos, esses vastos sentimentos concentrados que os tolos chamam de vícios; mas nunca me verá covarde nem ingrato. Não sou um pião nem um bispo, e sim uma torre, meu caro.

— Que espécie de homem é o senhor? — exclamou Eugênio. — O senhor foi criado para atormentar-me.

— Nada disso. Sou um bom sujeito que se quer enlamear para que você fique ao abrigo da lama para o resto da vida. Quer saber a causa desta dedicação? Pois bem, um dia eu lhe contarei, ao ouvido. Surpreendi-o, no começo, mostrando-lhe o carrilhão da ordem social e o funcionamento do maquinismo. Bah! Seu primeiro susto se dissipará, como o do recruta no campo de batalha, e você se habituará à ideia de considerar os homens como soldados decididos a perecer a serviço daqueles que se sagraram reis a si mesmos. Os tempos mudaram muito. Antigamente, dizia-se a um bravo: aqui tem cem escudos, vá matar Fulano de Tal; e ia-se jantar tranquilamente, após ter mandado um homem para o outro mundo, com um simples sim ou não. Hoje, proponho-lhe dar uma bela fortuna com um simples

sinal com a cabeça, que não o compromete em nada, e você hesita! Este século está muito frouxo!

Eugênio assinou a promissória e entregou-a em troca do dinheiro.

— Muito bem. Vamos conversar razoavelmente — acrescentou Vautrin. — Quero partir dentro de alguns meses para a América, para plantar fumo. De lá eu lhe enviarei os charutos da amizade. Se eu ficar rico, hei de ajudá-lo. Se não tiver filhos (o que é bem provável, pois não tenho curiosidade de replantar-me aqui por estacas), muito bem! Eu lhe deixarei minha fortuna. Isso não é ser amigo? Pois então? Gosto de você! Tenho a mania de sacrificar-me por outrem. Já o tenho feito. Veja, meu pequeno, vivo numa esfera mais elevada do que a dos outros homens. Considero as ações como meios e só viso o fim. O que representa para mim um homem? Isto! — exclamou, fazendo a unha do polegar estalar sob um dente. — Um homem é tudo ou nada. E menos que nada quando se chama Poiret: pode-se esmagá-lo como a um percevejo, pois também é chato e tem mau cheiro. Mas um homem é um deus quando se parece com você: então, já não é um maquinismo coberto de pele, e sim um teatro onde se agitam os mais belos sentimentos, e eu vivo apenas pelos sentimentos. Um sentimento não é o mundo num pensamento? Veja o pai Goriot: as duas filhas são para ele o universo inteiro, são o fim com o qual ele se dirige na criação. Pois bem! Para mim, que tenho sondado muito a vida, só existe um sentimento real, que é a amizade de homem para homem. Pierre e Jaffier, eis a minha paixão. Sei *Veneza salva* de cor. Já viu muitas pessoas suficientemente corajosas para, quando um camarada lhe diz: “Vamos enterrar um cadáver!”, acompanhá-lo sem lhe dizer nada e sem lhe pregar moral? Pois eu já fiz isso! Eu não falaria assim com qualquer um. Mas você é um homem superior, pode-se dizer-lhe tudo, pois você sabe compreender as coisas. Você não continuará por muito tempo a patinhar no lodaçal em que vivem esses infelizes que nos cercam aqui. Muito bem! Está dito. Você se casará. Toquemos para diante! Eu sou de ferro, nunca desisto...! Hé! Hé!

Vautrin afastou-se sem querer ouvir a resposta negativa do estudante, a fim de deixá-lo à vontade. Parecia conhecer os segredos dessas pequenas resistências, desses combates em que os homens se defendem de si mesmos e que servem para que se justifiquem suas ações condenáveis.

“Faça ele o que quiser, não me casarei com a srta. Taillefer!”, pensou Eugênio.

Após ter sofrido o mal-estar de uma febre interior, causada pela ideia de um

pacto com aquele homem, que lhe inspirava horror e que ao mesmo tempo se engrandecia diante de seus olhos pelo próprio cinismo de suas ideias e pela audácia com que cingia a sociedade com os braços, Rastignac vestiu-se, pediu um carro e dirigiu-se à casa da sra. de Restaud. Havia alguns dias aquela mulher redobrava as atenções para com o rapaz que, a cada passo, fazia novos progressos no seio da alta sociedade e cuja influência prometia ser um dia formidável. Ele pagou os srs. de Trailles e d’Ajuda, jogou uíste durante uma parte da noite e recuperou o que perdera. Supersticioso como a maioria dos homens cuja carreira ainda está por fazer e que são mais ou menos fatalistas, atribuiu sua sorte a uma recompensa do céu, por sua perseverança em conservar-se no bom caminho. Na manhã seguinte, apressou-se em perguntar a Vautrin se ele ainda tinha a promissória. Diante da resposta afirmativa, devolveu-lhe os três mil francos, manifestando um prazer bem natural.

— Tudo vai bem — disse-lhe Vautrin.

— Mas não sou seu cúmplice — replicou Eugênio.

— Eu sei, eu sei — respondeu Vautrin, interrompendo-o. — Você continua a fazer criancices. Detém-se ante os obstáculos da entrada.

Dois dias depois, Poiret e a srta. Michonneau estavam sentados num banco, ao sol, numa alameda solitária do Jardin-des-Plantes, e conversavam com o homem que parecera justamente suspeito ao estudante de medicina.

— Senhorita — dizia o sr. Gondureau —, não vejo razão para seus escrúpulos. Sua Excelência o senhor ministro da polícia geral do reino...

— Ah! Sua Excelência o senhor ministro da polícia geral do reino... — repetiu Poiret.

— Sim, Sua Excelência está interessado neste caso — disse Gondureau.

A quem não parecerá inverossímil que o sr. Poiret, antigo funcionário, homem de virtudes burguesas, sem dúvida, embora destituído de ideias, continuasse a escutar o pretense capitalista da rue Buffon, no momento em que ele pronunciou a palavra “polícia”, revelando, assim, a fisionomia de um agente da rue de Jérusalem através da máscara de homem de bem? Nada, entretanto, era mais natural. Todos compreenderão melhor a espécie particular a que pertencia o sr. Poiret na grande família dos tolos, com o auxílio de uma formulação já feita por certos observadores, mas que, até agora, ainda não foi publicada. Há uma nação plumígera\*, localizada, no orçamento, entre o primeiro grau de latitude, que

comporta os ordenados de mil e duzentos francos, espécie de Groenlândia administrativa, e o terceiro grau, onde começam os ordenados mais quentes, de três a seis mil francos. É uma região temperada, onde a gratificação se aclimata e floresce apesar das dificuldades da cultura. Um dos traços característicos que melhor denuncia a estreiteza mórbida dessa gente subalterna é uma espécie de respeito involuntário, maquinal, instintivo por esse grão-lama de todos os ministérios, conhecido dos empregados por uma assinatura ilegível e sob o nome de Sua Excelência o sr. ministro, cinco palavras que equivalem a *Il bondo cani* do *Califa de Bagdad* e que, aos olhos dessa gente achatada, representa um poder sagrado, inapelável. Como o papa para os cristãos, o sr. ministro é administrativamente infalível aos olhos dos funcionários. O brilho que projeta comunica-se a seus atos e suas palavras, bem como às pronunciadas em seu nome. Cobre tudo com seus bordados e legaliza os atos que ordena. Seu título de excelência, que atesta a pureza de suas intenções e a retidão de seus desejos, serve de passaporte às ideias menos admissíveis. O que aquela pobre gente não faria em seu próprio interesse, apressa-se a fazer logo que ouve a expressão *Sua Excelência*. As repartições públicas, como o exército, têm sua obediência passiva: sistema que abate a consciência, aniquila um homem e, com o decorrer do tempo, acaba por adaptá-lo como um parafuso ou uma porca à máquina governamental. Assim, o sr. Gondureau, que parecia conhecedor dos homens, distinguiu imediatamente em Poiret um desses tolos burocráticos e fez sair o *deus ex machina*, a expressão talismânica de *Sua Excelência*, no momento em que, desvendando suas baterias, precisou deslumbrar Poiret, que lhe parecia o macho da Michonneau como Michonneau lhe parecia a fêmea de Poiret.

— Uma vez que Sua Excelência em pessoa, Sua Excelência o senhor... Ah! Então é diferente — disse Poiret.

— A senhora está ouvindo o que lhe diz este cavalheiro, em cuja opinião a senhora parece confiar — acrescentou o falso capitalista, dirigindo-se à srta. Michonneau. — Pois bem, Sua Excelência tem, agora, a mais completa certeza de que o pretense Vautrin, que reside na Casa Vauquer é um condenado que fugiu da prisão de Toulon, onde é conhecido pelo nome de *Engana-a-Morte*.

— Ah! Engana-a-Morte — disse Poiret. — Ele é muito feliz, se mereceu esse nome.

— É isso mesmo — replicou o agente. — Esse apelido provém da sorte que tem

tido de nunca perder a vida nos empreendimentos mais audaciosos que tem executado. Esse homem é perigoso, fiquem certos disso! Tem qualidades que o tornam extraordinário. Sua condenação constituiu entre seus colegas, para ele, uma honra infinita...

— Então é um homem honrado? — indagou Poiret.

— A seu modo. Consentiu em assumir a responsabilidade de um crime praticado por outro, uma falta cometida por um belo rapaz de quem ele gostava muito, um jovem italiano muito jogador, que depois ingressou no serviço militar, onde se tem comportado muito bem.

— Mas se Sua Excelência o ministro da polícia está certo de que o sr. Vautrin é o Engana-a-Morte, por que precisaria de mim? — perguntou a srta. Michonneau...

— Justamente — disse Poiret. — Se, com efeito, o ministro, como o senhor nos deu a honra de declarar, tem alguma certeza...

— Certeza não é bem o termo; suspeita-se, apenas. Os senhores vão compreender a questão. Jacques Collin, cognominado Engana-a-Morte, goza de toda a confiança nas três prisões que o escolheram como agente e banqueiro. Ele ganha muito nesse gênero de negócios, que, realmente, exige um homem de marca.

— Ah! Ah! Compreendeu o trocadilho, senhorita? — perguntou Poiret. — Aqui o senhor diz que ele é um homem de marca, porque está *marcado*.

— O falso Vautrin — disse o agente, continuando — recebe dinheiro dos senhores galerianos, emprega-o, guarda-o e conserva-o à disposição dos que fogem ou de suas famílias, quando eles assim determinam em testamento, ou das amantes, quando aqueles sacam sobre ele a favor delas.

— Das amantes? O senhor quer dizer das esposas? — observou Poiret.

— Não, senhor. O galeriano, geralmente, tem somente esposas ilegítimas, que denominamos concubinas.

— Então eles todos vivem em estado de concubinato?

— Naturalmente.

— Pois bem — disse Poiret —, aí está um horror que Sua Excelência não devia tolerar. E, uma vez que o senhor tem a honra de privar com o sr. ministro, é justamente ao senhor, que me parece ter ideias filantrópicas, que cabe o dever de esclarecê-lo sobre a conduta imoral dessa gente, que dá um péssimo exemplo ao resto da sociedade.

— Mas, meu senhor, o governo não os mete na prisão para apresentá-los como

modelos de todas as virtudes.

— É justo. Entretanto, meu senhor, permita...

— Ora, deixe o senhor falar, meu queridinho! — disse a srta. Michonneau.

— A senhorita compreende — acrescentou Gondureau. — O governo tem grande interesse em apreender uma caixa ilícita que, segundo se diz, encerra uma quantia enorme. Engana-a-Morte guarda valores consideráveis, ocultando não só as importâncias pertencentes a alguns de seus camaradas, como também as que provêm da Sociedade dos Dez Mil...

— Dez mil ladrões! — exclamou Poiret, assustado.

— Não, a Sociedade dos Dez Mil é uma associação de grandes ladrões, de gente que trabalha por grosso e que só se mete em negócios em que haja mais de dez mil francos a ganhar. Essa sociedade compõe-se do que há de mais distinto entre aqueles de nossos homens que vão direitinho para o júri. Eles conhecem o Código e nunca se arriscam a receber a pena de morte, quando são apanhados. Collin é seu homem de confiança, seu conselheiro. Graças a seus imensos recursos, esse homem pôde formar uma polícia própria, através de relações muito extensas, que ele cerca de um mistério impenetrável. Embora o tenhamos rodeado de espões há um ano, nada pudemos descobrir ainda a seu respeito. Sua caixa e sua inteligência servem, assim, constantemente, para assalariar o vício, financiar o crime e mantêm de prontidão um exército de malfeitores que estão em constante estado de guerra com a sociedade. Agarrar Engana-a-Morte e apoderar-se de seu estabelecimento bancário será cortar o mal pela raiz. Assim, esta captura transformou-se num negócio do Estado e de alta política, capaz de honrar os que cooperarem para seu triunfo. O senhor mesmo poderia voltar a ser empregado da administração e tornar-se secretário de um delegado de polícia, funções que não impediriam que recebesse sua aposentadoria.

— Mas por que Engana-a-Morte não foge com a caixa? — perguntou a srta. Michonneau.

— Oh! — exclamou o agente. — Onde quer que ele fosse, seria acompanhado de um homem encarregado de matá-lo, se ele enganasse os forçados. Além disso, uma caixa não é tão fácil de roubar como uma moça de boa família. E, finalmente, Collin é um sujeito incapaz de uma coisa dessas: ele se sentiria desonrado.

— O senhor tem razão — disse Poiret. — Ficaria completamente desonrado.

— Tudo isso não nos explica por que o senhor não vem, simplesmente, prendê-lo



— observou a srta. Michonneau.

— Pois bem, senhorita, respondo... Mas — disse-lhe ao ouvido — impeça seu cavaleiro de interromper-me, senão nunca acabaremos. — Para ser considerado como é, ele deve estar muito rico. Ao vir para cá, Engana-a-Morte vestiu a pele de um homem honesto, tornou-se um bom burguês de Paris e instalou-se numa pensão modesta. Veja como é astuto! Não podemos prendê-lo sem certeza definitiva, pois o sr. Vautrin é um homem considerado, que faz negócios consideráveis.

— Naturalmente — disse Poirot para si mesmo.

— O ministro não quer atirar contra si o comércio de Paris nem a opinião pública, no caso de nos enganarmos e prendermos um verdadeiro Vautrin. O prefeito da polícia não está muito firme, tem inimigos. Se se cometesse um erro, os que ambicionam o cargo aproveitariam os comentários e as gritarias para fazê-lo saltar do posto. Precisamos proceder como na questão de Cogniard, o falso conde de Santa-Helena. Se ele fosse um verdadeiro conde de Santa-Helena, ficaríamos mal colocados. Por isso, é preciso verificar!

— Sim, mas então os senhores precisam de uma bela mulher — disse animadamente a srta. Michonneau.

— Engana-a-Morte não se deixaria abordar por uma mulher — disse o agente. — Sabem de um segredo? Ele não gosta das mulheres.

— Então não vejo como seria útil para semelhante verificação, na hipótese de que eu consentisse em fazê-la por dois mil francos.

— Nada mais fácil — disse o desconhecido. — Eu lhe mandarei um frasco contendo uma dose de licor, preparado para provocar uma congestão, que não tem o menor perigo e que simula uma apoplexia. A droga pode ser misturada ao vinho ou ao café. Logo que ela tiver produzido seu efeito, a senhora levará o homem para uma cama e o despirá a fim de socorrê-lo. Quando tiver certeza de estar só, dê-lhe uma palmada nas costas, paf!, e verá reaparecerem as letras.

— Ora, isto é muito fácil — disse Poiret.

— Então, aceita? — perguntou Gondureau à solteirona.

— Mas, meu caro senhor — disse a srta. Michonneau —, no caso de não haver letras, receberei os dois mil francos?

— Não.

— E que indenização terei?

— Quinhentos francos.

— Fazer uma coisa dessas por tão pouco! O mal é o mesmo, na consciência, e preciso acalmar minha consciência.

— Garanto-lhe — disse Poiret — que esta senhorita tem muita consciência, além de ser uma pessoa muito amável e inteligente.

— Pois bem — volveu a srta. Michonneau —, dê-me três mil francos se for Engana-a-Morte e nada se for um burguês.

— Está bem! — disse Gondureau. — Mas com a condição de que isso seja feito amanhã.

— Ainda não, meu caro senhor. Preciso consultar meu confessor.

— Esperta! — disse o agente, erguendo-se. — Então, até amanhã! E, se tiver urgência de falar comigo, vá à ruazinha de Sainte-Anne na extremidade do pátio da Sainte-Chapelle. Há apenas uma porta sob o arco. Pergunte pelo sr. Gondureau.

Bianchon, que voltava da aula do sr. Cuvier, ficou surpreso ao ouvir o estranho nome de Engana-a-Morte e ouviu o “Está bem!” do famoso chefe da polícia de segurança.

— Por que não resolve logo? Seriam trezentos francos de renda vitalícia — disse Poiret à srta. Michonneau.

— Por quê? — replicou ela. — Ora, é preciso refletir. Se o sr. Vautrin fosse o Engana-a-Morte, talvez houvesse mais vantagem em arranjar-me com ele. Por

outro lado, pedir-lhe dinheiro seria preveni-lo, e ele seria capaz de fugir *grátis*. E isso seria um calote abominável.

— Mesmo que ficasse prevenido — observou Poiret —, esse senhor não nos disse que ele está sendo vigiado? Mas, assim, você perderia tudo.

“Por outro lado”, pensou a srta. Michonneau, “não gosto desse homem! Só sabe dizer-me coisas desagradáveis.”

— Além disso — continuou Poiret —, seria o melhor para você. Como disse esse senhor, que me parece muito correto, além de se vestir muito decentemente, é um ato de obediência às leis desembaraçar a sociedade de um criminoso, por mais virtuoso que seja. Quem bebeu beberá. E se ele tivesse a ideia de nos assassinar a todos? Sim, seríamos culpados desses assassinios, sem levar em conta que seríamos, também, suas primeiras vítimas.

As preocupações da srta. Michonneau não lhe permitiam ouvir as frases que caíam, uma a uma, da boca de Poiret como as gotas d'água que pingam de uma torneira mal fechada. Quando aquele velho começava sua série de frases, enquanto a srta. Michonneau não o interrompia, ele continuava a falar como se fosse uma máquina em funcionamento. Depois de abordar um primeiro assunto, era levado, pelos parênteses que estabelecia, a tratar de outros inteiramente opostos, sem nada concluir. Ao chegarem à Casa Vauquer, ele havia se metido numa infinidade de passagens e citações transitórias, que o haviam conduzido a narrar seu depoimento no caso do sr. Ragoulleau e da sra. Morin, do qual participara como testemunha de defesa. Ao entrarem, sua companheira não deixou de perceber Eugênio de Rastignac, empenhado com a srta. Taillefer numa palestra íntima, cujo interesse era tão palpitante que o par de jovens não prestou a menor atenção à passagem dos dois velhos pensionistas, quando atravessaram a sala de refeições.

— Isto tinha que acabar assim — disse a srta. Michonneau a Poiret. — Há oito dias que trocavam olhares de arrancar a alma um ao outro.

— Exatamente — respondeu ele. — E, por isso, foi condenada.

— Quem?

— A sra. Morin.

— Estou falando da srta. Vitorina — disse a Michonneau, entrando, sem dar pela coisa, no quarto de Poiret — e você me responde com a sra. Morin. Quem é essa mulher?

— De que seria então culpada a srta. Vitorina? — indagou Poiret.

— É culpada de amar o sr. Eugênio de Rastignac, e segue adiante sem saber onde isso a levará, a pobre inocente! Todas as louras são assim. A menor aparência as lança de joelhos aos pés de um homem. [ 7

Durante a manhã, Eugênio fora levado ao desespero pela sra. de Nucingen. Em seu foro íntimo, abandonara-se inteiramente a Vautrin, sem querer sondar os motivos da amizade que lhe dedicava aquele homem extraordinário, nem o futuro de semelhante união. Só mesmo um milagre poderia arrancá-lo do abismo onde já se metera havia uma hora, trocando com a srta. Taillefer as mais doces promessas. Vitorina julgava estar ouvindo a voz de um anjo, os céus abriram-se para ela, a Casa Vauquer adquirira as cores fantásticas que os decoradores dão aos palácios de teatro; amava e era amada, pelo menos assim acreditava! E que mulher não teria pensado o mesmo, vendo Rastignac e escutando-o durante aquela hora furtada a todos os Argos da casa? Debatendo-se contra a consciência, sabendo que estava agindo mal, e desejando fazer o mal, prometendo-se resgatar aquele pecado venial pela felicidade de uma mulher, tornara-se ainda mais belo graças ao seu desespero e resplandecia com todos os fogos do inferno que tinha no coração. Felizmente, para ele, realizou-se o milagre: Vautrin entrou alegremente e leu na alma dos jovens que unira pelas combinações de seu gênio infernal, mas logo perturbou-lhes a alegria, cantando com sua voz grossa e brincalhona:

*Minha Fanchette é formosa*

*Em sua simplicidade...*

Vitorina fugiu, levando consigo uma felicidade tão grande como a tristeza que até então tivera na vida. Pobre moça! Um aperto de mão, o aflorar dos cabelos de Rastignac em seu rosto, uma palavra pronunciada tão perto da orelha que chegara a sentir o calor dos lábios do estudante, o aperto de sua cintura por um braço trêmulo, um beijo no pescoço foram os sponsais de sua paixão, que a proximidade da gorda Sílvia, ameaçando entrar naquela radiosa sala de refeições, tornou mais ardentes, mais vivos e mais insinuantes que os mais belos testemunhos de dedicação descritos nas mais célebres histórias de amor. Essas provas miúdas, segundo uma bela expressão de nossos antepassados, pareciam crimes a uma moça devota que se confessava todas as quinzenas! Prodigalizaram naquela hora mais tesouros de alma do que mais tarde, rica e feliz, não teria dado, entregando-se

completamente.

— O negócio está feito! — disse Vautrin a Eugênio. — Nossos dois elegantes trocaram sopapos. Tudo decorreu convenientemente. Questão de opinião. Nosso pombinho insultou meu falcão. Será amanhã, no reduto de Clignancourt. Às oito e meia, a srta. Taillefer herdará o amor e a fortuna do pai, enquanto estiver aqui a molhar tranquilamente suas fatias de pão com manteiga no café. Não é engraçado? Esse pequeno Taillefer é muito bom na espada, está confiante como quem tem todo o jogo na mão. Mas será sangrado com um novo golpe que eu inventei, uma forma de erguer a espada e atingir-lhe a frente. Vou ensinar-lhe essa estocada, pois é tremendamente útil.

Rastignac ouvia com uma expressão estúpida e nada podia responder. Nesse momento, chegaram o pai Goriot, Bianchon e alguns outros pensionistas.

— É assim que eu o quero — disse-lhe Vautrin. — Você sabe o que faz. Muito bem, minha aguiazinha! Você governará os homens: é forte, sensato, corajoso. Tem minha estima.

Quis tomar-lhe a mão. Rastignac retirou energicamente a sua e caiu numa cadeira, empalidecendo. Parecia-lhe estar vendo um mar de sangue.

— Ah! Ainda temos uns cuerozinhos manchados de virtude — disse Vautrin em voz baixa. — Papai Doliban tem três milhões, conheço sua fortuna. O dote o tornará branco como um vestido de noiva, até a seus próprios olhos...

Rastignac não hesitou mais. Resolveu ir prevenir, durante a tarde, os srs. Taillefer, pai e filho. Como Vautrin o deixasse só, o pai Goriot disse-lhe ao ouvido:

— Está triste, meu filho! Vou alegrá-lo, venha.

E o antigo fabricante de massas acendeu sua vela num dos lampiões. Eugênio seguiu-o, cheio de curiosidade.

— Entremos no seu quarto — disse o bom velho, que pedira a chave do estudante a Sílvia. — Esta manhã você pensou que ela não o amasse mais, hein? — acrescentou. — Ela o mandou embora por necessidade e você saiu zangado, desesperado. Que bobagem! Ela estava à minha espera. Compreende? Tínhamos que ir terminar a arrumação de um belo apartamento, onde você irá morar dentro de três dias. Não me traia. Ela quer fazer-lhe uma surpresa. Mas não posso ocultar-lhe por mais tempo o segredo. Você ficará à rue d'Artois, a dois passos da rue Saint-Lazare. Viverá lá como um príncipe. Conseguimos para você uns móveis que parecem os de uma recém-casada, pois fizemos muitas coisas neste último mês,

sem dizer-lhe nada. Graças à intervenção do advogado, minha filha receberá trinta e seis mil francos por ano, de juros do dote, e vou exigir o emprego de seus oitocentos mil francos em bens visíveis.

Eugênio conservava-se mudo e passeava, com os braços cruzados, de um lado para o outro, no pobre quarto em desordem. O pai Goriot aproveitou um momento em que o estudante lhe voltou as costas e colocou sobre a estufa uma caixa de marroquim vermelho, sobre a qual estavam impressas em dourado as armas de Rastignac.

— Meu querido filho — disse o pobre velho —, estou metido nisso até o pescoço. Mas, fique sabendo, em grande parte foi por egoísmo que o fiz, pois estou interessado em sua mudança de bairro. Você não me recusará, hein, se eu lhe pedir uma coisa?

— Que quer?

— Acima de seu apartamento, no quinto andar, há um quarto que lhe pertence. Irei morar lá, não é? Estou ficando velho, vivo muito afastado de minhas filhas. Não o incomodarei. Isso não o contrariará, não é? Quando você voltar e eu estiver deitado, ouvirei você chegar e pensarei: “Ele acaba de ver minha pequena Delfina. Levou-a ao baile, ela é feliz graças a ele”. Se eu adoecer, sentirei um bálsamo no coração, só ao ouvi-lo voltar, andar, sair. Haverá, mesmo, tanto de minha filha em você! Não terei de dar mais de um passo para chegar aos Champs-Élysées, onde elas passam todos os dias. Poderei vê-las sempre, ao passo que agora chego tarde algumas vezes. E, depois, talvez ela venha a sua casa! Vou ouvi-la e vê-la em seus trajés matinais, andando para cá e para lá como uma gatinha. Neste último mês voltou a ser o que era, moça alegre, faceira. Sua alma está em convalescença e é a você que deve a felicidade. Oh, eu faria o impossível por você! Ela me disse há pouco, ao voltar: “Papai, estou tão feliz!”. Quando elas me dizem cerimoniosamente *Meu pai*, deixam-me frio; mas, quando me chamam de *papai*, parece-me vê-las ainda pequeninas e me devolvem todas as minhas recordações. Sinto-me ainda mais pai. Fico a pensar que elas não pertencem a ninguém mais!

O bom velho enxugou os olhos. Chorava.

— Há muito tempo que eu não ouvia essa frase, há muito tempo que ela não me dava o braço. Sim, faz bem dez anos que não ando ao lado de uma das minhas filhas. Como é bom roçar-se em seu vestido, acompanhar-lhe o passo, partilhar seu calor. Finalmente, esta manhã, levei Delfina a toda parte. Entrei com ela nas lojas. E

acompanhei-a à casa. Oh, deixe-me ficar junto de si! Se algum dia precisar de alguém para fazer-lhe um serviço, estarei lá. Oh, se esse estúpido alsaciano morresse, se sua gota tivesse a feliz ideia de subir para o estômago, minha filhinha seria muito feliz! Você seria o meu genro, seria ostensivamente seu marido. Ué! Ela é tão infeliz por ignorar os prazeres deste mundo que lhe perdoo tudo. O bom Deus deve estar ao lado dos pais que amam muito! Ela o ama muito — disse ele, sacudindo a cabeça, depois de uma pausa. — Enquanto caminhávamos, falava-me em você: “Ele é bom, não é? Tem bom coração! Fala em mim?”. Bá! Da rue d’Artois à passagem dos Panoramas, falou volumes inteiros. Numa palavra, derramou o coração no meu. Durante toda esta bela manhã, não me senti velho, não pesava mais de uma onça. Disse-lhe que você me entregara a nota de mil francos. Queridinha! Comoveu-se até as lágrimas. Que é que você tem aí em cima da estufa? — perguntou, por fim, o pai Goriot, que estava morrendo de impaciência por ver Rastignac imóvel.

Eugênio, inteiramente aturdido, olhou para o vizinho com uma expressão embrutecida. O duelo, anunciado por Vautrin para a manhã seguinte, contrastava tão violentamente com a realização de suas mais caras esperanças, que ele experimentava todas as sensações de um pesadelo. Voltou-se para a estufa e percebeu ali a caixinha quadrada, abriu-a e encontrou dentro dela um pedaço de papel que cobria um relógio de Bréguet. Nesse papel estavam escritas as seguintes palavras:

Quero que pense em mim a todo o momento, *porque...*

delfina

Essa última palavra fazia alusão, sem dúvida, a alguma cena que tivera lugar entre eles. Eugênio enterneceu-se com isso. Na parte interna, suas armas estavam gravadas no ouro da caixa. Aquela joia, desejada durante tanto tempo, a corrente, a chave, o feitio, os desenhos, tudo correspondia a seus desejos. O pai Goriot estava radiante. Certamente, ele prometera à filha descrever-lhe os mínimos efeitos da surpresa que o presente causaria a Eugênio, pois ele participava daquelas ternas emoções e não parecia ser o menos feliz entre eles. Já gostava de Rastignac, tanto por sua filha como por si mesmo.

— Vá visitá-la esta noite, ela o espera. O estúpido do alsaciano vai cear com a bailarina. Ah! Ah! Ficou com uma cara de bobo quando meu advogado lhe disse umas verdades. E teve a coragem de dizer que ama e até adora minha filha! Ele que a toque e eu o matarei. A ideia de saber minha Delfina nas mãos de... (suspirou) me faria cometer um crime. Não seria propriamente um homicídio, pois aquilo é uma cabeça de bezerro num corpo de porco! Irei morar com você, não é? ·

— Sim, meu bom pai Goriot. O senhor sabe que gosto do senhor...

— Bem o vejo. Você não se envergonha de mim. Deixe-me abraçá-lo.

E apertou o estudante nos braços.

— Você vai fazê-la muito feliz, promete-me? Irá lá esta noite, não é?

— Oh! Sim. Preciso sair para tratar de um negócio inadiável.

— Posso ser-lhe útil em alguma coisa?

— Pode, sim! Enquanto eu for à casa da sra. de Nucingen, o senhor irá à casa do sr. Taillefer pai pedir-lhe que me conceda uma hora esta noite para falar-lhe de um assunto da máxima importância.

— Então é verdade, rapaz — exclamou o pai Goriot, mudando de fisionomia —, que você namora a filha dele, como dizem esses imbecis lá embaixo...? Com mil raios! Você ainda não sabe o que é uma taponna de Goriot. E, se você nos enganasse, seria caso para uma bofetada...! Oh, não é possível!

— Juro-lhe que só amo a uma mulher no mundo — disse o estudante. — Faz apenas um momento que descobri isso.

— Ah, que felicidade! — exclamou o pai Goriot.

— Acontece — acrescentou o estudante — que o filho de Taillefer vai bater-se em duelo amanhã e ouvi dizer que seria morto.

— E que é que você tem com isso? — perguntou Goriot.

— Preciso dizer-lhe que impeça o filho de cair nas mãos de... — disse Eugênio.

Foi interrompido pela voz de Vautrin, que se fez ouvir no limiar da porta, cantando:

*Oh! Ricardo. Oh! meu rei.*

*O mundo te abandona..*

— Brum! brum! brum! brum! brum!



*Por muitos anos pelo mundo andei*

*E chamei a atenção... trá-lá-lá-lá...*

— Senhores — gritou Cristóvão —, a sopa está esperando e todos estão à mesa.

— Venham beber uma garrafa de meu vinho de Bordeaux — disse Vautrin.

— Acha bonito o relógio? — perguntou o pai Goriot. — Ela tem bom gosto, hein?

Vautrin, o pai Goriot e Rastignac desceram juntos e, devido ao atraso, ficaram juntos na mesa.

Eugênio demonstrou a maior indiferença por Vautrin durante o jantar, embora aquele homem, tão amável aos olhos da sra. Vauquer, nunca tivesse mostrado tanto espírito como nesse dia. Foi cintilante em piadas e movimentou todos os presentes. Sua segurança e seu sangue-frio consternaram Eugênio.

— Por onde andou hoje? — perguntou-lhe a sra. Vauquer. — Está alegre como um passarinho.

— Sempre que faço bons negócios fico alegre.

— Negócios? — perguntou Eugênio.

— E então? É isso mesmo. Despachei uma partida de mercadorias que me dará boas comissões. Srta. Michonneau — acrescentou, ao ver que a solteirona o examinava —, terei no rosto algum traço que lhe desagrade, para que a senhorita me olhe desse modo? Diga logo! Posso trocá-lo para ser-lhe agradável. Poiret, você não se incomoda com isso, não é? — disse piscando para o velho funcionário.

— Caramba! Você devia servir de modelo para um Hércules Farsante! — disse o jovem pintor a Vautrin.

— Só se a srta. Michonneau servir de modelo para uma Vênus de cemitério — respondeu Vautrin.

— E Poiret? — disse Bianchon.

— Poiret servirá de modelo para Poiret. Será o deus dos jardins. Poiret vem de *poire...*

— Mole — lançou Bianchon. — Então você ficaria entre a pera e o queijo.

— Vamos deixar de tolices — disse a sra. Vauquer. — É melhor que o senhor nos sirva seu vinho de Bordéus, pois já estou vendo uma garrafa com o pescoço de fora! Isso nos conservará alegres, além de nos garantir uma boa *estomagada*.

— Meus senhores — disse Vautrin —, a sra. presidente chama-nos à ordem. A sra. Couture e a srta. Vitorina não se escandalizarão com seus discursos alegres.

Respeitem, porém, a inocência do pai Goriot. Proponho-lhes uma pequena *garrafarama* de vinho de Bordéus, que o nome de Laffitte torna duplamente ilustre, seja dito sem alusão política. Vamos, pateta! — disse, olhando para Cristóvão, que nem se mexeu. — Aqui, Cristóvão. Como é isso, não ouves teu nome? Pateta, traze os líquidos.

— Aqui estão, meu senhor — disse Cristóvão, alcançando a garrafa.

Depois de encher o copo de Eugênio e o do pai Goriot, serviu-se lentamente de umas gotas, que provou enquanto os vizinhos bebiam, e em seguida fez uma careta.

— Que diabo! Está com gosto de rolha. Fica com esta para ti, Cristóvão, e vai buscar outra. Sabes onde estão? Somos dezesseis, traze oito garrafas.

— Já que está tão generoso — disse o pintor —, pago um cento de castanhas.

— Oh! Oh!

— Booououh!

— Prrr!

De todos os lados partiram exclamações como foguetes de uma girândola.

— Mande vir duas de champanhe, mamãe Vauquer — gritou Vautrin.

— Eu? Ora essa! Por que não pede logo a casa inteira? Duas de champanhe? Mas custam doze francos! E eu não ganho isso! Mas se o sr. Eugênio quiser pagá-las, ofereço *cassis*.

— Vamos ver seu *cassis*, que purga como maná — disse o estudante de medicina em voz baixa.

— Cala-te, Bianchon! — exclamou Rastignac. — Não posso ouvir falar em maná sem que o coração... Está bem, pago o champanhe — acrescentou o estudante.

— Sílvia — disse a sra. Vauquer —, traze os biscoitos e os bolinhos.

— Seus bolinhos já estão muito crescidos — disse Vautrin —, já têm até barba. Mas, quanto aos biscoitos, vamos a eles!

Num instante, o vinho de Bordéus começou a circular, os comensais ficaram mais animados, a alegria redobrou. Ouviram-se risos ferozes, no meio dos quais se destacaram algumas imitações de diversas vozes de animais. Como o empregado do museu tivesse tido a ideia de reproduzir um pregão de Paris que tinha analogia com o mio do gato amoroso, imediatamente oito vozes berraram simultaneamente as frases seguintes:

— Facas para afiar!

— Olha o alpiste pros passarinhos!

— Roupas velhas, chapéus velhos, sapatos velhos!

— Quem tem louças para consertar?

— Garrafas vazias!

— Vai sair a barca! Vamos entrar!

— Olha o doce! Olha a bala!

— Cereja bonita e barata!

A vitória coube a Bianchon, pelo tom fanhoso com que gritou:

— Olha o guarda-chuva!

Formou-se, em poucos segundos, uma algazarra de estourar a cabeça, em que as frases mais disparatadas partiam de todas as direções, uma verdadeira ópera que Vautrin regia como um maestro, vigiando Eugênio e o pai Goriot, que já pareciam embriagados. Com as costas apoiadas nas cadeiras, ambos contemplavam aquela desordem insólita com uma expressão séria, bebendo pouco. Estavam ambos preocupados com o que tinham de fazer à noite e, ao mesmo tempo, sentiam-se incapazes de levantar-se. Vautrin, que observava as alterações de suas fisionomias, lançando-lhes olhares de soslaio, aproveitou o momento em que seus olhos pareciam prestes a fechar para chegar ao ouvido de Rastignac e dizer-lhe:

— Meu rapazinho, você não é suficientemente astuto para lutar contra o papai Vautrin e ele gosta muito de você para que lhe deixe cometer asneiras. Quando resolvo uma coisa, só o bom Deus é capaz de barrar-me o caminho. Ah, você queria avisar o pai Taillefer, cometer faltas de colegial! O forno está quente, a farinha está amassada, o pão está na pá. Amanhã faremos saltar as migalhas por cima de nossas cabeças, enquanto o comermos; e você queria impedir que o pão fosse para o forno...? Não, não, ele será bem cozido! Se tiver alguns remorsozinhos, a digestão os levará embora. Enquanto você estiver dormindo seu soninho, o coronel conde Franchessini lhe abrirá a herança de Miguel Taillefer com a ponta da espada. Herdando do irmão, Vitorina terá quinze mil francos de renda. Já tomei informações e fiquei sabendo que a herança da mãe sobe a mais de trezentos mil.

Eugênio ouvia essas palavras sem poder respondê-las. Sentia a língua colada à abóbada palatina e achava-se entregue a uma sonolência invencível. A mesa e os rostos dos comensais já lhe apareciam através de um nevoeiro. Logo depois o ruído cessou e os comensais retiraram-se, um a um. E por fim, quando já não havia na sala mais que as sras. Vauquer e Couture, a srta. Vitorina, Vautrin e o pai Goriot, Rastignac viu, como se estivesse sonhando, a sra. Vauquer ocupada em encher

algumas garrafas com os restos do vinho.

— Ah, são loucos, são moços! — dizia a viúva.

Foi a última frase que Eugênio pôde entender.

— Só mesmo o sr. Vautrin para fazer uma brincadeira dessas — disse Sílvia. — Lá está Cristóvão dormindo com um pião.

— Adeus, mamãe — disse Vautrin. — Vou ao teatro ver o sr. Marey no *Monte selvagem*, uma grande peça tirada de *O solitário*... Se quiser, posso levá-la, assim como a essas senhoras...

— Muito obrigada — disse a sra. Couture.

— Como, vizinha? — exclamou a sra. Vauquer. — Então não quer assistir a uma peça tirada de *O solitário*, uma obra escrita por Atala de Chateaubriand e que tanto gostamos de ler que é tão bela que nos fez chorar como Madalena d'Elodia sob as *túias* no verão passado, enfim, uma obra moral capaz de instruir sua menina?

— Estamos proibidas de assistir a comédias — respondeu Vitorina.

— Vamos, estes já estão longe — disse Vautrin, sacudindo de maneira cômica a cabeça do pai Goriot e de Eugênio.

Descansando a cabeça do estudante sobre a cadeira, para que ele pudesse dormir comodamente, beijou-o calorosamente na testa, cantando:

*Amores, adormecei,  
Que por vós eu velarei!*

— Receio que ele esteja doente — disse Vitorina.

— Então, fique cuidando dele — replicou Vautrin. — É seu dever de esposa obediente — segredou-lhe. — Ele a adora e a senhorita será sua mulherzinha, garanto. E por fim — acrescentou em voz alta — *foram respeitados em todo o país, viveram felizes e tiveram muitos filhos*. É assim que terminam todos os romances de amor. Vamos, mamãe — disse, voltando-se para a sra. Vauquer e abraçando-a. — Ponha o chapéu, o belo vestido de flores e o xale da condessa. Vou buscar-lhe um carro... verdade!

E saiu cantando:

*Sol, oh! Sol, divino Sol  
Que as abóboras amadureces...*

— Meu Deus! Esse homem me faria viver feliz mesmo na miséria, não acha, sra. Couture? Vamos — disse ela, olhando para o fabricante de massas —, o pai Goriot já está longe. Esse velho caranguejo nunca teve a ideia de me levar a parte alguma. Meu Deus! Ele vai cair! Como é indecente um homem velho perder a razão! A senhora me dirá que a gente não pode perder aquilo que não tem... Sílvia, leva-o para cima.

Sílvia tomou o velho pelas axilas, arrastou-o até o quarto e deitou-o completamente vestido, como um fardo, atravessado na cama.

— Pobre rapaz! — dizia a sra. Couture, afastando os cabelos de Eugênio que caíam sobre os olhos. — É como uma moça, não está acostumado a nenhum excesso.

— Ah! Nesses trinta e um anos em que mantenho esta pensão — disse a sra. Vauquer — posso dizer que muitos moços passaram pelas minhas mãos. Mas nunca vi um tão delicado, tão distinto como o sr. Eugênio. Como fica bonito dormindo! Descanse a cabeça dele no seu ombro, sra. Couture. Repare! Está caindo sobre o da srta. Vitorina: há um Deus para as crianças. Por pouco que não feriu a cabeça na cadeira. Esses dois dariam um belo casal.

— Cale-se, vizinha! — exclamou a sra. Couture. — A senhora diz cada coisa...

— Ora! — replicou a sra. Vauquer. — Ele não está ouvindo. Sílvia, vem me vestir. Vou pôr o espartilho grande.

— Quê? O espartilho grande, depois do jantar? — disse Sílvia. — Não, vá procurar outro para apertar os cordões. Não quero ser sua assassina. A senhora cometeria uma imprudência que poderia custar-lhe a vida.

— Para mim é a mesma coisa. Não posso fazer feio ao lado do sr. Vautrin.

— Gosta dos seus herdeiros?

— Vamos, Sílvia, deixa de discutir — disse a viúva, saindo.

— Na sua idade! — disse a cozinheira, mostrando a patroa a Vitorina.

A sra. Couture e a pupila, sobre cujo ombro Eugênio dormia, ficaram na sala de refeições. O rressonar de Cristóvão enchia a casa silenciosa, tornando ainda mais belo o sono tranquilo de Eugênio, que dormia graciosamente como uma criança. Feliz por se poder permitir um desses atos de caridade pelos quais se expandem os sentimentos da mulher e que fazia com que o coração do rapaz batesse impunemente sobre o seu, Vitorina tinha na fisionomia algo de maternalmente protetor que a tornava soberba. Entre os mil pensamentos que jorravam de seu

coração insinuava-se uma tumultuosa sensação de volúpia, excitada pela troca de um calor moço e puro.

— Pobre menina querida! — disse a sra. Couture, apertando-lhe a mão.

A velha senhora admirava aquela fisionomia cândida e sofredora sobre a qual descera a auréola da felicidade. Vitorina assemelhava-se a um desses quadros simples da Idade Média, nos quais todos os acessórios são negligenciados pelo artista, que reserva a magia de uma arte calma e extraordinária para o rosto de tom amarelado no qual, porém, o céu parece refletir-se com seus raios dourados.

— Não bebeu nem dois copos, mamãe — disse Vitorina, passando os dedos pela cabeleira de Eugênio.

— Pois é. Se ele fosse um depravado, teria suportado o vinho como os outros. A embriaguez é um elogio para ele.

Veio da rua o ruído de um carro.

— Mamãe — disse a moça —, aí está o sr. Vautrin. Fique com o sr. Eugênio. Não quero ser vista nesta atitude por esse homem. Ele tem expressões que mancham a alma e olhares que perturbam uma mulher, como se lhe tirassem o vestido.

— Estás enganada! — disse a sra. Couture. — O sr. Vautrin é um homem às direitas, um pouco do tipo do finado Couture, brusco, mas bom, um casmurro benfazejo.

Nesse momento, Vautrin entrou mansamente e contemplou o quadro formado pelas duas crianças, que a luz do lampião parecia acariciar.

— Muito bem — disse, cruzando os braços. — Aí está uma cena que inspiraria belas páginas àquele bom Bernardin de Saint-Pierre, o autor de *Paulo e Virgínia*. Como é bela a mocidade, sra. Couture! Pobre menino, dorme! — disse, olhando para Eugênio. — Às vezes, a felicidade chega enquanto dormimos. Minha senhora — acrescentou, dirigindo-se à viúva —, o que me afeiçoa a esse moço, o que me comove, é saber que a beleza de sua alma está em harmonia com a de seu rosto. Veja, não é um querubim reclinado sobre o ombro de um anjo? Ele é digno de ser amado! Se eu fosse mulher, queria morrer (não, não seria tão tolo!), queria viver por ele. Ao vê-los assim, minha senhora — disse em voz baixa, aproximando-se da viúva —, não posso deixar de pensar que Deus criou um para o outro. A Providência segue caminhos muito disfarçados, sonda os corpos e os corações — exclamou em voz alta. — Vendo-os unidos, meus filhos, unidos por uma mesma pureza, por todos os sentimentos humanos, digo para mim mesmo que é impossível

que vocês se separem daqui por diante. Deus é justo! Mas — disse à moça — creio ter visto em sua mão a linha da prosperidade. Dê-me sua mão, srta. Vitorina. Entendo de quiromancia, já li a sorte muitas vezes. Vamos, não tenha medo! Oh, que vejo! Palavra de honra, dentro de pouco tempo será uma das mais ricas herdeiras de Paris. Cumulará de felicidade aquele que a ama. Seu pai a chama para junto de si. A senhorita se casará com um homem diplomado, moço, belo, que a adora.

Nesse momento, os passos pesados da viúva que descia toda faceira interromperam as profecias de Vautrin.

— Aí vem mamãe Vauquer bela como um astro, espigadinha como uma cenoura. Não estamos um pouquinho sufocados? — perguntou-lhe, metendo a mão pela parte superior do espartilho. — Os peitinhos estão muito apertados, mamãe! Se chorarmos, haverá uma explosão. Mas juntarei os restos com a solicitude de um antiquário...

— Ele conhece a linguagem da galanteria francesa, está vendo? — disse a viúva ao ouvido da sra. Couture.

— Adeus, meus filhos! — disse Vautrin, voltando-se para Eugênio e Vitorina. — Dou-lhes minha bênção — disse, espalmando as mãos sobre suas cabeças. — Acredite-me, senhorita, os votos de um homem de bem valem alguma coisa, devem trazer felicidade, pois Deus os ouve.

— Adeus, querida amiga — disse a sra. Vauquer à pensionista. — Acha que o sr. Vautrin tem algumas intenções a meu respeito? — acrescentou em voz baixa.

— Sei lá!

— Ah! Querida mãe — disse Vitorina, suspirando e olhando para as mãos, quando ficaram sós —, se o bom sr. Vautrin acertasse!

— Ora, não é preciso muita coisa para isso — respondeu a velha senhora. — Basta que o monstro do teu irmão caia do cavalo.

— Mamãe!

— Meu Deus! Deve ser pecado desejar o mal ao inimigo — replicou a viúva. — Pois bem, farei penitência por isso! Na verdade, levarei de muito bom grado flores a seu túmulo. Coração mau! Não tem coragem de falar em favor da mãe, cuja herança conserva por meio de intrigas, em teu prejuízo. Minha prima tinha uma bela fortuna. Para tua desgraça, nunca se falou em seus bens, no contrato.

— Minha felicidade seria penosa se custasse a vida de alguém — disse Vitorina.

— E se fosse preciso, para eu ser feliz, que meu irmão desaparecesse, preferiria ficar sempre aqui.

— Meu Deus! Como diz esse bom sr. Vautrin, que, como vês, é muito religioso — disse a sra. Couture —, pois tive o prazer de saber que ele não é incrédulo como os outros, que falam em Deus com menos respeito do que teria o diabo. Pois bem, quem pode saber por que caminhos a Providência quer conduzir-nos?

Com o auxílio de Sílvia, as duas mulheres acabaram levando Eugênio para o quarto. Deitaram-no sobre o leito e a cozinheira desabotoou-lhe as roupas para deixá-lo mais à vontade. Antes de sair, enquanto sua protetora mantinha as costas voltadas para ela, Vitorina deu um beijo na testa de Eugênio, com a imensa alegria que lhe devia causar esse furto criminoso. Contemplou seu quarto, reuniu, por assim dizer, num único pensamento, as mil venturas daquele dia, compôs com elas um quadro que admirou demoradamente e adormeceu como a criatura mais feliz de Paris.

A festinha que permitira a Vautrin fazer com que Eugênio e o pai Goriot bebessem vinho narcotizado causou sua perda. Bianchon, meio bêbado, esqueceu-se de interrogar a srta. Michonneau sobre o Engana-a-Morte. Se ele tivesse pronunciado esse nome, teria, certamente, despertado a prudência de Vautrin, ou, para dar-lhe o verdadeiro nome, de Jacques Collin, uma das celebridades das galés. Além disso, o apelido de Vênus de cemitério decidiu a srta. Michonneau a entregar o condenado, no momento preciso em que, confiante na generosidade de Collin, estava calculando se não seria preferível preveni-lo e fazer com que fugisse durante a noite. Ela acabava de sair, acompanhada de Poiret, para ir à procura do famoso chefe da polícia de segurança, na pequena rue de Sainte-Anne, convencida ainda de que estava tratando com um empregado superior chamado Gondureau. O diretor da polícia judiciária recebeu-a com grande amabilidade. Depois de uma palestra em que tudo foi combinado, a srta. Michonneau pediu a poção com a qual devia fazer a verificação da marca. Diante do gesto de contentamento que fez o grande homem da pequena rue Sante-Anne, ao procurar um frasco numa gaveta da secretária, a srta. Michonneau percebeu que havia naquela captura, algo mais importante do que a prisão de um simples condenado. À força de remexer as ideias, suspeitou que a polícia esperava, graças a algumas revelações feitas pelos traidores das prisões, chegar a tempo para deitar a mão sobre valores consideráveis. Quando manifestou suas conjecturas àquela raposa, ele começou a rir e quis desviar as suspeitas da



solteirona.

— Está enganada — respondeu.— Collin é a *sorbonne* mais perigosa que já esteve a serviço dos ladrões. Eis tudo. Os velhacos sabem muito bem. Ele é sua bandeira, sua garantia, seu Bonaparte, enfim. Todos gostam dele. Esse patife nunca deixará o *quengo* na Place de Grève.

Como a srta. Michonneau não compreendesse, Gondureau lhe explicou as duas palavras de gíria que acabava de empregar. *Sorbonne* e *quengo* são duas expressões enérgicas da língua dos ladrões, que foram os primeiros a sentir a necessidade de considerar a cabeça humana sob dois aspectos. *Sorbonne* é a cabeça do homem vivo, seu conselho, seu pensamento. *Quengo* é um termo depreciativo, destinado a exprimir como a cabeça passa a não valer nada, quando cortada.

— Collin brinca conosco — continuou. — Quando encontramos homens como esse, que são como barras de aço temperadas à inglesa, temos o recurso de matá-los se, durante a captura, têm a ideia de oferecer qualquer resistência. Contamos com alguns elementos para matar Collin amanhã pela manhã. Evitam-se, assim, o processo, as despesas de vigilância, a alimentação e se desembaraça a sociedade. As diligências, as citações das testemunhas, suas indenizações, a execução, tudo isso com que habitualmente nos desfazemos desses tratantes, custa mais do que os mil escudos que a senhorita receberá. Há, também, a economia de tempo. Com um bom golpe de baioneta na barriga de Engana-a-Morte, impediremos uma centena de crimes e evitaremos a corrupção de cinquenta malandros que, muito sensatamente, ficarão de olho nas galés. Isso é que é policialmente bem-feito. Segundo os verdadeiros filantropos, agir assim é prevenir crimes.

— E servir à pátria! — disse Poiret.

— Muito bem — replicou o chefe —, o senhor está dizendo coisas sensatas esta noite. Sim, na verdade, servimos à pátria. E mesmo assim o mundo é muito injusto para conosco! Prestamos à sociedade muitos grandes serviços ignorados. Enfim, é próprio de um homem superior colocar-se acima dos preconceitos, e de um cristão aceitar os males que o bem traz consigo, quando não é praticado de acordo com as ideias aceitas. Paris é Paris, fique certo disso! Esta frase explica a minha vida. Tenho a honra de cumprimentá-la, senhorita. Estarei com meus empregados no Jardin du Roi, amanhã. Mande Cristóvão à rue de Buffon, à casa do sr. Gondureau, na casa onde eu estava. Meu senhor, a suas ordens. Se alguma vez lhe roubarem alguma coisa, sirva-se de mim para que tornem a encontrá-la. Estou a seu inteiro dispor.

— Está vendo? — disse Poiret à srta. Michonneau. — Há imbecis que se atrapalham todos ao ouvir falar em polícia. Esse senhor é muito amável e o que lhe pede é o que pode haver de mais simples.

O dia seguinte devia ficar assinalado como um dos mais extraordinários da Casa Vauquer. Até então, o acontecimento mais saliente daquela vida tranquila fora a aparição meteórica da falsa condessa de Ambermesnil. Isso, porém, ia empalidecer diante das peripécias daquele grande dia, que passaria a ser um assunto permanente nas palestras da sra. Vauquer. Para começar, Goriot e Eugênio de Rastignac dormiram até as onze horas. A sra. Vauquer, que voltara à meia-noite da Gaîté, ficou até as dez e meia na cama. O sono prolongado de Cristóvão, que bebera o resto de vinho oferecido por Vautrin, causou atrasos no serviço da casa. Poiret e a srta. Michonneau não se queixaram do retardamento do almoço. Quanto a Vitorina e sra. Couture, dormiram toda a manhã. Vautrin saiu antes das oito horas e voltou no momento preciso em que se servia o almoço. Assim, ninguém reclamou quando, pelas onze e um quarto, Sílvia e Cristóvão foram bater em todas as portas, dizendo que o almoço estava servido. Enquanto Sílvia e o criado estiveram ausentes da sala de refeições, a srta. Michonneau, descendo antes dos outros, deitou o licor na taça de prata pertencente a Vautrin e na qual o creme para o café estava sendo aquecido em banho-maria, no meio dos outros. A solteirona contava com essa particularidade da pensão para agir. Não foi sem alguma dificuldade que os sete pensionistas se acharam reunidos. No momento em que Eugênio, espreguiçando-se, descia depois de todos os outros, um mensageiro entregou-lhe uma carta da sra. de Nucingen. A carta dizia o seguinte:

*Não tenho falsa vaidade nem cólera para você, meu amigo. Esperei-o até as duas horas da madrugada. Esperar uma criatura que se ama! Quem já passou por esse suplício não o impõe a ninguém. Vejo muito bem que é a primeira vez que ama. Que aconteceu? Fiquei cheia de inquietação. Se não receasse revelar os segredos do meu coração, teria ido saber o que lhe acontecera de bem ou de mal. Mas sair àquela hora, a pé ou de carro, não seria perder-me? Senti a desventura de ser mulher. Tranquelize-me, explique-me por que não veio depois do que meu pai lhe disse. Ficarei zangada, mas perdorei. Está doente? Por que mora tão longe? Bastará uma frase, se estiver ocupado. Diga: "Irei" ou "Estou doente". Mas, se estivesse enfermo, meu pai teria vindo me avisar! Então, que aconteceu...?*

— Sim, o que aconteceu? — perguntou Eugênio, que se precipitou para a sala de refeições, amarrotando a carta sem terminá-la. — Que horas são?

— Onze e meia — disse Vautrin, adoçando o café.

O condenado evadido lançou sobre Eugênio o olhar friamente fascinador que certos homens eminentemente magnéticos têm o dom de lançar e que, segundo se diz, acalma os loucos agitados nos hospitais de alienados. Eugênio tremeu da cabeça aos pés. Ouviu-se o ruído de um carro na rua e um criado do sr. Taillefer, que reconheceu imediatamente a sra. Couture, entrou apressadamente com uma expressão de pavor.

— Senhorita — exclamou —, o senhor seu pai a chama... Aconteceu uma grande desgraça. O sr. Frederico bateu-se em duelo, recebeu um golpe de espada na testa e os médicos o desenganaram. A senhorita apenas terá tempo de despedir-se, pois ele já não conhece ninguém.

— Pobre rapaz! — comentou Vautrin. — Como é que a gente pode brigar quando tem trinta mil bons francos de renda? Decididamente a mocidade não sabe comportar-se.

— Senhor! — exclamou Eugênio.

— E então, que há, rapaz!? — disse Vautrin, acabando de beber o café tranquilamente, operação que a srta. Michonneau vigiava com demasiada atenção para que se pudesse comover com o extraordinário acontecimento, que abalou a todos. — Acaso não há duelos todas as manhãs, em Paris?

— Vou contigo, Vitorina — dizia a sra. Couture.

E as duas mulheres saíram correndo, sem xale nem chapéu. Antes de sair, Vitorina, com os olhos cheios de lágrimas, dirigiu a Eugênio um olhar que dizia: “Eu não julgava que nossa felicidade devesse causar-me lágrimas!”.

— Ué, então o senhor é profeta, sr. Vautrin? — perguntou a sra. Vauquer.

— Sou tudo — disse Collin.

— Que coisa estranha! — acrescentou a sra. Vauquer, pronunciando uma série de frases insignificantes sobre o acontecimento. — A morte nos apanha sem nos consultar. Muitas vezes os moços vão embora antes dos velhos. Nós, as mulheres, somos felizes por não estarmos sujeitas aos duelos; mas temos outras doenças que os homens não têm. Fazemos os filhos e ficamos indispostas muito tempo! Que sorte para Vitorina! Seu pai é obrigado a adotá-la!

— Aí está! — disse Vautrin, olhando para Eugênio. — Ontem ela estava na miséria e esta manhã possui vários milhões.

— Muito bem, sr. Eugênio! — exclamou a sra. Vauquer. — O senhor acertou a mão.

Ao ouvir essa interpelação, o pai Goriot olhou para o estudante e viu em sua mão a carta amarrotada.

— O senhor não terminou a leitura! Que quer dizer isso? Será igual aos outros? — perguntou-lhe.

— Minha senhora — disse Eugênio, dirigindo-se à sra. Vauquer com um sentimento de horror e de desgosto que surpreendeu aos presentes —, nunca me casarei com a srta. Vitorina.

O pai Goriot tomou a mão do estudante e apertou-a. Teve vontade de beijá-la.

— Oh! Oh! — fez Vautrin. — Os italianos têm um bom ditado: *col tempo!*

— Estou esperando a resposta — disse a Rastignac o mensageiro da sra. de Nucingen.

— Diga que irei.

O homem saiu. Eugênio estava num violento estado de agitação que não lhe permitiu ser prudente.

— Que fazer? — dizia em voz alta, falando sozinho. — Não há provas!

Vautrin pôs-se a rir. A poção absorvida pelo estômago começava a operar. Mesmo assim, o condenado era tão robusto que se levantou, olhou para Rastignac e disse-lhe com voz rouca:

— Rapaz, o bem nos vem enquanto dormimos.

E caiu pesadamente, como um morto.

— Existe, mesmo, a justiça divina! — disse Eugênio.

— Que é que aconteceu ao caro sr. Vautrin?

— Uma apoplexia! — gritou a srta. Michonneau.

— Sílvia, apressa-te, minha filha, vai chamar o médico — disse a viúva. — Ah! Sr. Rastignac, vá buscar depressa o sr. Bianchon, porque pode ser que não encontre nosso médico, o sr. Grimpel.

Rastignac, contente por ter um pretexto para deixar aquela pavorosa caverna, saiu correndo.

— Cristóvão, corra ao boticário para pedir alguma coisa contra apoplexia.

Cristóvão saiu.

— Pai Goriot, ajude-nos a levá-lo para o quarto, lá em cima!

Vautrin foi agarrado, manobrado pela escada acima e deitado no leito.

— Não posso ser útil em nada, vou visitar minha filha — disse o sr. Goriot.

— Velho egoísta! — exclamou a sra. Vauquer. — Vai! Tomara que morras como

um cão!

— Vá ver se encontra éter — disse à sra. Vauquer a srta. Michonneau, que, ajudada por Poiret, desabotoara as roupas de Vautrin.

A sra. Vauquer desceu ao seu quarto e deixou a srta. Michonneau senhora do terreno.

— Depressa, tire a camisa e vire-o de bruços! Sirva para alguma coisa, poupando-me de ver a nudez — disse a Poiret. — Fica parado aí feito um estafermo.

Quando Vautrin ficou de bruços, a srta. Michonneau aplicou sobre as costas do doente uma forte palmada e as duas letras fatais apareceram em branco no meio da mancha vermelha.

— Olhe, ganhou muito habilmente sua gratificação de três mil francos — disse Poiret sustentando Vautrin de pé, enquanto a srta. Michonneau lhe vestia a camisa. — Puxa. É pesado! — acrescentou, deitando-o.

— Cale-se. E se houvesse uma caixa? — disse animadamente a solteirona, cujos olhos pareciam atravessar as paredes, tão avidamente examinavam todos os móveis do quarto. — Se se pudesse abrir essa escrivanhinha sob um pretexto qualquer?! — perguntou ela.

— Talvez não fosse direito — respondeu Poiret.

— Não — disse ela. — O dinheiro, tendo sido roubado de toda a gente, não pertence mais a ninguém. Mas não temos tempo. Estou ouvindo a Vauquer.

— Aqui está o éter — disse a sra. Vauquer. — Hoje é mesmo o dia das aventuras. Meu Deus! Esse homem não pode estar doente, está branco como um pombinho.

— Como um pombinho? — repetiu Poiret.

— O coração bate regularmente — disse a viúva, pondo a mão no peito.

— Regularmente? — disse Poiret, espantado.

— Ele está muito bem.

— Acha? — perguntou Poiret.

— Ora essa! Parece que está dormindo. Sílvia foi buscar um médico. Olhe, srta. Michonneau, o cheiro do éter lhe repugna. Ora! É um *pasmo* (espasmo). O pulso está bom. É forte como um turco. Repare, senhorita, o pelego que tem sobre o estômago. Esse homem viverá cem anos! E com tudo isso a peruca ficou no lugar. Veja! É colada! E a cor dos cabelos é falsa, pois ele é ruivo. Dizem que os ruivos são extremamente bons ou extremamente maus! Será bom, ele?

— Bom para pendurar pelo pescoço — disse Poiret.

— Você quer dizer ao pescoço de uma bela mulher — exclamou animadamente a srta. Michonneau. — Saia, sr. Poiret! É a nós que compete cuidar de vocês quando adoecem. Além disso, pelo muito que o senhor está fazendo, bem pode ir passear. A sra. Vauquer e eu cuidaremos bem do caro sr. Vautrin.

Poiret retirou-se mansamente e sem murmurar, como um cão que recebe um pontapé do dono.

Rastignac saíra para andar um pouco, para tomar ar. Estava sufocado. Quisera impedir na véspera aquele crime premeditado. O que acontecera? O que devia fazer? Receava ser cúmplice. O sangue-frio de Vautrin continuava a espantá-lo.

“Se pelo menos Vautrin morresse sem falar!”, pensava ele.

Atravessava as alamedas do Jardin du Luxembourg, como se tivesse sido encurralado por uma matilha de cães e ainda ouvisse os latidos.

— Que tal? — gritou-lhe Bianchon. — Leste o *Le Pilote*? [\[121\]](#)

*Le Pilote* era um jornal radical dirigido pelo sr. Tissot, que publicava, algumas horas antes dos jornais da manhã, uma edição destinada ao interior, contendo as notícias do dia, que assim chegavam aos departamentos com uma antecedência de vinte e quatro horas sobre as demais folhas.

— Há nele uma notável história — disse o interno do Hospital Cochin. — O filho de Taillefer bateu-se em duelo com o conde Franchessini, da velha guarda, que lhe enterrou duas polegadas de ferro na testa. Vitorina é agora um dos mais ricos partidos de Paris. Se a gente soubesse, hein? A morte é um verdadeiro jogo de azar! É verdade que ela te via com bons olhos?

— Cala-te, Bianchon. Nunca me casarei com ela. Amo uma mulher deliciosa, sou amado e...

— Dizes isso como se quisesses provar que não és infiel. Mostra-me, então, uma mulher que valha o sacrifício da fortuna do sr. Taillefer.

— Será que todos os diabos deram para me perseguir? — exclamou Rastignac.

— Que é que tens? Estás louco? Dá-me a mão — disse Bianchon —, deixa-me tomar-te o pulso. Puxa! Estás com febre.

— Ora, vai à casa da mamãe Vauquer! Aquele bandido do Vautrin acaba de cair como morto.

— Ah! — disse Bianchon, deixando Rastignac só. — Estás confirmando suspeitas que eu quero verificar.

O longo passeio do estudante de direito foi solene. Fez mais ou menos um

exame de consciência. Se vacilou, se se examinou, se hesitou, pelo menos sua probidade saiu dessa rude e terrível discussão experimentada como uma barra de ferro que resiste a todas as provas. Recordou-se das confidências que o pai Goriot lhe fizera na véspera, lembrou-se do apartamento escolhido para ele perto de Delfina na rue d'Ardois. Retomou a carta, releu-a e beijou-a.

— Um amor assim é a minha tábua de salvação — disse para si mesmo. — Esse pobre velho tem sofrido muito pelo coração. Não conta nada de seus pesares, mas quem não os adivinha? Pois bem, cuidarei dele como de um pai, dar-lhe-ei muitas alegrias. Se ela gostar de mim, virá muitas vezes à minha casa passar o dia junto dele. Essa condessa de Restaud é uma infame, faria do pai um porteiro. Querida Delfina! Ela é melhor para o velho, merece ser amada. Ah, esta noite serei feliz!

Tirou o relógio do bolso e admirou-o.

— Tudo me tem saído bem! Quando se ama para sempre, a gente se pode ajudar, e assim posso aceitar isto. Certamente vencerei na vida e poderei retribuir-lhe tudo centuplicado. Nesta ligação não há crime nem nada que possa fazer franzir a sobrancelha à mais severa virtude. Quantas pessoas de bem contraem uniões semelhantes! Não enganamos ninguém. E o que nos avilta é a mentira! Mentir não é renunciar? Há muito tempo que ela está separada do marido. Além disso, eu mesmo direi àquele alsaciano que me entregue a mulher que ele não pode tornar feliz.

O combate de Rastignac durou muito tempo. Embora a vitória devesse caber às virtudes da mocidade, uma invencível curiosidade, entretanto, arrastou-o, pelas quatro e meia, ao cair a noite, à Casa Vauquer, que ele jurara deixar para sempre. Queria saber se Vautrin morrera. Após ter tido a ideia de ministrar-lhe um vomitivo, Bianchon fizera levar para seu hospital o material expelido por Vautrin, a fim de analisá-lo quimicamente. Ao ver a insistência com que a srta. Michonneau queria jogá-lo fora, suas dúvidas se fortaleceram. Além disso, Vautrin restabeleceu-se demasiado rapidamente para que Bianchon não suspeitasse de uma conspiração contra o animador da pensão. Quando Rastignac entrou, Vautrin achava-se de pé, junto à estufa, na sala de refeições. Atraídos mais cedo do que de costume pela notícia do duelo de Taillefer filho, os pensionistas, curiosos por detalhes do fato e querendo conhecer a influência que este teria sobre o destino de Vitorina, estavam reunidos, com exceção do pai Goriot, e palestravam sobre o acontecimento. Quando Eugênio entrou, seus olhos encontraram os do imperturbável Vautrin, cujo olhar

penetrou tão profundamente no seu coração e lá fez vibrar tão intensamente algumas cordas más que estremeceu.

— Pois é isso, meu caro menino, a magra terá muito que fazer para derrotar-me. Segundo dizem estas senhoras, aguentei vitoriosamente uma congestão que seria capaz de matar um boi.

— O senhor bem podia dizer um touro — exclamou a viúva Vauquer.

— Estaria contrariado por encontrar-me com vida? — perguntou Vautrin ao ouvido de Rastignac, cujos pensamentos julgou adivinhar. — Seria preciso ser terrivelmente forte para isso!

— Sem dúvida! — disse Bianchon. — Anteontem a srta. Michonneau estava falando num homem cognominado *Engana-a-Morte*. Esse nome lhe ficaria bem.

Essa frase produziu sobre Vautrin o efeito de um trovão: empalideceu e vacilou; seu olhar magnético desceu como um raio de sol sobre a srta. Michonneau, que, sob esse jato de vontade, sentiu as pernas afrouxarem e caiu numa cadeira. Poiret meteu-se rapidamente entre ela e Vautrin, compreendendo que ela estava em perigo, ao ver o rosto do condenado tornar-se ferozmente significativo, retirando a máscara afável sob a qual ocultava sua verdadeira natureza.

Sem nada compreenderem ainda desse drama, todos os pensionistas ficaram atônitos. No mesmo momento, ouviram-se os passos de vários homens e o ruído de alguns fuzis que os soldados fizeram ressoar no calçamento da rua. Enquanto Collin procurava maquinalmente uma saída olhando para as janelas e as paredes, quatro homens apareceram na porta da sala. O primeiro era o chefe da polícia de segurança e os outros três eram oficiais de paz.

— Em nome da lei e do rei! — disse um dos oficiais, cuja voz foi coberta por um murmúrio de espanto.

Logo depois reinou o silêncio na sala de refeições, e os pensionistas dispersaram-se para dar passagem a três daqueles homens, que tinham a mão no bolso onde levavam pistolas engatilhadas. Dois policiais que acompanhavam os agentes ocuparam a porta da sala e dois outros ficaram na que dava para a escada. Os passos e os fuzis de vários soldados ressoaram na calçada empedrada diante da casa. Toda a esperança de fuga foi interdita a Engana-a-Morte, sobre quem todos os olhares se fixaram irresistivelmente. O chefe dirigiu-se a ele e começou por aplicar-lhe na cabeça uma taponia tão violenta que fez saltar a peruca e descobriu a cabeça de Collin em todo seu horror. Com os cabelos vermelho-tijolo curtos que lhe



davam um pavoroso aspecto de força aliada a astúcia, a cabeça e o rosto, em harmonia com o busto, iluminaram-se inteligentemente como se os clarões do inferno se tivessem comunicado a eles. Todos, então, compreenderam Vautrin, seu passado, seu presente, seu futuro, suas doutrinas implacáveis, sua religião de gozador, a dignidade que lhe emprestava o cinismo de suas ideias e de seus atos e a energia de uma constituição disposta a tudo. O sangue subiu-lhe ao rosto e os olhos brilharam como os de um gato selvagem. Deu saltos com um movimento cheio de vigor tão feroz e rugiu de tal modo que arrancou gritos de terror de todos os pensionistas. Diante desse gesto de leão e apoiando-se sobre o clamor geral, os agentes empunharam as pistolas. Collin compreendeu o perigo ao ver brilharem os gatilhos das armas e deu, imediatamente, uma prova do mais elevado poder humano. Horrível e majestoso espetáculo! Sua fisionomia exibiu um fenômeno que só pode ser comparado ao da caldeira cheia de vapor capaz de erguer montanhas e que uma gota d'água fria dissolve num instante. A gota d'água que resfriou sua raiva foi uma reflexão rápida como um raio. Pôs-se a rir e olhou para a peruca.

— Não estás nos teus dias de polidez — disse ao chefe da polícia de segurança.

Estendeu as mãos aos policiais, chamando-os com um gesto de cabeça.

— Senhores policiais, ponham-me as algemas ou amarrem-me. Os presentes são testemunhas de que não ofereço resistência.

Um murmúrio de admiração, provocado pela rapidez com que a lava e o fogo saíram e reentraram naquele vulcão humano, ressoou na sala.

— Foste logrado, senhor arrombador — acrescentou o condenado, olhando para o famoso diretor da polícia judiciária.

— Vamos despi-lo! — disse o homem da pequena rue de Sainte-Anne, com uma expressão cheia de desprezo.

— Para quê? — disse Collin. — Há senhoras, aqui. Não nego nada e me entrego.

Fez uma pausa, olhando para a assembleia como um orador que vai dizer coisas surpreendentes.

— Escreva, papai Lachapelle — disse, dirigindo-se a um velhinho de cabelos brancos que se sentara à extremidade da mesa após ter tirado de uma carteira o processo verbal da captura. — Reconheço ser Jacques Collin, chamado Engana-a-Morte, condenado a vinte anos de trabalhos forçados, e acabo de provar que não me apossei indebitamente desse apelido. Se eu tivesse apenas levantado a mão — disse aos pensionistas —, esses três esbirros espalhariam meu sangue no lar da mamãe

Vauquer. Esses patifes gostam de armar ciladas!

Ao ouvir tais palavras, a sra. Vauquer sentiu-se mal.

— Meu Deus! É de se ficar doente. Ainda ontem estive na Gaîté com ele! — disse ela a Sílvia.

— Tenha mais filosofia, mamãe! — replicou Collin. — Será uma desgraça ter estado ontem no meu camarote, na Gaîté? — exclamou. — A senhora é melhor do que nós? Temos menos infâmia nas costas do que vocês no coração, membros frouxos de uma sociedade gangrenada! O melhor de vocês não me resistia!

Seus olhos fixaram-se em Rastignac, a quem dirigiu um sorriso amável que contrastava singularmente com a expressão do rosto.

— Nosso negócio continua de pé, meu anjo! No caso de aceitar, já sabe!

Cantou:

*Minha Fanchette é formosa*

*Em sua simplicidade...*

— Não fique atrapalhado — acrescentou. — Sei cobrar minhas contas. Sou temido demais para que me embrulhem.

As galés, com seus costumes e sua linguagem, com suas bruscas transições do agradável ao horrível, sua espantosa grandeza, sua familiaridade, sua baixeza, foram subitamente representadas naquela interpelação e por aquele homem que deixou então de ser um homem para constituir o símbolo de toda uma nação degenerada, de um povo selvagem e lógico, brutal e flexível. Num momento, Collin transformou-se num poema infernal, onde se retrataram todos os sentimentos humanos, exceto um, o arrependimento. Seu olhar era o do arcanjo vencido que continua a querer guerra. Rastignac baixou os olhos, aceitando esse parentesco criminoso como uma expiação de seus maus pensamentos.

— Quem me traiu? — perguntou Collin, correndo o olhar terrível pela assembleia.

E, fixando-o na srta. Michonneau:

— Tu, velha prostituta! Deste-me uma falsa congestão! Com duas palavras, eu poderia fazer com que te cortassem o pescoço dentro de oito dias. Perdoo-te, sou cristão. Além disso, não foste tu propriamente quem me vendeu. Mas quem foi? Ah! Ah! Estão remexendo lá em cima! — exclamou, ao ouvir os oficiais da polícia

judiciária abrindo os armários e apoderando-se de seus trastes.— Os passarinhos saíram do ninho, partiram ontem! E não ficarão sabendo de nada. Meus livros comerciais estão aqui — disse, batendo na testa. — Agora sei quem me traiu. Só pode ter sido aquele velhaco do Fio-de-Seda! Não é, tio agarrador de gente? — disse ao chefe da polícia. — Isso coincide muito bem com a permanência do nosso dinheiro lá em cima. Não há mais nada, seus esbirrozinhos! Quanto a Fio-de-Seda, será *liquidado* em quinze dias, mesmo que vocês o guardem por todo o batalhão da polícia. Quanto deram à Michonnette? — perguntou aos funcionários da polícia. — Mil escudos! Eu valia mais do que isso, Ninon cariada! Pompadour de trapos! Vênus de cemitério! Se me tivesses avisado, receberias seis mil francos! Nem pensaste nisso, velha marafona, senão eu teria tido a preferência. Sim, eu teria pago para evitar uma viagem que me desagrada e que me faz perder dinheiro — dizia Collin, enquanto lhe punham as algemas. — Essa gente vai procurar amolar-me o maior tempo possível, pois se me mandassem em seguida para a prisão, eu voltaria logo às minhas ocupações, apesar dos basbaques do cais dos Ourives. Lá, todos hão de fazer o impossível para dar fuga a seu general, este bom Engana-a-Morte! Há alguém, entre vocês, que tenha, como eu, mais de dez mil irmãos prontos a tudo fazer por vocês? — perguntou com orgulho. — Isto aqui é o que há de bom — acrescentou, batendo sobre o coração. — Nunca traí ninguém! Olha para eles, prostituta! — disse à solteirona. — Eles olham para mim com terror, mas tu lhes causa repugnância. Recebe teu prêmio.

Fez uma pausa, contemplando os pensionistas.

— Vocês são idiotas? Nunca viram um condenado? Um condenado da têmpera de Collin, aqui presente, é um homem menos covarde que os outros e que protesta contra as profundas decepções do contrato social, como disse Jean-Jacques, de quem me orgulho de ser discípulo. Numa palavra, sou sozinho contra o governo com sua infinidade de tribunais, polícias e orçamentos, e embrulho a todos.

— Arre! — disse o pintor. — Como está belo para um desenho.

— Diga-me, fidalgo senhor carrasco, governador da viúva (nome cheio de terrível poesia, que os condenados dão à guilhotina) — acrescentou ele, voltando-se para o chefe da polícia de segurança —, seja um bom menino, diga-me se foi Fio-de-Seda que me traiu. Eu não gostaria que ele pagasse por outro, não seria justo.

Nesse momento, os agentes, que haviam aberto tudo e tudo inventariado em seu quarto, voltaram e falaram em voz baixa ao chefe da expedição. A ata estava

encerrada.

— Meus senhores — disse Vautrin, dirigindo-se aos pensionistas —, vão levar-me. Todos foram muito amáveis comigo durante minha permanência aqui. Serei grato por isso. Recebam minhas despedidas. E permitam-me que lhes mande figos de Provance.

Deu alguns passos e voltou-se para olhar para Rastignac.

— Adeus, Eugênio — disse, com uma voz doce e triste que contrastava singularmente com o tom brusco de suas frases. — Deixo-te um amigo dedicado, para o caso de precisares.

Apesar das algemas, pôde colocar-se em guarda, fez um chamamento de esgrimista, gritou “Uma, duas!” e fez o gesto de lançar-se a fundo.

— Em caso de dificuldade, dirige-te a ele. Podes dispor de tudo, homem e dinheiro.

O singular personagem deu a essas últimas palavras uma aparência de brincadeira, de modo que só Eugênio e ele puderam compreendê-las. Quando a casa foi evacuada pelos policiais, soldados e agentes da polícia, Sílvia, que friccionava as têmporas da patroa com vinagre, olhou para os pensionistas assombrados.

— Pois é! — disse. — Mesmo assim, era um bom homem!

Essa frase rompeu o assombro produzido pela afluência e pela diversidade dos sentimentos provocados por essa cena. Os pensionistas, após se terem examinado mutuamente, viram, todos ao mesmo tempo, a srta. Michonneau, franzina, seca e fria como uma múmia, agachada perto da estufa, com os olhos baixos como se temesse que a sombra da pala que usava não fosse bastante forte para ocultar a expressão de seus olhares. Aquela mulher, que lhes era antipática havia muito tempo, foi imediatamente decifrada. Um murmúrio que, pela perfeita unidade de som, denunciava uma repugnância unânime ergueu-se surdamente. A srta. Michonneau ouviu-o e ficou imóvel. Bianchon aproximou-se do vizinho.

— Vou embora se essa prostituta continuar a jantar conosco — disse à meia-voz.

Num instante, todos, menos Poiret, aprovaram a proposta do estudante de medicina, que, apoiado pela adesão geral, avançou em direção do velho aposentado.

— O senhor, que está particularmente ligado com a srta. Michonneau — disse-lhe —, fale com ela, faça com que ela compreenda que deve ir embora agora mesmo.

— Agora mesmo? — repetiu Poiret, espantado.

Aproximou-se da velha e disse-lhe algumas palavras ao ouvido.

— Mas minha pensão está paga, estou aqui graças ao meu dinheiro, como todos os outros — disse ela, lançando um olhar de víbora sobre os pensionistas.

— Não importa! Nós nos cotizaremos para devolver o dinheiro — disse Rastignac.

— O senhor está defendendo Collin? — respondeu ela, dirigindo ao estudante um olhar venenoso e interrogativo. — Não é difícil descobrir o motivo disso.

Ao ouvir essa frase, Eugênio saltou como se quisesse lançar-se sobre a solteirona para estrangulá-la. Aquele olhar, cujas perfídias compreendeu, acabava de lançar uma luz horrível em sua alma.

— Deixe-a! — gritaram os pensionistas.

Rastignac cruzou os braços e ficou em silêncio.

— Vamos acabar com a srta. Judas — disse o pintor, dirigindo-se à sra. Vauquer. — Se a senhora não puser na rua a Michonneau, nós todos deixaremos esta choça e sairemos a dizer por toda a parte que aqui só há espiões e condenados. No caso contrário, nós todos nos calaremos sobre o fato que, afinal de contas, poderia ocorrer nas melhores sociedades, até que resolvam marcar os condenados na testa e proibir-lhes que se disfarcem de burgueses de Paris e que se façam de farsistas, como são todos.

Diante desse discurso, a sra. Vauquer recuperou milagrosamente a saúde, ergueu-se, cruzou os braços e abriu os olhos claros sem o menor sinal de pranto.

— Mas, meu caro senhor, então quer arruinar minha casa? Eis que o sr. Vautrin... Oh, meu Deus! — disse, interrompendo-se. — Não posso evitar de chamá-lo por seu nome de homem honesto! Nem bem um quarto se esvaziou e o senhor quer que eu fique com mais dois para alugar, numa época em que toda a gente já está instalada!

— Meus senhores, tomemos os chapéus e vamos jantar na Place Sorbonne, no Flicoteaux — disse Bianchon.

A sra. Vauquer calculou, num rápido instante, o partido mais vantajoso e encaminhou-se para a srta. Michonneau.

— Paciência, querida, você não quer a morte da minha casa, não é? Está vendo os extremos a que esses senhores me obrigam. Suba ao seu quarto, por hoje.

— Nada disso, nada disso! — gritaram os pensionistas. — Queremos que ela saia já.

— Mas a pobre senhorita ainda não jantou — disse Poiret, com uma expressão de

compaixão.

— Ela que vá jantar onde quiser — gritaram várias vozes. — Rua, espiã!

— Rua, espiões!

— Meus senhores — exclamou Poiret, elevando-se subitamente à altura da coragem que o amor empresta aos carneiros —, respeitem uma pessoa do sexo frágil.

— Os espiões não têm sexo — disse o pintor.

— Notável sexorama!

— Ruorama!

— Meus senhores, isso é indecente. Quando se manda alguém embora, deve-se fazê-lo com jeito. Pagamos e ficamos — disse Poiret, pondo o boné na cabeça e sentando-se numa cadeira ao lado da srta. Michonneau, a quem a sra. Vauquer estava pregando um sermão.

— Mau — disse-lhe o pintor com uma expressão cômica. — Mauzinho, vá embora!

— Pois bem, se vocês não forem, iremos nós — disse Bianchon.

Os pensionistas movimentaram-se em massa em direção à sala de estar.

— Que quer que faça, senhorita? — exclamou a sra. Vauquer. — Estou arruinada. Não pode ficar, eles vão praticar violências.

A srta. Michonneau levantou-se.

— Ela vai!

— Não vai!

— Vai

— Não vai!

Essas frases pronunciadas alternadamente e a hostilidade dos comentários que começavam a surgir sobre ela obrigaram a srta. Michonneau a partir, após algumas estipulações feitas em voz baixa com a dona da pensão.

— Vou para a casa da sra. Buneaud — disse ela, com uma atitude ameaçadora.

— Vá para onde quiser, senhorita — disse a sra. Vauquer, que viu uma injúria na escolha que ela fizera de uma casa que era rival da sua e que, conseqüentemente, lhe era odiosa. — Vá para a Buneaud, terá vinho de fazer dançar macacos e pratos de segunda mão.

Os pensionistas formaram alas no mais profundo silêncio. Poiret contemplou tão ternamente a srta. Michonneau e pareceu tão indeciso sobre se devia

acompanhá-la ou ficar que os pensionistas, contentes com a saída da srta. Michonneau, puseram-se a rir olhando uns para os outros.

— Upa! Upa! Vamos, Poiret! — gritou-lhe o pintor.

O empregado do museu pôs-se a cantar comicamente este começo de uma romança conhecida:

*Partindo para a Síria,  
O belo e jovem Dunois..*

— Pode ir, você está doido por isso. *Trahit sua quemque que voluptas!* — disse Bianchon.

— Cada um acompanha quem lhe agrada, tradução livre de Virgílio — disse o explicador.

Tendo a srta. Michonneau feito o gesto de tomar o braço de Poiret ao fitá-lo, ele não pôde resistir ao apelo e deu apoio à solteirona. Retumbaram aplausos e houve uma explosão de risos.

— Bravo, Poiret! ..

— Este velho Poiret!

— Apolo-Poiret!

— Marte-Poiret!

— Corajoso Poiret!

Nesse momento, um mensageiro entrou e entregou uma carta à sra. Vauquer, que caiu sobre uma cadeira depois que a leu.

— Só falta queimar minha casa e ainda desaba um trovão! O filho de Taillefer morreu às três horas! Fui bem castigada por ter desejado o bem a essas senhoras em prejuízo do pobre rapaz. A sra. Couture e Vitorina mandaram buscar as bagagens, pois vão morar na casa do pai da moça. O sr. Taillefer consentiu que a filha fique com a viúva Couture como dama de companhia. Quatro quartos vazios! Cinco pensionistas a menos!

Sentou-se e pareceu prestes a chorar.

— A desgraça entrou em minha casa! — exclamou.

Imediatamente depois veio da rua o ruído de um carro que parou à frente da casa.

— Aí vem mais alguma coisa! — disse Sílvia.

Subitamente apareceu Goriot, com uma fisionomia brilhante e corada de contentamento, que parecia ter passado por uma reforma.

— Goriot de carro? — disseram os pensionistas. — É o fim do mundo!

O bom velho encaminhou-se para Eugênio, que estava pensativo num canto, e tomou-o pelo braço.

— Venha — disse-lhe, com uma expressão alegre.

— Então o senhor não sabe o que se passa? — disse-lhe Eugênio. — Vautrin era um condenado que acabam de prender, e o filho de Taillefer morreu.

— E então, que temos com isso? — respondeu o pai Goriot. — Eu e minha filha vamos jantar consigo, em sua casa, está ouvindo? Ela está esperando, venha!

Puxou Rastignac tão violentamente pelo braço que o fez andar à força e pareceu arrebatá-lo como se fosse sua amante.

— Vamos jantar! — gritou o pintor.

Imediatamente, cada um tomou sua cadeira e sentou-se à mesa.

— Pois é para ver — disse a gorda Sílvia —, hoje tudo sai mal. Meu guisado de carneiro grudou no fundo da panela. Os senhores terão que comê-lo queimado, tanto pior!

A sra. Vauquer, ao ver apenas dez pessoas em vez de dezoito em torno da mesa, não teve coragem de pronunciar uma palavra. Todos procuraram consolá-la e alegrá-la. Se, no início, os externos se ocuparam de Vautrin e dos acontecimentos do dia, logo depois, seguindo o rumo sinuoso habitual de sua palestra, começaram a falar em duelos, trabalhos forçados, justiça, leis por modificar e prisões. Em seguida, viram-se a mil léguas de distância de Jacques Collin, de Vitorina e do irmão. Embora fossem apenas dez, gritaram como vinte e pareciam mais numerosos que de costume. Foi essa a única diferença que houve entre aquele jantar e o da véspera. A despreocupação habitual daquela gente egoísta que, no dia seguinte, teria nos acontecimentos cotidianos de Paris uma nova presa a devorar, voltou à tona; até a sra. Vauquer deixou-se acalmar pela esperança, que tomou emprestada a voz da gorda Sílvia.

Aquele dia devia ser, até o fim, uma fantasmagoria para Eugênio, que, apesar da força de caráter e da bondade de espírito, não sabia como classificar suas ideias, quando se viu no carro, ao lado do pai Goriot, cuja conversa denunciava uma alegria extraordinária e ressoava em seu ouvido, após tantas emoções, como as palavras que ouvimos em sonho.



— Ficou pronta esta manhã. Vamos jantar os três juntos, juntos! Compreende? Há quatro anos que não janto com minha Delfina, minha pequena Delfina! Vou tê-la comigo durante uma noite inteira. Estamos na sua casa desde esta manhã. Trabalhei como um operário, em mangas de camisa. Ajudei a carregar os móveis. Ah! Ah! Você não sabe como ela é gentil à mesa. Ela se ocupará de mim: “Olhe, papai, coma disto, está bom”. E eu acabarei sem poder jantar. Oh, há muito tempo que não fico tranquilo com ela, como vamos ficar!

— O mundo está hoje de pernas para o ar? — disse-lhe Eugênio.

— De pernas para o ar? — disse o pai Goriot. — Mas ele nunca esteve tão direito como hoje. Só vejo rostos alegres na rua, pessoas que apertam as mãos e se abraçam. Criaturas felizes, como se todas fossem jantar com a filha e saborear um bom jantarzinho, que ela encomendou, em minha presença, ao gerente do Café des Anglais. Ora, perto dela até o aloé seria doce como o mel!

— Parece-me estar voltando à vida — disse Eugênio.

— Ande, cocheiro! — gritou o pai Goriot, abrindo o vidro da frente. — Vá mais depressa! Eu lhe darei cem soldos de gorjeta se me levar em dez minutos àquele lugar.

Ouvindo essa promessa, o cocheiro atravessou Paris com a rapidez do raio.

— Esse cocheiro não anda — dizia o pai Goriot.

— Mas, aonde vai me levar? — perguntou-lhe Rastignac.

— À sua casa — disse o pai Goriot.

O carro parou na rue d’Artois. O bom velho desceu em primeiro lugar e atirou dez francos ao cocheiro, com a prodigalidade de um viúvo que, no paroxismo do prazer, não presta atenção a nada.

— Vamos subir — disse a Rastignac, levando-o através de um pátio e conduzindo-o à porta de um apartamento situado no terceiro andar, na parte posterior de uma casa nova e de bela aparência.

O pai Goriot não teve necessidade de bater. Teresa, a criada da sra. Nucingen, abriu-lhe a porta. Eugênio viu-se num delicioso apartamento de rapaz, composto de sala de espera, saleta, quarto de dormir e gabinete com vista para um jardim. Na saleta, cujo mobiliário e cuja decoração podiam suportar uma comparação com o que havia de mais belo e gracioso, percebeu, à luz das velas, Delfina, que se levantou de um sofá junto ao fogo, pôs o guarda-fogo sobre a lareira e disse-lhe com uma entonação de voz cheia de ternura:

— Então foi preciso ir buscá-lo, senhor-que-não-compreende-nada?

Teresa saiu. O estudante tomou Delfina nos braços, estreitou-a fortemente e chorou de alegria. Esse último contraste entre o que via e o que acabara de ver, num dia em que tantas excitações haviam fatigado seu coração e seu cérebro, causou a Rastignac um acesso de nervosismo.

— Eu tinha certeza de que ele te amava! — disse baixinho o pai Goriot à filha, enquanto Eugênio, abatido, permanecia no sofá sem poder pronunciar uma palavra e ainda sem poder avaliar o quanto aquela surpresa o impressionara.

— Venha ver — disse-lhe a sra. de Nucingen, tomando-o pela mão e conduzindo-o a um quarto, cujos tapetes, móveis e outros detalhes menores lhe fizeram recordar o de Delfina em proporções menores.

— Falta um leito — disse Rastignac.

— Sim — disse ela, corando e apertando-lhe a mão. Eugênio fitou-a e compreendeu, moço ainda, o quanto há de verdadeiro pudor no coração de uma mulher apaixonada.

— Você é uma dessas criaturas que se deve adorar sempre — disse-lhe ela ao ouvido. — Sim, tenho coragem de dizer-lhe isso, pois nós nos compreendemos muito bem: quanto mais intenso e sincero é o amor, mais ele deve ser velado, misterioso. Não revelemos o nosso segredo a ninguém.

— Oh! Então eu não sou alguém? — resmungou o pai Goriot.

— O senhor sabe muito bem que também faz parte de nós...

— Ah! É isso mesmo que eu queria. Vocês não se incomodarão comigo, não é? Sairei e voltarei como um bom espírito que está em toda a parte e que se sabe estar presente mesmo sem vê-lo. Então Delphinette, Ninette, Dedel, não andei acertado ao dizer-te: “Há um belo apartamento na rue d’Artois, vamos mobiliá-lo para ele?”. Não querias. Eu é que sou o autor de tua alegria, como sou o autor de teus dias. Os pais devem dar continuamente, para serem felizes. Dar sempre é o que a gente faz quando é pai.

— Como? — disse Eugênio.

— Sim, ela não queria, tinha medo de que dissessem tolices, como se o mundo valesse a felicidade! Mas todas as mulheres sonham fazer o que ela está fazendo...

O pai Goriot falava sozinho. A sra. de Nucingen levava Eugênio para o gabinete, onde ecoou o ruído de um beijo, por mais levemente que tivesse sido dado. Aquela peça estava em harmonia com a elegância do apartamento, onde nada faltava.

— Adivinhamos bem seus desejos? — disse ela, voltando para a saleta a fim de sentar-se à mesa.

— Sim — disse ele —, demasiado bem. Oh! Este luxo tão completo, estes belos sonhos realizados, todas as poesias de uma vida moça e elegante, sinto-as tão intensamente que bem as mereço. Mas não posso aceitá-las de você e sou ainda muito pobre para...

— Ah! Ah! Você já está opondo dificuldades — disse ela, com uma expressão de autoridade brincalhona, fazendo uma dessas encantadoras caretas que as mulheres fazem quando querem zombar de algum escrúpulo para melhor dissipá-lo.

Eugênio examinara-se muito solenemente durante aquele dia, e a prisão de Vautrin, mostrando-lhe a profundidade do abismo no qual estava prestes a cair, acabava de corroborar fortemente seus sentimentos nobres e sua delicadeza, para que cedesse àquela acariciadora refutação de suas ideias generosas. Uma profunda tristeza apoderou-se dele.

— Como? — disse a sra. de Nucingen. — Recusa? Sabe o que significa uma recusa dessas? Não tem confiança no futuro, não tem coragem de ligar-se a mim? Receia, então, trair minha afeição? Se me ama, se eu... o amo, por que recua diante de tão insignificantes favores? Se soubesse o prazer que senti em ocupar-me do arranjo deste apartamento, não hesitaria e me pediria perdão. Eu tinha dinheiro para ti e empreguei-o bem, eis tudo. Pensa ser generoso e está sendo muito mesquinho. Você pede muito mais... (Ah! — disse, surpreendendo um olhar apaixonado de Eugênio) está fazendo cerimônia por ninharias. Se não me ama, está bem, não aceite. Minha sorte está numa frase. Fale! Mas, papai, apresente-lhe algumas boas razões — acrescentou ela, voltando-se para o pai depois de uma pausa. — Pensa ele que somos menos suscetíveis que ele no que se refere à nossa honra?

O pai Goriot conservava um sorriso fixo de *teriaki*,<sup>1</sup> enquanto assistia àquela encantadora discussão.

— Menino! Você ainda está no começo da vida — continuou ela, segurando a mão de Eugênio. — Encontra uma barreira intransponível para muitos, uma mão de mulher a abre para você e você recua! Há de vencer na vida, fazer uma brilhante fortuna, o triunfo está escrito em sua bela frente. Não poderá, então, devolver-me o que hoje lhe empresto? Antigamente, as damas não davam a seus cavaleiros armaduras, espadas, elmos, cotas de malha e cavalos, a fim de que pudessem ir combater em seus nomes nos torneios? Pois bem, Eugênio, as coisas que lhe

ofereço são as armas da época, os recursos necessários a quem quer ser alguma coisa. Deve ser muito bonito seu quartinho, se for parecido com o de papai! Então, não vamos jantar? Quer deixar-me triste? Por que não responde? — disse, sacudindo-lhe a mão.

Eugênio continuava imóvel.

— Meu Deus! Papai, faze com que ele se decida, senão irei embora e não o verei mais.

— Vou resolver isso — disse o pai Goriot, saindo de seu êxtase. — Meu caro sr. Eugênio, você vai pedir dinheiro emprestado aos judeus, não é?

— É necessário — disse ele.

— Muito bem, agora não pode escapar — replicou o velho, tirando do bolso uma carteira de couro muito velha. — Serei seu judeu. Paguei todas as faturas, aqui estão. Você não deve nada por tudo o que existe aqui. Não é muita coisa, cinco mil francos, no máximo. Pois lhos empresto! Você não recusará, eu não sou mulher. Você me fará uma declaração de dívida num pedaço de papel e me restituirá mais tarde.

Algumas lágrimas rolaram ao mesmo tempo dos olhos de Eugênio e Delfina, que se fitaram com surpresa. Rastignac estendeu a mão ao velho e apertou a dele.

— Então, que é que tem? Vocês não são meus filhos? — disse Goriot.

— Mas, meu pobre pai — disse a sra. de Nucingen —, como foi que fez isso?

— Ah! Aí é que está — respondeu ele. — Quando me decidi a instalá-lo perto de ti e te vi comprando coisas como se fossem para uma noiva, disse para mim mesmo: “Ela vai ficar atrapalhada!”. O advogado acha que o processo a mover contra teu marido para obrigá-lo a restituir tua fortuna levará mais de seis meses. Então, vendi meus mil trezentos e cinquenta francos de renda perpétua. Empreguei quinze mil francos em constituir mil e duzentos francos de renda vitalícia em boas hipotecas e paguei suas coisas com o resto do capital, meus filhos. Tenho lá em cima um quarto por cinquenta escudos por ano, posso viver como um príncipe com quarenta soldos por dia e ainda me sobra dinheiro. Não gasto nada, quase não preciso de roupa. Há quinze dias que ando rindo sozinho, pensando: “Vão ser felizes!”. E então, não são felizes?

— Oh papai, papai! — disse a sra. de Nucingen, atirando-se sobre o pai, que a recebeu nos joelhos.

Ela cobriu-o de beijos, acariciou-lhe as faces com os cabelos louros e derramou

lágrimas sobre o velho rosto risonho e brilhante.

— Paizinho querido, o senhor é um paizinho querido! Não, não há dois pais como o senhor neste mundo. Eugênio já o amava, quanto mais agora!

— Mas, meus filhos — disse o pai Goriot, que havia dez anos não sentia o coração da filha bater junto ao seu —, mas, Delphinette, queres matar-me de alegria! Meu pobre coração vai estourar. Pronto, sr. Eugênio, já estamos quites!

E o velho estreitou a filha num abraço tão selvagem, tão delirante, que ela disse:

— Ai! Tu me machucas!

— Eu te machuco! — disse ele, empalidecendo.

E fitou-a com uma expressão sobre-humana de dor. Para bem descrever a fisionomia desse Cristo da paternidade, seria preciso ir buscar comparações nas imagens que os príncipes da paleta criaram para representar a paixão sofrida em benefício do mundo pelo Salvador dos homens. O pai Goriot beijou com extrema doçura a cintura que seus dedos haviam apertado excessivamente.

— Não, não, não te machuquei — replicou ele, interrogando-a com um sorriso. — Tu é que me fizeste sofrer com teu grito. — Isto custou mais caro — disse ao ouvido da filha, beijando-a com precaução —, mas é preciso enganá-lo, senão ele se zangará.

Eugênio estava petrificado pela inesgotável dedicação daquele homem e o contemplava exprimindo aquela admiração natural que, na mocidade, constitui a fé.

— Serei digno de tudo isso — exclamou.

— Oh, meu Eugênio, como é belo o que acabas de dizer!

E a sra. de Nucingen beijou o estudante na fronte.

— Por ti, ele recusou a srta. Taillefer e seus milhões — disse o pai Goriot. — Sim, a pequena o amava. E, tendo morrido o irmão, ficou rica como Creso.[\[130\]](#)

— Oh, por que contou isso? — exclamou Rastignac.

— Eugênio — disse-lhe Delfina ao ouvido —, agora tenho um motivo de desgosto para esta noite. Mas eu o amarei muito e sempre.

— Este é o dia mais belo que vivi desde que vos casastes! — exclamou o pai Goriot. — O bom Deus pode fazer-me sofrer quanto quiser, desde que não seja por vós, e eu pensarei: “Em fevereiro deste ano, fui, num momento, mais feliz do que pode ser um homem durante toda a sua vida”. Olha para mim, Fifina! — disse à filha. — Ela é muito bonita, não é? Diga-me, já viu muitas mulheres com tão belas cores e com umas covinhas no rosto como as dela? Não, não é? Pois bem, fui eu

quem fiz esse amor de mulher. De agora em diante, sentindo-se feliz por você, ela se tornará mil vezes mais bela. Agora posso ir para o inferno, meu vizinho — disse. — Se precisar de minha parte de paraíso, pode ficar com ela. Vamos jantar! Vamos jantar! — acrescentou, sem saber mais o que dizia. — Tudo isso é nosso.

— Pobre pai!

— Se soubesses, minha filha — disse ele, levantando-se e encaminhando-se para ela, tomando-lhe a cabeça e beijando-a no meio das tranças —, como me podes fazer feliz com pouca coisa! Vai visitar-me algumas vezes, estarei lá em cima, a um passo daqui. Promete-me!

— Sim, querido pai.

— Repete.

— Sim, meu bom pai.

— Cala-te, senão eu te farei repetir cem vezes essas palavras. Vamos jantar.

Toda a noite foi empregada em infantilidades, e o pai Goriot não foi o menos louco dos três. Deitava-se aos pés da filha para beijá-los. Fitava-a demoradamente nos olhos. Roçava a cabeça em seu vestido. Fazia, enfim, loucuras como o mais jovem e mais terno dos amantes.

— Veja — disse Delfina a Eugênio —, quando meu pai está conosco, precisamos pertencer-lhe inteiramente. Isso será incômodo, algumas vezes.

Eugênio, que já sentira várias vezes impulsos de ciúme, não podia censurar aquela frase, que encerrava o princípio de todas as ingratidões.

— E quando ficará pronto o apartamento? — disse Eugênio, olhando em torno do quarto. — Teremos que nos deixar esta noite?

— Sim. Mas, amanhã, você irá jantar comigo — disse ela com uma expressão astuciosa. — Amanhã é dia dos Italiens.

— Irei para a plateia! — disse o pai Goriot.

Era meia-noite. O carro da sra. de Nuncingen esperava. O pai Goriot e o estudante voltaram à Casa Vauquer falando em Delfina com um entusiasmo crescente, que produziu um curioso combate de expressões entre aquelas duas violentas paixões. Eugênio não se podia dissimular que o amor do pai, que nenhum interesse pessoal maculava, esmagava o seu em persistência e extensão. O ídolo era sempre puro e belo para o pai e sua adoração se acrescia de todo o passado, como do futuro. Encontraram a sra. Vauquer a um canto da estufa, entre Sílvia e Cristóvão. A velha dona da pensão estava lá como Mário sobre as ruínas de Cartago.

Esperava os dois únicos pensionistas que lhe restavam, desolando-se em companhia de Sílvia. Embora Lord Byron tenha atribuído belíssimas lamentações a Tasso,[\[132\]](#) estas estão longe da profunda sinceridade das que escapavam à sra. Vauquer.

— Amanhã de manhã só precisa fazer três taças de café, Sílvia! Imagina! Minha casa vazia! Não é de cortar o coração? Que será a vida sem meus pensionistas? Absolutamente nada. Aí está minha casa desmobilizada de seus homens. A vida está toda nos móveis. Que fiz eu para merecer todos esses desastres? Nossas provisões de feijão e batatas foram feitas para vinte pessoas. A polícia em minha casa! Vamos passar a comer somente batatas! E terei de despedir Cristóvão!

O saboiano, que dormia, despertou subitamente e disse:

— Pronto, patroa!

— Pobre rapaz! É como um cão de guarda — disse Sílvia.

— Uma temporada perdida! Todos já se instalaram. De onde me virão pensionistas? Vou enlouquecer. E essa bruxa da Michonneau ainda me leva Poiret! Que terá feito ela para prender assim aquele homem que a seguiu como um cãozinho?

— Ora! — disse Sílvia, sacudindo a cabeça. — Essas solteironas conhecem manhas!

— E esse pobre sr. Vautrin, que transformaram num galeriano! — acrescentou a viúva.— Isso é superior às minhas forças, Sílvia. Ainda não posso acreditar. Um homem alegre como ele, que tomava ponche por quinze francos por mês e pagava pontualmente!

— E era generoso! — disse Cristóvão.

— Deve haver um engano — disse Sílvia.

— Não há, ele se confessou culpado — replicou a sra. Vauquer. — E dizer que todas essas coisas aconteceram em minha casa, num bairro tão quieto! Garanto que estou sonhando. Repara, vimos Luís XVI sofrer seu acidente, vimos cair o imperador, vimo-lo voltar e tornar a cair, tudo isso estava na ordem das coisas possíveis. Às pensões burguesas, porém, nada pode acontecer. Pode-se viver sem rei, mas sempre é preciso comer. E quando uma mulher às direitas, uma Conflans, fornece jantares com pratos tão bons, a não ser que seja o fim do mundo... Mas, é isso mesmo, é o fim do mundo!

— E pensar que a srta. Michonneau, que lhe causou esse prejuízo, vai receber,

segundo dizem, escudos de prêmio! — exclamou Sílvia.

— Não me fale dela. É uma celerada — disse a sra. Vauquer. — E, além de tudo, vai para a Buneaud! Mas ela é capaz de tudo, deve ter cometido horrores, assassinado, roubado, na sua época. Ela é que devia ir para a prisão, no lugar daquele infeliz homem...

Nesse momento, Eugênio e o pai Goriot bateram à porta.

— Ah, aí estão meus dois fiéis! — disse a viúva suspirando.

Os dois fiéis, que não tinham mais que uma leve recordação dos desastres da pensão burguesa, anunciaram, sem cerimônia, à dona da casa, que iam morar na Chaussée-d'Antin.

— Ah, Sílvia — disse a viúva —, esta é a minha última desgraça! Os senhores me deram o golpe de morte! Isto me atingiu o estômago. Sinto uma barra de ferro aqui. Um dia destes nos mete dez anos a mais em cima da cabeça. Vou acabar louca, palavra de honra! Que hei de fazer com o feijão? Muito bem! Já que vou ficar sozinha aqui, irás embora amanhã, Cristóvão. Adeus, senhores, boa noite.

— Que é que ela tem? — perguntou Eugênio a Sílvia.

— Ora essa! Todos foram embora por causa do que aconteceu. Isso transtornou-lhe a cabeça. Escute, está chorando. E bom para ela *choramingar* um pouco. É a primeira vez que esvazia os olhos desde que sou sua empregada.

No dia seguinte, a sra. Vauquer estava, segundo sua expressão, *arrazoada*. Se parecia aflita por ter perdido todos os pensionistas e ficado com a vida desordenada, conservava, entretanto, o raciocínio e mostrou o que é a verdadeira dor, uma dor profunda, a dor causada pelo interesse ferido, pelos hábitos desorganizados. O olhar que um apaixonado lança aos lugares habitados pela amante, ao deixá-la, não é, por certo, mais triste do que o da sra. Vauquer para sua mesa vazia. Eugênio consolou-a, dizendo-lhe que Bianchon, cujo internato terminaria dentro de alguns dias, certamente viria substituí-lo; que o empregado do museu manifestara muitas vezes o desejo de ocupar o apartamento da sra. Couture e que, em poucos dias, ela teria recuperado seus hóspedes.

— Que Deus o ouça, meu caro senhor! Mas a desgraça anda por aqui. Antes de dez dias, a morte virá aqui, o senhor vai ver — acrescentou, dirigindo um olhar lúgubre à sala de refeições. — A quem de nós levará?

— Então é bom darmos o fora — disse Eugênio, em voz baixa, ao pai Goriot.

— Minha senhora — disse Sílvia, chegando assustada —, há três dias que não



vejo Mistigris.

— É o cúmulo! Se meu gato morreu, se ele nos deixou, eu...

A pobre viúva não terminou a frase. Juntou as mãos e atirou-se a uma poltrona, vencida pelo terrível prognóstico.

## V – AS DUAS FILHAS

Ao meio-dia, hora em que os carteiros chegavam do bairro do Panthéon, Eugênio recebeu uma carta em elegante envelope, timbrada com as armas de Beauséant. Continha um convite endereçado ao sr. e à sra. de Nucingen para o grande baile, anunciado havia um mês, e que se devia realizar na casa da viscondessa. Junto ao convite, vinha um bilhete para Eugênio:

Creio que terá prazer em encarregar-se de ser o intérprete de meus sentimentos junto da sra. de Nucingen. Envio-lhe o convite que pediu e terei muito prazer em conhecer a irmã da sra. de Restaud. Traga-me, pois, essa bela criatura e não deixe que ela absorva toda sua afeição, pois você me deve muita em retribuição da que lhe dedico.

viscondessa de beauséant

“Mas”, pensou Eugênio, relendo o bilhete, “a sra. de Beauséant me diz bem claramente que não quer a presença do barão de Nucingen.”

Foi imediatamente à casa de Delfina, feliz por poder proporcionar-lhe uma alegria da qual certamente receberia o prêmio. A sra. de Nucingen estava no banho. Rastignac esperou no gabinete, entregue às impaciências naturais a um rapaz ardente e apressado em apossar-se de uma amante, objeto de dois anos de desejos. Tais emoções não se repetem na vida dos moços. A primeira mulher realmente mulher a que um homem se liga, isto é, aquela que se apresenta a ele no esplendor do cerimonial exigido pela sociedade parisiense, nunca tem rival. O amor de Paris não se assemelha em nada aos outros amores. Tanto os homens como as mulheres não se deixam iludir pelas aparências adornadas de lugares-comuns com que todos revestem, por decência, suas afeições ditas desinteressadas. Neste país, a mulher não deve satisfazer apenas o coração e os sentidos. Ela sabe perfeitamente que tem maiores obrigações a cumprir para com as mil vaidades de que se compõe a vida. Nelas, sobretudo, o amor é essencialmente arrogante, atrevido, perdulário, vaidoso

e faustoso. Se todas as mulheres da corte de Luís XVI invejaram à srta. de La Vallière o impulso de paixão que fez esse grande príncipe esquecer que seus punhos custavam mil escudos cada um, quando os rasgou para felicitar ao duque de Vermandois sua entrada no palco do mundo, que se pode exigir do resto da humanidade? Sede jovens, ricos e nobres. Sede mais ainda, se puderdes. Quanto mais incenso trouxerdes para queimar diante do ídolo, mais ele nos será favorável, no caso de terdes um ídolo. O amor é uma religião, e seu culto deve custar mais caro que o de todas as outras religiões. Desvanece-se rapidamente, passa por nós como um gaiato que faz questão de assinalar sua passagem por devastações. O luxo do sentimento é a poesia das águas-furtadas; sem essa riqueza, que fim levaria o amor lá dentro? Se há exceções a essas leis draconianas do código parisiense, é na solidão que elas moram, entre as almas que não se deixaram arrastar pelas doutrinas sociais, que vivem perto de alguma fonte de águas claras, fugitivas, mas incessantes; e que, fiéis às verdes ramadas que lhes dão sombra, felizes por escutarem a linguagem do infinito, escrita em todas as coisas para elas e que elas tornam a encontrar em si mesmas, esperam pacientemente suas asas, lamentando as almas da Terra. Rastignac, como a maioria dos jovens que provaram antecipadamente o gosto das grandezas, queria apresentar-se perfeitamente armado na liça do mundo. Enchera-se da febre das grandezas e sentia-se, talvez, capaz de dominá-las, sem, porém, conhecer os meios nem o fim dessa ambição. Na falta de um amor puro e sagrado, que enche a vida, essa sede de domínio pode constituir uma bela coisa. Basta despojar-se de todo o interesse pessoal e escolher a grandeza de um país como objetivo. O estudante, porém, não chegara ainda ao ponto em que o homem pode contemplar o curso da vida e julgá-la. Até então, nem mesmo havia sacudido completamente o encanto das frescas e suaves ideias que envolvem como uma folhagem as crianças educadas na província. Hesitara continuamente em transpor o Rubicão parisiense. Apesar de suas ardentes curiosidades, conservara sempre alguns preconceitos da vida feliz que o verdadeiro fidalgo leva em seu castelo. Seus escrúpulos, porém, haviam desaparecido na véspera, quando se vira em seu apartamento. Saboreando as vantagens materiais da fortuna, como havia muito saboreava as vantagens morais da nobreza, despira sua pele de provinciano e instalara-se docemente numa posição de onde vislumbrava um belo futuro. Assim, enquanto esperava Delfina, sentado displicentemente naquele belo gabinete que já era um pouco seu, ele se via tão longe do Rastignac que chegara a

Paris no ano retrasado que, examinando-se por um fenômeno de ótica moral, ele se interrogava se naquele momento se parecia consigo mesmo.

— A senhora está no quarto — veio dizer-lhe Teresa fazendo-o estremecer.

Encontrou Delfina reclinada no sofá, junto à estufa, fresca, repousada.

Ao vê-la assim estendida sobre ondas de musselina, era-lhe impossível deixar de compará-la a essas belas plantas da Índia cujo fruto nasce na flor.

— E então? Aqui estamos! — disse ela com emoção.

— Sabe o que eu lhe trago? — perguntou Eugênio, sentando-se junto dela e tomando-lhe o braço para beijar-lhe a mão.

A sra. de Nucingen fez um gesto de contentamento ao ler o convite. Voltou para Eugênio os olhos úmidos e lançou-lhe os braços ao pescoço para atraí-lo a si num delírio de satisfação vaidosa.

— E é ao senhor (a ti — disse-lhe ao ouvido. — Mas Teresa está no gabinete, sejamos prudentes!), é ao senhor que devo esta felicidade? Sim, ousou chamar isso de felicidade! Conseguida pelo senhor, não é mais que uma vitória do amor-próprio? Ninguém me quis apresentar àquela sociedade. Talvez neste momento o senhor me ache mesquinha, frívola, leviana como uma parisiense. Pense, porém, meu amigo, que estou pronta a tudo sacrificar por você e que se desejo mais ardentemente do que nunca ir ao Faubourg Saint-Germain, é porque você o frequenta.

— Não acha que a sra. de Beauséant dá a impressão de nos dizer que não espera o sr. de Nucingen no baile? — perguntou Eugênio.

— É claro — disse a baronesa, devolvendo a carta a Eugênio. — Aquelas mulheres têm o gênio da insolência. Não importa, eu irei. Minha irmã deve ir, sei que está preparando um vestido delicioso. Eugênio — acrescentou em voz baixa —, ela vai lá para dissipar terríveis suspeitas. Não sabe dos boatos que correm a respeito dela? Nucingen disse-me, esta manhã, que ontem falavam abertamente dela, no clube. Meu Deus! De que depende a honra das mulheres e das famílias! Senti-me atacada, ferida, na minha pobre irmã. Segundo dizem alguns, o sr. de Trailles teria assinado letras de câmbio no valor de cem mil francos, quase todas vencidas e pelas quais ia ser perseguido. Nessa situação extrema, minha irmã teria vendido seus diamantes a um judeu, aqueles belos diamantes que você teve ocasião de ver e que haviam pertencido à mãe de Restaud. Enfim, há dois dias só se fala nisso. Compreendo, assim, que Anastácia tenha mandado fazer um vestido de lamê e queira atrair todos

os olhares, na casa da sra. de Beauséant, apresentando-se em todo o seu brilho e com os diamantes. Mas não quero ficar abaixo dela. Ela sempre procurou me esmagar, nunca foi boa para mim, embora tenha-lhe prestado tantos serviços e emprestado tanto dinheiro quando ela se viu em necessidade... Mas deixemos os outros! Hoje quero ser completamente feliz!

À uma hora da madrugada, Rastignac ainda estava na casa da sra. de Nucingen que, prodigalizando-lhe a despedida dos amantes, essas despedidas cheias de promessas de alegria, disse com uma expressão de melancolia:

— Sou tão medrosa, tão supersticiosa — pode dar aos meus sentimentos o nome que quiser — que receio pagar minha felicidade com alguma terrível catástrofe...

— Criança! — disse Eugênio.

— Ah! Eu é que sou criança, esta noite — disse ela, sorrindo.

Eugênio voltou à Casa Vauquer com a certeza de deixá-la no dia seguinte. Assim, durante o trajeto, entregou-se a esses belos sonhos que animam todos os moços quando ainda conservam sobre seus lábios o sabor da felicidade.

— Então? — perguntou-lhe o pai Goriot, quando Rastignac passou pela sua porta.

— Muito bem! — respondeu Eugênio. — Amanhã lhe contarei tudo.

— Tudo, não é? — exclamou o velho. — Vá dormir. Amanhã começaremos nossa vida feliz.

No dia seguinte, o sr. Goriot e Rastignac esperavam apenas a chegada de um carregador para partirem da pensão burguesa, quando, pelo meio-dia, o ruído de uma carruagem que parou justamente à porta da Casa Vauquer ressoou na rue Neuve-Sainte-Geneviève. A sra. de Nucingen desceu do carro e perguntou se seu pai ainda estava na pensão. Diante da resposta afirmativa de Sílvia, subiu rapidamente a escada. Eugênio estava em seu quarto sem que o vizinho o soubesse. Durante o almoço, pedira ao pai Goriot que levasse sua bagagem, dizendo-lhe que se encontrariam às quatro horas à rue d'Artois. Mas, enquanto o velho saía para procurar carregadores, Eugênio, tendo respondido à chamada na Escola, voltara, sem que ninguém o visse, para acertar contas com a sra. Vauquer, pois não quisera incumbir disso o pai Goriot que, em seu fanatismo, teria certamente pago por ele. A dona da pensão saía. Eugênio subiu ao quarto para ver se não se esquecera de nada e felicitou-se por ter tido essa ideia, ao ver, na gaveta da mesa, a declaração de dívida, assinada em favor de Vautrin, que displicentemente deixara lá quando a

saldou. Como não tivesse fogo aceso, ia rasgá-la em pedacinhos quando, reconhecendo a voz de Delfina, evitou fazer ruído e deteve-se para ouvi-la, achando que ela não devia ter nenhum segredo para ele. E desde as primeiras palavras achou a conversa entre o pai e a filha demasiado interessante para que se privasse de escutá-la.

— Ah! meu pai — disse ela. — Queira Deus que o senhor tenha tido a ideia de pedir explicações sobre a minha fortuna com tempo suficiente para que eu não fique arruinada! Posso falar?

— Sim. A casa está vazia — disse o pai Goriot com a voz alterada.

— Que tem, meu pai? — perguntou a sra. de Nucingen.

— Acabas de dar-me um golpe terrível — respondeu o velho. — Deus te perdoe, minha filha! Não sabes quanto te amo. Se o soubesses, não me terias dito bruscamente uma coisa dessas, principalmente não havendo, como não há, nada de desesperador. Que aconteceu de tão urgente, então, para que venhas me procurar aqui, sabendo que dentro de alguns instantes estaremos à rue d'Artois?

— Ora, meu pai, quem é que pode dominar seus primeiros impulsos numa catástrofe? Estou louca! Seu advogado nos fez descobrir um pouco mais cedo a desgraça que sem dúvida desabará mais tarde. Vamos precisar de sua antiga experiência comercial e corri para o senhor como a gente se agarra a um galho quando se está afogando. Quando o sr. Derville viu o sr. de Nucingen opor-lhe uma infinidade de trapanças, ameaçou-o de processo, dizendo-lhe que a autorização do presidente do tribunal seria rapidamente conseguida. Nucingen veio esta manhã ao meu quarto perguntar-me se eu queria sua ruína e a minha. Respondi-lhe que nada sabia do que se passava, que tinha uma fortuna que devia estar em meu poder e que tudo quanto se relacionava com essa questão estava confiado ao meu advogado, pois eu ignorava tudo e não podia entender nada do assunto. Não foi isso que o sr. me recomendou que eu dissesse?

— Isso mesmo — respondeu o pai Goriot.

— Então — continuou Delfina — ele me pôs a par de seus negócios. Empregou seu capital e o meu em empresas apenas começadas e para as quais foi necessário despender grandes quantias. Se eu o obrigasse a exhibir meu dote, ele seria forçado a requerer falência. Ao passo que se eu quiser esperar um ano, ele se compromete, sob palavra de honra, a restituir-me uma soma duas ou três vezes superior a meu dote, empregando-o em operações territoriais, no fim das quais eu entraria na posse

de todos os meus bens. Meu querido pai, ele falava com sinceridade e me assustou. Pediu-me perdão por sua conduta, concedeu-me liberdade, permitiu que eu me conduzisse como quisesse, sob a condição de que o autorize a gerir os negócios sob meu nome. Prometeu-me, para provar sua boa-fé, chamar o sr. Derville sempre que eu quisesse, para julgar se os atos, em virtude dos quais ele me instituiria proprietária, estavam convenientemente redigidos. Numa palavra, entregou-se-me de mãos e pés atados. Pediu-me ainda a direção da casa durante dois anos e suplicou-me que não gaste comigo mais do que o que ele estipular. Provou-me que tudo quanto ele podia fazer era conservar as aparências, que mandara embora a bailarina e que seria forçado à mais estrita, à mais rigorosa economia, para poder chegar ao termo de suas especulações sem alterar o crédito. Tratei-o rudemente, duvidei de tudo o que me disse, a fim de obrigá-lo a contar tudo e de saber ainda mais: ele me mostrou os livros e, por fim, chorou. Nunca tinha visto um homem em tal situação. Ele perdera a cabeça, falava em matar-se, delirava. Deu-me pena.

— E acreditas nesses fingimentos?! — exclamou o pai Goriot. — Ele é um farsante! Tenho encontrado alemães em negócios: são quase todos de muita boa-fé, cheios de candura; mas, quando, com sua aparência de franqueza e de simplicidade, se metem a astutos e impostores, eles o são mais ainda que os outros. Teu marido está abusando de ti. Sente-se apertado, finge-se de morto. Quer ficar mais senhor de tudo em teu nome do que o é no dele. Vai aproveitar-se dessa circunstância para colocar-se ao abrigo dos azares de seu comércio. É tão astuto como pérfido. É um malandro. Não, não, não hei de morrer deixando minhas filhas na miséria. Ainda entendo um pouco de negócios. Diz ele que empregou seu capital em empresas; pois bem, sua parte nesses negócios deve estar representada por valores, documentos, tratados! Pois ele que os mostre e liquide as contas contigo. Escolheremos os melhores negócios, correremos os riscos e teremos os títulos de reconhecimento em nome de *Delfina Goriot, esposa separada, quanto aos bens, do barão de Nucingen*. Será que ele nos está tomando por imbecis? Pensa que suportarei durante dois dias a ideia de deixar-te sem dinheiro, sem pão? Eu não a suportaria nem um dia, nem uma noite, nem duas horas! Se isso acontecesse, eu não sobreviveria. Ora essa! Então eu teria trabalhado durante quarenta anos de minha vida, carregando sacos nas costas, suando em bicas, privando-me a vida inteira por vós, meus anjos, que me tornastes leves todos os trabalhos, todos os fardos, para agora ver minha fortuna, minha existência se perderem como fumaça?

Isso me faria morrer furioso. Por tudo quanto há de mais sagrado na terra e no céu, vamos tirar isso a limpo, verificar os livros, a caixa, as empresas! Não durmo, não me deito nem como, enquanto não tiver provas de que tua fortuna está intacta. Graças a Deus casaste com separação de bens. Terás como advogado o sr. Derville, que, felizmente, é um homem honesto. Palavra de honra! Hás de conservar teu bom milhãozinho, teus cinquenta mil francos de renda, até o fim de teus dias, ou farei em Paris um barulho dos diabos, ah, ah! Recorrerei às Câmaras, se os tribunais nos prejudicarem. Saber-te tranquila e feliz no que se refere ao dinheiro foi sempre um pensamento que abrandou todos os meus males e acalmou todos os meus sofrimentos. O dinheiro é a vida. O dinheiro faz tudo! Que é que nos diz esse gordo e estúpido alsaciano? Delfina, não faças a mínima concessão a esse animal que te aprisionou e te tornou infeliz. Se ele precisar de ti, nós o traremos de rédea curta e o faremos andar direito. Meu Deus! Estou com a cabeça em fogo, tenho no crânio alguma coisa que me queima. Minha Delfina na miséria! Oh! Minha Fifina, tu! Arre! Onde estão minhas luvas? Vamos sair! Quero ver tudo, os livros, os negócios, a caixa, a correspondência, agora mesmo! Não ficarei calmo enquanto não me for provado que tua fortuna não corre mais riscos e enquanto não a tiver visto com meus próprios olhos.

— Querido pai, seja prudente...! Se o senhor puser a menor veleidade de vingança nesse negócio e mostrar intenções muito hostis, estarei perdida. Ele o conhece, achou muito natural que, a conselho seu, eu me preocupasse com a minha fortuna, mas juro que ele a guarda consigo e sempre quis guardá-la. Ele é capaz de fugir com todo o dinheiro e nos deixar aqui, o celerado! Sabe muito bem que eu não o perseguiria para não desonrar o nome que uso. Ele está ao mesmo tempo forte e fraco. Examinei tudo muito bem. Se o forcarmos a esses extremos, serei arruinada.

— Então ele é um ladrão?

— Pois é isso mesmo, meu pai — disse, atirando-se a uma cadeira, chorando. — Eu não queria confessá-lo, para poupar-lhe o desgosto de saber que me casou com um homem dessa espécie! Hábitos secretos e caráter, a alma e o corpo, tudo nele se harmoniza! É espantoso! Odeio-o e desprezo-o. Sim, não posso mais estimar esse vil Nucingen depois do que ele me disse. Um homem capaz de meter-se nos conchavos comerciais de que me falou não pode ter a mínima delicadeza, e meus temores provêm do que li perfeitamente em sua alma. Propôs-me claramente, ele, meu marido, a liberdade — sabe o senhor o que isso significa? — se eu quisesse ser,

em caso de dificuldade, um instrumento em suas mãos, enfim, se eu quisesse servir-lhe de testa de ferro.

— Mas as leis estão aí mesmo! Há uma Place de Grève para os genros dessa espécie! — exclamou o pai Goriot. — Eu mesmo o guilhotinaria, se não houvesse carrasco.

— Não, meu pai, não há leis contra ele. Ouça, em duas palavras, sua linguagem, despida dos circunlóquios com que ele a envolveu: ou tudo está perdido e neste caso não tens mais nada, estás arruinada, porque eu não poderia escolher por cúmplice outra pessoa; ou me deixarás dirigir com êxito minhas empresas. Está claro? Ele conta comigo. Minha probidade de mulher o tranquiliza. Sabe que eu lhe deixarei sua fortuna e me contentarei com a minha. É uma sociedade ímproba e ladra, com a qual devo concordar sob pena de ficar na miséria. Ele compra minha consciência e a paga, deixando-me ser livremente mulher de Eugênio. Permito que cometas faltas, deixa-me praticar crimes arruinando os pobres! Esta linguagem está bem clara? Sabe o senhor o que é que ele chama fazer operações? Compra terrenos baldios em seu nome e depois faz construir neles casas para indivíduos que são seus testas de ferro. Estes concluem as negociações sobre as construções com os empreiteiros, a quem pagam com letras de câmbio a longo prazo, e consentem, mediante uma pequena quantia, a dar quitação a meu marido, que então se torna proprietário das casas. Enquanto isso, os testas de ferro liquidam seus negócios com os empreiteiros por meio de uma falência. O nome da casa de Nucingen tem servido para engambelar os pobres construtores. Compreendi isso. Compreendi, também, que para comprovar, em caso de necessidade, o pagamento de somas enormes, Nucingen enviou consideráveis quantias para Amsterdã, Londres, Nápoles e Viena. Como os apanharemos?

Eugênio ouviu o som pesado dos joelhos do pai Goriot, que, sem dúvida, caíra sobre o assoalho do quarto.

— Meu Deus, que te fiz? Minha filha nas mãos desse miserável! Ele exigirá tudo dela, se quiser! Perdão, minha filha! — exclamou o velho.

— Sim, se estou num abismo, talvez seja por culpa sua — disse Delfina. — Somos tão ignorantes quando nos casamos! Acaso conhecemos a sociedade, os negócios, os homens, os costumes? Os pais deveriam pensar por nós. Querido pai, não lhe censuro nada. Perdoe-me esta expressão! Nisto, a culpa foi inteiramente minha. Não, não chore, papai! — disse, beijando-lhe a fronte.



— Não chores tu também, minha Delphinette! Dá-me teus olhos para que eu os enxugue beijando-os. Não há de ser nada! Vou recuperar minha cabeça e deslindar essa atrapalhada de negócios que teu marido fez.

— Não, deixe-me fazê-lo. Saberei manobrá-lo. Como ele me ama, aproveitarei o meu domínio sobre ele para fazer com que empregue imediatamente algum dinheiro em propriedades. Talvez consiga que ele torne a comprar, em meu nome, a propriedade de Nucingen, na Alsácia, de que ele gosta muito. Mas vá somente amanhã examinar os livros e os negócios. O sr. Derville nada sabe do que é comercial... Não, não vá amanhã. Não quero envenenar meu sangue. O baile da sra. de Beauséant se realizará depois de amanhã e quero cuidar-me para aparecer bonita e descansada, para honrar meu querido Eugênio... Vamos ver o quarto dele.

Nesse momento, um carro parou na rue Neuve-Sainte-Geneviève e ouviu-se na escada a voz da sra. de Restaud, que perguntava a Sílvia:

— Meu pai está?

Essa circunstância salvou felizmente Eugênio, que já pensava em atirar-se na cama e fingir que estava dormindo.

— Ah! Meu pai, falaram-lhe na Anastácia? — disse Delfina, reconhecendo a voz da irmã. — Parece que também estão acontecendo coisas estranhas com seu casamento.

— Que é? — perguntou o pai Goriot. — Isso seria o meu fim! Minha pobre cabeça não resistirá a uma dupla desgraça.

— Bom dia, meu pai — disse a condessa entrando. — Ah! Estás aqui, Delfina?

A sra. de Restaud pareceu contrariada por encontrar a irmã.

— Bom dia, Anastácia. — disse a baronesa. — Estranhas a minha presença? Visito meu pai todos os dias.

— Desde quando?

— Se viesses aqui, saberias.

— Não me aborreças, Delfina — disse a condessa, com uma voz lastimosa. — Sou muito infeliz, estou perdida, meu pobre pai! Sim, completamente perdida desta vez!

— Que tens, Nacinha? — perguntou o pai Goriot. — Conta-nos tudo, minha filha. — Empalideceu. — Vamos, Delfina, socorre-a, sê boa para ela e eu te amarei ainda mais, se isso for possível!

— Pobre Anastácia — disse a sra. de Nucingen, acomodando-a numa cadeira. — Fala. Nós dois somos as únicas pessoas que te amarão sempre bastante para

perdoar-te tudo. Olha, as afeições de família são as mais sinceras.

Deu-lhe saís para cheirar e a condessa recuperou os sentidos.

— Isso me mata! — disse o pai Goriot. — Vamos — disse, remexendo o fogo —, aproximem-se. Estou com frio. Que tens, Nastácia? Conta logo. Assim me matas...

— Pois bem — disse a pobre mulher —, meu marido sabe tudo. O senhor se lembra daquela letra de câmbio de Máximo? Não foi a primeira. Eu já pagara muitas. No começo de janeiro, o sr. de Trailles pareceu-me muito triste. Não me dizia nada, mas é muito fácil ler no coração daqueles que amamos, basta um nada: e, além disso, sempre temos pressentimentos. Ele estava mais apaixonado, mais terno do que nunca, e eu me sentia cada vez mais feliz. Pobre Máximo! Em pensamento, despedia-se de mim, segundo disse. Queria suicidar-se. Finalmente, insisti tanto, supliquei tanto, durante duas horas ajoelhada diante dele, que ele acabou por confessar que devia cem mil francos! Oh, papai, cem mil francos! Fiquei como louca. O senhor não tinha mais dinheiro, eu gastara tudo...

— É verdade — disse o pai Goriot —, eu não poderia consegui-los, a menos que fosse roubar. Mas eu o faria, Nastácia! Eu iria!

Ao ouvirem essa frase lugubrememente pronunciada como o estertor de um moribundo, e que denunciava a agonia do sentimento paternal reduzido à impotência, as duas irmãs fizeram uma pausa. Que egoísmo poderia permanecer indiferente a este clamor de desespero que, como uma pedra lançada num abismo, revelava sua profundidade?

— Pois eu os consegui, lançando mão do que não me pertencia, meu pai — disse a condessa, desfazendo-se em lágrimas.

Delfina comoveu-se e chorou, deitando a cabeça sobre o colo da irmã.

— Então tudo é verdade? — perguntou-lhe.

Anastácia baixou a cabeça. A sra. de Nucingen abraçou-a, beijou-a meigamente e, apoiando-a sobre seu coração:

— Aqui, serás amada sempre sem ser julgada — disse.

— Meus anjos — disse Goriot com uma voz débil —, foi necessária uma desgraça para que vos tornásseis amigas...

— Para salvar a vida de Máximo, isto é, para salvar toda a minha felicidade — acrescentou a condessa, encorajada por esses testemunhos de uma ternura calorosa e palpitante —, levei à casa daquele agiota que vocês conhecem, um homem fabricado pelo inferno, a quem nada pode comover, aquele sr. Gobseck, os

diamantes de família de que Restaud tanto gostava, os seus, os meus, tudo, eu os vendi. Vendi! Compreendem? Ele está salvo, mas estou morta. O sr. de Restaud soube de tudo.

— Por quem? Como? Eu o mato! — exclamou o pai Goriot.

— Ontem, ele me chamou a seu quarto. Fui lá... “Anastácia”, disse-me, com uma voz... (Oh! Sua voz bastou, compreendi tudo), “onde estão teus diamantes?” “No meu quarto.” “Não”, disse-me ele, encarando-me. “Estão em cima da minha cômoda.” E mostrou-me o cofre, que cobrira com um lenço. “Sabes de onde vieram?”, disse-me. Caí a seus pés... chorei, perguntei-lhe de que morte ele queria ver-me morrer.

— Disseste isso! — exclamou o pai Goriot. — Pelo santo nome de Deus, quem fizer mal a qualquer uma de vós, pode ficar certo, enquanto eu for vivo, de que o queimarei em fogo lento! Sim, eu o cortarei em pedacinhos, como...

O pai Goriot calou-se, as palavras morriam-lhe na garganta.

— Enfim, querida, ele me pediu uma coisa mais difícil do que morrer. Que Deus livre todas as mulheres de ouvir o que eu ouvi!

— Assassinarei este homem — disse o pai Goriot, tranquilamente. — Mas ele tem somente uma vida e me deve duas. Mas, enfim, que foi que disse? — perguntou, fitando Anastácia.

— Pois bem — disse a condessa, continuando —, depois de uma pausa, ele me fitou: “Anastácia”, disse-me. “Sepultarei tudo isso no silêncio, ficaremos juntos, pois temos filhos. Não matarei o sr. de Trailles. Poderia errar o alvo e, para desfazer-me dele por outro modo, talvez ofendesse a justiça humana. Matá-lo em teus braços seria desonrar os filhos. Mas, para não veres morrerem teus filhos, nem seu pai, nem a mim, imponho-te duas condições. Responde: tenho um filho?” Respondi que sim. “Qual é?”, perguntou. “Ernesto, nosso primogênito.” “Muito bem”, disse. “E agora, jura que me obedecerás de hoje em diante num único ponto?” Jurei. “Pois bem, aprovarás a venda de teus bens quando eu te pedir.”

— Não aproves! — exclamou o pai Goriot —, não aproves isso nunca. Ah! Ah! Sr. de Restaud, não sabes como é que se faz feliz uma mulher, ela vai procurar a felicidade onde pode encontrá-la e queres castigá-la por tua tola impotência...? Alto lá, estou aqui! Hás de encontrar-me em teu caminho. Nastácia, fica descansada. Ah! Ele ama seu herdeirozinho! Bom, bom. Eu lhe arrancarei o filho, que também é meu neto. Posso visitar o pequerrucho! Levo-o para minha aldeia e cuidarei dele,

pode ficar tranquilo. Farei esse monstro capitular, dizendo-lhe: “Agora é comigo! Se queres teu filho, devolve à minha filha seus bens e deixa-a conduzir-se livremente”.

— Meu pai!

— Sim, teu pai! Ah, sou um verdadeiro pai! Que esse patife de grão-senhor não maltrate minhas filhas. Arre! Já não sei o que tenho nas veias. Deve ser sangue de tigre, pois sinto vontade de devorar esses dois homens. Oh, minhas filhas! Então é essa a vossa vida? Mas isso é a minha morte... Que será de vós quando eu morrer? Os pais deveriam viver tanto quanto os filhos. Meu Deus! Como está mal organizado o teu mundo! E, no entanto, tens um filho, segundo dizem. Devias impedir que sofrêssemos nos nossos filhos. Meus anjos queridos! É somente às vossas dores que devo vossa presença. Não me dais a conhecer senão vossas lágrimas. Pois bem, sim, vós me amais, estou vendo. Vinde, vinde queixar-vos aqui! Meu coração é grande e pode receber tudo... Sim, mesmo que o despedaçásseis, seus retalhos ainda seriam corações de pai. Quisera tomar para mim as vossas penas, sofrer por vós... Ah! Quando pequeninas, éreis bem felizes...

— Foi a única época boa que tivemos — disse Delfina. — Onde estão os momentos em que rolávamos de cima dos sacos, no grande celeiro?

— Meu pai, isso não é tudo — disse Anastácia ao ouvido de Goriot, que deu um salto. — Os diamantes não foram vendidos por cem mil francos. Máximo está sendo perseguido. Ainda temos que pagar doze mil francos. Ele me prometeu ser ajuizado, não jogar mais. Nada mais me resta no mundo além do seu amor e eu o paguei tão caro que morreria se ele me fugisse. Sacrifiquei por ele fortuna, honra, descanso, filhos. Oh! Faça pelo menos com que Máximo fique livre, honrado, e possa continuar na sociedade, onde há de conquistar uma posição. Agora, não é só a felicidade que ele me deve, pois temos filhos que ficariam na miséria. Tudo estará perdido se ele for preso.

— Não tenho dinheiro, Nastácia! Nada mais! Nada mais! Isto é o fim do mundo. Oh! O mundo vai desabar, garanto. Saí, salvai-vos enquanto é tempo. Ah! Ainda tenho minhas fivelas de prata e seis talheres, os primeiros que tive na vida. Enfim, tenho apenas mil e duzentos francos de renda vitalícia.

— O que fez de suas rendas perpétuas?

— Vendi-as, reservando-me este pequeno rendimento para minhas necessidades. Precisei de doze mil francos para arranjar um apartamento para Fifina.

— Em tua casa, Delfina? — perguntou a sra. Restaud à irmã.

— E que tem isso? — replicou o pai Goriot. — Os doze mil francos estão empregados.

— Percebo — disse a condessa. — É para o sr. de Rastignac. Ah! Minha pobre Delfina, detém-te enquanto é tempo. Estás vendo a que ponto cheguei?

— Minha querida, o sr. de Rastignac é um rapaz incapaz de arruinar a amante.

— Obrigada, Delfina...! Na crise em que me encontro, esperava coisa melhor de ti. Mas nunca me estimaste.

— Sim, ela te estima, Nastácia! — exclamou o pai Goriot. — Agora mesmo estava dizendo isso. Falávamos de ti e ela afirmava que és bela, enquanto ela é apenas bonita!

— Sim — disse a condessa —, ela tem uma beleza fria.

— Mesmo que fosse assim — disse Delfina, corando —, como foi que te comportaste comigo? Renegaste-me, fizeste com que se fechassem para mim as portas de todas as casas onde eu desejava ir, enfim nunca perdeste a menor ocasião de me prejudicar. E acaso vim, como tu, arrancar deste pobre pai mil francos em cima de mil francos, toda a sua fortuna, e reduzi-lo ao que hoje é? Eis tua obra, minha irmã. Quanto a mim, visitei meu pobre pai sempre que pude, não o pus para fora de casa e não vim lambe-lhe as mãos quando precisei dele. Nem mesmo sabia que ele empregara esses doze mil francos por mim. E tenho como pagá-los, bem sabes! Além disso, quando papai me dá presentes, não é porque eu os tenha pedido.

— Foste mais feliz do que eu: o sr. de Marsay era rico, sabias disso. Sempre foste vil como o dinheiro, interesseira... Adeus! Não tenho irmã nem...

— Cala-te, Nastácia! — exclamou o pai Goriot.

— Só mesmo uma irmã como tu poderia repetir uma coisa em que ninguém mais acredita! És um monstro! — disse Delfina.

— Minhas filhas, minhas filhas! Calai-vos ou eu me mato diante de vós!

— Está bem, Nastácia. Perdoo-te — disse a sra. de Nucingen, continuando —, és uma desgraçada. Sou melhor do que tu. Vens me dizer uma coisa dessas no momento em que eu me sentia capaz de tudo para socorrer-te, mesmo de entrar no quarto de meu marido, coisa que eu nunca faria nem por mim nem por... Isso fica à altura de todo o mal que me fizeste nesses nove anos.

— Minhas filhas, minhas filhas, abraçai-vos! — disse o pai Goriot. — Sois dois anjos.

— Não, deixe-me — exclamou a condessa, repelindo Goriot, que a tomara pelo

braço e queria abraçá-la. — Ela tem menos piedade de mim do que meu marido. Não se diria que ela é a imagem de todas as virtudes?

— Prefiro que digam que devo dinheiro ao sr. de Marsay a confessar que o sr. de Trailles me custa mais de duzentos mil francos — respondeu a sra. de Nucingen.

— Delfina! — exclamou a condessa, avançando em sua direção.

— Digo-te a verdade, em troca de tuas calúnias — respondeu friamente a baronesa.

— Delfina! És uma...

O pai Goriot correu, segurou a condessa e impediu-a de falar, cobrindo-lhe a boca com a mão.

— Meu Deus! Meu pai, onde andou metendo as mãos esta manhã? — perguntou Anastácia.

— Oh! Desculpa-me, fiz mal — disse o pobre pai, limpando as mãos nas calças. — Eu não sabia que viríeis. Estou de mudança.

Sentia-se feliz por se ter atraído uma censura, que desviava para si a cólera da filha.

— Ah! — suspirou, sentando-se. — Partiste-me o coração. Morro, minhas filhas! O crânio me ferve por dentro como se tivesse fogo. Sede boazinhas, sede amigas uma da outra! Senão eu morro. Delfina, Nastácia, vamos, as duas têm e não têm razão. Vamos ver, Dedel — acrescentou, fixando na baronesa os olhos cheios de lágrimas —, ela precisa de doze mil francos. Vamos procurá-los. Não vos olheis desse modo.

Ajoelhou-se diante de Delfina.

— Pede-lhe perdão, para dar-me uma alegria — disse-lhe ao ouvido. — Ela é a mais infeliz, anda!

— Pobre Nastácia — disse Delfina assustada com a expressão louca e selvagem que o sofrimento imprimia ao rosto do pai —, andei mal, abraça-me...

— Ah! Vós me acalméis o coração! — exclamou o pai Goriot. — Mas onde encontraremos doze mil francos? Se eu me oferecesse como substituto?

— Ah! Meu pai — disseram as duas filhas, cercando-o. — Isso não.

— Deus o recompensará por essa ideia, pois nossa vida não bastaria para isso, não é, Nastácia? — disse Delfina.

— E além disso, pobre pai, isso seria uma gota d'água — observou a condessa.

— Mas, então, não podemos fazer nada com o nosso sangue? — disse o velho

desesperado. — Eu me consagrarei inteiramente a quem te salvar, Nastácia. Matarei um homem por ele. Farei como Vautrin, irei para a prisão, eu ...

Interrompeu-se, como se tivesse sido fulminado.

— Nada! — disse, arrancando os cabelos. — Se eu soubesse aonde ir para roubar, mas é difícil encontrar o que roubar. Além disso, precisaria de gente e de tempo para assaltar um banco. Só me resta morrer. Sim, já não presto para nada, já não sou mais pai! Ela pede, precisa! E eu, miserável, não tenho nada! Ah! Adquiriste renda vitalícia, velho celerado, tendo filhas! Então não as ama? Empanturra-te, empanturra-te como um cão que és! Sim, sou menos que um cão, pois um cão não agiria dessa maneira! Oh, minha cabeça... está fervendo!

— Mas, papai — gritaram as duas jovens mulheres, que o cercavam para impedir que ele batesse com a cabeça nas paredes —, seja razoável.

O velho soluçava. Eugênio, horrorizado, tomou a letra de câmbio assinada em favor de Vautrin e cujo selo comportava uma quantia maior. Alterou os algarismos, transformando-a numa correta letra de câmbio de doze mil francos em favor de Goriot e entrou.

— Aqui está o dinheiro, minha senhora — disse ele, apresentando-lhe o papel. — Estava dormindo. Sua conversa acordou-me e assim fiquei sabendo quanto eu devia ao sr. Goriot. Aqui tem um título que poderá negociar. Pagarei pontualmente.

A condessa permaneceu imóvel, com o papel na mão.

— Delfina — disse, pálida e trêmula de cólera, de furor, de raiva —, eu te perdoaria tudo, Deus é testemunha. Mas isto! Este senhor estava aqui, tu o sabias! E tiveste a baixeza de vingar-te, deixando-me revelar-lhe meus segredos, minha vida e a de meus filhos, minha vergonha, minha honra! Some-te daqui! Não és mais nada para mim. Odeio-te, hei de causar-te o maior mal possível... e...

A cólera cortou-lhe a palavra. Tinha a garganta seca.

— Mas Eugênio é meu filho, nosso filho, teu irmão, teu salvador! — exclamou o pai Goriot. — Abraça-o, Nastácia! Olha, eu o abraço — acrescentou, abraçando Eugênio com furor.— Oh, meu filho! Serei mais que um pai para ti. Quero ser uma família inteira. Quisera ser Deus, para arrojá-lo ao universo a teus pés. Beija-o, Nastácia. Ele não é um homem, é um anjo, um verdadeiro anjo.

— Deixe-a, papai. Ela agora está louca — disse Delfina.

— Louca! Louca! E tu, que és? — perguntou a sra. de Restaud.

— Minhas filhas, morro se isso continuar — exclamou o velho, caindo sobre o

leito, como se tivesse sido atingido por uma bala. — Elas me matam! — disse para si mesmo.

A condessa voltou os olhos para Eugênio, que permaneceu imóvel, aturdido pela violência da cena.

— O senhor...? — disse ela, interrogando-o com um gesto, a voz e o olhar, sem prestar atenção ao pai, cujo colete foi rapidamente desabotoado por Delfina.

— Minha senhora, pagarei e silenciarei — respondeu, sem esperar a pergunta.

— Mataste papai, Nastácia — disse Delfina, mostrando o pai desmaiado à irmã que se retirou.

— Perdoo-lhe completamente — disse o velho, abrindo os olhos. — Sua situação é terrível e transtornaria mesmo uma cabeça mais forte. Consola Nastácia, sê boa para ela, promete-o a teu pai, que está morrendo — pediu a Delfina, apertando-lhe a mão.

— Mas, que tem? — perguntou ela, assustada.

— Nada, nada — respondeu o velho. — Isso passa. Tenho uma coisa que me aperta a cabeça, uma enxaqueca... Pobre Nastácia, que futuro!

A condessa voltou ao quarto e atirou-se aos pés do pai.

— Perdão! — exclamou.

— Levanta-te — disse o pai Goriot. — Causas-me maior mal assim.

— Meu senhor — disse a condessa a Rastignac, com os olhos cheios de lágrimas —, a dor tornou-me injusta. O senhor será um irmão para mim? — acrescentou, estendendo-lhe a mão.

— Nastácia — disse-lhe Delfina, abraçando-a —, minha Nastácia, esqueçamos tudo.

— Não — disse ela —, sempre me lembrarei disso!

— Meus anjos — exclamou o pai Goriot —, dissipastes a nuvem que eu tinha diante dos olhos. Vossa voz me reanima. Abraçai-vos outra vez. Então, Nastácia, esta letra de câmbio te salvará?

— Espero que sim. Uma coisa, papai, queres pôr a tua assinatura?

— Ah! É mesmo! Que idiota que fui em esquecer-me disto! É que me senti muito mal. Nastácia, não fiques zangada por isso. Manda-me dizer que estás fora de dificuldade. Não, eu mesmo irei! Não, não irei, não posso mais ver teu marido, pois o mataria friamente. Quanto a alterar a natureza de teus bens, não tenhas medo, pois estarei lá. Vai, vai depressa, minha filha, e faze com que o sr. Máximo se torne



sensato.

Eugênio estava estupefato.

— Pobre Anastácia — disse a sra. de Nucingen. — Sempre foi violenta, mas tem um bom coração.

— Ela voltou só por causa do endosso — disse Eugênio ao ouvido de Delfina.

— Acha?

— Preferia estar enganado. Desconfie dela — respondeu, erguendo os olhos como para confiar a Deus pensamentos que não ousava exprimir.

— Sim, ela sempre foi um pouco fingida, e meu pai se deixa levar por suas dissimulações.

— Como vai meu bom pai Goriot? — perguntou Rastignac ao velho.

— Estou com sono — respondeu.

Eugênio ajudou o sr. Goriot a deitar-se. E quando o velho adormeceu, segurando a mão de Delfina, a filha saiu.

— Esta noite nos Italiens — disse a Eugênio — e me dirás como vai ele. Amanhã o senhor se mudará. Vamos ver seu quarto... Oh, que horror! — exclamou ao entrar.

— Mas você está pior que meu pai. Eugênio, tu te conduziste bem. Eu o amaria mais ainda se fosse possível. Mas, meu filho, se quer enriquecer, não deve atirar doze mil francos pela janela, como fez. O sr. conde de Trailles é um jogador. Minha irmã não quer ver isso. Ele deveria ter ido procurar os doze mil francos lá onde costuma perder ou ganhar montes de dinheiro.

Um gemido fê-los voltar ao quarto do pai Goriot, que parecia dormir. Mas quando os dois amantes se aproximaram, ouviram estas palavras:

— Elas não são felizes!

Dormindo ou acordado, o acento dessa frase feriu tão vivamente o coração da filha que ela se acercou do catre onde jazia o pai e beijou-o na fronte.

Ele abriu os olhos, dizendo:

— É Delfina?

— E então, como vais? — perguntou ela.

— Bem. Não fiques preocupada. Vou sair. Podeis ir, meus filhos. Sede felizes.

Eugênio acompanhou Delfina até a casa dela, mas, inquieto com o estado em que deixara Goriot, recusou-se a jantar com ela e voltou à Casa Vauquer. Encontrou o pai Goriot de pé e pronto para sentar-se à mesa. Bianchon colocara-se de modo a poder examinar o rosto do fabricante de massas. Quando o viu pegar o pão e cheirá-

lo para descobrir com que farinha fora feito, o estudante, tendo observado nesse movimento uma ausência total do que se poderia denominar de consciência do ato, fez um gesto sinistro.

— Venha cá para perto de mim, senhor interno de Cochin — disse Eugênio.

Bianchon mudou de lugar, satisfeito porque assim ficaria mais perto do antigo pensionista.

— Que tem ele? — perguntou Rastignac.

— A não ser que me engane, está liquidado! Deve ter acontecido algo de extraordinário com ele. Parece-me estar na iminência de uma apoplexia serosa. Embora a parte inferior do rosto esteja calma, os traços da parte superior estão repuxados para a frente sem que ele o sinta. Além disso, os olhos estão nesse estado particular que denota a invasão do cérebro pelo sérum. Não parecem cheios de uma poeira fininha? Amanhã de manhã saberei melhor.

— Haverá algum remédio?

— Nenhum. Talvez se possa retardar a morte, conseguindo provocar uma reação para as extremidades, para as pernas. Mas se os sintomas não desaparecerem até amanhã à noite, o pobre homem está perdido. Sabes qual foi a causa da doença? Deve ter recebido um choque violento, que tenha feito o moral sucumbir.

— Sim — disse Eugênio, recordando-se de que as filhas haviam ferido sem trégua o coração do pai.

“Pelo menos Delfina ama o pai”, pensava.

À noite, nos Italiens, Rastignac tomou algumas precauções para não alarmar a sra. de Nucingen.

— Não se preocupe — respondeu ela às primeiras palavras de Eugênio —, papai é forte. Apenas o agitamos um pouco esta manhã. Nossas fortunas estão ameaçadas. Já pensou na extensão dessa desgraça? Eu já não estaria viva se sua afeição não me tivesse tornado insensível ao que até então considerei como angústias mortais. Hoje só há um receio, uma única desgraça, para mim: é perder o amor que me fez sentir o prazer de viver. Fora deste sentimento, tudo me é indiferente, não prezo mais nada neste mundo. Você é tudo para mim. Se sinto a ventura de ser rica, é para melhor agradar-lhe. Sou, para minha vergonha, mais amante do que filha. Por que isso? Não sei. Toda a minha vida está em você. Meu pai deu-me um coração, mas você o fez pulsar. Que me importa que o mundo me censure, se você, que não tem o direito de me querer mal por isso, me perdoa os crimes a que um sentimento

irresistível me condena? Acha que sou uma filha desnaturada? Oh, não! É impossível não amar um pai tão bom como o nosso. Como poderia eu impedir que ele assistisse às consequências naturais de nossos deploráveis casamentos? Por que não os impediu? Não tinha a obrigação de pensar por nós? Sei que agora sofre tanto quanto nós. Mas que poderemos fazer? Consolá-lo! Não o consolaríamos de nada. Nossa resignação lhe causaria mais dor do que nossas censuras e nossa queixas. Há situações na vida em que tudo é amargura.

Eugênio permaneceu em silêncio, cheio de ternura pela confissão ingênua de um sentimento sincero. Se as parisienses são muitas vezes falsas, ébrias de vaidade, egoístas, faceiras, frias, é certo que, quando amam realmente, sacrificam mais sentimentos que as outras por suas paixões. Engrandecem-se através de todas as suas mesquinhezas e tornam-se sublimes. Além disso, Eugênio surpreendera-se com o espírito profundo e judicioso que a mulher emprega para julgar os sentimentos mais naturais, quando uma afeição privilegiada a separa deles, colocando-a à distância. A sra. de Nucingen sentiu-se chocada com o silêncio de Eugênio.

— Em que está pensando? — perguntou-lhe.

— Ainda estou ouvindo o que me disse. Até agora, sempre pensei que a amasse mais do que você me ama.

Ela sorriu e armou-se contra o prazer que experimentou, para poder manter a palestra nos limites impostos pelas conveniências. Nunca ouvira as expressões brilhantes de um amor jovem e sincero. Com mais algumas palavras, não se teria contido.

— Eugênio — disse, mudando de assunto —, então não sabe o que há? Paris inteira estará amanhã na casa da sra. de Beauséant. Os Rochefide e o marquês d’Ajuda arranjaram as coisas de modo que nada transpire; mas, amanhã, o rei assinará o contrato de casamento e sua pobre prima ainda não sabe de nada. Ela não poderá adiar a festa e o sr. d’Ajuda não comparecerá. É só no que se fala.

— E o povo ri de uma infâmia dessas e ainda a prestigia! Não sabe que isso matará a sra. de Beauséant?

— Não — disse Delfina sorrindo. — Você não conhece essa espécie de mulheres. Mas Paris inteira irá à sua casa e eu também! E é a você que devo essa ventura.

— Ora — disse Rastignac —, não será um desses boatos absurdos tão comuns em Paris?

— Saberemos a verdade amanhã.

Eugênio não voltou à Casa Vauquer. Não pôde resolver-se a deixar de desfrutar o novo apartamento. Se, na véspera, fora obrigado a deixar Delfina à uma da madrugada, dessa vez foi Delfina que o deixou às duas horas, para voltar para casa. Eugênio dormiu no dia seguinte até muito tarde e esperou ao meio-dia a sra. de Nucingen, que foi almoçar com ele. Os moços são tão ávidos dessas encantadoras alegrias que ele quase esquecera o pai Goriot. Foi uma longa festa, para ele, habituar-se a cada uma daquelas coisas elegantes que lhe pertenciam. A sra. de Nucingen estava lá, dando realce a tudo. Pelas quatro horas, entretanto, os dois amantes pensaram no pai Goriot, falando na felicidade que ele se permitia indo morar naquela casa. Eugênio observou que seria necessário transportar imediatamente o velho, se estivesse doente, e deixou Delfina para correr à Casa Vauquer. Nem o pai Goriot nem Bianchon estavam à mesa.

— Sim senhor! — disse o pintor. — O pai Goriot está mal. Bianchon está lá em cima, junto dele. O velho viu uma das filhas, a condessa de Restorama. Depois, ele quis sair e a doença piorou. A sociedade vai ficar privada de um de seus mais belos ornamentos.

Rastignac encaminhou-se rapidamente para a escada.

— Hé! Sr. Eugênio.

— Sr. Eugênio! A patroa está chamando — gritou Sílvia.

— Meu senhor — disse a viúva. — O sr. Goriot e o senhor deviam sair em 15 de fevereiro. Já se passaram três dias, pois estamos em 18. Precisam pagar-me um mês pelo senhor e por ele. Mas, se garantir pelo sr. Goriot, sua palavra será suficiente.

— Por quê? Não tem confiança?

— Confiança! Se o velho perdesse a cabeça e morresse, suas filhas não me dariam coisa alguma e seus trastes não valem dez francos. Esta manhã levou embora os últimos talheres, não sei por quê. Vestiu-se como um rapaz. Deus que me perdoe, mas acho que pintou o rosto. Parecia um moço.

— Respondo por tudo — disse Eugênio, estremeando de horror e pressentindo uma catástrofe.

Subiu ao quarto do pai Goriot. O ancião jazia no leito e Bianchon estava ao seu lado.

— Bom dia, pai — disse-lhe Eugênio.

O velho sorriu-lhe docemente e respondeu voltando para ele os olhos vidrados:

— Como vai ela?

— Bem. E o senhor?

— Nada mal.

— Não o canses — disse Bianchon, levando o estudante para um canto do quarto.

— Então? — perguntou Rastignac.

— Só um milagre poderá salvá-lo. Deu-se a congestão serosa. Está com sinapismos e felizmente ainda os sente, o que mostra que estão agindo.

— Pode-se transportá-lo?

— Impossível. É preciso deixá-lo aqui e poupar-lhe qualquer esforço físico e qualquer emoção...

— Meu bom Bianchon, cuidaremos dele juntos.

— Já chamei o diretor do meu hospital.

— E então?

— Amanhã dará sua opinião. Prometeu vir depois do serviço. Infelizmente, o idiota cometeu uma imprudência da qual não quer dar explicações. É cabeçudo como uma mula. Quando falo com ele, finge não ouvir e dorme para não responder; ou então, se está com os olhos abertos, põe-se a gemer. Saiu esta manhã, andou a pé por Paris, não se sabe onde. Levou tudo quanto possuía de valioso, foi fazer algum negócio danado, em que ultrapassou as forças. Uma das filhas veio aqui.

— A condessa? — perguntou Eugênio. — Uma morena alta, de olhar vivo, pés belos e cintura flexível?

— Essa mesma.

— Deixe-me um momento a sós com ele — disse Rastignac. — Vou ouvi-lo em confissão, ele me contará tudo.

— Enquanto isso, vou jantar. Trate de não agitá-lo. Ainda temos alguma esperança.

— Pode ficar tranquilo.

— Amanhã elas se divertirão bastante — disse o pai Goriot a Eugênio, quando ficaram a sós. — Vão a um grande baile.

— Que fez esta manhã, papai, para estar agora tão doente que precisa ficar na cama?

— Nada.

— Anastácia veio aqui? — perguntou Rastignac.

— Sim — respondeu o pai Goriot.

— Muito bem, não me esconda nada. Que foi que ela ainda lhe pediu?

— Ah! — replicou, reunindo as forças para falar. — Sentia-se muito infeliz, a minha filha! Nastácia não tem mais nada desde o caso dos diamantes. Encomendara, para o baile, um vestido de lamê que deve sentar-lhe como uma joia. A costureira, uma infame, não quis fiar e a criada pagou mil francos por conta do vestido. Pobre Nastácia, a que ponto chegou! Isso despedaçou-me o coração. A criada, vendo Restaud retirar toda a confiança a Nastácia, ficou com medo de perder o dinheiro e convenceu a costureira de não entregar o vestido enquanto não lhe fossem restituídos os mil francos. O baile é amanhã, o vestido está pronto e Nastácia está desesperada. Pediu-me emprestados os talheres para empenhá-los. O marido quer que ela vá ao baile para mostrar a Paris inteira os diamantes que dizem que ela vendeu. Pode ela dizer àquele monstro: “Devo dois mil francos, paga-os”? Não. Compreendi tudo. Sua irmã Delfina irá com um vestido magnífico. Anastácia não pode ficar atrás da irmã mais moça. Estava banhada em lágrimas, minha pobre filha! Fiquei tão humilhado por não ter doze mil francos ontem que daria o resto da minha miserável vida para corrigir esse erro. Você sabe, tive forças para suportar tudo. Mas essa última falta de dinheiro despedaçou-me o coração. Oh! Oh! Não hesitei um momento. Vesti a melhor roupa, enfeitei-me e fui vender por seiscentos francos os talheres e as fivelas. Depois, empenhei por um ano meu título de renda vitalícia, por quatrocentos francos, ao papai Gobseck. Ora, comerei somente pão! Isso me bastava, quando era moço, e posso tornar a fazê-lo. Pelo menos, minha Nastácia terá uma bela noitada. Irá toda elegante. Estou com a nota de mil francos debaixo do travesseiro. Como me reconforta ter sob a cabeça aquilo que vai dar prazer a minha pobre Nastácia. Ela poderá despedir sua má Vitória. Onde é que se viu criados não terem confiança nos patrões? Amanhã, estarei bem. Nastácia virá às dez horas. Não quero que pensem que estou doente, senão elas não iriam ao baile, ficariam cuidando de mim. Amanhã, Nastácia me abraçará como a um filho, suas carícias me curarão. De qualquer forma, não teria de gastar mil francos na farmácia? Prefiro dá-los ao meu Cura-Tudo, a minha Nastácia. Pelo menos, eu a consolarei na sua miséria. Isso me absolve da falta de ter empregado o dinheiro em renda vitalícia. Ela está no fundo de um abismo e não me sinto bastante forte para tirá-la de lá. Oh! Vou voltar ao comércio. Irei a Odessa comprar cereais. O trigo de lá custa três vezes menos que o nosso. Se é verdade que a importação de cereais está proibida, os indivíduos que fazem as leis não se lembraram de proibir a entrada dos

artigos fabricados com trigo. Eh! Eh! Fui eu que descobri isso esta manhã! Há negócios formidáveis para fazer com o amido.

“Está louco”, pensou Eugênio, olhando para o velho. “Fique quieto, não fale...”

Eugênio desceu para jantar quando Bianchon subiu. Ambos passaram a noite cuidando do doente, cada um por seu turno, Bianchon lendo livros de medicina e Eugênio escrevendo para a mãe e as irmãs.

No dia seguinte, os sintomas que se declararam no doente foram, para Bianchon, de prognóstico favorável. Exigiram, porém, cuidados contínuos, de que só os dois estudantes eram capazes e em cuja narrativa é impossível comprometer a pudibunda fraseologia da época. As sanguessugas aplicadas ao esgotado corpo do velho foram acompanhadas de cataplasmas, escalda-pés, manobras médicas para a realização das quais eram necessárias a força e a dedicação dos dois moços. A sra. de Restaud não apareceu. Mandou buscar o dinheiro por um mensageiro.

— Pensei que ela mesma viesse. Mas foi melhor assim, pois ficaria preocupada — disse o pai Goriot, parecendo sentir-se feliz por essa circunstância.

Às sete horas da noite, Teresa levou para Eugênio uma carta de Delfina.

Que está fazendo meu amigo? Terei sido esquecida quando apenas começo a ser amada? Nas confidências feitas de coração para coração, você mostrou uma alma tão bela que não posso duvidar que seja daquelas que permanecem sempre fiéis, vendo quantas gradações encerram os sentimentos. É como você disse ao ouvir a oração de Moisés: para uns, é uma nota só; para outros, é o infinito da música! [ ] Lembre-se de que o espero esta noite para irmos ao baile da sra. de Beauséant.

O contrato do sr. d’Ajuda foi realmente assinado esta manhã, na corte, e a pobre viscondessa só soube disso às duas horas. Paris inteira acorrerá à casa dela, como o povo enche a Place de Grève quando há uma execução. Não é horrível ir ver se essa mulher ocultará sua dor, se saberá sucumbir corretamente? Eu certamente não iria, meu amigo, se já tivesse estado na casa dela; mas ela, sem dúvida, não receberá outra vez e então todos os esforços que tenho feito terão sido em vão. Minha situação é completamente diferente da das outras. Além disso, é também por você que irei lá. Espero-o. Se não estiver junto de mim dentro de duas horas, não sei se lhe perderei essa traição.

Rastignac tomou uma pena e respondeu:

Estou esperando um médico, para saber se seu pai ainda viverá. Está moribundo. Irei levar-lhe a decisão e receio que seja uma sentença de morte. Você verá, então, se pode ir ao baile. Muitos carinhos.

O médico chegou às oito e meia e, sem fazer um prognóstico favorável, achou que a morte não devia estar iminente. Previu alternativas de melhoras e recaídas, das

quais dependeria a vida e a razão do velho.

— Seria melhor que morresse imediatamente — foi a última frase do doutor.

Eugênio confiou o pai Goriot aos cuidados de Bianchon e saiu para levar à sra. de Nucingen as tristes notícias que, em seu espírito ainda penetrado dos deveres de família, eram de natureza a suspender qualquer alegria.

— Diga-lhe que se divirta assim mesmo! — gritou-lhe o pai Goriot, que parecia entorpecido, mas se recostou quando Rastignac saiu.

O rapaz apresentou-se a Delfina com o coração lacerado de dor e encontrou-a penteada e calçada, faltando apenas enfiar o vestido de baile. Mas, à semelhança das pinceladas com as quais os pintores terminam os quadros, os últimos retoques exigiam mais tempo do que o próprio fundo da tela.

— E então? Não está vestido? — perguntou ela.

— Mas, senhora, seu pai...

— Outra vez meu pai! — exclamou ela, interrompendo-o. — Certamente não quer ensinar-me o que devo a meu pai. Conheço meu pai há muito tempo. Nem mais uma palavra, Eugênio. Só o escutarei quando estiver pronto. Teresa preparou tudo em sua casa. Meu carro está pronto, vá e volte nele. Falaremos em meu pai enquanto formos para o baile. Precisamos sair cedo. Se tivermos que ficar na fila dos carros, seremos muito felizes se entrarmos às onze horas.

— Mas...

— Vá! E nem mais uma palavra!

Ela encaminhou-se para o gabinete para apanhar um colar.

— Mas vá de uma vez, sr. Eugênio! O senhor desgostará a patroa — disse Teresa empurrando o rapaz espantado com aquele elegante parricídio.

Foi vestir-se, fazendo as mais tristes e mais desalentadoras reflexões. Via a sociedade como um oceano de lama, onde quem mete o pé, se atola até o pescoço.

“Aqui só se cometem crimes mesquinhos!”, pensou. “Vautrin é mais nobre.”

Eugênio vira três grandes expressões da sociedade: a obediência, a luta e a revolta; a família, a humanidade e Vautrin. E não ousava decidir-se. A obediência era fastidiosa, a revolta impossível e a luta incerta. O pensamento transportou-o ao seio da família. Recordou-se das puras emoções daquela vida calma, reviveu os dias passados no meio dos seres que o amavam. Conformadas com as leis naturais da vida doméstica, aquelas queridas criaturas achavam nela uma felicidade completa, contínua, sem angústias. Apesar de suas boas intenções, não teve coragem de



confessar a fé das almas puras a Delfina, ordenando-lhe a virtude em nome do amor. A educação que iniciara já produzira frutos. Já amava egoisticamente. Seu tato permitira-lhe reconhecer a natureza do coração de Delfina. Pressentia que ela seria capaz de pisar sobre o corpo do pai para ir ao baile e não tinha forças para representar o papel de um argumentador, nem a coragem de desgostá-la, nem a virtude de deixá-la.

“Ela nunca me perdoaria ter ficado com a razão nesta circunstância”, pensou. .

Depois, pôs-se a analisar as palavras dos médicos. Procurou convencer-se de que o pai Goriot não estava tão doente como pensava. Finalmente, amontoou argumentos para justificar Delfina. Ela não conhecia o estado em que se achava o pai. Ele mesmo a mandaria ao baile, se ela fosse visitá-lo. Muitas vezes a lei social, implacável na fórmula, condena onde o crime aparente é desculpado pelas inúmeras alterações que a diferença dos caracteres e a diversidade dos interesses e das situações introduzem no seio das famílias. Eugênio procurava enganar-se a si mesmo e estava pronto a sacrificar a consciência à amante. Há dois dias tudo estava mudado em sua vida. A mulher lançara nela a desordem, fazendo empalidecer a ideia de família e confiscando tudo em seu benefício. Rastignac e Delfina haviam se encontrado nas condições exigidas para que um experimentasse pelo outro os mais vivos prazeres. Sua paixão, bem preparada, se engrandecera justamente por aquilo que mata as paixões, os prazeres. Ao possuir aquela mulher, Eugênio percebeu que até então apenas a desejara. Só depois de satisfazer-se é que a amou, pois o amor é talvez a gratidão pelo prazer. Infame ou sublime, adorava aquela mulher pelas voluptuosidades que ele lhe trouxera como dote e pelas que dela recebera. Por outro lado, Delfina amava Rastignac como Tântalo amaria ao anjo que tivesse vindo satisfazer sua fome ou mitigar a sede de sua garganta ressequida.

— Então, como vai meu pai? — perguntou-lhe a sra. de Nucingen, quando o viu de volta, já vestido para o baile.

— Muito mal — respondeu. — Se você me quer dar uma prova de afeição, vamos vê-lo numa corrida.

— Está bem — disse ela —, mas depois do baile. Meu bom Eugênio, sê gentil, não me pregues moral. Vem!

Saíram. Eugênio permaneceu em silêncio durante uma parte do trajeto.

— Que tens? — perguntou ela.

— Estou ouvindo os estertores de seu pai — respondeu ele, com um acento

amuado.

Pôs-se a contar, com a calorosa eloquência da mocidade, a ação feroz a que a sra. de Restaud fora arrastada pela vaidade e a crise moral que a última dedicação do velho custara e que pagaria o vestido prateado de Anastácia. Delfina chorava.

“Vou ficar feia”, pensou.

E as lágrimas cessaram.

— Vou cuidar de papai e não sairei de sua cabeceira — disse.

— Ah, era assim que eu queria te ver! — exclamou Rastignac.

As lanternas de quinhentas carruagens brilhavam nas cercanias do palacete de Beauséant. De cada lado da porta iluminada ostentava-se um policial. A alta sociedade afluía em tal abundância e todos estavam tão apressados em ver aquela grande mulher no momento da queda que as dependências do pavimento térreo já estavam cheias quando a sra. de Nucingen e Rastignac chegaram. Desde o momento em que toda a corte se precipitou para a casa da grande senhorita,<sup>[140]</sup> a quem Luís xiv arrancou o amante, não ocorrera ainda um desastre sentimental tão ruidoso como o da sra. de Beauséant. Em tal circunstância, a última filha da quase real casa de Borgonha mostrou-se superior ao infortúnio e dominou até o fim a sociedade, cujas vaidades aceitara apenas para fazê-las servir à vitória de sua paixão. As mais belas mulheres de Paris animavam os salões com seus vestidos e seus sorrisos. Os homens mais distintos da corte, embaixadores, ministros, pessoas ilustres de toda espécie, adornados de cruces, condecorações, cordões multicores, comprimiam-se em torno da viscondessa. A orquestra derramava suas melodias sob os tetos dourados do palácio, vazio para a sua rainha. A sra. de Beauséant conservava-se de pé, no salão da frente, para receber os falsos amigos. Vestida de branco, sem um só enfeite nos cabelos trançados, parecia calma. Não ostentava dor, nem orgulho, nem alegria fingida. Ninguém podia ler em sua alma. Era uma Níobe de mármore. Algumas vezes, o sorriso que dirigia aos íntimos parecia zombeteiro. Mas de tal modo se mostrou como sempre fora, mesmo nos dias em que a felicidade a adornava com seus raios, que até os mais insensíveis a admiraram, como os jovens romanos aplaudiam o gladiador que sabia sorrir ao expirar. A sociedade parecia ter se engalanado para apresentar despedidas a uma de suas soberanas.

— Estava com receio de que não viesse — disse a Rastignac.

— Vim para ser o último a sair — respondeu ele, com uma voz comovida, tomando a frase por uma censura.

— Muito bem — disse ela, tomando-lhe a mão. — Creio que você é a única pessoa em quem posso confiar. Meu amigo, ame somente a mulher que puder amar sempre. E nunca a abandone.

Tomou o braço de Eugênio e levou-o para um sofá, no salão onde se jogava.

— Vá à casa do marquês — disse-lhe. — Jacques, meu criado, o conduzirá e lhe entregará uma carta para ele. Peça-lhe minha correspondência. Ele lha entregará toda, segundo espero. Se trouxer as cartas, suba ao meu quarto. Serei avisada.

Levantou-se para ir ao encontro da duquesa de Langeais, sua melhor amiga, que também chegara. Rastignac retirou-se, dirigiu-se ao palacete de Rochefide, onde o sr. d'Ajuda devia passar o serão, e mandou chamá-lo. O marquês levou-o a sua casa, entregou uma caixa ao estudante e disse-lhe:

— Estão todas aqui.

O marquês pareceu querer falar a Eugênio, para interrogá-lo sobre o baile e a viscondessa, ou para confessar-lhe que talvez já se sentisse desesperado pelo casamento, como o seria mais tarde. Um clarão de orgulho, porém, brilhou em seus olhos e ele teve a deplorável coragem de silenciar seus mais nobres sentimentos.

— Não lhe diga nada a meu respeito, meu caro Eugênio.

Apertou a mão de Rastignac, num gesto afetuosamente triste, e despediu-se. Eugênio voltou ao palacete Beauséant e foi introduzido no quarto da viscondessa, onde surpreendeu os preparativos para uma partida. Sentou-se diante da estufa, contemplou a caixinha de cedro e caiu numa profunda melancolia. A seus olhos a sra. de Beauséant assumia as proporções das deusas da *Ilíada*.

— Ah! meu amigo... — disse a viscondessa, entrando e pousando a mão sobre o ombro de Rastignac.

Viu a prima banhada em pranto, com os olhos voltados para cima, uma mão trêmula e a outra erguida. Ela tomou bruscamente a caixa, jogou-a ao fogo e viu-a arder.

— Estão dançando! Todos vieram pontualmente, enquanto a morte só virá tarde. Psiu! meu amigo — disse, colocando um dedo sobre a boca de Rastignac, que ia falar. — Nunca mais verei Paris nem a sociedade. Às cinco horas da manhã, partirei para encerrar-me no interior da Normandia. Desde as três da tarde tenho estado ocupada em preparativos, assinando documentos, tratando de negócios. Não podia mandar ninguém à casa de...

Interrompeu-se.

— Era certo que o encontrariam na casa de...

Interrompeu-se novamente, acabrunhada pela dor. Em tais momentos, tudo é sofrimento e há palavras impossíveis de pronunciar.

— Enfim — continuou —, contava com você esta noite, para este último favor. Quisera dar-lhe uma prova de minha amizade. Pensarei sempre em você, que se mostrou bom e nobre, jovem e cândido no meio deste mundo onde tais qualidades são raras. Quero que pense algumas vezes em mim. Veja — disse, lançando um olhar em torno —, aqui está o cofre onde eu guardava minhas luvas. Sempre que o abria, antes de sair para o baile ou um espetáculo, sentia-me bela, porque era feliz. E todas as vezes deixava com ele um pensamento alegre: há muito de mim aí dentro, há toda uma sra. de Beauséant que já não existe. Aceite-o. Mandarei levá-lo a sua casa, à rue d'Artois. A sra. de Nucingen está muito linda esta noite. Ame-a muito. Se não nos encontrarmos mais, meu amigo, fique certo de que farei votos por você, que foi bom para mim. Desçamos, não quero que pensem que estou chorando. Tenho a eternidade toda diante de mim. Lá estarei sozinha e ninguém me pedirá explicações de minhas lágrimas. Deixe-me olhar ainda uma vez para este quarto.

Deteve-se. E depois de ter ocultado por um momento os olhos com a mão, enxugou-os, lavou-os com água fresca e tomou o braço do estudante.

— Vamos! — disse.

Rastignac nunca sentira ainda emoção tão violenta como a que lhe deu o contato daquela dor tão nobremente contida. Voltando para o baile, Eugênio deu uma volta pelos salões com a sra. de Beauséant, derradeira e delicada atenção daquela amável mulher.[\[142\]](#)

Logo depois, avistou as duas irmãs, sras. de Restaud e de Nucingen. A condessa estava magnífica, exibindo aqueles diamantes que, sem dúvida, a queimavam, e que usava pela última vez. Por mais fortes que fossem seu orgulho e seu amor, não podia sustentar os olhares do marido. Esse espetáculo não era de natureza a tornar menos tristes os pensamentos de Rastignac. Reviu, sob os diamantes das irmãs, o catre em que jazia o pai Goriot. Sua atitude melancólica foi mal interpretada pela viscondessa, que lhe retirou o braço.

— Vá! Não quero custar-lhe um prazer — disse.

Eugênio foi logo reclamado por Delfina, feliz pela sensação que causava e ansiosa por lançar aos pés do estudante as homenagens que recolhia naquela

sociedade, onde esperava ser admitida.

— Que tal acha Nastácia? — perguntou ela.

— Descontou até a morte do pai — disse Rastignac.

Pelas quatro da madrugada, a multidão dos salões começou a diminuir. Logo depois, a música deixou de tocar. A duquesa de Langeais e Rastignac ficaram a sós no salão principal. A viscondessa, julgando que só encontraria o estudante, dirigiu-se para lá, depois de se ter despedido do sr. de Beauséant, que foi se deitar, repetindo-lhe:

— Não tens razão para te enclausurares na tua idade! Fica conosco.

Ao ver a duquesa, a sra. de Beauséant não pôde conter uma exclamação.

— Adivinhei, Clara — disse a sra. de Langeais. — Vais partir para não mais voltar. Mas não partirás sem me ouvires e sem que nós nos tenhamos compreendido.

Tomou a amiga pelo braço, levou-a para o salão contíguo e ali, fitando-a com lágrimas nos olhos, estreitou-a nos braços e beijou-a nas pálpebras.

— Não quero deixar que partas friamente, minha querida. Sentiria imensos remorsos. Podes contar comigo como contigo mesma. Estiveste grandiosa esta noite, senti-me digna de ti e quero prová-lo. Tenho cometido faltas para contigo, nem sempre me conduzi bem. Perdoa-me, querida. Desdigo-me de tudo que tenha podido ferir-te, quisera poder retomar minhas palavras. Uma dor igual reuniu nossas almas e não sei qual de nós será mais infeliz. O sr. de Montriveau não estava aqui esta noite, compreendes? Quem te viu durante o baile, Clara, nunca mais te esquecerá. Quanto a mim, vou tentar um derradeiro esforço. Se fracassar, irei para um convento. Para onde vais?

— Para a Normandia, em Courcelles, amar e orar até o dia em que Deus me leve deste mundo.

— Venha, sr. de Rastignac — disse a viscondessa com a voz comovida, ao ver que o rapaz estava esperando.

O estudante dobrou o joelho, tomou a mão da viscondessa e beijou-a.

— Adeus, Antonieta — disse a sra. de Beauséant —, sê feliz. Quanto a você, é feliz porque é jovem! Ainda pode acreditar em alguma coisa — disse ao estudante. — Como alguns moribundos privilegiados, parto deste mundo cercada de sagradas e sinceras emoções!

Rastignac retirou-se pelas cinco horas, após ter visto a sra. de Beauséant na berlinda de viagem e após ter recebido seu último adeus regado de lágrimas, que

provavam que nem as pessoas de posição mais elevada se subtraem às leis do coração nem vivem sem desgostos, como algumas cortesãs da plebe querem fazer crer. Eugênio voltou a pé para a Casa Vauquer, sob um tempo úmido e frio. Sua educação chegava ao fim.

— Não salvaremos o pobre pai Goriot — disse-lhe Bianchon quando Rastignac entrou no quarto do vizinho.

— Meu amigo — disse-lhe Eugênio, após ter contemplado o ancião adormecido —, vai. Continua no destino modesto a que limitas teus desejos. Quanto a mim, estou no inferno e preciso permanecer nele. Por piores que sejam as coisas que te contem do mundo, acredita! Não há Juvenal capaz de descrever o que há nele de horror coberto de ouro e pedrarias.

## VI – A MORTE DO PAI

No dia seguinte, Rastignac foi despertado às duas horas da tarde por Bianchon que, precisando sair, pediu-lhe que ficasse cuidando do pai Goriot, cujo estado piorara consideravelmente durante a manhã.

— O velho não tem dois dias e talvez nem seis horas de vida — disse o estudante de medicina — e, no entanto, não podemos deixar de combater o mal. Vai precisar de tratamentos dispendiosos. Seremos seus enfermeiros, está certo, mas não tenho um soldo. Revirei seus bolsos, remexi nos armários: quociente, zero. Aproveitei um momento de lucidez para interrogá-lo e ele respondeu que não tem nem um soldo. E, tu, quanto tens?

— Restam-me vinte francos — respondeu Rastignac. — Vou jogá-los e ganharei.

— E se perderes?

— Pedirei dinheiro aos genros e às filhas.

— E se eles não te derem nada? — replicou Bianchon. — O mais urgente, no momento, não é encontrar dinheiro: é preciso envolver o velho num sinapismo bem quente, dos pés à metade das coxas. Se gritar, é sinal de que a aplicação está agindo. Sabes como é que se faz isso. E Cristóvão te ajudará. Vou passar pela farmácia para mandar debitar para mim os medicamentos que pedirmos. É uma pena que o pobre homem não tenha sido transportado para o hospital. Lá estaria melhor. Vamos, vou deixar-te ao lado dele e não o abandones enquanto eu não tiver voltado.

Os dois rapazes entraram no quarto onde jazia o velho. Eugênio ficou espantado

com a alteração daquela face convulsa, branca e profundamente débil.

— Que tal, papai? — disse-lhe, inclinando-se sobre o catre.

O sr. Goriot ergueu para Eugênio os olhos baços e fitou-o atentamente sem reconhecê-lo. O estudante não pôde suportar o espetáculo, e as lágrimas umedeceram-lhe os olhos.

— Bianchon, não é preciso pôr cortinas nas janelas?

— Não, as variações atmosféricas não o atingem. Seria ótimo se ele sentisse frio ou calor. Mesmo assim, precisamos de fogo para fazer as tisanas e preparar muitas coisas. Mandar-te-ei gravetos que nos servirão até termos lenha. Ontem e esta noite queimei a tua lenha e os torrões de turfa do velho. Estava úmido, as paredes vertiam água. Consegui apenas secar o quarto. Depois, Cristóvão varreu, pois isso parecia uma estrebaria. Queimei bagas de zimbro porque o cheiro era horrível.

— Meu Deus! — disse Rastignac. — E as filhas?

— Olha, se pedir água, dá-lhe isto — disse o interno, mostrando a Rastignac um grande vaso branco. — Se se queixar e o ventre estiver quente e duro, chama Cristóvão para ajudar-te a administrar-lhe... já sabes. Se, por acaso, ele ficar exaltado, falando muito e mesmo com um pouco de demência, não te importes! Não será mau sinal. Mas manda Cristóvão ao hospital Cochin. Nosso médico, meu companheiro ou eu viremos aplicar-lhe pontas de fogo. Fizemos esta manhã, enquanto dormias, uma grande conferência com um discípulo do sr. Gall, um chefe de serviço no Hôtel-Dieu e do nosso. Esses senhores descobriram sintomas curiosos e vamos acompanhar a marcha da doença a fim de obter esclarecimentos sobre várias questões científicas muito importantes. Um desses senhores acha que a pressão do sérum, exercendo-se mais sobre um órgão que sobre outro, pode determinar fatos particulares. Escuta bem o que ele disser, no caso de falar, a fim de constatar com que gênero de ideias se relacionam suas frases: se são efeitos de memória, de penetração, de julgamento, se se ocupa com materialidades ou sentimentos; se faz planos ou se volta para o passado; enfim, trata de ficar em condições de fazer-nos um relatório exato. É possível que a invasão se dê em bloco, e então morrerá imbecil, como está agora. Tudo é tão singular nessas doenças! Quando a bomba estoura por ali — disse Bianchon, mostrando o occipício do doente — há exemplos de fenômenos estranhos: o cérebro recobra algumas de suas faculdades e a morte se declara mais lentamente. As serosidades podem desviar-se do cérebro e seguir direções cujo curso só se poderá conhecer pela autópsia. Há, nos

Incuráveis, um velho embrutecido em quem o derrame seguiu a coluna vertebral; sofre horrivelmente, mas continua vivo.

— Divertiram-se bastante? — perguntou o pai Goriot, reconhecendo Eugênio.

— Oh! Só pensa nas filhas — disse Bianchon. — Disse-me mais de cem vezes esta noite: “Estão dançando! Ela está com o vestido!”. Chamava-as pelos nomes. Fazia-me chorar com suas entonações: “Delfina! Minha Fininha! Nastácia!”. Garanto-te que era mesmo de fazer chorar — disse o estudante de medicina.

— Delfina! — disse o velho. — Ela está aqui, não é? Eu bem sabia.

E os olhos adquiriram uma vivacidade doida para olhar para as paredes e a porta.

— Vou descer para mandar Sílvia preparar os sinapismos — disse Bianchon. — O momento é favorável.

Rastignac ficou só, junto do velho, sentado ao pé do leito, com os olhos fitos naquela cabeça de aspecto horrível e lamentável.

“A sra. de Beuséant foi embora, este está morrendo”, pensou Eugênio. “As almas belas não podem ficar muito tempo neste mundo. Realmente, como se poderiam aliar os grandes sentimentos a uma sociedade mesquinha, pequena, superficial?”

As imagens da festa a que assistira acorreram-lhe à lembrança, contrastando com o espetáculo daquele leito de morte. Logo depois, Bianchon reapareceu.

— Olha, Eugênio, acabo de encontrar nosso diretor e voltei correndo. Se aparecerem sintomas de razão, se falar, deita-o num sinapismo comprido, de modo a envolvê-lo de mostarda desde a nuca até a curva dos rins e em seguida manda-nos chamar.

— Meu caro Bianchon! — disse Eugênio.

— Oh! Trata-se de um fato científico — replicou o estudante de medicina, com todo o ardor de um neófito.

— Pelo que vejo — disse Eugênio —, sou o único a cuidar por afeição deste pobre velho.

— Se me tivesses visto esta manhã, não falarias assim — contestou Bianchon sem se ofender com as palavras do amigo. — Os médicos formados só consideram a doença. Mas eu considero também o doente, meu caro.

Saiu, deixando Eugênio a sós com o velho e na apreensão de uma crise que não tardou a declarar-se.

— Ah! É você, querido filho — disse o pai Goriot, reconhecendo Eugênio.



— Está melhor? — perguntou o estudante, tomando-lhe a mão.

— Sim. Estava com a cabeça apertada como se tivesse num torno, mas agora está afrouxando. Viu minhas filhas? Elas virão em seguida, virão correndo logo que souberem que estou doente. Cuidaram tanto de mim, na rue de la Jussienne! Meu Deus! Quisera que o quarto estivesse limpo para recebê-las. Um rapaz queimou todos os meus torrões de turfa.

— Aí vem Cristóvão — disse Eugênio. — Veio trazer a lenha que o rapaz mandou.

— Bem! Mas como hei de pagar a lenha? Não tenho mais nada, meu filho. Dei tudo, tudo. Estou na indigência. O vestido de lamê estava bonito, pelo menos? (Ah! Como sofro!) Obrigado, Cristóvão! Deus te recompensará, meu rapaz. Quanto a mim, não tenho mais nada.

— Pagarei a ti e a Sílvia — disse Eugênio ao ouvido do rapaz.

— Minhas filhas disseram que virão, não é Cristóvão? Vai lá outra vez, eu te darei cem soldos. Dize-lhes que não me sinto bem e queria abraçá-las, vê-las ainda uma vez antes de morrer. Dize-lhes isso, mas não as assustes.

A um gesto de Eugênio, Cristóvão saiu.

— Elas virão — continuou o velho. — Conheço minhas filhas. Se eu morrer, que desgosto causarei à boa Delfina! E à Nastácia também. Não queria morrer para não fazê-las chorar. Morrer, meu bom Eugênio, é não mais vê-las. Lá para onde a gente vai, vou ficar muito aborrecido. Para um pai, o inferno é ficar privado dos filhos, e já fiz meu aprendizado desde que elas se casaram. Meu paraíso era na rue de la Jussienne. Acha que se eu for para o céu poderei voltar à terra em espírito, para perto delas? Ouvi dizer essas coisas. Será verdade? Parece-me vê-las, neste momento, tais como eram na rue de la Jussienne. Desciam pela manhã. “Bom dia, papai”, diziam. Eu as colocava sobre os joelhos e fazia-lhes mil afagos. Elas me acariciavam. Almoçávamos e jantávamos juntos todos os dias, eu era um verdadeiro pai, era dono de minhas filhas. Quando estavam na rue de la Jussienne, não raciocinavam, não sabiam nada deste mundo, gostavam muito de mim. Meu Deus! Por que é que não ficaram sempre pequeninas? (Oh, como sofro! Minha cabeça vai estourar!) Ah! Ah! Perdão, minhas filhas! Estou sofrendo horrivelmente, deve ser uma dor de verdade, pois vós me tornastes bem duro para o sofrimento. Meu Deus! Se ao menos tivesse suas mãos nas minhas, não sentiria dor. Acha que virão? Cristóvão é tão estúpido! Eu mesmo é que devia ter ido. Ele vai vê-las. Agora me lembro que ontem você estava no baile. Como estavam? Não sabiam nada da minha

doença, não é? Senão não teriam dançado, as pobrezinhas! Oh, não quero mais estar doente! Ainda precisam muito de mim. Suas fortunas ainda estão ameaçadas. E em mãos de que maridos foram cair! Cure-me, cure-me! (Oh, como sofro...! Ah! Ah! Ah!) Preciso curar-me, pois elas necessitam de dinheiro e eu sei onde ir ganhá-lo. Vou fabricar amido, em Odessa. Sou muito esperto, ganharei milhões. (Oh, estou sofrendo demais!)

Goriot ficou em silêncio durante um momento, parecendo fazer os maiores esforços para reunir energias a fim de suportar a dor.

— Se elas estivessem aqui, não me queixaria — disse. — Então, para que me queixar?

Caiu num leve entorpecimento, que se prolongou por muito tempo. Cristóvão voltou. Rastignac, julgando o pai Goriot adormecido, deixou o rapaz contar em voz alta o resultado de sua missão.

— Meu senhor — disse ele —, primeiro, fui à casa da senhora condessa, com quem não pude falar por estar ocupada em importantes assuntos com o marido. Como insistisse, o sr. de Restaud veio pessoalmente e me disse: “O sr. Goriot está morrendo? Muito bem, é o melhor que tem a fazer. Preciso da sra. de Restaud para concluir uns negócios importantes. Ela irá quando tudo estiver terminado”. Parecia encolerizado o homem. Quando eu ia saindo, a senhora entrou na sala de espera por uma porta que eu não tinha percebido e disse-me: “Cristóvão, diga a papai que estou discutindo com meu marido e não posso deixá-lo. É um assunto de vida ou morte para meus filhos. Logo que tudo estiver acabado, irei”. Quanto à sra. baronesa, nada consegui. Não pude vê-la nem falar-lhe. “A senhora voltou do baile às cinco e um quarto — disse a criada — e está dormindo. Se eu a acordar antes do meio-dia, ela me repreenderá. Direi que seu pai está mal, quando ela me chamar. Para dar uma notícia ruim, sempre é tempo.” Não adiantou implorar! Pedi para falar com o sr. barão, mas ele tinha saído.

— Nenhuma das filhas virá! — exclamou Rastignac. — Vou escrever a ambas.

— Nenhuma! — respondeu o velho, recostando-se na cama. — Têm negócios, estão dormindo, não virão. Eu bem sabia. É preciso morrer para saber o que são os filhos... Ah, meu amigo, não se case, não tenha filhos! Você lhes dá a vida e eles lhe dão a morte. Você os põe no mundo e eles o expulsam daqui. Não, elas não virão. Há dez anos que o sei. Algumas vezes eu pensava nisso, mas não tinha coragem de acreditar. —

Uma lágrima brotou de cada um de seus olhos e permaneceu, sem cair, nas pálpebras avermelhadas.

— Ah, se eu fosse rico, se tivesse conservado minha fortuna, se não lhes tivesse dado tudo, elas estariam aqui, lamberiam minhas faces com beijos! Moraria num palacete, teria belos quartos, criados e estufa. E elas estariam chorando, com os maridos e os filhos. Teria isso tudo. Mas não tenho nada. O dinheiro dá tudo, até filhas! Oh! Onde está meu dinheiro? Se eu tivesse tesouros para deixar, elas tratariam de mim, cuidariam de mim. Eu as ouviria e veria. Ah! Meu caro filho, meu único filho, prefiro meu abandono e minha miséria. Pelo menos, quando um desgraçado é amado, tem certeza de que o amam. Não, quisera ser rico, pois assim as veria. E, mesmo assim, quem sabe? Ambas têm o coração de rocha. Tive demasiado amor por elas, para que elas o tivessem por mim. Quem é pai deve ser sempre rico e manter os filhos com a rédea curta, como se fossem cavalos passarinhos. Em vez disso, sempre estive ajoelhado diante delas. Estou morrendo. Miseráveis! Estão coroando dignamente sua conduta comigo nesses dez anos. Se você soubesse como eram desveladas comigo logo que se casaram! (Oh, estou sofrendo um martírio cruel!) Eu acabara de dar cerca de oitocentos mil francos a cada uma. Não podiam, e muito menos os maridos, ser rudes comigo. Recebiam-me em suas casas: “Meu bom pai, para cá; meu querido pai, para lá”. Em suas casas sempre havia um lugar para mim à mesa. Jantava com seus maridos, que me tratavam com consideração. Eu tinha o aspecto de possuir ainda alguma coisa. Por que isso? Nunca falei a ninguém sobre meus negócios. Um sujeito que dá oitocentos mil francos às filhas deve ser bem tratado. E cercavam-me de atenções, mas era pelo meu dinheiro. O mundo não é nobre. Bem o vi! Levavam-me de carruagem ao teatro e eu ficava quanto queria em seu serões. Elas se declaravam minhas filhas e me reconheciam como pai. Ainda conservo minha perspicácia e nada me escapou. Compreendi tudo e isso me trespassou o coração. Via muito bem que tudo era apenas aparência. Mas o mal não tinha remédio. Na casa delas eu não ficava à vontade como na mesa lá embaixo. Não sabia dizer nada. E quando aquelas pessoas de sociedade perguntavam ao ouvido dos meus genros: “Quem é aquele senhor?”. “É o papai rico, tem muito dinheiro.” “Ah! Diabo!”, diziam, fitando-me com o respeito devido ao dinheiro. Se algumas vezes eu os aborreci, paguei bem caro minhas faltas! Mas, também, quem é perfeito neste mundo? (Minha cabeça é uma chaga!) Estou sofrendo agora o suficiente para morrer de dor, meu caro sr.

Eugênio, e mesmo assim isso não é nada em comparação com a dor que me causou o primeiro olhar pelo qual Anastácia me fez compreender que eu dissera uma tolice que a envergonhou; esse olhar dilacerou-me todas as veias. Senti desejo de aprender tudo para não mais envergonhá-la, mas a única coisa que fiquei sabendo é que era demais no mundo. No dia seguinte, fui à casa de Delfina para consolar-me e lá cometi uma asneira que a encolerizou. Fiquei como louco. Andei oito dias sem saber o que fazer. Não tive coragem de ir visitá-las, receando suas censuras. E, assim, fui posto para fora da casa de minhas filhas. Oh, meu Deus! Tu que conheces as misérias e os sofrimentos por que passei; que contaste as punhaladas que recebi, durante todos esses anos que me envelheceram, transformaram, mataram, embranqueceram, por que me fazes sofrer ainda? Já expiei bastante o pecado de amá-las demais. Elas se vingaram completamente de minha afeição, torturaram-me como se fossem verdugos. Pois bem, os pais são tão estúpidos e eu as amava tanto, que voltei lá, como um jogador volta à mesa de jogo. Minhas filhas eram meu vício. Eram donas de mim, eram tudo, enfim! Quando precisavam de alguma coisa, algum enfeite, as criadas me diziam e eu as satisfazia, para ser bem recebido! Mesmo assim, deram-me umas liçõezinhas sobre a maneira de me comportar na sociedade. Mas não esperaram o resultado. Começaram a envergonhar-se de mim. Aí está no que dá educar bem os filhos. Na minha idade, não podia mais ir à escola. (Estou sofrendo horrivelmente, meu Deus! Médicos! Médicos! Se me abrissem a cabeça sofreria menos.) Minhas filhas! Minhas filhas! Anastácia, Delfina! Quero vê-las. Mandem buscá-las à força, pela polícia! A justiça está a meu favor, tudo está a meu favor, a natureza e o Código Civil. Protesto! A pátria perecerá se os pais forem pisoteados. É claro. A sociedade e o mundo estão baseados sobre a paternidade. Tudo desabarà se os filhos não amarem os pais. Oh! Vê-las, ouvi-las, não importa o que me digam, contanto que ouça sua voz. Isso acalmaria minhas dores. Principalmente Delfina. Mas, diga-lhes, quando chegarem, que não me olhem friamente como costumam fazer. Ah! Meu bom amigo; sr. Eugênio, não sabe o que é ver o ouro do olhar subitamente transformado em chumbo escuro. Desde o dia em que seus olhos perderam sua ternura por mim, tenho tido um inverno aqui dentro. Só tive mágoas para devorar e as devorei! Vivi apenas para ser humilhado, insultado. Amo-as tanto, que suportei todas as afrontas com que me cobravam alguma alegriazinha humilhante. Imagine um pai ter de esconder-se para olhar as filhas! Dei-lhes minha vida, e hoje não podem me dar uma hora! Estou com sede e

fome, meu coração está ardendo e elas não vêm amenizar minha agonia, pois estou morrendo, sinto que estou... Mas elas não sabem o que é pisar sobre o cadáver do pai! ... Há um Deus nos céus que, mesmo contra a nossa vontade, nos vinga. Oh! Elas virão! Vinde, queridas, vinde beijar-me ainda uma vez, um último beijo, o viático de vosso pai que pedirá a Deus por vós, que lhe dirá que fostes boas filhas, que intercederá por vós! Afinal, sois inocentes! São inocentes, meu amigo! Diga-o a todo mundo, para que ninguém as aborreça por minha causa. A culpa foi toda minha, pois habituei-as a me maltratarem. Eu gostava disso. Ninguém tem nada com isso, nem a justiça humana nem a justiça divina. Deus seria injusto se as condenasse por minha causa. Não soube conduzir-me, cometi a tolice de abdicar de meus direitos. Seria capaz de aviltar-me por elas! Que quer? Mesmo o mais nobre temperamento, as melhores almas, teriam sucumbido à corrupção destas fraquezas paternais. Sou um miserável, estou sendo castigado justamente. Sou o único culpado pela conduta de minhas filhas, arruinei-as. Hoje querem os prazeres, como antigamente queriam doces. Sempre permiti que satisfizessem seus caprichos de moças. Aos quinze anos, tinham carruagens! Nunca tiveram a mínima contrariedade. Sou o único culpado, mas culpado por amor. Sua voz me abriria o coração... Ouço seus passos, vêm vindo. Oh! Sim, elas virão. A lei manda que se assista à morte do pai... a lei está a meu favor. Além disso, não custará mais que uma corrida de carro. Eu a pagarei. Escreva-lhes dizendo que tenho milhões para deixar para elas. Palavra de honra! Vou fabricar massas em Odessa. Descobri um novo sistema. Com meu projeto, ganharei milhões. Ainda ninguém pensou nisso. Não se estragará com o transporte, como acontece com o trigo e a farinha. Eh! Eh! O amido! Isso me dará milhões! Você não mentirá, pode dizer que são milhões, e mesmo que venham só por cobiça, prefiro ser enganado, quero vê-las. Quero minhas filhas! Eu as fiz, pertencem a mim! — disse, recostando-se na cama, mostrando a Eugênio uma cabeça com cabelos brancos desgrenhados e com a expressão mais ameaçadora que podia assumir.

— Está bem — respondeu Eugênio. — Deite-se, meu bom pai Goriot. Vou escrever. Se não vierem, irei lá logo que Bianchon chegar.

— Se não vierem? — repetiu o velho, soluçando. — Mas então já estarei morto, num acesso de raiva! Estou ficando com raiva! Estou vendo, agora, minha vida inteira. Sou um otário. Elas não me amam, nunca me amaram! É claro. Se ainda não vieram, não virão mais. Quanto mais tardarem, menos se decidirão a dar-me

essa alegria. Conheço-as. Nunca souberam prever meus desgostos, minhas dores, nem minhas necessidades. Também não saberão prever minha morte. Nem ao menos chegaram a perceber minha afeição por elas. Sim, estou vendo, o hábito de abrir minhas entranhas por elas tirou completamente o valor de tudo o que eu fazia. Se tivessem pedido para furar-me os olhos, eu lhes teria dito: “Furai-os!”. Sou muito estúpido! Elas acham que todos os pais são como o delas. A gente precisa fazer-se valer. Seus filhos me vingarão. Elas mesmas têm interesse em vir aqui. Avise-lhes que estão comprometendo sua própria agonia. Estão cometendo todos os crimes num só... Mas vá e diga-lhes que se não vierem cometerão um parricídio. Elas já o cometeram bastante, mesmo sem acrescentar este. Grite-lhes como eu: “Hé, Nastácia! Hé, Delfina! Ide ver vosso pai, que foi tão bom para vós e que está sofrendo!”. Nada, ninguém! Vou morrer como um cão! Eis a minha recompensa, o abandono. São umas infames, umas celeradas. Abomino-as, amaldiçoo-as. Hei de sair, à noite, do túmulo, para tornar a amaldiçoá-las, porque, enfim, meus amigos, não tenho razão? Elas estão se conduzindo muito mal, hein...! Que estou dizendo? Não me avisou que Delfina está aqui? É a melhor das duas... Você é que é meu filho, Eugênio! Ame-a, seja um pai para ela! A outra é muito infeliz. E suas fortunas! Ah, meu Deus! Morro! Estou sofrendo demais! Corte-me a cabeça, deixe-me somente o coração.

— Cristóvão, vai chamar Bianchon — gritou Eugênio, assustado com o caráter que tomavam as queixas e as exclamações do velho — e traga-me um carro. Vou buscar suas filhas, meu bom pai Goriot.

— À força! À força! Chame a polícia, o exército, tudo! Tudo! — disse dirigindo a Eugênio um derradeiro olhar no qual brilhou a razão. — Diga ao governo, ao procurador do rei, que as tragam aqui, exijo-o!

— Mas o senhor as amaldiçoou.

— Quem foi que disse isso? — respondeu o velho, estupefato. — Você bem sabe que as amo. Adoro-as... Ficarei curado, vendo-as... Vá, meu bom vizinho, meu querido filho, vá! Você é bom. Quisera poder agradecer-lhe. Mas nada tenho para lhe dar, a não ser as bênçãos de um moribundo. Ah! Quisera ao menos ver Delfina, para dizer-lhe que o recompense por mim. Se a outra não puder vir, traga-me essa. Diga-lhe que não a amará mais se ela não vier. Ela gosta tanto de você, que há de vir. Água! Estou com as entranhas em fogo! Ponha alguma coisa na minha cabeça. As mãos de minhas filhas é que me salvariam, tenho certeza... Meu Deus! Quem

lhes restituirá a fortuna, se eu desaparecer? Quero ir a Odessa por causa delas; a Odessa, fabricar massas.

— Beba — disse Eugênio, soerguendo o moribundo e amparando-o com o braço esquerdo, enquanto mantinha na mão direita uma taça cheia de tisana.

— Vê-se que você ama seus pais — disse o velho, apertando nas mãos débeis a mão de Eugênio. — Vou morrer sem ver minhas filhas, está vendo? Ter sempre sede e não poder beber, eis como tenho vivido há dez anos... Meus genros mataram minhas filhas. Sim, não tive mais filhas desde que se casaram. Pais, dissei às câmaras que façam uma lei sobre o casamento! Não caseis vossas filhas se as amais. O genro é um celerado que estraga tudo numa filha, tudo profana! Acabem-se os casamentos. São eles que nos tiram as filhas e ficamos sem elas na hora da morte. Baixai uma lei sobre a morte dos pais. Isso é pavoroso! Vingança! São os genros que não deixam que elas venham... Matai-os... Morra Restaud! Morra o alsaciano! São meus assassinos...! A morte ou minhas filhas...! Ah! É o fim. Morro sem elas...! Elas...! Nastácia! Fifina! Vinde logo! Vosso papai vai...

— Acalme-se, meu bom pai Goriot. Fique quieto, não se agite, não pense.

— Não poder vê-las é minha agonia.

— O senhor vai vê-las.

— É mesmo! — gritou o velho, desvairado. — Oh, vê-las! Vou vê-las, ouvir sua voz. Morrerei feliz. Está bem, não peço mais para viver, não me interessava mais, meu sofrimento ia aumentando. Mas vê-las, tocar em seus vestidos, ah! Nem que seja só nos vestidos! É muito pouco, mas quero sentir alguma coisa delas! Deixe-me apalpar seus cabelos... cabe... be...

Caiu com a cabeça no travesseiro, como se tivesse recebido uma bordoadada. As mãos agitaram-se sob as cobertas, como se procurassem os cabelos das filhas.

— Abençoo-as — disse, fazendo um esforço — aben... ben... ben... be...

E desfaleceu. Nesse momento, Bianchon entrou.

— Encontrei Cristóvão. Vai trazer-te um carro.

Depois, olhou para o doente, ergueu-lhe as pálpebras, e dois estudantes viram um olho embaciado e sem calor.

— Não tem mais volta — disse Bianchon.

Tomou-lhe o pulso, pôs a mão sobre o coração do velho.

— A máquina continua trabalhando. Mas, na sua situação... é uma desgraça. É preferível morrer.

— Também acho — disse Rastignac.

— Que tens? Estás pálido como a morte.

— Meu amigo, acabo de ouvir tais gritos e lamentos... É verdade que Deus existe! Sim, há um Deus, que criou um mundo melhor para nós, ou então esta vida é um absurdo. Se não tivesse sido tão trágico, teria desandado a chorar. Mas estou com um aperto horrível no coração e no estômago.

— Olha, vamos precisar de muitas coisas. Onde arranharemos dinheiro?

Rastignac tirou o relógio.

— Toma, empenha isto. Não quero parar no caminho, para não perder tempo. Estou esperando Cristóvão. Não tenho dinheiro algum e preciso pagar o cocheiro na volta.

Rastignac precipitou-se para a escada e dirigiu-se à rue du Helder, à casa da sra. de Restaud. Durante o trajeto, sua imaginação, chocada com o horrível espetáculo que testemunhara, excitou sua indignação. Quando chegou à antecâmara e pediu para falar com a sra. de Restaud, responderam-lhe que ela não podia receber.

— Mas venho da parte de seu pai que está morrendo — disse ao criado.

— Meu senhor, temos as ordens mais severas do senhor conde...

— Se o sr. de Restaud está em casa, conte-lhe o estado em que se acha o sogro e avise que preciso falar-lhe agora mesmo.

Eugênio esperou durante muito tempo.

“Talvez esteja morrendo agora!”, pensava.

O criado introduziu-o no salão da frente, onde o sr. de Restaud recebeu o estudante de pé, sem convidá-lo a sentar-se, diante de uma estufa sem fogo.

— Senhor conde — disse-lhe Rastignac —, o senhor seu sogro está expirando agora mesmo num quarto infame, sem poder comprar lenha. Está à morte e pede para ver a filha.

— Meu senhor — respondeu-lhe com indiferença o conde de Restaud —, já deve ter percebido que tenho muito pouca estima pelo sr. Goriot. Ele comprometeu seu caráter com a sra. de Restaud, fez a infelicidade da minha vida e vejo nele o inimigo da minha tranquilidade. Que ele morra ou viva, isso me é completamente indiferente. São esses os meus sentimentos para com ele. Podem censurar-me, desprezo a opinião dos outros. Tenho, agora, coisas mais importantes para resolver do que ocupar-me com o que pensarão de mim os tolos e os indiferentes. Quanto à sra. de Restaud, não pode sair. Por outro lado, não quero que ela deixe a casa. Diga a



seu pai que, logo que tiver cumprido seus deveres para comigo e para com meu filho, ela irá vê-lo. Se ela ama o pai, pode estar livre em poucos instantes...

— Senhor conde, não me compete julgar sua conduta. O senhor é dono de sua esposa. Mas posso contar com sua lealdade? Então, prometa-me solenemente dizer-lhe que seu pai não tem mais nem um dia de vida e já a amaldiçoou por não vê-la a sua cabeceira!

— Diga-o, pessoalmente — respondeu o sr. de Restaud, impressionado pelos sentimentos de indignação que a voz de Eugênio denunciava.

Rastignac entrou, acompanhado pelo conde, no salão onde a condessa habitualmente ficava; encontrou-a banhada em lágrimas e atirada a uma poltrona, como quem quisesse morrer. Causou-lhe dó. Antes de olhar para Rastignac, ela dirigiu ao marido olhares medrosos que anunciavam uma prostração completa das forças esmagadas por uma tirania moral e física. O conde fez um gesto com a cabeça e ela sentiu-se encorajada a falar.

— Meu senhor, ouvi tudo. Diga a meu pai que se ele conhecesse a situação em que me encontro, me perdoaria... Não esperava este suplício, que é superior às minhas forças! Mas resistirei até o fim — disse ao marido. — Sou mãe. Diga a meu pai que, apesar das aparências, sou irrepreensível para com ele! — exclamou, desesperada, ao estudante.

Eugênio cumprimentou os esposos, compreendendo a horrível crise em que se achava a condessa e retirou-se estupefato. O tom da voz do sr. de Restaud demonstrara-lhe a inutilidade de sua tentativa e compreendeu que Anastácia não era livre. Correu para a casa da sra. de Nucingen e encontrou-a acamada.

— Estou doente, meu pobre amigo — disse-lhe. — Apanhei um frio ao sair do baile e tenho medo de uma congestão pulmonar. Estou esperando o médico...

— Mesmo que você estivesse com a morte nos lábios — disse Eugênio, interrompendo-a — devia arrastar-se até junto de seu pai. Ele está chamando! Se pudesse ouvir o mais leve de seus gritos, nem se lembraria de que está doente.

— Eugênio, meu pai talvez não esteja tão doente como você diz. Mas ficaria desesperada se achasse que agi mal e por isso farei o que você quiser. Sei que ele morreria de desgosto se, por causa desta saída, minha doença se tornasse mortal! Pois bem! Irei depois que o médico vier... Ah, por que você não está com o relógio? — disse ela, vendo-o sem a corrente.

Eugênio corou.

— Eugênio, Eugênio, se você já o vendeu ou perdeu... oh! seria uma pena!

O estudante inclinou-se sobre o leito de Delfina e disse-lhe ao ouvido:

— Quer saber? Pois bem, é bom que saiba! Seu pai não tem nem com que comprar a mortalha em que ficará esta noite. Empenhei o relógio, não tinha mais nada.

Delfina saltou imediatamente da cama, correu para a escrivaninha, apanhou a bolsa e entregou-a a Rastignac. Chamou a criada e gritou:

— Vou lá. Vou lá, Eugênio. Deixe-me vestir-me. Seria um monstro se não fosse! Vá, chegarei antes de você! Teresa — gritou para a criada —, diga ao sr. de Nucingen que deixe tudo e suba para falar comigo agora mesmo.

Eugênio, contente por poder anunciar ao moribundo a presença de uma das filhas, chegou quase alegre à rue Neuve-Sainte-Geneviève. Revisou a bolsa para pagar imediatamente o cocheiro. A bolsa daquela mulher, tão rica e tão elegante, continha apenas setenta francos. Ao chegar ao alto da escada, encontrou o pai Goriot amparado por Bianchon e sendo operado pelo cirurgião do hospital na presença do médico. Queimavam-lhe as costas com pontas de fogo, o último remédio da ciência, remédio inútil.

— Está sentindo? — perguntou o médico.

O pai Goriot, tendo visto o estudante, respondeu:

— Elas vêm, não é?

— Pode ser que escape — disse o cirurgião. — Está falando.

— Sim — respondeu Eugênio. — Delfina vem vindo.

— Olhe — disse Bianchon —, estava falando sobre as filhas, gritando por elas como os empalados gritam, segundo dizem, por água...

— Pare! — disse o médico ao cirurgião. — Não há mais nada a fazer, não o salvaremos.

Bianchon e o cirurgião estenderam o moribundo sobre o catre infecto.

— Mesmo assim é preciso trocar-lhe a roupa. Embora não haja nenhuma esperança, deve-se respeitar a natureza humana. Voltarei, Bianchon — disse ao estudante. — Se tornar a queixar-se, aplique-lhe ópio sobre o diafragma.

O cirurgião e o médico saíram.

— Coragem, meu filho! — disse Bianchon a Rastignac, quando ficaram sós. — Precisamos vestir-lhe uma camisa branca e mudar a roupa da cama. Vai dizer a Sílvia que traga lençóis para cima e venha nos ajudar.

— Eugênio desceu e encontrou a sra. Vauquer ocupada em pôr a mesa com Sílvia. Às primeiras palavras que lhe disse Rastignac, a viúva dirigiu-se a ele tomando a atitude acicamente dulcorosa de uma comerciante desconfiada que não quisesse perder dinheiro nem desgostar o freguês.

— Meu caro sr. Eugênio — respondeu —, o senhor sabe, tão bem como eu, que o pai Goriot não tem mais nada. Dar lençóis a um homem que já está revirando os olhos é perdê-los, mesmo porque será preciso sacrificar um para a mortalha. Além disso, o senhor já me deve cento e quarenta e quatro francos e com mais quarenta francos de lençóis e outras coisinhas, como a vela que Sílvia lhe dará, são pelo menos duzentos francos, que uma pobre viúva como eu não está em condições de perder. Seja justo, sr. Eugênio. Já perdi bastante, nesses cinco dias, depois que o azar entrou aqui. Teria dado dez escudos para que o homem tivesse ido embora antes, como o senhor queria. Isso impressiona os pensionistas em meu lugar. Meu estabelecimento acima de tudo! É a minha vida, mesmo!

Eugênio voltou rapidamente ao quarto do pai Goriot.

— Bianchon, onde está o dinheiro do relógio?

— Em cima da mesa. Sobraram trezentos e sessenta e poucos francos. Com o dinheiro que me deram, paguei tudo quanto devíamos. O recibo da Casa de Penhor está debaixo do dinheiro.

— Aqui está, minha senhora — disse Rastignac, após ter descido correndo pela escada, horrorizado —, liquide nossas contas! O sr. Goriot não ficará muito tempo em sua casa e eu...

— Sim, sairá com os pés juntos, o pobre velho — disse ela, contando duzentos francos com uma expressão metade alegre e metade triste.

— Acabemos com isso! — disse Rastignac.

— Sílvia, leva os lençóis e vai ajudar os senhores lá em cima.

— Não se esqueça de Sílvia — disse a sra. Vauquer ao ouvido de Eugênio. — Há duas noites que não dorme.

Logo que Eugênio voltou as costas, a velha correu para a cozinheira:

— Leva os lençóis velhos do número 7. Para um morto, estão até bons demais — disse-lhe ao ouvido.

Eugênio, que já subira alguns degraus da escada, não ouviu as palavras da dona da pensão.

— Vamos enfiar-lhe a camisa — disse Bianchon. — Sustenta-o sentado!

Eugênio colocou-se à cabeceira do leito e ergueu o moribundo. Bianchon tirou-lhe a camisa e o velho fez um gesto como se quisesse segurar alguma coisa no peito e lançou gritos queixosos e inarticulados, como animais que procuram exprimir uma dor violenta.

— Oh! Oh! — disse Bianchon. — Ele quer uma correntinha de cabelos e um medalhão, que lhe tiramos há pouco para aplicar-lhe as pontas de fogo. Coitado! É preciso colocá-la de novo. Está em cima da estufa.

Eugênio foi buscar uma corrente trançada com cabelos de um louro acinzentado, certamente os da sra. Goriot. Num lado do medalhão, leu Anastácia e, do outro, Delfina. Imagem de seu coração, que repousava sempre sobre seu peito. Os anéis de cabelo contidos no medalhão eram tão finos que deviam ter sido cortados na primeira infância das filhas. Quando o medalhão tocou seu peito, o velho emitiu um *âhn* prolongado que denunciava uma satisfação espantosa. Foi uma das derradeiras ressonâncias de sua sensibilidade, que parecia recolher-se para o centro desconhecido de onde partem e para onde se dirigem nossas simpatias. O rosto convulso assumiu uma expressão e alegria mórbida. Os estudantes, comovidos com a terrível explosão de uma reserva de afeição que sobrevivia ao pensamento, derramaram lágrimas quentes sobre o moribundo, que lançou um grito de agudo prazer.

— Anastácia, Fifina! — disse.

— Ainda vive — disse Bianchon.

— Para quê? — comentou Sílvia.

— Para sofrer — respondeu Rastignac.

Após ter feito ao camarada um gesto para dizer-lhe que o imitasse, Bianchon ajoelhou-se para passar os braços por debaixo das coxas do doente, enquanto Rastignac o imitava do outro lado do leito, para suspendê-lo pelas costas. Sílvia estava ali, pronta para retirar os lençóis quando o moribundo fosse erguido, a fim de substituí-los pelos que trouxera. Enganado, certamente, pelas lágrimas, Goriot empregou suas últimas forças para estender as mãos e, encontrando de cada lado da cama as cabeças dos estudantes, segurou-as violentamente pelos cabelos, dizendo com uma voz débil:

— Ah, meus anjos!

Duas palavras, dois murmúrios acentuados pela alma que se escapou com essa frase.

— Coitado! — disse Sílvia, comovida por essa exclamação, onde se retratava um sentimento supremo que a mais terrível e a mais involuntária das mentiras exaltava uma última vez.

O derradeiro suspiro daquele pai devia ser um suspiro de alegria. E foi a expressão de toda sua vida, pois ainda uma vez se enganava. O pai Goriot foi respeitosamente estendido no leito. A partir desse momento, sua fisionomia conservou a marca dolorosa do combate que se travava entre a vida e a morte numa máquina que já não possuía aquela espécie de consciência cerebral de que resulta o sentimento do prazer e da dor para o ser humano. A destruição não seria mais que uma questão de tempo.

— Vai ficar assim algumas horas e morrerá sem que a gente o perceba. Nem terá estertores. O cérebro deve estar completamente invadido.

Nesse momento, ouviram-se na escada os passos de uma jovem mulher ofegante.

— Chegou tarde demais — disse Rastignac.

Não era Delfina, e sim Teresa, sua criada.

— Sr. Eugênio — disse —, houve uma cena violenta entre o patrão e a patroa, a propósito do dinheiro que a pobre senhora pediu para ajudar o pai. Ela desmaiou, chamou-se um médico e foi preciso sangrá-la. Ela gritava: “Meu pai está morrendo, quero ver papai!”. Eram gritos de cortar a alma...

— Basta, Teresa. Mesmo que viesse, seria inútil. O sr. Goriot já não conhece ninguém.

— Coitado! Está tão mal assim? — disse Teresa.

— Se não precisam de mim, vou preparar o jantar, já são quatro e meia — disse Sílvia, que quase se chocou no alto da escada com a sra. de Restaud.

A aparição da condessa foi grave e terrível. Contemplou o leito de morte, mal iluminado por uma única vela, e chorou, ao perceber o rosto do pai, onde palpitavam ainda os últimos estremecimentos de vida. Por discrição, Bianchon retirou-se.

— Não pude sair de casa a tempo — disse a condessa a Rastignac.

O estudante concordou, com um gesto de cabeça cheio de tristeza. A sra. de Restaud tomou a mão do pai e beijou-a.

— Perdoe-me, papai! O senhor dizia que minha voz o ergueria do túmulo. Pois volte um momento à vida para abençoar sua filha arrependida. Escute-me. Isso é

horrível! Sua bênção é a única que posso receber neste mundo, de agora em diante. Todos me odeiam, só o senhor me ama. Até meus filhos me odiarão. Leve-me consigo, hei de amá-lo, cuidarei do senhor! Não ouve mais... estou louca!

Caiu ajoelhada e contemplou aqueles destroços humanos com uma expressão de delírio.

— Não falta nada para minha desgraça! — disse, olhando para Eugênio. — O sr. de Trailles foi embora, deixando aqui dívidas enormes, e além disso soube que me enganava. Meu marido não me perdoará nunca e deixei-o senhor de minha fortuna. Perdi todas as minhas ilusões. Por quem fui trair o único coração (mostrou o pai) no qual eu era adorada? Fui injusta para com ele, repeli-o, causei-lhe uma infinidade de males. Sou uma infame!

— Ele o sabia — disse Rastignac.

Nesse momento, o pai Goriot abriu os olhos, mas apenas por efeito de uma convulsão. O gesto que revelou a esperança da condessa não foi menos horrível do que os olhos do moribundo.

— Estará ouvindo? — exclamou a condessa. — Não — disse para si mesma, sentando-se junto do leito.

Tendo a sra. de Restaud manifestado o desejo de ficar cuidando do pai, Eugênio desceu para comer alguma coisa. Os pensionistas já estavam reunidos.

— Então — disse o pintor —, será que vamos ter um mortoramazinho lá em cima?

— Carlos — respondeu Eugênio —, acho que você devia gracejar sobre alguma coisa menos lúgubre.

— Então não mais podemos rir aqui? — replicou o pintor. — Que mal há nisso, já que Bianchon disse que o velho perdeu o conhecimento?

— Como podia perdê-lo, se nunca o tivera? — disse o funcionário do museu.

— Papai morreu! — gritou a condessa.

Ao ouvirem esse grito terrível, Sílvia, Rastignac e Bianchon subiram e encontraram a sra. de Restaud desmaiada. Depois que a reanimaram, levaram-na para o carro que a esperava. Eugênio confiou-a aos cuidados de Teresa, mandando que a conduzissem à casa da sra. de Nucingen.

— Sim, morreu mesmo! — disse Bianchon, descendo.

— Vamos para a mesa, senhores! — disse a sra. Vauquer. — A sopa vai esfriar.

Os dois estudantes sentaram-se juntos.

— Que é preciso fazer agora? — perguntou Eugênio a Bianchon.

— Já lhe fechei os olhos e o arranjei convenientemente. Quando o médico da prefeitura tiver constatado o óbito que iremos comunicar, será envolvido numa mortalha e enterrado. Que mais queres que lhe aconteça?

— Não cheirá mais o pão desse jeito! — disse um pensionista, imitando a careta do velho.

— Que diabo, senhores! — disse o explicador. — Deixem o pai Goriot e não nos obriguem mais a comê-lo, que já faz uma hora que o estão servindo com todos os molhos possíveis. Um dos privilégios desta boa cidade de Paris é que aqui a gente pode nascer, viver e morrer sem que ninguém preste atenção. Aproveitemos as vantagens da civilização. Morreram hoje sessenta pessoas. Querem compadecer-se das hecatombes parisienses? Se o pai Goriot arrebitou, tanto melhor para ele! E se os senhores o adoram, vão velar o corpo e deixem-nos comer tranquilamente.

— É isso mesmo — disse a viúva. — Tanto melhor para ele ter morrido! Parece que o coitado teve uma vida bem atormentada.

Tal foi a única oração fúnebre de um ser que, para Eugênio, simbolizava a paternidade. Os quinze pensionistas puseram-se a comer como de costume. Quando Eugênio e Bianchon terminaram de jantar, o ruído dos garfos e colheres, os risos da palestra, as diversas expressões daqueles rostos glutões e indiferentes, sua impassibilidade, tudo aquilo gelou-os de horror. Saíram para buscar um padre que velasse e orasse durante a noite junto do morto. Tiveram de medir os últimos deveres a prestar ao velho pelo pouco dinheiro de que poderiam dispor. Às nove da noite, o corpo foi colocado entre duas velas, naquele quarto vazio, e um padre sentou-se junto dele. Antes de deitar-se, Rastignac, tendo pedido informações ao eclesiástico sobre o preço de seu serviço e do enterro, escreveu um bilhete ao barão de Nucingen, solicitando-lhe que mandasse seus procuradores a fim de atender às despesas do sepultamento. Encarregou Cristóvão de levar o recado e depois deitou-se e adormeceu, vencido pela fadiga.

Na manhã seguinte, Bianchon e Rastignac tiveram de ir comunicar o óbito, que foi constatado ao meio-dia. Duas horas depois, nenhum dos genros havia mandado dinheiro e ninguém se apresentou em seu nome, de modo que Rastignac foi obrigado a pagar os serviços do padre. Como Sílvia pedisse dez francos para amortilhar o velho, Eugênio e Bianchon calcularam que, como os parentes do morto não queriam auxiliar em nada, teriam apenas com que atender às despesas.

O estudante de Medicina encarregou-se, portanto, de colocar o cadáver num caixão de pobre, que mandou buscar no hospital, onde o conseguiu mais barato.

— Prega uma peça àqueles patifes — disse a Eugênio. — Compra um terreno, por cinco anos, no cemitério do Père-Lachaise e encomenda um serviço de terceira classe à igreja e à casa funerária. Se os genros e as filhas se recusarem a reembolsar-te os gastos, manda gravar sobre o túmulo: “Aqui jaz o sr. Goriot, pai da condessa de Restaud e da baronesa de Nucingen, sepultado a expensas de dois estudantes”.

Eugênio só seguiu o conselho do amigo depois de ter ido inutilmente à casa dos Nucingen e à dos Restaud. Não foi além da porta. Os porteiros tinham ordens severas:

— Os patrões não recebem ninguém — disseram. — Seu pai morreu e eles estão mergulhados na mais profunda dor.

Eugênio tinha suficiente experiência da sociedade parisiense para compreender que não devia insistir. Sentiu um estranho aperto no coração quando se viu na impossibilidade de avisar a própria Delfina.

*Venda um adorno — escreveu-lhe pelo porteiro — para que seu pai seja decentemente conduzido à última morada.*

Fechou o bilhete e pediu ao porteiro do barão que mandasse Teresa entregá-lo à patroa. O porteiro, porém, entregou-o ao barão de Nucingen, que o lançou ao fogo.

Após ter feito todas as suas diligências, Eugênio voltou às três horas à pensão burguesa e não pôde conter uma lágrima ao perceber, à porta, o caixão coberto apenas com um pano preto, sobre duas cadeiras, na rua deserta. Um aspersório ordinário, no qual ninguém ainda tocara, estava de molho num prato de cobre prateado, cheio de água benta. Não havia nem cortinas pretas na porta. Era a morte dos pobres, que não tem fausto, nem cortejo, nem parentes, nem amigos. Bianchon, tendo que comparecer ao hospital, escrevera um bilhete a Rastignac para dar-lhe conta do que combinara com a igreja. O interno informava-lhe que uma missa era muito cara e que precisavam contentar-se com um serviço de vésperas, mais barato, e que mandara Cristóvão com um bilhete à casa funerária. Quando Eugênio acabou de ler os rabiscos de Bianchon, viu entre as mãos da sra. Vauquer o medalhão com aro de ouro que continha os cabelos das duas filhas.

— Como teve a coragem de tirar isso? — perguntou-lhe.

— Ora! Será preciso enterrá-lo com ele? — replicou Sílvia. — É de ouro.



— Claro que sim! — disse Eugênio, indignado. — Que leve consigo ao menos a única coisa que lhe possa representar as filhas.

Quando o carro fúnebre chegou, Eugênio fez levar o caixão para cima, abriu-o e colocou religiosamente sobre o peito do velho uma imagem que se relacionava com o tempo em que Delfina e Anastácia eram jovens, virgens e puras e não *raciocinavam*, como ele dissera em seus gritos de agonizante.

Rastignac e Cristóvão, além de dois gatos-pingados, foram os únicos que acompanharam o carro que levou o pobre homem a Saint-Etienne du Mont, igreja pouco distante da rue Neuve-Sainte-Geneviève. Ao chegarem lá, o corpo foi exposto numa capelinha baixa e escura, em torno da qual o estudante procurou em vão as filhas ou os genros do pai Goriot. Ficou só com Cristóvão, que se julgava obrigado a prestar as últimas homenagens a um homem que lhe proporcionara boas gorjetas. Enquanto esperavam os dois padres, o sacristão e o menino do coro, Rastignac apertou a mão de Cristóvão, sem poder pronunciar uma palavra.

— É verdade, sr. Eugênio — disse Cristóvão. — Era um homem bom e honesto, que nunca disse uma palavra mais alta que outra, nunca prejudicou ninguém nem fez mal algum.

Os dois padres, o sacristão e o menino do coro chegaram e deram tudo quanto se pode obter por setenta francos, numa época em que a religião não é bastante rica para rezar gratuitamente. Os religiosos cantaram um salmo, o *Libera* e o *De profundis*. O ofício durou vinte minutos. Havia apenas uma carruagem de enterro, para um padre e um sacristão, que consentiram em levar consigo Eugênio e Cristóvão.

— Não há acompanhamento — disse o padre. — Podemos ir depressa, para não nos atrasarmos. São cinco e meia.

No momento em que o corpo foi colocado no carro fúnebre, duas carruagens com insígnias da nobreza, mas vazias, a do conde de Restaud e a do barão de Nucingen, apareceram e acompanharam o enterro até o Père-Lachaise.

Às seis horas, o corpo do pai Goriot desceu à cova, em torno da qual estavam os criados das filhas, que desapareceram com os religiosos logo que foi pronunciada a curta oração devida ao bom velho pelo dinheiro do estudante. Os dois coveiros, depois de atirarem algumas pás de terra em cima do caixão, para ocultá-lo, ergueram-se, e um deles, dirigindo-se a Rastignac, pediu-lhe uma gorjeta. Eugênio revistou os bolsos e, não tendo encontrado nada, foi obrigado a pedir vinte soldos

emprestados a Cristóvão. Esse fato, tão insignificante em si mesmo, causou a Rastignac um horrível acesso de tristeza. Caía a tarde. Um crepúsculo úmido irritava os nervos. Eugênio contemplou a sepultura e enterrou nela sua derradeira lágrima de rapaz, aquela lágrima arrancada pelas puras emoções de um coração puro, uma dessas lágrimas que, da terra onde caem, se elevam até o céu. Cruzou os braços e admirou as nuvens. Vendo-o nessa atitude, Cristóvão o deixou.

Ficando só, Rastignac encaminhou-se para a parte alta do cemitério e de lá viu Paris, tortuosamente deitada ao longo das duas margens do Sena, onde as luzes começavam a brilhar. Seus olhos fixaram-se quase avidamente entre a coluna da Place Vendôme e os Invalides, no ponto em que vivia aquela bela sociedade na qual quisera penetrar. Lançou àquela colmeia sussurrante um olhar que parecia sugar-lhe antecipadamente o mel e proferiu esta frase suprema:

— Agora, é entre nós dois!

E como num primeiro ato de desafio à sociedade, Rastignac foi jantar à casa da sra. de Nucingen.

*Saché, setembro de 1834*